

FABIANO BRUNO GONÇALVES

**EFEITOS DE ESTRESSE LABORAL NA TRADUÇÃO DE
TEXTOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS: PERCEPÇÕES DE
PROFISSIONAIS E DE APRENDIZES**

Porto Alegre
2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM
ESPECIALIDADE: LEXICOGRAFIA, TERMINOLOGIA E TRADUÇÃO:
RELAÇÕES TEXTUAIS
LINHA DE PESQUISA: TEORIAS LINGUÍSTICAS DO LÉXICO

FABIANO BRUNO GONÇALVES

**EFEITOS DE ESTRESSE LABORAL NA TRADUÇÃO DE
TEXTOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS: PERCEPÇÕES DE
PROFISSIONAIS E DE APRENDIZES**

Tese de Doutorado em Estudos da Linguagem,
apresentada como requisito parcial para a
obtenção do título de Doutor pelo Programa de
Pós-Graduação em Letras da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul.

ORIENTADORA: Prof^a Dr^a Maria José Bocorny Finatto

Porto Alegre
2015

CIP - Catalogação na Publicação

Gonçalves, Fabiano Bruno

Efeitos de estresse laboral na tradução de textos técnico-científicos: percepções de profissionais e de aprendizes / Fabiano Bruno Gonçalves. -- 2015.
228 f.

Orientadora: Maria José Bocorny Finatto.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2015.

1. Tradução. 2. Terminologia. 3. Estresse. 4. Cognição. 5. Mercado de trabalho. I. Finatto, Maria José Bocorny, orient. II. Título.

FABIANO BRUNO GONÇALVES

**EFEITOS DE ESTRESSE LABORAL NA TRADUÇÃO DE
TEXTOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS: PERCEPÇÕES DE
PROFISSIONAIS E DE APRENDIZES**

Tese de Doutorado em Estudos da Linguagem,
apresentada como requisito parcial para a
obtenção do título de Doutor pelo Programa de
Pós-Graduação em Letras da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovada em 2 de abril de 2015.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Lincoln Paulo Fernandes – UFSC
Prof^a Dr^a Heloísa Orsi Koch Delgado – PUCRS
Prof^a Dr^a Patrícia Chittoni Ramos Reuillard – UFRGS

Porto Alegre
2015

Ao Paulo... À Iara... E à Cristiane...

AGRADECIMENTOS

À Prof^a Maria José Bocorny Finatto, pela amizade e pela dedicação na orientação deste trabalho;

À CAPES/REUNI, pelo financiamento;

Aos Professores Cleci Regina Bevilacqua, Giselle Olivia Mantovani Dal Corno, Ana Eliza Pereira Bocorny, Heloísa Orsi Koch Delgado, Lincoln Paulo Fernandes e Patrícia Chittoni Ramos Reuillard pelas excelentes orientações;

Ao Prof. Fabio Alves e à Norma Fonseca, pela gentileza;

À Viviane Possamai, pela amizade e por ter construído *a ponte necessária*;

Aos caros colegas Bianca Franco Pasqualini e Leonardo Zilio, pelo coleguismo e apoio;

À Maria Luiza Bonorino Machado, pela amizade e pelo coleguismo;

Ao meu irmão, Paulo Gonçalves, e à Iara Gonçalves, minha mãe, pelo apoio contínuo;

A Patrícia Lessa Flores da Cunha, Paula Fernanda Malaszkievicz, Alexandre Lins Werneck, Danilo Nogueira, Alice Otero, Barbara Rottmann Chasteen, Lia Regius, Leonardo Maya, Salete Cechin, Susana Termignoni, Márcia Dornelles;

Aos Amigos André Lima e Jean Goularte, por serem o que são e estarem sempre presentes;

À Cristiane Bauska, por ser o que é, por ser exemplo de perseverança, por sempre me apoiar.

A tradução literal torna o texto mais distanciado do leitor de chegada do que o era para o leitor de partida.

Hans J. Vermeer

Não se traduzem nem palavras nem frases, nem textos fora de situações; traduzem-se sempre e unicamente “textos” (definidos por seu objetivo) em determinadas situações para determinadas situações.

Hans J. Vermeer

A especificidade das linguagens especializadas, em relação à linguagem comum e às outras sublinguagens, se expressa mais claramente pelo léxico, quer dizer, pelo vocabulário especializado ou pela terminologia, mas também pelo uso de determinadas categorias gramaticais, de construções sintáticas e de outras estruturas textuais.

Lothar Hoffmann

Assumir um enfoque “orientado pelo escopo” quanto à tradução significa que os tradutores escolhem suas estratégias de tradução segundo o propósito ou função que o texto traduzido deve assumir para o público-alvo.

Christiane Nord

Para a Lingüística, tudo o que faz parte da língua interessa e é material de reflexão.

Eni Orlandi

O propósito da tradução determina a escolha do método e da estratégia da tradução.

Christiane Nord

RESUMO

Esta tese descreve problemas relacionados com a atividade da tradução profissional de textos técnico-científicos, com destaque para os modos de percepção de profissionais e de aprendizes sobre causas e efeitos do estresse sobre sua produção. Ao enfrentar o todo do texto a traduzir, dependendo do perfil do profissional, uma série de elementos estressores pode contribuir para falhas no trabalho e até para o abandono da profissão por parte de novatos. Buscando reconhecer e descrever como profissionais e aprendizes reconhecem a natureza e a ação desses elementos estressores sobre suas atividades e como elas se manifestam, primeiro são revisados trabalhos sobre competências tradutórias, funcionalismo em tradução, linguagens e textos especializados. Após essa revisão, são trazidos dados coletados com tradutores profissionais e estudantes universitários de tradução que correspondem a traduções realizadas sob a ação de diferentes fatores de estresse, de modo a verificar efeitos concretos no texto produzido, o que torna este trabalho um estudo de caso. Os resultados obtidos mostram a percepção de um espectro múltiplo de fatores estressores que recaem sobre a atividade de tradução. Entre os fatores de estresse percebidos pelo tradutor e pelo aprendiz, a atenção intensa a vários detalhes simultaneamente e a atenção a prazos são os mais reconhecidos. A maioria dos fatores estressores subjetivamente reconhecidos por tradutores confirma-se em efeitos em suas produções examinadas, tanto de profissionais como de aprendizes. O elemento da produção que mais sofre sob o efeito do fator de distresse, conforme se observa nos desempenhos de tradutores, é a leitura, o que culmina em uma produção igualmente afetada. Ao final desta tese, serão propostas algumas soluções, ainda que parciais, para que profissionais e aprendizes, ainda em formação, possam reconhecer e enfrentar os problemas aqui tratados. Essas podem ser resumidas em: i) ter treinamento de gerenciamento de projetos/gerenciamento pessoal; ii) treinamento de editoração e gerenciamento de microempresas; iii) fazer exercícios físicos regularmente, ter boa alimentação e sono de qualidade, de modo a ter uma boa fisiologia.

ABSTRACT

This thesis describes problems related to the activity of professional translation of technical-scientific texts with an emphasis on the perception by professionals and apprentices of causes and effects of stress in their production. When facing the whole of the text to be translated, depending on the profile of the professional, a number of stressors can contribute to failures in the assignment and even quitting the profession, as it happens with novices. Seeking to recognize and to describe how professionals and apprentices recognize the nature and the action of those stress elements on their activities and how they come into action, we first review works on translator competence, functionalism in translation and specialized languages/texts. After that review, we bring some data collected with professional translators and college students of translation. Those data are composed of translations done under different stress factors so that we could verify concrete effects in the translated text; that makes this thesis a case study. The results obtained show the perception of a multiple spectrum of stressing factors that influence the production of translation. Among the stress factors perceived by translators and apprentices, the intense simultaneous attention to many details and the attention to deadlines are the most recognized factors. Most of the stressing elements subjectively recognized by translators are confirmed by effects in the examined productions both by professionals and by apprentices. The element of the production that is most influenced by distress, as can be observed in the performance of translators, in reading, which culminates in an equally affected production. At the end of this thesis, we offer some partial solutions to professionals and apprentices, who are still training, so that they can tackle the problems addressed here. Those solutions can be summarized as follows: i) having project/personal management training; ii) having desktop publishing and small business managing training; iii) practicing physical exercise regularly, feeding and sleeping well in order to have a good physiology.

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: questões de pesquisa (GONÇALVES, 2015).	24
Figura 2: esquema básico de funcionamento de uma empresa de tradução (GONÇALVES, 2015).	39
Figura 3: eustresse e distresse (LIMONGI FRANÇA e RODRIGUES, 2011, p. 134).	43
Figura 4: fluxograma de fatores que determinam o estresse (LIMONGI FRANÇA e RODRIGUES, 2011, p. 49).	45
Figura 5: pressão X desempenho (LIMONGI FRANÇA e RODRIGUES, 2011, p. 50).	45
Figura 6: vias de alívio da tensão (LIMONGI FRANÇA e RODRIGUES, 2011, p. 102).	47
Figura 7: modelo holístico do grupo PACTE (HURTADO ALBIR, 2005, p. 28).	53
Figura 8: proposta de reestruturação do modelo do grupo PACTE para a prática do tradutor. (GONÇALVES, 2015)	55
Figura 9: educação formal direcionada à tradução (GONÇALVES, 2015).	95
Figura 10: anos de experiência atuando no mercado (GONÇALVES, 2015).	96
Figura 11: treinamentos específicos que faltam ao tradutor (GONÇALVES, 2015).	96
Figura 12: estressores (GONÇALVES, 2015).	97
Figura 13: problemas de cada grupo e proposta de exercício (GONÇALVES, 2015).	137

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1.1. Pontos de partida e contextualização da pesquisa	19
1.2. Problema de pesquisa	21
1.3. Objetivos	26
1.4. Pressupostos teóricos: enfoque interdisciplinar	26
1.5. Questões de pesquisa.....	30
1.6. Organização da tese.....	31
2. DIFICULDADES DO TRABALHO DO TRADUTOR DE TEXTOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA PESSOAL	33
2.1. O texto técnico-científico: experiência pessoal.....	36
2.2. Empresas de tradução: como funcionam?.....	37
2.3. Cruzamentos de ideias.....	39
2.4. Distresse e cognição	40
3. O MODELO HOLÍSTICO DO GRUPO PACTE E A FORMAÇÃO DE TRADUTORES	51
3.1. Contribuição desta pesquisa ao modelo de competências do grupo PACTE.....	54
3.2. A leitura e as competências tradutórias.....	56
3.3. Questões da formação de tradutores.....	58
3.3.1. O currículo antigo do curso de Tradução da UFRGS	60
3.3.2. O currículo novo do curso de Tradução da UFRGS	61
3.3.3. Práticas atuais	63
3.4. Algumas considerações	64
3.5. O lugar do estresse laboral no modelo holístico do grupo PACTE	66
4. SOBRE TRADUÇÃO E TRADUÇÃO TÉCNICO-CIENTÍFICA: DO FUNCIONAL AO TEXTUAL	69
4.1. Uma teoria funcionalista da tradução: do escopo à lealdade	72
4.1.2. Lealdade	75
4.2. O lugar da terminologia, em seus vieses teórico e prático, na tradução técnico- científica	79
4.3. Uma terminologia de perspectiva textual: a Linguística das Linguagens Especializadas.....	84
4.4. Síntese do cenário de investigação.....	91
5. ESTUDOS EMPÍRICOS	93
5.1. Dados de questionários com tradutores experientes e atuantes.....	93
5.2. Dados do Laboratório Experimental de Tradução (LETRA/UFMG)	98
5.2.2. Dados coletados do projeto SegTrad	101

5.3.	Dados coletados com alunos da UFRGS aprendizes de tradução.....	106
5.3.1.	Dados coletados com alunos da disciplina 3375 (Linguística e Tradução) A – inglês	111
5.3.2.	Dados coletados com alunos da disciplina de LET 3375 (Linguística e Tradução) B – inglês.....	115
5.4.	Síntese: análise geral e discussão de dados obtidos com estudantes de tradução	122
5.5.	Resultados gerais dos dados de tradutores profissionais.....	124
5.6.	Conclusão dos resultados	126
5.7.	Indicativos dos resultados obtidos.....	128
5.8.	Indicações básicas para treinamento de tradutores: enfrentando o estresse laboral	131
6.	CONCLUSÕES, LIMITES E PERSPECTIVAS	138
6.1.	Limites do trabalho.....	142
7.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	146
8.	ANEXO I: dados de meu questionário	152
9.	ANEXO II: currículo do Bacharelado em Letras da UFRGS anterior ao vigente	189
10.	ANEXO III: currículo vigente do Bacharelado em Letras da UFRGS	201
11.	ANEXO IV: proposta de reformulação do curso de Bacharelado em Letras (habilitação tradutor) da UFRGS	210
12.	ANEXO V: cursos de especialização e de graduação em tradução do site e-MEC.....	225

INTRODUÇÃO

Problemas de tradução continuarão sempre sendo problemas, mesmo quando um tradutor tenha aprendido como enfrentá-los de maneira rápida e eficaz.

Christiane Nord

Há mais de uma década, ingressei como tradutor de inglês para português no mercado da chamada “tradução técnico-científica”, que será definida a seguir e explorada no capítulo 4. Nesse ínterim, trabalhei também interna e externamente em empresas de tradução na qualidade de tradutor, de revisor de traduções e de coordenador do setor linguístico (com um grupo de tradutores do inglês para o português). Esse setor, resumidamente, realiza as tarefas de trabalho com texto (tradução, revisão, controle de qualidade da parte linguística), incluindo toda a parte de pesquisa documental que dá suporte ao trabalho do pessoal envolvido.

Essas empresas de tradução trabalhavam essencialmente com **tradução técnico-científica**¹: um tipo de trabalho bastante amplo, que compreende tradução de textos técnicos e científicos, tais como manuais de equipamentos e de *software*, pôsteres de publicidade, guias para procedimentos em laboratórios, bulas de medicamentos, textos de licenças legais e artigos científicos para publicação em revistas, entre outros. Esse tipo de trabalho, nesse cenário, tende a ser denominado, *grosso modo*, apenas como “tradução técnica”. Dentro e fora dessas empresas, a exigência de conhecimentos variados para o profissional, seja veterano ou iniciante, é grande e extrapola, em muito, apenas um conhecimento de duas línguas.

Vivenciei o trabalho dentro e fora das empresas (como prestador de serviço sem vínculo, ou *freelancer*) e como funcionário contratado com jornada de trabalho fixa. Cada modalidade de trabalho tem suas peculiaridades, mas os dois cenários têm traços em comum. Vejamos algumas peculiaridades:

¹ A definição não é simples e direta, e “técnica” e “científica” não se referem à mesma coisa. Minha área de experiência e área de atuação engloba as duas modalidades. Para obter características mais precisas de cada modalidade, veja-se BYRNE (2006).

1. a responsabilidade do trabalho técnico envolvido,² pois se trabalha, por exemplo, com bulas de medicamentos, manuais de equipamentos médico-hospitalares, instruções sobre como operar furadeiras, motosserras, maçaricos e colheitadeiras – de modo que eventuais erros de formulação de texto podem gerar prejuízos humanos e financeiros: isso ocorre dentro e fora das empresas de tradução;
2. pela quantidade de trabalho, pois é muito comum – talvez uma constante – o tradutor estar assoberbado com diferentes textos para traduzir ao mesmo tempo: isso ocorre dentro das empresas de tradução;
3. pela variedade de temas dos textos sob trabalho, pois, mesmo um tradutor sendo altamente especializado em um assunto e lidando somente com esse, sempre haverá alguma variedade de “subassuntos”, subespecialidades ou pontos de vista novos em um novo texto que lhe chega como tarefa: isso ocorre dentro e fora das empresas de tradução;
4. pelos prazos para realizar seu trabalho, que sempre são reduzidos: isso ocorre dentro e fora das empresas de tradução.

A partir do que aprendi nesse ramo de atuação, consegui inserir-me em: i) um tipo de trabalho de tradução, que se desdobra em várias atividades³ a partir da “tradução técnico-científica”, a qual necessariamente envolve lidar com terminologias; ii) uma organização de mercado de trabalho e do modo do funcionamento administrativo do negócio da tradução técnico-científica, que envolve uma série de responsabilidades específicas para cada pessoa envolvida.

Para o “tradutor técnico”, conforme percebi, é necessário sempre seguir muitas normas, tais como as regras ou boas práticas várias da tradução em si, as normas que o cliente estabelece para a apresentação do trabalho ou para sua feitura, as normas de conduta da empresa para a qual se trabalha (em especial se se trabalha internamente em uma empresa de tradução⁴), além das regras de etiqueta de comunicação com clientes e intermediários do trabalho, entre outras. A união dessas obrigações pode fazer com que haja uma situação propícia de pressão ou de necessidade de enquadramento contínuo em novos cenários – pois a

² Em CAVACO-CRUZ (2012, p. 25), por exemplo, lê-se – a grafia é lusitana: “(...) tarefas mal-entendidas através de manuais de instruções podem pôr em risco a vida dos recetores ou de outrem, como por exemplo a montagem de um assento de segurança para crianças, a forma de operar uma máquina, ou a condução de um veículo profissional com características especiais, como, por exemplo, um trator.”

³ Entre essas atividades, pode-se citar, por exemplo, a editoração ou a reformatação do texto para seu público-alvo na língua de chegada, que extrapola o ato de tradução em si.

⁴ Será explicado o funcionamento básico de uma empresa de tradução no capítulo 2.

cada dia se enfrenta uma nova situação. E, se o profissional não conseguir perceber todo um quadro de condições em ação sobre si mesmo e como ele mesmo deve se portar diante delas, a tendência é haver problemas de diferentes ordens em seu ambiente de trabalho. Esses problemas, em sendo contínuos, podem inclusive colaborar para prejudicar a saúde física e mental do profissional. Pretendo apresentar ainda mais alguns detalhes sobre essa situação de pressões de trabalho para o tradutor que trabalha internamente em empresas de tradução ao longo desta tese.

Antes de passar ao desenvolvimento do trabalho de pesquisa propriamente dito e à apresentação de meus objetivos de investigação, vale destacar que muitas das considerações que serão feitas a seguir e ao longo da tese advêm de minha experiência e observação pessoais. Essa percepção pessoal, entretanto, foi sendo confirmada por uma série de colegas tradutores ao longo dos anos; isso também é, como veremos, enfatizado por tradutores profissionais respondentes de um questionário por mim elaborado e aplicado.

Ainda em termos da percepção pessoal aqui trazida, é importante explicar ao leitor deste trabalho que tive a oportunidade de interagir diretamente com tradutores oferecendo treinamento e assessoria para os que chegavam à empresa, gerenciando o setor de linguística, o que me permitiu contato com dificuldades tanto de iniciantes quanto de expertos.⁵ Essa experiência foi muito produtiva em termos de perceber, ainda que subjetivamente, o que ocorria e quais seriam algumas das maiores falhas e alguns dos maiores problemas relativos a tradutores, formação de tradutores e mercado de trabalho de tradução.

Essas dificuldades de diferentes ordens, em geral, ocasionavam um estresse difuso, que, conforme eu percebia à época, acometia os tradutores, ocasionando interferência tanto na interpretação do texto de partida quanto na produção do texto de chegada. Conforme se verá em capítulo posterior (capítulo 2), aquele estresse, agora mais bem conhecido por mim, que tende a ser algo negativo, pode ser chamado, em termos científicos, de **distresse**. A partir de agora, essa palavra será utilizada muitas vezes para referir o estresse negativo que acomete o tradutor durante suas atividades de trabalho.

Aquele problema da interferência do **distresse** sobre a produção de trabalho do tradutor parecia ser uma constante, e muitas pessoas da empresa apontavam, impressionisticamente, a falta de treinamento mais específico para aqueles tradutores como sua grande causa.

⁵ Para esta tese, serão considerados: 1) aprendizes: tradutores-alunos do curso de Letras da UFRGS; 2) novatos: tradutores recém-egressos do curso de tradutor, ou que recém ingressaram no mercado; 3) expertos: tradutores com experiência mínima de um (1) ano que traduzem profissional e regularmente.

Saindo agora do território de minhas antigas impressões pessoais, gostaria de explicar que esta tese visa, justamente, desenvolver uma sustentação teórica e prática que torne possível descrever e compreender, agora de modo sistemático e minimamente organizado, como esse estresse seria percebido e como ele se origina para o trabalhador da tradução de empresas. A partir dessa sustentação descritiva, deve ser possível desenhar um quadro dessa interferência também em termos do que revela a produção textual dos envolvidos em tarefas de tradução técnico-científica, ainda que não me tenha sido possível – por várias razões –, ao longo de meu curso de doutorado, fazer uma pesquisa *in loco* em empresas ou fazer observações controladas ao lado de tradutores em ação dentro das empresas. Ainda assim, pretendo reconhecer quais dificuldades se colocam na percepção⁶ subjetiva desses trabalhadores e dos aprendizes da profissão partindo do aproveitamento de dados previamente recolhidos por outros pesquisadores com tradutores que foram “monitorados” em diferentes situações (como os dados do LETRA – Laboratório Experimental de Tradução, da UFMG, a que tive acesso *in loco*) e também pela análise de informações que eu mesmo colhi por meio de questionários e de alguns testes que pude realizar, especialmente com tradutores em formação. Os dados do LETRA aqui analisados foram coletados com tradutores dentro de um laboratório, mas com pressão de tempo: isso se aproxima da realidade dos tradutores em geral, que dirá dos que trabalham internamente em empresas de tradução. De meu dados obtido por meio de um questionário enviado a tradutores profissionais questionando sobre questões de estresse no trabalho, a maioria dos respondentes (5 de 7) já trabalhou internamente em empresas de tradução. Quanto aos dados que coletei com alunos do curso de tradução da UFRGS, foi simulada uma situação que imita situações das empresas de tradução. Esses dados serão analisados no capítulo 5.

Partindo da pesquisa bibliográfica relacionada aos diferentes aspectos envolvidos em um quadro de estresse laboral – estresse, cognição, estudos sobre a formação de tradutores, especialmente sobre competências do tradutor, sobre a “tradução técnico-científica” e o “texto técnico-científico”⁷ – e também desses dados empíricos mais concretos de pesquisa direta

⁶ Para fins deste estudo, entende-se percepção subjetiva como toda a manifestação verbal dos sujeitos entrevistados sobre eventuais dificuldades ou peculiaridades relacionadas ao desempenho de tarefas tradutórias, incluindo as etapas de preparação prévia para a execução da tarefa e eventuais processos de pós-edição ou finalização do trabalho. A percepção subjetiva, assim, é uma manifestação verbal dos profissionais e aprendizes, provocada por instrumentos de coleta de dados elaborados ou utilizados para esta pesquisa.

⁷ O texto técnico-científico é pleno de palavras e estruturas pouco utilizadas em outros textos, tais como crônicas e artigos jornalísticos. Não me refiro aqui apenas a manuais de operação, mas, em grande medida, a textos superespecializados, tais como os que são publicados em revistas científicas. São escritos por especialistas e lidos por especialistas, e pouco dizem a um não especialista. Esses são alguns dos exemplos de textos de alta complexidade e responsabilidade que caem nas mãos de tradutores de agências de tradução. São textos que são,

com tradutores – sem deixar de aproveitar algumas experiências pessoais que vivenciei, quero identificar alguns elementos de maior destaque para poder equacionar os problemas vivenciados. A partir disso, deve ser possível fazer indicações, ainda que preliminares, para uma formação ou um treinamento mais direcionado para tradutores iniciantes e expertos.

1.1. Pontos de partida e contextualização da pesquisa

Muito já se escreveu sobre o enfoque processual da tradução (ALVES, 2005; FONSECA, 2012), sobre conhecimento experto (SILVA, 2007), sobre cognição na tarefa tradutória (O'BRIEN, 2012), pressão de tempo e sua influência no processo cognitivo envolvido na tradução (LIPARINI CAMPOS, 2010), sem contar os trabalhos que fazem análises de erros ou de lapsos do tradutor (FROTA, 2006), sem deixar de registrar os trabalhos pioneiros no Brasil de Azenha Junior (AZENHA JUNIOR, 1996) sobre a tradução técnica e seus condicionantes culturais, ou sobre a formação de tradutores (RÓNAI, 1981; OTTONI, 1998). No conjunto da vasta bibliografia sobre o trabalho da tradução em geral e sobre o trabalho ou dificuldades da tradução técnica ou científica, observa-se que há uma tendência geral de se pesquisar ou tratar sobre o que ocorre na mente de um tradutor e sobre como ele realiza seu trabalho: já se publicaram pesquisas, por exemplo, sobre com que velocidade ele faz um ou outro tipo de tarefa, sobre o que o profissional – experto/novato –, por suas ações, considera ser uma unidade de tradução, sobre o que está envolvido no processo de tradução,⁸ sobre protocolos verbais (verbalização, realizada pelo tradutor, acerca de sua percepção dos processos envolvidos em uma tradução), incluindo relatos retrospectivos, quando o tradutor explicita seu processo de resolução de problemas quando faz uma tradução.

A contribuição desses estudos – que abordaram diferentes problemas e condições do processo e do produto da tradução – é inegável e merece ser conhecida, sobretudo em cursos que formam profissionais. Todavia, é importante sabermos também como se dá a percepção desses trabalhadores acerca de problemas relacionados aos processos cognitivos envolvidos em suas tarefas. Conforme vejo, é especialmente importante termos acesso também a dados que mostrem como os próprios profissionais – veteranos e novatos – identificam e se saberiam lidar – ou não – com dificuldades incidentes sobre seu desempenho profissional.

ou por vezes querem ser, sintática e semanticamente simples, com pouca ambiguidade e plenos de referências de sua área de especialidade. Vide mais detalhes sobre esse gênero no capítulo 4.

⁸ Com respeito a processo tradutório e protocolos verbais, por exemplo, vide a apresentação de ALVES, 2002.

Considerando essa necessidade, não encontrei, até o momento do fechamento deste texto, materiais bibliográficos específicos que tratassem diretamente da percepção de tradutores sobre a origem e a influências do *distresse* sobre o processo ou sobre o produto da tradução. Em função dessa lacuna, por meio de uma revisão de literatura mais ampla, que abordasse de algum modo elementos relacionados a esse problema e de um conjunto de dados empíricos, reunidos por outros pesquisadores e especialmente coletados por mim, iniciei esta pesquisa de tese, conforme já mencionado, para tentar equacionar o problema no que diz respeito à tradução técnico-científica.

Assim imbuído e tendo melhor situado a natureza e o papel do *distresse* por meio de uma revisão de bibliografia, este trabalho de pesquisa pretende responder: a) Quais são os elementos de estresse reconhecidos subjetivamente pelo tradutor experiente e em formação? b) Como esses elementos realmente se manifestariam em sua produção escrita? c) O que deve ser levado em consideração quando se tratar de elementos de estresse laboral para o tradutor de textos técnico-científicos? Que seja lembrado que me centro mais em tradução/tradutores da língua inglesa.

Antes de prosseguir, é importante retomar a questão do *distresse*, conforme já citado. Como será visto no capítulo 2, vai-se do *estresse* ao *distresse*, que culmina no que poderíamos chamar aqui de *distresse do tradutor técnico-científico*. Neste estudo, entendo que todo o processo cognitivo altamente complexo que é demandado para se realizar uma tradução tenderá a sofrer falhas. Afinal, falhas são inerentes aos processos humanos. Esse entendimento apoia-se em minha experiência pessoal, mas também na leitura de trabalhos científicos a respeito de problemas ou erros de tradução. Meu enfoque descritivo, entretanto, cabe frisar, não recairá sobre erros ou dificuldades ou sobre como chegar-se a *expertises* de desempenho, mas sim sobre o que o tradutor percebe ou relata sobre suas dificuldades de trabalho e sobre o quanto isso que ele percebe, efetivamente, se concretize ou não em seu texto de chegada. Nesse sentido, como já afirmei, coletei uma série de dados, a serem explorados adiante (capítulo 5), que fundamentarão a parte empírica desta pesquisa e servirão de base para *indicações* de formação para tradutores tanto em formação quanto expertos. O foco aqui é para a língua inglesa, mas creio que os dados possam servir de base para profissionais de outras línguas.

Além do apresentado até aqui, importa ainda dizer que este trabalho de investigação insere-se no âmbito dos Estudos da Linguagem. Apesar de haver questões implicadas, tais como cognição, psique, *distresse*, memória e atenção, esta não é uma tese de Neurologia, ou Psiquiatria, tampouco Psicologia; nem mesmo de Psicanálise. Não é uma tese que se insira em

qualquer uma das chamadas Ciências da Saúde. Este trabalho situa-se em uma linha de pesquisa relacionada à Terminologia de perspectiva textual – visto que essa área de estudos, em nosso Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS, ocupa-se do texto técnico-científico, de seus modos de dizer e de suas terminologias – relacionando-a com o ensino, com a pedagogia ou com a formação de tradutores de textos especializados em meio às dificuldades inerentes ao processo dessa formação para um dado desempenho de trabalho profissional. Além disso, segundo as 12 áreas de pesquisa em Estudos de Tradução propostas por Williams e Chesterman (2002), este trabalho se insere na área intitulada *Workplace Studies* (estudos do ambiente de trabalho), uma vez que aqui se investiga a vida e condições de trabalho de tradutores.

O arcabouço teórico-prático desta pesquisa de tese é, assim, principalmente linguístico, tendo apenas uma parcela de insumo não linguístico, relacionada aos estudos revisados sobre estresse/distresse. O problema sob exame, *grosso modo*, é o seguinte: como é percebido e gerado o estresse laboral para o tradutor técnico-científico? Esse problema, naturalmente, é atravessado por condições inter-, trans-, multi-, pluri- e polidisciplinares. Enfim, há muitas perspectivas possíveis para tentar melhor compreender a relação entre distresse, distresse laboral e o trabalho do tradutor de textos técnico-científicos. Trago uma perspectiva que pretende reunir dados oriundos de uma literatura variada e conexa ao tema da tradução técnica e ao tema do estresse, mas que me parece eficiente para atingir os objetivos propostos. Em seguida, os dados reunidos são cruzados com dados empíricos com vistas a desenhar-se um quadro descritivo da situação e uma proposta, ainda que bastante inicial, para um treinamento. Esse treinamento é dirigido a profissionais e a aprendizes e visa fazer frente aos problemas identificados.

1.2. Problema de pesquisa

Conforme mencionado, observei, ao longo dos anos, que havia determinadas interferências no processo de elaboração de traduções do inglês que eram consideradas problemáticas para se chegar a um bom trabalho. Não se tratava apenas de seguir à risca normas de concordância, de pontuação, ou mesmo de se seguir um glossário fixo de determinada área técnica ou científica. Havia todo um conjunto de elementos e de regras de diferentes escopos a serem observados.

Ainda que pareça repetitivo retomar, é importante ter em mente o quadro de pressões para o trabalhador. No caso de uma empresa/agência de tradução,⁹ por exemplo, é necessário para o tradutor lidar, ao mesmo tempo, com:

- 1) regras específicas de texto ou de fluxo de trabalho impostas por clientes ou pela empresa/agência em/para que se trabalha;
- 2) grau de responsabilidade dos trabalhos, tal como ocorre, por exemplo, com traduções de manuais de equipamentos médico-hospitalares;
- 3) prazos sempre reduzidos;
- 4) operação de um computador e das ferramentas que ele oferece;
- 5) interações com pessoas enquanto traduz, tais como colegas tradutores, revisores, gerentes de projetos, equipe de editoração eletrônica;
- 6) concomitância de tarefas (pesquisa e consulta com colegas e clientes, consulta a dicionários, gramáticas e glossários, leitura de textos conexos ao da área de concentração da tradução, leitura e escrita da tradução, revisão do texto produzido).

Uma agência de tradução é um tipo de empresa de prestação de serviços de linguagem que faz a intermediação entre a demanda do cliente e a contratação do profissional. Assim, é uma empresa que agencia a relação entre o tradutor e o tomador de serviço, cobrando, naturalmente, um valor sobre esse agenciamento.

Os itens antes citados, em conjunto, conforme suponho do que vivenciei, podem contribuir para um quadro de distresse, que tende a repercutir negativamente tanto sobre a leitura (uma leitura¹⁰ interferida) quanto sobre a produção textual (igualmente interferida) tradutórias.

O que me chamou atenção ao longo dos anos foi que tradutores estressados tendiam a ter baixo desempenho cognitivo, o que naturalmente se refletia em sua atividade. Esse reflexo do distresse na cognição, no raciocínio e na tomada de decisões é algo bem conhecido nas Ciências da Saúde (KAPLAN, 1997; LIMONGI FRANÇA E RODRIGUES, 2005), mas algo ainda pouco tratado em um âmbito de pesquisas linguísticas com tradutores. Vale frisar que

⁹ Que fique registrado que o estresse é muito maior internamente nas empresas de tradução.

¹⁰ Como se verá adiante neste texto, em meu recorte de leitura de texto escrito – um sistema linguístico/alfabético –, para fins de tradução, leitura é uma atividade cognitiva de alta complexidade, que recruta faculdades como memória, raciocínio, imaginação e sensações diversas. Entre os diversos tipos de leitura, há a “leitura tradutória”, feita pelo tradutor; esse é um leitor especializado, pois sua leitura é aprofundada para que haja uma compreensão igualmente aprofundada do texto-fonte, pois essa compreensão servirá de base para uma retextualização tradutória. Trata-se da aqui chamada “leitura interferida” sob efeitos de distresse.

me concentrarei, em meu objetivo de contribuir para que se possa descrever esse quadro, no que se chama genericamente de “estresse laboral”. Esse estresse se relaciona estritamente com um trabalho que se realiza, e pode muito bem se encaixar na noção de *distresse*. Não levarei em conta, em minha observação, o *distresse* por motivos outros que não o trabalho, como estresse emocional ou físico – como, por exemplo, dificuldades financeiras ou de saúde enfrentadas pelo trabalhador –, apesar de esses fatores tenderem a ter enorme impacto na cognição. Destacarei apenas determinada sobrecarga que afeta tradutores de todos os níveis e tempos de experiência, como se verá adiante. Assim, vimos que, comumente, tradutores de todos os níveis de experiência e de proficiência, mas mais acentuadamente novatos – conforme testemunhei –, sofrem de *distresse*, e este tende a ter como resultado traduções falhas: ou seja, traduções que não estejam de acordo com as normas do trabalho, principalmente dentro de empresas de tradução.

Essas traduções inadequadas resultam em *feedback* negativo para os tradutores, que acabam ficando ainda mais estressados com as críticas e/ou reclamações, o que faz com que esse cenário negativo se torne cíclico. O ciclo, provavelmente, acaba estressando ainda mais os tradutores (iniciantes), que acabam por desistir da profissão, como já observei pessoalmente diversas vezes. Isso também revela falta de maturidade.

Meu problema de pesquisa é, assim, como contribuir para diminuir a lacuna de conhecimento sobre como se dá a percepção de elementos estressores sobre seu trabalho por parte do tradutor. Ao que parece, não se sabe ao certo o que ocorre, bem como por que ocorre, nessa situação, para que esse problema se instale. Ao mesmo tempo, bem sabemos, vivemos todos imersos em meio a impressões vagas de que tudo que nos incomoda é fruto de algum estresse, um mal da vida moderna.

Logo, para quem testemunha os problemas do dia a dia do trabalho e dos funcionários de empresas de tradução, cabem vários questionamentos: que fatores geradores de estresse o sujeito tradutor efetivamente perceberia? Como são, objetivamente, gerados esses fatores e como se manifestam concretamente suas interferências? O que ocorre por trás dessas interferências? Quais os frutos disso? Como evitar que isso ocorra? Até que ponto não saber enfrentar *distresse* se associa a um grande volume de evasão da profissão? Como, e o que, fazer para que esses profissionais se mantenham em seu nicho de mercado atuando de maneira satisfatória? Esquemáticamente, teríamos o seguinte quadro ou cenário que reúne essas tantas questões de pesquisa:

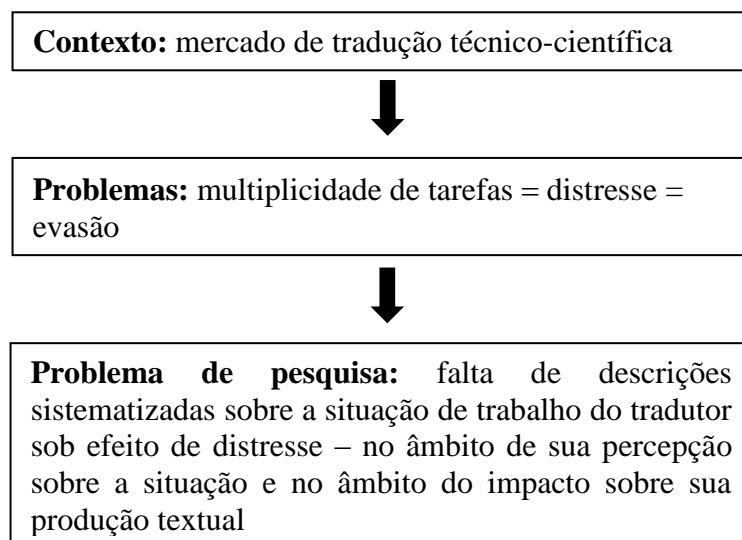


Figura 1: questões de pesquisa (GONÇALVES, 2015).

Com o quadro ilustrado na Figura 1 acima, como já afirmado, pretendo coletar na literatura sobre tradução e sobre tradução técnica e em pesquisas com tradutores profissionais, além de com estudantes de tradução, subsídios para que seja possível entender melhor e descrever uma série de fenômenos que observei, impressionisticamente, ao longo de minha vivência prática.

Ainda que pareça repetitivo, vale sintetizar minha percepção de carências de estudos, as quais justificam o empreendimento desta pesquisa. Faltam-nos estudos sistemáticos sobre:

- 1) como se dá a percepção, pelo próprio tradutor, sobre situações complexas de trabalho com textos técnico-científicos frente a situações de distresse;
- 2) como ocorre a interferência de fatores de distresse sobre a leitura tradutória;
- 3) interferências de algum fator específico de distresse sobre a produção textual tradutória de textos técnico-científicos.

Embasarei minha coleta, descrição e análise de dados em uma determinada confluência de teorias que, conforme entendo, fornece um ponto de vista produtivo para a descrição do problema em foco. Relacionarei elementos das seguintes teorias ou reflexões: a) a Terminologia de viés textualista de Lothar Hoffmann; b) a teoria funcionalista da tradução, principalmente de Nord; c) o modelo holístico de competências tradutórias do grupo PACTE. Essas três concepções têm um viés mais prático do que puramente teórico, e minha tendência

é mais prática, tanto por pendor pessoal quanto pela natureza mais prática e imediata do trabalho do tradutor técnico-científico.

No nicho de mercado de tradução técnico-científica, conforme percebo pessoalmente, deve-se seguir, além de terminologias específicas, determinada textualidade, *modus dicendi*, ou característica textual de determinado (tipo de) texto (vide capítulo 4). Essa percepção me associa a um viés textualista dos estudos de Terminologia, visto que sua marca registrada é justamente a extrapolação de um léxico marcado como único ou mais importante elemento que se deve levar em consideração para dar conta dos textos especializados com os quais o tradutor lida.

Como se sabe, um texto técnico-científico tem uma funcionalidade específica – ele serve a determinado propósito –, e sua tradução deve se ater não apenas a termos e construções, mas principalmente à funcionalidade do alvo determinada pelo cliente e pela situação comunicativa. Essa posição me remete a uma teoria da tradução em si e ao que defendo. Fiando-se na validade de se considerar um conjunto holístico de competências tradutórias, como o do modelo do grupo PACTE, entendo que deve haver equilíbrio entre as competências, de modo que haja sinergia: no caso de um tradutor acometido por distresse, não há esse equilíbrio. Isso leva a um mau funcionamento do conjunto holístico/sinérgico. O que foi antes mencionado, conforme percebo, gera falhas na tradução técnico-científica (meu recorte de pesquisa). Essas falhas têm diferentes matizes, pois a tarefa envolve alta complexidade, extrapolando uma mera terminologia reunida, que se traduz. Afinal, trata-se de um todo de linguagem especializada se realizando em um dado ambiente textual.

Com base nisso, a partir do estabelecimento de um cruzamento entre teorias e dados empíricos, ensaiarei uma proposta de solução, ainda que parcial, para esse problema de má influência do distresse sobre o trabalho do tradutor. Essa proposta será baseada em minha maior compreensão dos problemas, que se dará a partir de análise e compreensão de dados concretos coletados sob as lentes da confluência das teorias mencionadas. Visto que o problema é pelo menos pouco explorado, segundo minha revisão da literatura,¹¹ pretendo propor maneiras mais diretas de enfrentar os problemas descritos ou percebidos. Essas maneiras já constam no final deste texto (vide capítulo 5 e as conclusões e considerações finais). Como meu objeto de estudo é bastante poliédrico, as facetas a explorar, nos limites desta pesquisa, estão relacionadas aos seguintes aspectos: língua, linguagem em texto escrito,

¹¹ A partir de levantamento realizado nas bases de dados de periódicos como Cadernos de Tradução da UFSC e Meta, e de publicações como O'BRIEN (2011), por exemplo, percebi a ausência de estudos sobre o tema proposto nesta pesquisa.

Linguística, (Estudos da) Tradução, cognição, Psicologia e gerenciamento (pessoal-profissional).

1.3. Objetivos

Como já mencionado, vim do mercado de tradução de língua inglesa de textos técnico-científicos e percebi diferentes problemas relacionados à interpretação e à produção tradutórias, principalmente dentro de empresas de tradução. Esses problemas, aparentemente, eram advindos de quadros frequentes de distresse para o tradutor. Considerando essa percepção de um quadro de dificuldades a compreender e enfrentar, tenho como objetivos nesta pesquisa:

1. revisar os elementos relacionados ao problema do distresse laboral presentes na literatura sobre tradução, formação de tradutores e de Terminologia e em áreas afins;
2. obter, de tradutores profissionais e de tradutores em formação, dados sistematizados relacionados à percepção subjetiva dos problemas mais frequentes dessa profissão que fazem com que o profissional torne-se estressado e apresente baixo desempenho cognitivo;
3. descrever desempenhos (a tradução em si e o processo de pesquisa) de tradutores que estejam realizando uma tarefa sob efeitos potenciais de distresse;
4. descrever problemas gerados para a leitura e a produção escrita de tradutores estressados (ou distressados); e
5. trazer uma proposta de solução, ainda que parcial, para esse problema, a partir da análise de dados coletados, o que culminará em indicações para um treinamento mais direcionado.

1.4. Pressupostos teóricos: enfoque interdisciplinar

Minha visão do problema aqui tratado – segundo a qual há algumas dificuldades específicas relacionadas ao estresse que se precisam melhor (re)conhecer para poder enfrentar no mundo real do dia a dia de trabalho da tradução técnico-científica – reúne questões linguísticas, cognitivas e gerenciais (em termos de organização pessoal e de trabalho, por

exemplo), pelo menos. Dessa reunião de fatores envolvidos, pode-se avaliar que meu enfoque de pesquisa precise ser multifatorial.

Para situar melhor o problema, explico prévia e preliminarmente, em linhas gerais, algumas questões que envolvem noções e conceitos básicos implicados na situação de pesquisa em foco, os quais são fruto de reflexão sobre a bibliografia que consultei – o que será devidamente desenvolvido na parte de revisão da literatura em capítulos específicos:

1. **O que é traduzir?** Em meu recorte de tradução técnico-científica, traduzir significa atenção à função (escopo/*skopos*), conforme creio, que uma unidade a ser traduzida deve ter em seu contexto de chegada. Logo, um folheto de *marketing* de um *laptop* serve para divulgar e vender esse equipamento; um manual de um oxímetro de pulso serve para o corpo de saúde de uma instituição de saúde operá-lo (quase) perfeitamente, para que esse sirva às suas funções. Isso remete ao conceito de localização: um texto não deve simplesmente ter suas palavras vertidas de um idioma a outro (algo que se aproxima da questão tradicional de fidelidade, ou do malfadado *traduttore, traditore*), mas deve funcionar bem em seu local de chegada. Em suma, traduzir um texto técnico-científico significa se ater à sua função como texto e objeto de comunicação.
2. **O que é cognição?** Entendo cognição, *grosso modo*, como um conjunto de capacidades da inteligência das pessoas para apreender conceitos, significados, orientações, regras. A cognição envolve a capacidade de uma pessoa raciocinar bem sobre o que é (in)adequado em uma dada situação, de ter percepção ampla e também detalhada sobre o que se lhe apresenta. No caso da tradução, que é uma tarefa altamente complexa em termos cognitivos, a cognição, esse conjunto de capacidades, pode ser visivelmente afetada por quadros de distresse. Cognição seria, então, nos limites deste trabalho, o conjunto de faculdades de inteligência recrutadas para se realizar uma tarefa, mais ainda uma tarefa que seja complexa, tal como é a leitura tradutória. Já a percepção, por sua vez, integra esse quadro cognitivo, e diz respeito à capacidade de interpretar, perceber, o que se apresenta, de modo que se identificam fatores em ação em um dado processo. Embora cognição e percepção sejam elementos distintos, não se entrará nesse mérito neste trabalho.

3. **O que é estresse/distresse?** É um estado emocional que, graças à secreção dos chamados “hormônios do estresse”, provoca um estado de alerta para um suposto perigo que pode atingir a pessoa. É um estado emocional que, se prolongado, é marcado por preocupações e esgotamento emocional.
4. **O que é leitura?** Como diz Leffa, a leitura é um processo de comunicação:

Ler é um fenômeno que ocorre quando o leitor, que possui uma série de habilidades de alta sofisticação, entra em contato com o texto, essencialmente um segmento da realidade que se caracteriza por refletir um outro segmento. Trata-se de um processo extremamente complexo, composto de inúmeros subprocessos que se encadeiam de modo a estabelecer canais de comunicação por onde, em via dupla, passam inúmeras informações entre o leitor e o texto. (Leffa, 1996, p. 24)

Destaque seja dado para a noção de “via dupla”, ou um vaivém que transcende o duplo ou o triplo, tal como ocorre na leitura tradutória. Essa leitura tradutória representa a “alta sofisticação”, mas potencializada.

5. **O que é a leitura tradutória?** Leitura em si, a leitura em geral, já é uma atividade de alta complexidade cognitiva relacionada com uma construção de sentido que implica uma junção entre o que um texto oferece e o que já se saiba previamente:¹² diversas faculdades são requeridas e acionadas, tais como memória, raciocínio, imaginação, sensações, etc., o que comprova sua complexidade. Na tradução, lê-se de uma maneira singularmente mais profunda e mais ampla, com uma construção e reconstrução de sentidos, de modo que se possa perceber qual a função do texto a ser traduzido. Além disso, trata-se de uma leitura que se assemelha a uma “metaleitura”, visto que é feita para ser usufruída por outro leitor.

¹² Claro que há controvérsias. Por exemplo: um tradutor (ou outro leitor, especializado ou não) nem sempre já possui conhecimento sobre o que vai traduzir (ou ler). Nós, tradutores, trabalhamos por vezes com textos cujo assunto é novidade e temos que pesquisar para conhecê-lo antes da tradução em si (ou durante essa). Tanto o tradutor quanto o leitor, quando lê algo que já conhece, consegue entender melhor o assunto do texto que está sendo lido/traduzido. Isso pode ser analisado do ponto de vista dos subsunçores, conceito de David Ausubel, na chamada Psicologia Cognitiva, que designa o conhecimento já assimilado na mente do aprendiz (ou leitor/tradutor). Se tivermos subsunçores ao aprendermos um novo item, as chances de assimilarmos esse novo item serão maiores. Para mais detalhes, veja-se o estudo de DELGADO (2012, p. 39).

6. **De que modo a interdisciplinaridade está envolvida?** Meu contexto de investigação é linguístico: tenho formação linguística e trabalho em uma atividade linguística. Mas, naturalmente, bem se sabe que a atividade de tradução está cercada de elementos não linguísticos nela implicados: não se traduz sem um cérebro (Neurologia), sem uma psique (Psicologia/Psiquiatria), sem um computador (Engenharias/TI, etc.), sem capacidade de gerenciamento de trabalho e pessoal (Administração, etc.) ou sem competências comunicativas, linguísticas e textuais específicas. Assim, como entendemos que o componente linguístico envolve e explicita outros componentes em ação, este trabalho parte de um cenário linguístico de estudo – que é o fazer tradutório – e se coloca em interlocução com outros campos de conhecimento.

Um exemplo para situar a questão do encaminhamento acima: o fato de os tradutores não terem uma profissão reconhecida por regulamentação específica pode contribuir para um quadro de distresse difuso, de fundo psicológico, para o profissional, especialmente para o novato. Entretanto, nos interessa especialmente identificar, na visão do tradutor, o que mais imediatamente pareça incidir sobre a realização de sua tarefa de produzir um texto, acionando uma leitura especial e uma escritura igualmente especial.

Este trabalho, assim, parte das crenças prévias de que:

- a) traduzir é uma atividade altamente complexa: é um conjunto de competências integradas holisticamente, como se verá em capítulo especial sobre o tema (capítulo 3);
- b) existem estresses/distresses de vários tipos incidindo sobre a pessoa que traduz profissionalmente em um dado ambiente de trabalho;
- c) o distresse é um elemento tangível, conforme estudos de Psicologia/Psicologia Cognitiva e Ciências da Saúde – especialmente na área da Medicina do Trabalho –, e ele merece ser mais bem descrito/compreendido também no âmbito do trabalho do tradutor;
- d) o processo de “leitura tradutória” precisa ser mais bem caracterizado por pesquisas específicas, sendo algo potencialmente afetado pelo distresse;
- e) tratar da relação entre distresse e produção tradutória de textos técnico-científicos é um empreendimento para diferentes especialidades/conhecimentos especializados – psicólogos, médicos, linguistas, estudiosos da tradução, etc. Entretanto, é possível e útil tratar do tema, ainda que preliminarmente, também a partir da observação de

modos de percepção dos profissionais sobre suas dificuldades de trabalho no âmbito dos Estudos da Linguagem e dos Estudos de Tradução.

1.5. Questões de pesquisa

Com base no exposto até aqui, coloco as seguintes perguntas de investigação:

1. Que fatores de distresse laboral profissionais e aprendizes de tradução tendem a reconhecer incidindo sobre suas tarefas e desempenhos?
2. Como é a repercussão de fatores de distresse sobre a tradução de textos técnico-científicos?
3. A formação¹³ acadêmica que se oferece aos tradutores é direcionada de modo que estes consigam reconhecer e ultrapassar problemas de distresse?
4. Em se tratando de texto técnico-científico, meu foco: quais suas características predisponentes à ação de distresse? Quais as complicações mais comuns quando da tradução? Na tradução de um texto dessa natureza, o estresse influiria especificamente em que elementos da produção textual?
5. Em se tratando apenas da tradução da terminologia presente no texto técnico-científico: como um tradutor sob efeito de distresse as enfrenta?

Nos escritos sobre (teoria da) tradução, há alguns modelos de competências tradutórias (vide HURTADO ALBIR, 2005; KELLY, 2002) cujo foco é principalmente a formação de tradutores: estes devem adquirir determinadas competências, todas funcionando em conjunto e de maneira algo equilibrada para que esses profissionais tenham sucesso em seu trabalho. Se for lançado um olhar crítico sobre esses modelos, é perceptível que boa parte deles pode ser usada se eles forem aplicados a tradutores profissionais. Basicamente, esses modelos englobam estratégias de (auto)gerenciamento, conhecimentos diversos necessários para um tradutor e boas bases cognitivo-psicológicas, dado o caráter do trabalho de tradução. Será visto mais adiante, no capítulo 3, um modelo que considero completo e abrangente com base em minha experiência. Apesar de esse modelo ser direcionado à formação, como foi citado,

¹³ Por formação acadêmica de tradução, tomo como referência apenas a oferecida pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul ao longo do curso de graduação em Letras, bacharelado, habilitação de tradutor. Há diferentes outros cursos e oportunidades de formação no Brasil, sobre os quais se pode ter algumas informações, por exemplo, na tese de Heloísa O. K. Delgado (DELGADO, 2012) e no Anexo V desta tese.

faço uso dele para expor um problema detectado por tradutores profissionais e também por aprendizes.

A título de um resumo para esta introdução, vale dizer: esta tese visa descrever problemas relacionados com a atividade da tradução profissional de textos técnico-científicos do inglês para o português, com destaque para os modos de percepção de profissionais e de aprendizes sobre causas e efeitos do estresse sobre sua produção. Ao enfrentar o todo do texto a traduzir, dependendo do perfil do profissional, uma série de elementos estressores pode contribuir para falhas no trabalho e até para o abandono da profissão por parte de novatos.

1.6. Organização da tese

De agora em diante, este trabalho está subdividido como segue.

No segundo capítulo, trato das dificuldades e complicações inerentes ao mercado de tradução técnico-científica, conforme minha percepção pessoal, e descrevo o funcionamento básico de empresas de tradução. Também trato de questões gerais de estresse/distresse e de como este pode influir na cognição.

No terceiro capítulo, exponho o modelo holístico do grupo PACTE seguido de minha proposta de alteração para aplicação à prática tradutória; também destacarei aspectos da leitura especializada realizada pelo tradutor. Além disso, trago algumas informações relativas às questões de formação de tradutores, apresentando o currículo do curso de graduação em Tradução da UFRGS e comentando sobre minha percepção de haver, em meio ao curso, por parte dos graduandos, o uso cada vez maior e irrefletido de mecanismos de tradução automática, como o tradutor do Google, isso em se tratando dos alunos do inglês.

No quarto capítulo, exponho o modelo funcionalista de tradução, trazendo questões da Teoria do Escopo e do conceito “lealdade”, de Nord, que sigo. Abordo questões de terminologia na tradução de textos técnico-científicos, culminando na perspectiva textualista de Terminologia de Hoffmann, à qual me filio, que diz que não só de termos é constituído um texto técnico-científico. Proponho uma inserção do distresse em meio às competências tradutórias do modelo holístico do grupo PACTE, ressitando o papel dos componentes psicofisiológicos. Por fim, faço uma síntese dos elementos revisados e uma retomada do problema em foco.

No capítulo 5, analiso diversos dados coletados e obtidos ao longo da pesquisa: a) questionários que elaborei e enviei a tradutores profissionais; b) dados coletados no Laboratório Experimental de Tradução (LETRA) da Universidade Federal de Minas Gerais

(UFMG); c) dados coletados com alunos de tradução do curso de graduação para tradutores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Resumo o que meus dados e os dados coletados no LETRA/UFMG indicaram. Trago breves indicações para um treinamento de tradutores mais direcionado.

No capítulo 6, estão as conclusões e considerações finais deste trabalho.

Os anexos de I a IV reproduzem todos os materiais empíricos utilizados no trabalho; o Anexo V traz cursos de especialização e graduação em tradução coletados do *site* e-MEC.

2. DIFICULDADES DO TRABALHO DO TRADUTOR DE TEXTOS TÉCNICO-CIENTÍFICOS: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA PESSOAL

Tradução é a produção de um texto-alvo funcional mantendo uma relação com determinado texto-fonte que seja especificado de acordo com a função pretendida ou exigida do texto-alvo (o escopo da tradução).

Christiane Nord

Tendo em vista 1) o contexto da tradução de textos técnico-científicos em que atuo profissionalmente e 2) considerando ainda que trago os conhecimentos adquiridos no curso de graduação em Tradução da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Bacharelado em Letras, habilitação: tradutor inglês-português/português-inglês), explícito, inicialmente, duas situações:

- 1^a: propus-me, desde a graduação, a me inserir no mercado para o qual fui formalmente preparado, mas percebia que muitos colegas desistiam de ser tradutores e seguiam como instrutores de idiomas;
- 2^a: uma vez inserido no referido mercado, observei, em resumo, que muitos colegas apenas deixavam-se guiar por “automatismos linguísticos”,¹⁴ o que os impedia de conseguir seguir uma carreira bem-sucedida no ramo da chamada “tradução técnica”.

¹⁴ Esses tradutores redigem automaticamente um texto que não se encaixa no perfil exigido (por exemplo, um texto de Direito, pleno de traços estilísticos funcionais, ou um manual de máquina, direto e simples), simplesmente redigindo um texto mais neutro com a presença de seus termos. Isso, em geral, produz uma caricatura do gênero textual e discursivo em foco. Uma boa comparação seria o que ALVES (1996, p. 23) descreve como “Bloco Ad Hoc”.

Pelo que pude observar, o profissional novato apresentava a tendência inicial geral de trabalhar internamente em empresas de tradução – para aprender o trabalho, uma vez que não tinha a experiência exigida para autogerenciar-se em um trabalho autônomo (*freelancer*). Conforme testemunhei, o ambiente dessas empresas era estressante, e realizar uma tradução mostrava-se algo muito exigente em termos cognitivos¹⁵ para a maior parte dos colegas – entre os quais eu me incluía.

Para realizar uma tradução, as exigências gerais para alguém sobreviver naquele mercado – além da formação na graduação – eram as seguintes:

- a) Ter os conhecimentos linguísticos básicos para a tarefa;
- b) Ter os conhecimentos de Informática básicos para tanto;
- c) Ser exigente consigo;¹⁶
- d) Ser exigente com seu processo de leitura tradutória;
- e) Ser exigente com sua produção textual;
- f) Ater-se tanto a “grandes” detalhes quanto aos menores;
- g) Saber princípios básicos de autogerenciamento;
- h) Saber obedecer a regras sem tumultuar um ambiente de trabalho;
- i) Saber obedecer a quem solicitou o trabalho sem tentar impor somente soluções cômodas para si;
- j) Saber dizer *não*;
- k) Ater-se às exigências técnicas da tarefa, tais como identificar sua presença e importância e saber seguir regras específicas do contexto/da tarefa de trabalho;
- l) Ter maturidade emocional, além de inteligência emocional.

A esta altura, parece-me válido redizer que o tradutor, conforme entendo, é uma espécie de leitor especializado, no sentido de que sua leitura transcende uma mera “decodificação de sinais gráficos” para apreender informações, mas é uma leitura (tradutória) aprofundada com vistas a uma compreensão, digamos, privilegiada do texto-fonte, já que essa compreensão servirá de base para uma retextualização.¹⁷

¹⁵ Tratarei das questões de “ambiente estressante” e cognição a seguir, na seção 2.4.

¹⁶ Naturalmente, cada um tem uma visão do que seja isso. É necessário, porém, sempre estar se questionando quanto a interpretações superficiais, por exemplo.

¹⁷ A esse respeito, vide TRAVAGLIA (2003).

Quanto ao processo de leitura¹⁸ relacionado com tradução, é interessante destacar as noções de “leiturabilidade” e “legibilidade”, em Resende e Souza (2011), processos de leitura que envolvem interação com o texto. A legibilidade pode-se resumir pela construção textual, em termos de desenvolvimento do texto e do que esse texto oferece ao leitor. Já na leiturabilidade, a função do leitor, em seu ato de leitura, se destaca. Segundo as autoras, o tradutor deve estar bem preparado para ambas (RESENDE e SOUZA, 2011, s. p.).

Levando em conta essas questões de leitura, um leitor-tradutor estressado, conforme já testemunhei dentro de empresas, tendia a ler mal e a ter uma má produção textual, dado que seu processo de leitura parecia estar sujeito a certas interferências.¹⁹ A título de exemplo, para situar o problema, relato algo que ocorreu em um trabalho de tradução que eu revisava há não muito tempo. Determinada empresa²⁰ estava utilizando uma tecnologia de tinta sólida para impressoras. O folheto de *marketing* do referido produto rezava:

Just drop, close and print!

Ou seja, “é só **soltar/largar**, fechar e imprimir!”. A tradutora de nosso grupo, que, embora fosse experiente e proficiente, estava assoberbada, traduziu a frase por:

Basta pingar, fechar e imprimir!

Sabe-se que “to drop” pode remeter a “pingar”, mas, no caso – inclusive havia uma ilustração de uma pessoa “soltando” o bastão de tinta na impressora –, a tradução estava diametralmente oposta ao esperado, ainda mais sendo o material um folheto de divulgação cujo público-alvo consistia nos possíveis compradores do produto. Não me cabe julgar se isso é ou não um erro crasso, tampouco defender que é por isso que é sempre preciso revisar o trabalho, mas tenho segurança de que isso que presenciei tende a ocorrer com muita frequência, tanto para veteranos quanto para iniciantes, mas há muito mais casos entre iniciantes, principalmente dentro de empresas de tradução.

¹⁸ Mais detalhes sobre leitura no capítulo 3.

¹⁹ No levantamento de Pickbrenner (2006, pp. 26-35), por exemplo, a autora cita Leffa (1996), para quem o processo de leitura depende do enfoque dado a esta. Tem-se que ler é tanto extrair quanto atribuir significados, algo de enorme importância para se ter em mente ao pensar sobre um processo como a tradução, que, além do que foi mencionado, implica também verter significados para um texto, que tem como alvo determinado público.

²⁰ Por questão de eu ter assinado contrato de confidencialidade quando do trabalho, não citarei marca ou empresa.

Passemos a uma breve definição do que venha a ser um “texto técnico-científico” com base também em minha experiência pessoal.

2.1. O texto técnico-científico: experiência pessoal

É importante situar o que seria um texto técnico-científico nesse contexto de experiência pessoal. Embora haja várias definições de tipologias, de gêneros textuais²¹ e de gêneros discursivos, não é o foco aqui qualquer discussão teórica.

Situo o qualificador “técnico-científico” por ser esse descritivo dos textos que chegam aos tradutores no mercado das empresas de tradução. Tanto os textos do tipo “manual técnico” (manuais de impressoras, reprodutores de CD, colheitadeiras, tomógrafos, etc.) quanto os do tipo científico (artigos científicos, artigos de divulgação científica, resumos de artigos científicos, livros-texto científicos, etc.) são muitíssimo frequentes. Em minha experiência pessoal nesse mercado, traduzir essa variedade correspondia a um conjunto de textos simplesmente chamados de “textos técnicos”. O tradutor recebia a mesma identificação genérica: “tradutor técnico”.

Naturalmente, bem sabemos, há uma distinção importante entre texto técnico e texto científico. Vários trabalhos tratam dessa diferença, e trabalhos dignos de nota sobre o texto científico são os de Ciapuscio (2009) e de Hutchins (1977).

Naturalmente, cada tipo de texto ou de gênero com que se lide tem suas particularidades. Em termos de estrutura: 1) em geral, tem um padrão de linguagem simples e direta; 2) pode ser direcionado a um público-alvo que tenha conhecimentos especializados (manuais de máquinas ou equipamentos médico-hospitalares); 3) pode ser direcionado ao público em geral, mas conter informações importantes em termos de riscos (choque elétrico no manual de um reprodutor de DVD/Blu-ray ou ferimentos no manual de um cortador de grama); 4) segue um modelo estrutural (resumos de artigos científicos, artigos científicos), para citar alguns exemplos.

²¹ Vide, por exemplo, MARCUSCHI, 2008.

2.2. Empresas de tradução: como funcionam?

Como já me referi algumas vezes a empresas/agências de tradução, vale uma explicação geral de como estas funcionam, especialmente no Brasil.

Em geral, uma empresa de tradução tem como clientes 1) outras empresas de tradução e 2) empresas de determinado nicho de mercado (seja uma fábrica de embalagens plásticas, uma empresa desenvolvedora de *software*, uma fábrica de calçados, etc.) que precisam de tradução. Nesse último caso, é um cliente direto. Isso em casos de empresas que atendem apenas pessoas jurídicas. Há também empresas que atendem pessoas jurídicas e físicas.

Trabalhei somente em empresas do primeiro tipo²². Esses clientes fazem pedidos de tradução para as empresas de tradução. Esses pedidos seguem um fluxo, que exporei em termos gerais.

Os pedidos de trabalhos de tradução são recebidos pela **gerência de projetos**, composta por **gerentes de projetos**, ou PMs (de *project manager*, em inglês), como são mais conhecidos no ramo. Esses gerentes fazem uma análise composta mais ou menos dos itens a seguir:

- 1) Que tipo de serviço têm em mãos?
- 2) Quanto a empresa em que trabalham vai cobrar pelo serviço?
- 3) Quem são os tradutores (também conhecidos pelos gerentes como “recursos”) mais indicados para aquele serviço?
- 4) Entre esses tradutores, qual apresenta melhor razão custo-benefício?
- 5) Quem será o revisor da tradução?
- 6) Quais os prazos de cada tarefa envolvida?
- 7) O trabalho precisará ou não de editoração eletrônica? Etc.

Feita essa análise e aceito o trabalho por parte do gerente, ele o encaminhará para algum outro setor da empresa: em geral, o de editoração/Informática (caso seja necessário algum processamento prévio dos arquivos a serem traduzidos) ou para o “Setor de linguística”, onde trabalham os tradutores, para que a tradução propriamente dita possa ser

²² Internamente, em duas.

feita. Além disso, a empresa tem um banco de dados de tradutores autônomos, os *freelancers*, que são até mais utilizados para as tarefas de tradução do que os tradutores internos.

Assim, o “Setor de linguística” da empresa de tradução geralmente concentra tradutores competentes e especializados em determinadas áreas, preferencialmente nas principais áreas de atuação da empresa.²³ Esses tradutores ou são contratados já especialistas ou são treinados até se especializarem em determinada(s) área(s). Os tradutores mais especializados são recrutados preferencialmente para revisar tarefas de tradutores autônomos externos (*freelancers* que não trabalham internamente na empresa). Porém, eles também traduzem bastante. Há também a possibilidade de o *Setor de linguística* ter um subsetor de tradutores e outro subsetor de revisores de tradução.

Há, seguindo o fluxo acima, um setor em que trabalham apenas revisores de língua. No caso do Brasil, esse setor tende a ser composto por revisores proficientes de língua portuguesa brasileira, de modo que: 1) um texto é traduzido por um tradutor, 2) é revisado por outro tradutor, 3) é revisado por um revisor de português. Esses profissionais também estão geralmente lotados no *Setor de linguística*.

Depois, o texto pode ser passado para o setor de **editoração eletrônica**, ou **DTP**.²⁴ Caso se receba um arquivo “.pdf” ou “.ppt(x)”, por exemplo, que tenha vários elementos gráficos e disposição de texto variada, não sendo o modelo “linha após linha” com o qual se está acostumado, a equipe desse setor processa o arquivo para torná-lo “palatável” aos tradutores, que precisarão traduzir um arquivo somente com texto consultando, concomitantemente, o original, para entender melhor seu significado. Após as etapas linguísticas estarem concluídas, o texto volta para o setor de editoração para ser remanejado dentro de seus arquivos necessários. A equipe recria um arquivo igual ao original recebido, mas com a tradução respectiva.

Após o término do trabalho anteriormente descrito, deve haver uma leitura de provas por um membro da equipe linguística, de modo a verificar se está tudo correto nos arquivos finais. Isso pode ser chamado de **garantia de qualidade** ou **QA** (do inglês *quality assurance*), ou mesmo **controle de qualidade**, por exemplo.

Vale registrar que, atualmente, tudo é feito com o auxílio de computadores, inclusive as etapas referentes ao trabalho linguístico.

Concluídas essas etapas, o trabalho é devolvido ao gerente de projetos, que o entrega ao cliente. Esquematicamente:

²³ Uma empresa pode se especializar em textos científicos de Medicina; outra, em *software*.

²⁴ *Desktop Publishing*, ou editoração eletrônica.

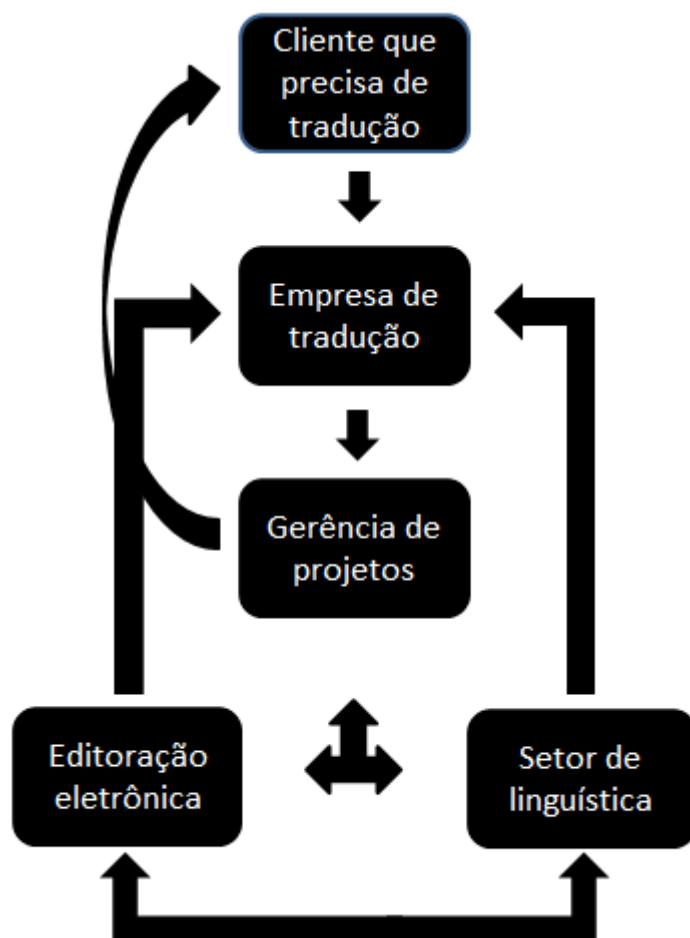


Figura 2: esquema básico de funcionamento de uma empresa de tradução (GONÇALVES, 2015).

Essa figura pretende apenas ilustrar um esquema básico e resumido do funcionamento de empresas de tradução. Cada uma pode funcionar de uma maneira singular; o porte da empresa de tradução – pequena, média ou grande – pode também incorporar ou excluir alguma etapa. Pode-se afirmar que esse seja o “organismo” básico para o funcionamento de uma empresa de tradução de médio porte.

2.3. Cruzamentos de ideias

Feito esse registro particular de minhas próprias percepções e experiências, importa ainda situar também como pessoalmente pude perceber problemas de desempenho tradutório. Esses problemas pareciam estar relacionados a todo um corpo de conhecimentos inerentes ao

trabalho do tradutor de textos especializados e se associavam a fundamentos e entendimentos variados – ainda que intuitivos – de meus colegas e meus sobre:

- a) o que é tradução, competência e desempenho tradutórios;
- b) o que e como são os processos cognitivos envolvidos nesse trabalho e a natureza do distresse que sobre ele incide;
- c) a natureza do texto e da linguagem especializados (concretizados no texto a traduzir), incluindo aspectos sobre terminologias e convencionalidades “retóricas” dos textos.

Defendo, hoje, que o resgate continuado, mesmo no ambiente do trabalho, dos principais pontos dessas dimensões, que correspondem a um corpo de conhecimentos teóricos e metodológicos sobre o trabalho que se realiza permite uma melhor apreensão do que se faz, dos problemas e dificuldades desse fazer e dos melhores modos para seu enfrentamento. Mas, há quem pergunte, a título de ironia, como se poderia ainda pensar em meio a um turbilhão de tantos fatores desse trabalho?

A seguir, serão tratados aspectos relacionados a estresse/distresse e cognição.

2.4. Distresse e cognição

Nesta seção, pretendo contextualizar e problematizar uma das partes integrantes do problema sobre o qual me debruço: a influência do distresse sobre o desempenho do trabalho do tradutor no mercado de tradução técnico-científica. Abordarei questões de distresse e como estas podem influenciar nas faculdades cognitivas do tradutor. Esta breve análise não tem vistas a nenhum aprofundamento no tocante à fisiologia/patologia do estresse/distresse, pois esse não o é foco deste trabalho. Tentarei deixar claro que há uma série de complicações relativas a capacidades como memória, concentração, atenção e tomada de decisões, por exemplo, em uma mente afetada pelo distresse. Há, aqui, um caso de distresse/estresse laboral/ocupacional com uma influência visível em uma atividade mental complexa.

No contexto da tradução, é sabido que não se deve dar importância apenas a questões linguísticas. Por trás de questões relativas a língua/linguagem, há, claro, uma mente/um cérebro em ação. Por outro lado, conforme Eni Orlandi afirmava: “Para a Linguística, tudo o que faz parte da língua interessa e é material de reflexão” (ORLANDI, 1986, p. 10). Então, se

a tradução também é uma tarefa linguística, ainda que envolva tantos outros aspectos, é lícito tratá-la por essa via. Entretanto, além das exigências feitas a faculdades tais como inteligência e raciocínio, há diversos outros elementos envolvidos que estão, à primeira vista, um pouco deslocados em relação a uma atividade linguística, mas que podem se mostrar ao menos problemáticos.

Com minha experiência ao longo de anos no mercado de tradução, posso afirmar que a tradução é atividade estressante. Conforme entendo hoje, ela é quase 100% cognitiva, dado que recrutamos movimentos como os dos dedos e dos olhos; afora isso, é atividade mental e complexa. Sabe-se, por exemplo, atualmente, que os chamados hormônios do estresse têm participação significativa em funções de aprendizado, memória e raciocínio, por exemplo (ALMEIDA, 2010, p. 28).

De modo geral, estresse é causado por qualquer coisa que nos deixe tensos, frustrados, incapazes, com raiva. Pode ter origem em situações imprevisíveis, desconhecidas, inevitáveis e intensas. Ansiedade, por exemplo, pode ser um sintoma de estresse. Planejamento e conhecimento prévio de possíveis atividades ou mesmo problemas tornam-se essenciais.

Buscando subsídios em publicações de áreas como Psiquiatria/Psicologia, os dados a que tive acesso confirmam minhas observações pessoais. O *Compêndio de Psiquiatria*, de Kaplan (1997), por exemplo, foi de grande valia para entender melhor a função do estresse²⁵ em questões como memória e motivação. Nesse livro, lê-se que a memória a curto prazo/imediata/primária é prejudicada pelo estresse crônico/exaustão psicológica ou demasiado *input*. A aprendizagem e a memória também são afetadas pelo estresse. O aumento na adrenalina, graças ao estresse, pode aumentar a aprendizagem, mas se o estresse for muito grande, há, paradoxalmente, uma inibição da aprendizagem (KAPLAN, 1997, p. 170).

Nesse contexto, “motivação” é uma questão-chave, sendo esta “um estado de espírito que produz uma tendência em direção a algum tipo de ação”. O referido estado pode ser de privação (fome), um sistema de valores ou uma crença fortemente estabelecida (religião). A motivação tem grande importância nos mecanismos de aprendizagem e percepção. Em relação à ansiedade, lê-se nessa obra de Kaplan que ela funciona como um sinal de alerta, um aviso sobre um perigo iminente; possibilita a tomada de medidas para enfrentar a ameaça. Já o medo – sinal de alerta similar – distingue-se da ansiedade porque é uma resposta a uma ameaça conhecida, externa, definida ou de origem não conflituosa. A ansiedade já é uma

²⁵ No texto de Kaplan, vê-se apenas “estresse”; “distresse” é mais usado em texto citado mais adiante.

resposta a uma ameaça desconhecida, interna, vaga ou de origem conflituosa (KAPLAN, 1997, p. 545).

Quanto a estresse geral: “Um evento ou situação de vida estressantes (interno ou externo, agudo ou crônico) gera desafios aos quais o organismo não consegue responder adequadamente” (KAPLAN, 1997, p. 707). Vê-se em Kaplan que Thomas Holmes e Richard Rahe listaram eventos da vida que causam perturbação ou estresse. Em uma classificação de 43 eventos, sendo o 1 o mais estressante e o 43 o menos, destaco três:

- 22. Alteração importante nas responsabilidades profissionais (promoção, rebaixamento, transferência lateral)
- 30. Problemas com o chefe/patrão
- 31. Alteração importante nos horários ou condições de trabalho (KAPLAN, 1997, p. 708).

Quanto a estresse específico *versus* inespecífico, o específico se define como um conflito de personalidade ou conflito inconsciente específico que causa um desequilíbrio homeostático²⁶ que contribui para o desenvolvimento de um transtorno psicossomático (KAPLAN, 1997, p. 708).

A partir da obra basilar de Kaplan, cabe voltar a atenção ao volume *Stress e trabalho*,²⁷ de LIMONGI FRANÇA e RODRIGUES (2011). Proveniente da Física, o termo “estresse”, originado de *stress*, designa um grau de deformidade sofrido por uma estrutura ao ser submetida a um esforço. Hans Selye, o médico austríaco que introduziu esse conceito na Medicina, o definia como conjunto de reações que determinado organismo desenvolve ao ser submetido a uma situação que exige certo esforço de adaptação (LIMONGI FRANÇA e RODRIGUES, 2011, p. 29). Em resumo, tem-se uma breve definição de estresse: trata-se de um estado do organismo seguido ao esforço de adaptação que tem a possibilidade de produzir deformações na capacidade de resposta, atingindo o comportamento mental e afetivo, o estado físico e o relacionamento com as pessoas (LIMONGI FRANÇA e RODRIGUES, 2011, p. 30).

O estresse, assim, é uma resposta produzida pelo corpo a uma situação difícil que exige adaptação; pode ou não ser negativo. O estresse é um denominador comum de adaptação do organismo às mais variadas situações. Logo, há o que se chama de **estímulo**

²⁶ Como se pode ver em YAVICH (2002), homeostase é a propriedade autorreguladora de um sistema ou organismo que permite manter o estado de equilíbrio de suas variáveis essenciais ou de seu meio ambiente.

²⁷ Embora sejam usados os vocábulos *stress*, *eustress* e *distress* no referido texto, opto por *estresse*, *eustresse* e *distresse* nesta tese.

estressor ou simplesmente **estressor**, que é a situação que desencadeia o estresse; o **distresse**, sendo o estresse *negativo*, que pode ocasionar doenças, e o **eustresse**, ou estresse positivo.

Mais adiante, na página 134 do texto ora analisado, veremos representações dos desdobramentos de eustresse e distresse:

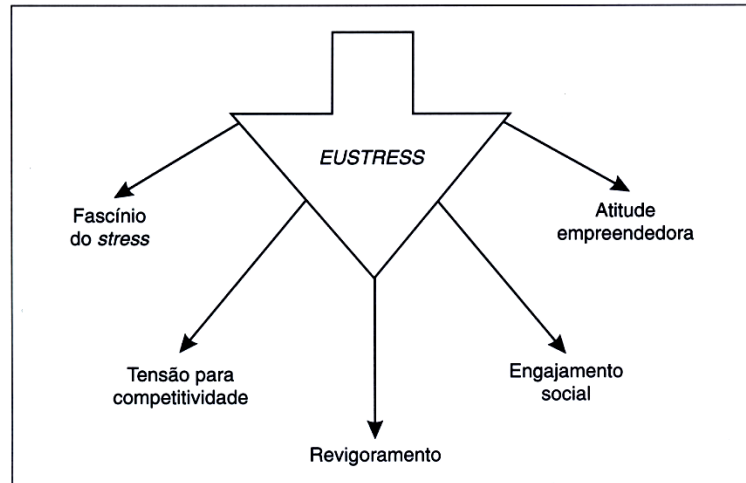


Figura 7.6 Desdobramentos do eustress.

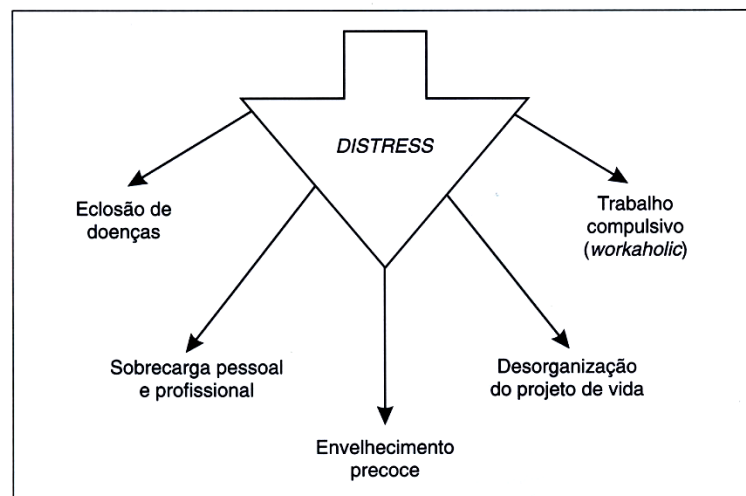


Figura 7.7 Desdobramentos do distress.

Figura 3: eustresse e distresse (LIMONGI FRANÇA e RODRIGUES, 2011, p. 134).

Logo, há um estímulo sobre o organismo, o estressor, que desencadeia uma resposta, que é o estresse. Este pode ser observado em pelo menos duas dimensões: *processo* e *estado*. No caso de *processo*, é a tensão diante de uma situação de desafio por ameaça ou conquista; em se tratando de *estado*, é o resultado positivo (*eustresse*) ou negativo (*distresse*) do esforço gerado pela tensão mobilizada pela pessoa (LIMONGI FRANÇA e RODRIGUES, 2011, pp. 32-33).

Em relação à grande exigência de atenção quando da tradução, pode-se estabelecer um comparativo com a seguinte descrição: quando se está em repouso, a atividade vegetativa é

mínima; se há uma ação (levantar da cama), funções são ativadas proporcionalmente à intensidade da mobilização do sistema nervoso e da musculatura. Em certas situações, movimenta-se pouco o corpo, mas há grande atividade de certas regiões do sistema nervoso; isso ocorre quando o momento vivido exige grande atenção (em reuniões, palestras, etc.); em atividades como essas, também há a necessidade de ajustes no organismo, tanto cardiovasculares como respiratórios, além de suor nas plantas dos pés e nas palmas das mãos. Em caso de excitação por medo ou alegria, as glândulas suprarrenais produzem bastante adrenalina, ainda que a atividade motora seja muito reduzida (LIMONGI FRANÇA e RODRIGUES, 2011, pp. 34-35). Fica clara a relação do que foi exposto nesse trecho com o trabalho da tradução quando este é estressante: muito alerta para poucas ameaças *palpáveis*.

A maneira pela qual a pessoa enfrenta e avalia o estímulo estressor é de grande importância: o estresse não é somente uma reação do organismo, mas uma relação particular entre uma pessoa, seu ambiente e as circunstâncias às quais está submetida; essa relação é avaliada como uma ameaça ou algo que exige da pessoa mais que suas próprias habilidades ou recursos e que põe em perigo seu bem-estar ou sobrevivência (LIMONGI FRANÇA e RODRIGUES, 2011, p. 36).

Em se tratando de se lançar um olhar mais crítico sobre situações de trabalho, julgo essencial o que segue: o estresse relacionado ao trabalho é definido como as situações nas quais a pessoa percebe que seu ambiente de trabalho é ameaçador a sua realização pessoal e profissional e/ou a sua saúde física/mental, sendo que isso prejudica a interação dessa pessoa com o trabalho e com o ambiente de trabalho (LIMONGI FRANÇA e RODRIGUES, 2011, p. 36).

Há um esforço de adaptação; disso, resulta o estresse. Com pouco conhecimento sobre novas situações, surgem graus de incerteza e de “temor”. A ambiguidade, no sentido de haver possibilidade de múltiplas interpretações sobre o sentido ou sobre o valor de algo, aliada à falta de clareza, é também um fator importante. Quanto à incerteza dos acontecimentos, algo comum no dia a dia do tradutor, é sabido que quanto maior for a incerteza sobre a ocorrência ou não de um evento significativo, maior será sua capacidade de gerar sentimentos de ameaça. Quanto maior for a incerteza, maior o tempo necessário para avaliação, gerando sentimento e condutas conflituosas (LIMONGI FRANÇA e RODRIGUES, 2011, p. 47).

Chega-se então ao que se chama de “enfrentamento”, que seria um conjunto de esforços que alguém desenvolve para lidar com as solicitações externas ou internas, que são avaliadas pela pessoa como acima de suas possibilidades (LIMONGI FRANÇA e RODRIGUES, 2011, p. 48).

Abaixo, é reproduzido um fluxograma de fatores que determinam o estresse.

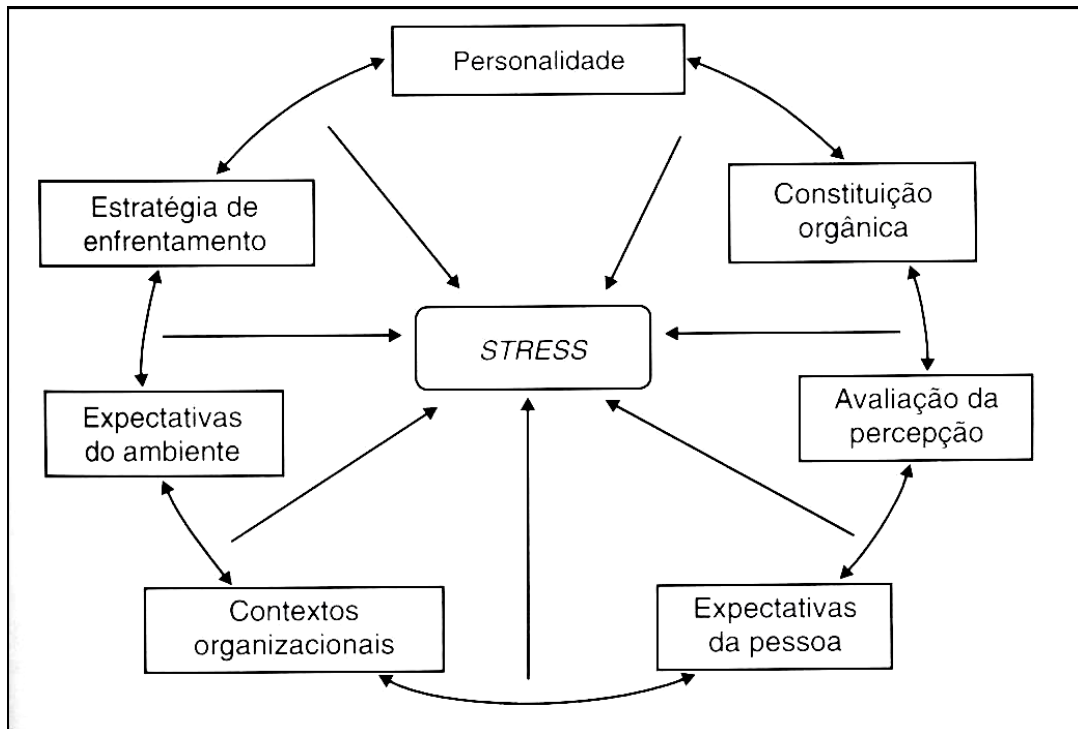


Figura 4: fluxograma de fatores que determinam o estresse (LIMONGI FRANÇA e RODRIGUES, 2011, p. 49).

Seguem alguns indicadores de agentes estressores: 1) queda na eficiência; 2) insegurança nas decisões; 3) grande nível de tensão; 4) sentimento de frustração; 5) desconfiança (LIMONGI FRANÇA e RODRIGUES, 2011, p. 50).

No caso da tradução, os indicadores citados são constantes. É possível dizer que primeiro há um efeito dominó do primeiro ao último, seguido de um efeito cíclico, que prejudica o desempenho a cada ciclo. Abaixo, uma ilustração acerca de pressão *versus* desempenho no trabalho.

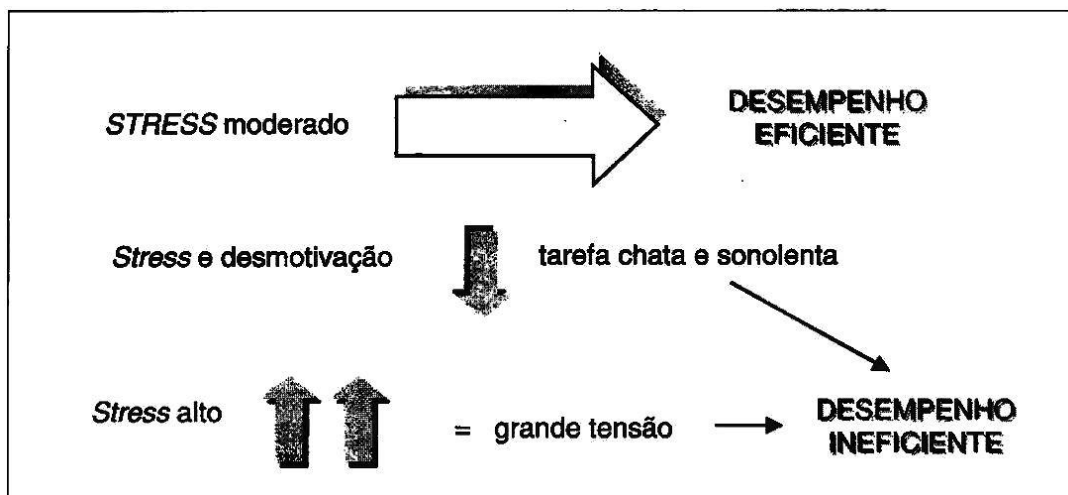


Figura 5: pressão X desempenho (LIMONGI FRANÇA e RODRIGUES, 2011, p. 50).

Citando o funcionamento de grupos e organizações, em relação a grupos é particularmente eloquente o que segue, uma vez que são constantes no mercado de trabalho da tradução: 1) competição não saudável; 2) trabalho isolado dos membros; 3) não compartilhamento de problemas comuns; 4) alto nível de insegurança; 5) grande dependência do líder (LIMONGI FRANÇA e RODRIGUES, 2011, p. 51).

Quanto ao primeiro e ao terceiro itens, é comum haver competição do tipo “sou melhor” ou “produzo mais” no mercado de tradução, e os tradutores podem não compartilhar problemas comuns com medo de se mostrarem “fracos”. Há geralmente alto grau de “rivalidade” entre os colegas de profissão na tradução.

Os quadros de estresse podem evoluir para o que se chama de *burnout*, ou Síndrome de *Burnout*, conceito desenvolvido na década de 1970 pela psicóloga social Cristina Maslach e pelo psicanalista Herbert J. Freudenberger. Entre outras coisas, o *burnout* designa uma resposta emocional extremamente desgastante advinda da reiterada frustração em relação a desenvolvimento e dedicação profissional; isso ocorre quando o profissional não atende às expectativas. Caracteriza-se por: 1) **exaustão emocional**: esgotamento e pouca energia; sensação de impotência para recuperar as energias; tendência a manter-se imparcial; 2) **despersonalização**: distanciamento emocional exacerbado, frieza, indiferença. Perda de empatia; questões relacionadas ao trabalho são transtornos; 3) **redução da realização pessoal e profissional**: sensação de “dar murro em ponta de faca” advinda do sentimento de impotência em relação a suas realizações e sonhos profissionais; frustração; queda de autoestima; depressão. A pessoa sente que não tem retorno em relação ao que oferece; há perda de entusiasmo com a profissão.

Vê-se que, além de poder prejudicar a saúde, o estresse tende a prejudicar o desempenho do profissional. Como para cada pessoa há um agente estressor específico, deve haver estratégias de enfrentamento (*coping*).²⁸

Ao se tratar dessa Síndrome da Fadiga, sabe-se, pela bibliografia especializada, que recebemos estímulos contínuos que geram um nível de tensão, em especial em nossa mente. Isso nos move para a ação. Responsabilidades tais como o dever e a necessidade de cumprir o compromisso geram tensão, que em geral é aliviada quando essas responsabilidades são executadas (LIMONGI FRANÇA e RODRIGUES, 2011, pp. 101-102).

²⁸ Estratégia de esforços cognitivos e comportamentais para enfrentar um problema.

Como se vê na figura abaixo, a tensão é um dos elementos em ação nesse sistema e na tradução:

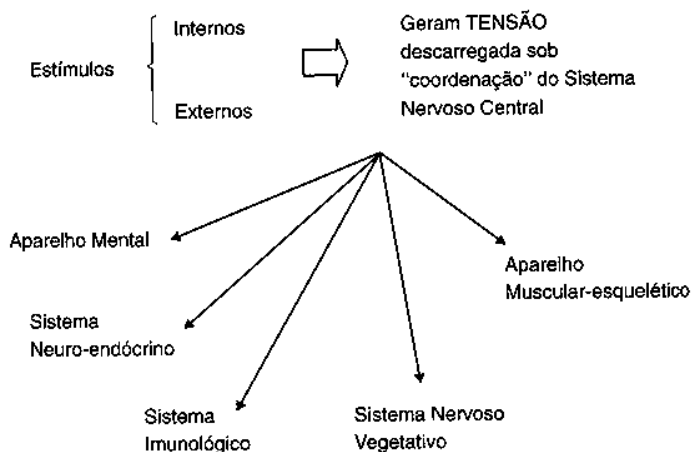


Figura 6: vias de alívio da tensão (LIMONGI FRANÇA e RODRIGUES, 2011, p. 102).

Fica evidente um ciclo: se o trabalho impede a adequada descarga de tensão, boa parte dessa tensão será retida, acumulando-se na mente e causando mais tensão, desprazer e sofrimento, o que pode conduzir à fadiga, pois é visível o ciclo de tensões (LIMONGI FRANÇA e RODRIGUES, 2011, p. 103).

Com relação à fadiga, cabe citar sinais, à página 104, que são comuns em um ambiente de trabalho de empresas de tradução:

- falta de interesse genuíno na tarefa e nas atividades rotineiras que são executadas sob pressão;
- represamento da carga psíquica do trabalho, o que gera tensão e desprazer;
- organização do trabalho com características autoritárias;
- a pessoa mantém-se em luta constante contra obstáculos sentidos por ela como insuperáveis;
- falta de esperança em alcançar um objetivo significativo para o indivíduo.

Logo, o trabalho é desenvolvido de maneira coercitiva, e diversos potenciais da pessoa não são exercitados em função dessas características. O trabalhador não tem controle sobre seu processo de trabalho. Percebem-se as tarefas como aborrecidas e arbitrariamente decididas quanto a seu ritmo, intensidade e duração. Esse trabalho se denomina *trabalho alienante*. Ambientes de trabalho com essa “organização” têm potencial para produzir uma

experiência emocional com as seguintes características: sensação de falta de poder, sentimento de insatisfação, frustração, sensação de viver em um mundo insensível e hostil às pretensões e necessidades dos trabalhadores (LIMONGI FRANÇA e RODRIGUES, 2011, p. 111). Denomina-se *experiência subjetiva de alienação* o conjunto dessas experiências emocionais. As características citadas são comuns nas empresas de tradução.

No texto *Stress no mundo do trabalho: trajetória conceitual*, de SAMPAIO e GALASSO (2011), contido no mesmo volume ora analisado, vê-se que, em se tratando do modelo Exigência-Controle, de Karasek, mais centrado em fatores ambientais determinantes, os trabalhadores têm alta sobrecarga de exigências (pressões psicológicas) e baixo controle sobre seu trabalho (ou baixa latitude decisória). As características de um trabalho estressante são a imposição de exigências e a criação de restrições ambientais. Quanto à latitude decisória, isso significa grau de controle do trabalhador sobre seu trabalho: controle pessoal do processo decisório (ou seja, autonomia) e nível de habilidade.

Posteriormente, fora do modelo, o que se chama de suporte social, que são as relações de apoio entre colegas de trabalho e superiores, representa importante fator protetor frente ao estresse.

Segundo a visão de Cooper, o estresse é “(...) qualquer força que conduz um fator psicológico ou físico além de seu limite de estabilidade, produzindo uma tensão (*strain*) no indivíduo” (LIMONGI FRANÇA e RODRIGUES, 2011, p. 76).

Passando ao livro *Tempo de viver*, de I. Izquierdo, o mais eminente pesquisador de neurociências em atuação no Brasil, há os capítulos “Ansiedade” e “Estresse”. Em “Ansiedade”, lê-se que há vários tipos de ansiedade; nem todos nos causam mal-estar. Ela é sempre antecipatória: há a previsão da possibilidade de algo. Esse “algo” pode ser benéfico ou maléfico. Há a ansiedade prévia a uma recompensa; isso é positivo (IZQUIERDO, 2002, p. 69). Em relação às diferentes ansiedades, diferentemente da benigna (que se aproxima do eustresse, citado há pouco), de algo bom, há aquela causada pela antecipação real ou imaginária de males que ocorrerão. Izquierdo cita a experimentada pelo preso no corredor da morte, quando o guarda vem junto com o padre para abrir a porta da cela pela última vez como algo brutalmente agudo. A ansiedade pode ser teórica: nós a experimentamos ao entrar em uma sala ou uma rua mal iluminada. Pode ser real:²⁹ a que se experimenta ante um assaltante ou um animal selvagem. Pode ser sorrateira: a vaga percepção de que algo está em

²⁹ Embora possa haver uma dissonância entre o que Izquierdo afirma e o que Kaplan descreve (veja-se acima neste mesmo capítulo), não é meu objetivo debater essa discordância; apenas descrevo o problema com vistas a deixar mais claro como esse pode interferir em tarefas cognitivas.

decadência. Pode ser incerta: dúvidas e incertezas sobre nosso futuro mediato ou imediato, dúvidas sobre algo que não compreendemos muito bem, mas que percebemos como perigoso. Pode ser constante: pessoas que vivem ansiosas. Pode ser forte e sobrevir sem nenhuma causa aparente: a síndrome da angústia (uma patologia) (IZQUIERDO, 2002, pp. 70-71).

Lê-se, à página 71, que, se a ansiedade for demasiado intensa ou reiterada, pode levar ao estresse. Esse seria o estresse patológico. Já mais adiante, percebe-se que “(...) um nível excessivo de ansiedade interfere com o aprendizado e com a lembrança” (IZQUIERDO, 2002, p.76).

No capítulo “Estresse”, há uma denominação de estresse: “Denomina-se estresse o conjunto de reações do organismo a agressões de ordem física, psíquica, infecciosa, e outras capazes de perturbar o seu equilíbrio” (IZQUIERDO, 2002, p. 81). Vemos também a questão histórica, em que nos é dito que o conceito “estresse” na área de saúde foi introduzido nos anos 1940 pelo endocrinologista austríaco Hans Selye (IZQUIERDO, 2002, p. 81). No que diz respeito a Selye, este descobriu, segundo Izquierdo, que, em resposta a estressores analisados pelo cérebro, a hipófise produz um hormônio que estimula a porção das glândulas suprarrenais que produz corticoides. Essa parte das suprarrenais é diferente da que produz adrenalina: os corticoides são substâncias completamente diferentes desta, e suas ações são distintas. Izquierdo diz que os corticoides têm um efeito anti-inflamatório útil no caso de a agressão sofrida ser um traumatismo, uma ferida ou uma picada de inseto. Esses corticoides aumentam a pressão arterial, o que pode ser útil para melhorar a irrigação dos tecidos. Eles dilatam os brônquios, melhorando assim a capacidade respiratória. Entretanto, podem também causar, junto a fatores hormonais e bacterianos, úlceras gástricas. Mas se o aumento da pressão arterial for persistente, este pode se tornar patológico (IZQUIERDO, 2002, p. 82).

De todas as falhas causadas pelo estresse, uma em particular chama atenção: “Entre essas falhas, a mais prejudicial é a dificuldade, às vezes extrema, de recordação” (IZQUIERDO, 2002, p. 84). Logo: “Nos últimos anos, numerosos estudos têm demonstrado de forma categórica que o estresse crônico causa a morte de neurônios justamente nas áreas do cérebro mais utilizadas para fazer ou evocar memórias” (IZQUIERDO, 2002, p. 84). Outra informação importante é que “(...) a ansiedade intensa e prolongada causa estresse” (IZQUIERDO, 2002, p. 84).

Estabelecendo um comparativo com o que é citado a seguir, chega-se à conclusão de que a tarefa da tradução pode ser bastante ansiogênica:

“Certamente, um executivo que deve atender cinco telefones, um correio eletrônico e uma visita ao mesmo tempo, está submetido a estresse. Mas o executivo poderá, quando tudo isso acabar, ir relaxar na sua bela casa, quem sabe com um bom coquetel na mão, talvez à beira da piscina ou numa banheira de hidromassagem.” (IZQUIERDO, 2002, p. 87)

A título de fechamento deste capítulo, cabe unir alguns pontos. Vê-se que há diferenças entre, por exemplo, ansiedade e estresse, e que há conceitos tais como eustresse e distresse. Meu recorte centra-se no distresse. Em suma, um estado mental desconfortável que, como foi mencionado, afeta negativamente as faculdades cognitivas utilizadas ao se trabalhar com tradução.

Dado que aqui exploro a tradução de textos técnico-científicos, modalidade essa plena de regras e complicações,³⁰ cujo mercado é muito exigente, uma condição de estresse, por demais comum nesse contexto – principalmente dentro de empresas de tradução –, tende a armar o cenário para que ocorram problemas vários, tais como produção textual inadequada, grande volume de erros e, comumente, evasão do profissional, que desiste³¹ desse ramo de atividade. Vale mencionar que o estresse “(...) claramente prejudica várias funções cognitivas, como memória, atenção e a tomada de decisões. O estresse pode levar a decisões impulsivas ou mesmo perseverativas. Pode restringir a busca por soluções, pode impedir a flexibilização do raciocínio” (PRADO, 2011).

Isso deve ser levado em consideração na formação profissional. Temos aqui um tema que mereceria ser mais bem tratado com os futuros profissionais, visto que, pelo menos no ramo da tradução técnico-científica em empresas de tradução no Brasil, atuarão em ambientes potencialmente estressantes. As condições biológicas do estresse laboral são um tema ainda pouco explorado de modo sistemático entre nós, linguistas.

No capítulo que segue, trato de um modelo de competência tradutória e trago minha visão de como elementos psicofisiológicos de distresse desse trabalho nele se encaixam e repercutem, considerando as situações frequentes predisponentes de distresse como as que relatei. Será apresentado o modelo holístico do grupo PACTE, seguido de minha reformulação desse modelo.

³⁰ Tempo curto, regras impostas por cliente, regras impostas pela empresa em que se trabalha, uso simultâneo e acelerado de diversos materiais de pesquisa, uso de computadores, textos complexos, textos muitas vezes mal-escritos, entre outras complicações.

³¹ O número de iniciantes que saem do ramo por acharem que “aquilo não serve”, por se estressarem demais com a exigência, é grande, conforme testemunhei, apesar de eu não dispor de dados percentuais precisos sobre essa questão.

3. O MODELO HOLÍSTICO DO GRUPO PACTE E A FORMAÇÃO DE TRADUTORES

Um texto é uma ação comunicativa que se pode concretizar por meio de uma combinação de meios verbais e não verbais.

Christiane Nord

Amparo Hurtado Albir, pesquisadora à frente do Grupo PACTE,³² tem tratado de como se forma um tradutor profissional e defende que se trata de ensinar e de aprender uma competência adquirida ao longo de um processo bastante complexo. Ela dá um grande destaque ao modelo de competências³³ tradutórias a partir de investigação empírico-experimental realizada pelo grupo mencionado (HURTADO ALBIR, 2005, p. 27), de modo que se consigam diferenciar etapas e processos de formação de um todo. Tal modelo de uma competência de tradução é resumido a seguir, composto de seis subcomponentes ou subcompetências que a autora defende estarem sistemicamente **interligados**:

1. *Subcompetência bilíngue*: é composta de conhecimentos essencialmente operacionais para a comunicação em duas línguas, como pragmáticos, sociolinguísticos, textuais e léxico-gramaticais;
2. *Subcompetência extralinguística*: envolve conhecimentos (bi)culturais e enciclopédicos; conhecimento de mundo;

³² *Proceso de Adquisición de la Competencia Traductora y Evaluación*, ou “processo de aquisição da competência tradutória e avaliação”, em minha tradução para o português; grupo da Universidade Autônoma de Barcelona, na Espanha.

³³ Entende-se aqui competência como o conhecimento necessário, seja empírico, seja teórico, para a realização de uma tarefa em nível satisfatório.

3. *Subcompetência de conhecimentos sobre a tradução*: corresponde aos conhecimentos do tradutor sobre o que rege os princípios da tradução no aspecto prático e sobre os seus aspectos profissionais;
4. *Subcompetência instrumental*: envolve um conjunto de conhecimentos operacionais, em essência, das fontes de documentação e das tecnologias de Informática e comunicação aplicadas à tradução;
5. *Subcompetência estratégica*: corresponde aos conhecimentos operacionais para garantir eficácia no processo tradutório. Nesse modelo, seu caráter é central – frente às outras competências – por controlar o processo tradutório e para planejar processos e elaborar o projeto tradutório; avaliar o processo e os resultados parciais obtidos em função do objetivo final perseguido; ativar as diferentes subcompetências e compensar deficiências entre elas; identificar problemas de tradução e aplicar os procedimentos para sua resolução;
6. *Componentes psicofisiológicos*: aqui temos não uma subcompetência, mas um conjunto de componentes cognitivos (memória, percepção, atenção e emoção); aspectos de atitude (curiosidade intelectual, perseverança, rigor, espírito crítico, conhecimento e confiança em suas próprias capacidades, conhecimento do limite de suas próprias possibilidades, motivação); e habilidades (criatividade, raciocínio lógico, análise e síntese, etc.).

Esse é um modelo que tem como pressuposto a formação de tradutores profissionais. Hurtado Albir afirma que essas competências “funcionam de maneira integrada” (*Ibidem*, p. 29), imbricada, mas existem hierarquias e variações entre elas. Segundo a pesquisadora, o lugar central é ocupado pela subcompetência estratégica. Abaixo, reproduzo o organograma desse modelo holístico de competência de tradução do grupo PACTE:

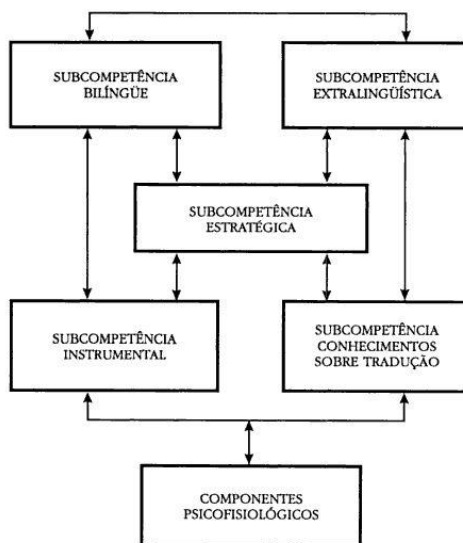


Figura 7: modelo holístico do grupo PACTE (HURTADO ALBIR, 2005, p. 28)

Antes de propor esse desenho de modelo de competência de tradução, Hurtado Albir, em volume intitulado *Traducción y Traductología* (2001), já havia proposto um modelo holístico algo diferente, composto de: 1) competência linguística; 2) competência extralingüística; 3) competência de transferência; 4) competência instrumental e profissional; 5) competência psicofisiológica e 6) competência estratégica.

Vejamos o que seria essa “competência de transferência”.³⁴ Em sua visão, naquela época, em 2001, a *competência de transferência* tinha lugar central e integrava todas as demais. Era definida como a capacidade de percorrer o processo de transferência, desde o texto original, até a reelaboração do texto final; ou seja, a capacidade de se saber compreender o texto original e reexpressá-lo na língua de chegada segundo a finalidade da tradução e as características do destinatário (HURTADO ALBIR, 2001, p. 395).

Assim, como se vê, em termos teóricos, as concepções sobre o que seja um trabalhador competente no ofício de traduzir ou sobre o que está envolvido em sua formação evoluem. Naturalmente, isso é inerente ao pensamento humano e tem se verificado desde as concepções pré-científicas – como, por exemplo, as de Lutero – sobre o que seja a tradução, a tarefa do tradutor e o que é preciso para uma pessoa tornar-se um tradutor competente.

³⁴ Cabe enfatizar que, em meu entendimento, uma competência de leitura do tradutor – ou *leitabilidade* – está imbricada nessa competência de transferência.

3.1. Contribuição desta pesquisa ao modelo de competências do grupo PACTE

Em termos gerais, analisando o trabalho diário de um tradutor profissional iniciante/sob efeito de distresse, seria possível modificar um pouco o desenho desse modelo.

Sua autora, atualmente, aponta como central a subcompetência estratégica, e pode-se perceber que os componentes psicofisiológicos ocupam um lugar à parte. A competência estratégica ocupa um lugar essencial porque integra todas as subcompetências.

Reforço a proposta de imbricação entre esses elementos, pois compartilho da mesma crença e tenho testemunhado como uma depende da outra. Todavia, defendo que, justamente pelo fato de a tradução ser uma profissão de tamanha exigência em termos de funções cognitivas (que exigem a interação entre bom funcionamento do *físico* e bom funcionamento do *mental/psíquico*), esses componentes assumem, pelo menos em algum momento, um ponto central. Seria possível aplicar o modelo abaixo tanto a novatos em geral quanto a profissionais experientes que estejam enfrentando problemas que influam em sua cognição, impedindo-os de realizar o trabalho da forma exigida. Uma vez que é comum, como já foi exposto, a tensão, o distresse e a ansiedade minarem os referidos componentes, defendo que, com seu mau funcionamento, a subcompetência estratégica é prejudicada.

Dessa forma, proponho uma reestruturação do modelo do grupo PACTE para aplicabilidade à prática tradutória em qualquer nível, mas principalmente para formação e para fases iniciais (quando pensamos em tradutores novatos em empresas de tradução), de modo que os tradutores se concentrem nesses elementos para que possam controlar melhor situações mais adversas:

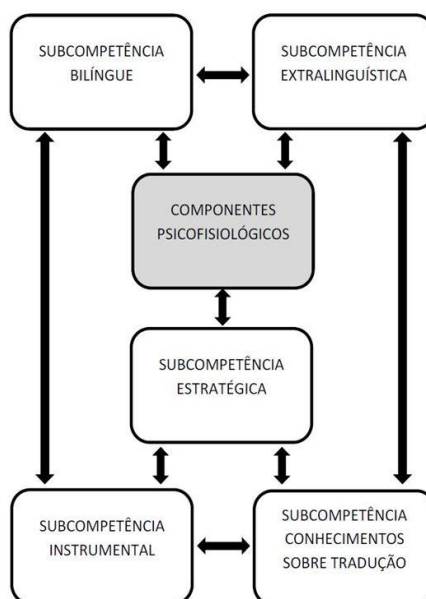


Figura 8: proposta de reestruturação do modelo do grupo PACTE para a prática do tradutor. (GONÇALVES, 2015)

Vê-se que todas as subcompetências estão interligadas (o que mantém a característica holística), partindo dos componentes psicofisiológicos (destacados para firmar sua centralidade, ainda que momentânea), que vejo como basilares para o trabalho adequado de um tradutor, iniciante ou experiente, pois esse profissional não apresentará condições “estratégicas” satisfatórias sem que esses componentes estejam em boas condições. Os subcomponentes que Hurtado Albir apresenta em termos de psicofisiologia (vide acima) são uma condição essencial aos tradutores, especialmente para o tradutor iniciante, e que creio que devem ser destacados em sua formação.

Como a própria autora afirma, ao tratar das diferentes competências de tradutores e de intérpretes, as habilidades linguísticas necessárias são diferentes, existindo até mesmo impedimentos fisiológicos para o exercício de uma ou outra – torna-se difícil imaginar, por exemplo, um intérprete com problemas de dicção (HURTADO ALBIR, 2001, p. 30). Da mesma forma, seria difícil conceber um tradutor/intérprete (novato ou não) que sofresse falhas de memória/cognitivas provenientes de problemas psicofisiológicos advindos de distresse ou algum outro fator.

É necessário explorar a possibilidade de formar tradutores fornecendo bons pressupostos teórico-práticos em termos de psicologia e estratégia de tradução, pois creio que esses elementos apresentem relação íntima, razão essa de eu propor uma adaptação do modelo do grupo PACTE para meus fins de situar o distresse laboral.

É importante lembrar que, no mercado, os tradutores (autônomos), ao prestarem serviços para empresas de tradução, trabalham diretamente com os gerentes de projeto, ou PMs,³⁵ como são comumente chamados. São os profissionais que gerenciam os serviços de tradução e servem para mediar as tarefas entre cliente, empresa de tradução e tradutor, em resumo. O básico aqui é lembrar que a gerência de projetos de uma empresa se centra principalmente em três elementos-chave: qualidade, velocidade e custo; três elementos que contribuem muito para o desenvolvimento de um cenário de distresse, que percebo como adversidade à produção de trabalhos de qualidade. Ainda a esse respeito, no manual de Gouadec, *Profession traducteur*³⁶ (2009), o autor discorre sobre as naturezas da tradução e do tradutor; as funções do tradutor, renda, trato com pessoas (tais como clientes e gerentes de projetos de agências), como é o mercado e, entre outras coisas, discorre sobre como deve ser o cotidiano do tradutor em suas mais diversas organizações pessoais e de trabalho.

Há ainda um capítulo que versa sobre problemas (ou não) de formação. Quanto a uma questão importante, como o gerenciamento de tempo, sabe-se, por exemplo, que tudo na vida cotidiana do tradutor assalariado ou autônomo tem como base a gestão do tempo de trabalho e dos prazos. Somente os tradutores assalariados e alguns tradutores editoriais podem, ao menos em teoria, gerenciar seu tempo de trabalho, pois suas entradas de trabalho estão teoricamente garantidas. Para tradutores autônomos, o gerenciamento de tempo é um quebra-cabeça permanente, porque os pedidos de trabalho são muito irregulares e não se pode recusar trabalho quando se teme que o cliente troque permanentemente de tradutor e/ou os prazos são curtos demais (normalmente porque o cliente “esqueceu” de planejar seu pedido) e/ou seu orçamento é muito apertado (todo orçamento se traduz em um prazo de execução, que por sua vez se expressa em um nível de qualidade/acabamento) (GOUADEC, 2009: p. 177).

A seguir, destaco a importância da leitura (tradutória) no modelo analisado.

3.2. A leitura e as competências tradutórias

Como foi visto nas seções anteriores, há um conjunto de competências e um conjunto de componentes psicofisiológicos que compõem o quadro de uma competência tradutória. Esses elementos, interligados, servem de base para a leitura e para a escrita do tradutor.

³⁵ Vide capítulo anterior.

³⁶ Uma rica obra de referência que tem como foco a prática tradutória no mercado de trabalho.

Se fosse necessário escolher qual, dentre leitura e escrita, é a etapa mais importante da tradução, eu escolheria a leitura. Naturalmente, a tradução se compõe das duas, mas uma má leitura tende a deixar poucos rastros na expressão escrita, podendo prejudicar o processo inteiro muito mais que uma má escrita, que em geral causa algum estranhamento formal e mais imediato para o revisor do texto. Das competências antes examinadas, percebo que a leitura se encaixaria melhor na chamada “subcompetência bilíngue”.

No caso da leitura tradutória, há uma sinergia com outras subcompetências (como a extralingüística e a estratégica), o que corrobora ainda mais o caráter holístico do modelo. Conforme foi visto no capítulo 2, há como que uma mistura de legibilidade e leiturabilidade na leitura tradutória. A referida leitura é complexa e profunda, e *sui generis* em certos sentidos: afinal, há vários tipos de leitura (MELLO, 2007) (como por *hobby* ou para se estudar ou aprender um assunto), enquanto a leitura tradutória ao mesmo tempo em que é singular deve também (no mercado de tradução técnico-científica) ser muito rápida. O esforço cognitivo para reunir eficiência e rapidez é bem grande. Para se chegar a um nível de competência nesse ponto é preciso muito treino e preparação adequada.

Levando em conta essa complexidade da leitura tradutória, concordo com Mary Kato (1985, p. 53), que destaca uma concepção de leitura na qual os processos ascendente (ou *bottom-up*,³⁷ que depende do texto) e descendente (ou *top-down*,³⁸ dependente do leitor) se imbricam, são complementares: a leitura é vista como interação entre leitor e texto. Quando alguém se depara com algo pouco familiar ou de todo desconhecido, seu processamento é basicamente ascendente (*bottom-up*); no caso de palavras, estruturas e conceitos já conhecidos ou previsíveis no texto, privilegia-se o processo descendente (*top-down*).

Segundo minha visão, o tradutor, embora faça uma mescla dessas leituras (o que Kato chama de “leitor maduro” [KATO, 1985, p. 40]), pende mais para a ascendente. O leitor tradutor, nos termos de Kato, é ao mesmo tempo “cooperativo” (*Ibidem*, p. 54) e “reconstrutor” (*Ibidem*, p. 56). A partir do que foi visto acima, entendo a leitura tradutória como um tipo de leitura altamente complexa na qual, considerando uma dada unidade ou segmento de tradução, há pelo menos as seguintes etapas:

³⁷ *Bottom-up*: da micro- para a macroestrutura; ascendente: “(...) faz uso linear e indutivo das informações visuais, lingüísticas, e sua abordagem é composicional, isto é, constrói o significado através da análise e síntese do significado das partes.” (p. 40). Pende mais para a contiguidade do que para a plausibilidade (KATO, 1985, p. 43).

³⁸ *Top-down*: da macro- para a microestrutura; descendente: “(...) é uma abordagem não-linear, que faz uso intensivo e dedutivo de informações não-visuais e cuja direção é da macro para a microestrutura e da função para a forma.” (KATO, 1985, p. 40).

- a) Leitura do sentido do segmento por partes e em seu todo;
- b) Leitura e ajuste de estruturas gramaticais com correspondentes na língua-alvo;
- c) Produção escrita do segmento na língua-alvo;
- d) Leitura/cotejo da unidade com unidades anteriores e posteriores;
- e) Releitura do segmento na língua-alvo mais um conjunto de segmentos;
- f) Releitura e finalização da escrita do segmento;
- g) Passagem para o próximo ciclo;
- h) Leitura final da língua-alvo.

Retomarei esses destaques em minhas considerações finais. Como foi visto acima, a leitura tradutória é aprofundada para que haja uma compreensão igualmente aprofundada do texto-fonte, e essa compreensão servirá de base para uma retextualização tradutória. Naturalmente, como esta pesquisa não é uma pesquisa específica sobre o tema da leitura tradutória, não trago maiores aprofundamentos sobre o tema. Ainda assim, conforme depreendo da bibliografia consultada, o distresse, por minar funções tais como atenção e memória, tende, infelizmente, a armar o cenário ideal para uma “leitura interferida”. Para fins deste estudo, entende-se leitura interferida como aquela que, sob o efeito do distresse, comporta algum tipo de falha de processamento da informação por parte do leitor. Assim, o canal de comunicação torna-se aberto a falhas, não havendo uma relação de mão dupla eficiente entre o leitor e o texto. Essa tarefa de leitura sofre uma interferência que pode impactar igualmente a produção textual tradutória, atingindo a escrita.

A seguir, tratarei de questões de formação da tradução tomando como base também o que foi exposto neste capítulo.

3.3. Questões da formação de tradutores

Considerando que parto de muitas das ideias de Hurtado Albir (2001; 2005), uma referência muito importante no âmbito da didática e formação de tradutores, vários elementos postos por essa autora não precisam ser reiterados aqui. Não esqueçamos também do estudo abrangente de Gonçalves e Machado (2006) sobre ensino de tradução e competências

tradutórias.³⁹ Cabe apenas dizer que formar um tradutor é formar uma pessoa que tenha um conjunto de competências específicas, todas altamente complexas e inter-relacionadas.

Além disso, dada minha defesa da centralidade dos componentes psicofisiológicos, em meio ao conjunto das competências que será necessário atingir para chegar-se a uma competência de tradução, cabe agora situar um determinado quadro de ensino de “tradução técnica”, em meio a uma formação universitária brasileira. Como não tenho como dar conta de todo um cenário nacional, recorro a um contexto mais próximo que tomo como referência e amostra representativa para esse todo. Tal escolha não significa menosprezar todas as especificidades de cada universidade ou de cada um dos centros de formação de que dispomos hoje em nosso país.⁴⁰

Esse quadro de formação, assim, será aqui representado apenas pelo que oferece a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Além de minha proximidade com esse curso, acredito que sua trajetória nacional justifique tomá-lo como referência. Afinal, em 2013 foi considerado o melhor curso de bacharelado do gênero do Brasil pelo Ministério da Educação. Em meio a esse cenário de formação universitária, tentarei situar ou identificar a consideração desses componentes psicofisiológicos e do distresse em meio à formação de seus estudantes, nossos futuros profissionais.

Tendo em vista minha graduação em tradução pelo Instituto de Letras da UFRGS, tento descrever, com base no exame de sua configuração curricular, o que se oferece em contraponto com o que vivenci no dia a dia do trabalho. Tratarei dos chamados “currículo antigo” e “currículo novo” do curso da UFRGS, visto que recentemente ele foi bastante modificado. Na versão antiga desse currículo, fui aluno; na atual, atuei como professor auxiliar⁴¹ de Terminologia e de Linguística.

Além de descrever um estado de coisas em termos de currículo e grades de disciplinas ou atividades de ensino, também faço considerações sobre a inter-relação dessa formação com

³⁹ De uma bibliografia selecionada sobre ensino de tradução e competências tradutórias, os autores separaram 17 competências: 1) competência linguística na língua materna, 2) competência linguística prévia na(s) língua(s) estrangeira(s), 3) competência linguística a ser desenvolvida na(s) língua(s) estrangeira(s), 4) competência pragmática e sociolinguística na língua materna, 5) competência pragmática e sociolinguística na(s) língua(s) estrangeira(s), 6) conhecimento de ambas as culturas das línguas de trabalho, 7) conhecimentos temáticos, 8) terminologia, 9) conhecimentos declarativos sobre tradução, 10) conhecimento relacionado à prática profissional, 11) conhecimentos relacionados ao uso de fontes de documentação, 12) tecnologias que podem ser aplicadas à tradução, 13) conhecimentos operativos/procedimentais sobre tradução, 14) aspectos cognitivos, 15) aspectos metacognitivos, 16) conhecimentos contrastivos, 17) aspectos emocionais/subjetivos (GONÇALVES e MACHADO, 2006, pp.53-56).

⁴⁰ Há, hoje, uma relativa boa oferta de cursos de formação e de aperfeiçoamento no Brasil. A esse respeito, veja-se DELGADO (2012, p. 12) e a página do e-MEC (emec.mec.gov.br/); dessa página, foram coletados dados de cursos de graduação e de especialização em tradução (o que inclui LIBRAS) que estão reproduzidos no Anexo V desta tese.

⁴¹ Tive bolsa de doutorado REUNI, que exige a atuação docente sob supervisão do orientador.

os tópicos de estudo nesta tese. Trago aqui apenas um exemplo entre outros cursos de graduação em Tradução hoje existentes no Brasil.⁴²

3.3.1. O currículo antigo do curso de Tradução da UFRGS

Minha formatura ocorreu em 2002, no que agora, em 2015, é chamado de “currículo antigo” do Bacharelado em Letras, cuja formação era e é a habilitação de **tradutor**. Esse currículo foi reformado em 2013. Sua base foi a que me habilitou a enfrentar, com maior ou menor sucesso, a trajetória de me tornar um tradutor de textos técnico-científicos, conforme relatei no início deste trabalho.

Naquele currículo, que se pode conferir no Anexo II no final desta tese, havia muito estudo de disciplinas de Literatura. Das etapas (semestres) 1 a 5, depois na 8, de um total de 9 etapas, havia muitos créditos de conteúdos de Literatura que deviam ser obrigatoriamente cursados. Vê-se também que a disciplina Terminologia I somente era oferecida na 8ª etapa, praticamente ao final do curso, após quatro etapas em que se cursavam disciplinas de prática tradutória, sendo que Terminologia é uma disciplina que oferece treinamento teórico-prático no quesito “textos técnicos, científicos e/ou especializados”. Para fins de ilustração, reproduzo um trecho do programa dessa disciplina, ainda oferecida em 2013/2:⁴³

SÚMULA: origem e desenvolvimento [da Terminologia]. Conceito, objetivo e métodos [da Terminologia]. Pesquisa terminológica: fontes documentárias, coleta, elaboração de fichas. Definição terminológica. Glossários e dicionários técnicos.

OBJETIVOS:

I – Apresentar a Terminologia como:

- disciplina e área de estudos historicamente estabelecida no mundo e no Brasil, a qual se ocupa dos fenômenos da comunicação técnico-científica em diferentes cenários de interação e de trocas de conhecimentos;
- campo de trabalho e geradora de recursos úteis para o profissional de texto e de tradução.

II – Proporcionar condições para que o aluno possa:

- identificar os conceitos básicos relacionados à Terminologia;
- compreender o desenho histórico e epistemológico da Terminologia como campo de estudos;

⁴² Ver nota 40.

⁴³ Em meio ao processo de transição entre o currículo antigo e o novo.

- reconhecer princípios teóricos e metodológicos das diferentes Escolas de Terminologia para o tratamento das terminologias e dos textos técnico-científicos com vistas à tradução, versão e revisão;
- criticar obras de referência e outros tipos de repertórios – incluindo bases de dados – que servem de apoio para o reconhecimento de especificidades das linguagens técnicas e científicas;
- realizar uma prática inicial com técnicas de pesquisa terminológica a partir de obras de referência e de *corpora* textuais com apoio de instrumentos informatizados;
- reconhecer princípios básicos para a implementação e condução de projetos terminográficos que visam à obtenção de glossários e de dicionários de diferentes perfis.

Penso que teria sido mais lógico oferecer essa disciplina antes de se iniciarem disciplinas de tradução. Isso porque ela prepara os alunos para a realização de pesquisas qualificadas e os treina para lançarem um olhar muito mais crítico sobre os textos, sejam eles os chamados textos técnico-científicos ou não.⁴⁴

O enfrentamento do estresse/distresse laboral em meio aos temas da tradução técnico-científica, entretanto, no currículo em que me formei, parece um elemento oculto.

Esse “currículo antigo” compunha-se de quatro anos e meio, com sete disciplinas obrigatórias de literatura nos primeiros semestres do curso, afora algumas disciplinas alternativas (das quais se escolhia obrigatoriamente uma) no 5º semestre. No 1º semestre, por exemplo, havia três disciplinas linguísticas (Conceitos Básicos de Linguística, Leitura e Produção Textual, e a primeira disciplina do idioma escolhido [Francês I, por exemplo]). Apenas na 4ª etapa, se começavam a estudar teorias de tradução e havia disciplina de prática de tradução; prática de versão só era introduzida na etapa 6, e nessa mesma etapa, na disciplina de prática de tradução III, começavam-se, finalmente, a traduzir textos técnico-científicos.

Vejamos agora como esse quadro curricular se alterou e em que medida um aspecto como o do estresse laboral para a tradução técnica está ou não contemplado.

3.3.2. O currículo novo do curso de Tradução da UFRGS

Pode-se dizer, seguramente, que o currículo novo⁴⁵ do curso de Tradução da UFRGS tentou ultrapassar problemas como os referidos na seção anterior, como o tratamento das

⁴⁴ Vale lembrar: pense-se em um texto literário tal como *O pêndulo de Foucault*, de Umberto Eco, e tente-se fazer uma separação radical entre texto técnico-científico e texto literário.

⁴⁵ Para mais detalhes, veja-se BEVILACQUA e REUILLARD, 2013.

terminologias de textos “técnicos” colocados apenas ao final do curso. Atualmente, embora ainda não tenha formado uma primeira turma nessa nova configuração, o curso parece mais direcionado para as exigências do mercado e tende a preparar os alunos para alguns problemas que usualmente enfrentarão. Saliento que não foi feita nenhuma comparação com os demais currículos desse tipo de curso do Brasil; meu objetivo é usar um exemplo de formação e ver nesse exemplo como se poderiam inserir temas como estresse laboral/distresse.

Na formação atual de nosso curso, os alunos têm a excelente possibilidade de estudar em um curso mais bem planejado para as competências tradutórias exigidas de um tradutor. Um aspecto digno de nota é que o planejamento desse currículo foi justamente inspirado pelo trabalho de Hurtado Albir (2001; 2005) e que foram colhidas impressões e recomendações de egressos atuantes no mercado de tradução (literária e técnica, incluindo o mercado de revisão de texto), empresas do ramo de tradução, editoras ou empresas de prestação de serviço em assessoria de linguagem. O trabalho dessa reestruturação esteve a cargo de uma comissão de professores especialmente constituída e foi objeto de discussões, com toda a comunidade universitária envolvida, submetido a votações e ajustes sucessivos até sua implementação.

Conforme pode ser visto no Anexo III, ao final desta tese, a redução de disciplinas de Literatura e o deslocamento de disciplinas de Terminologia, por si só, já são destaques quando se pensa na demanda da chamada tradução técnico-científica. No lugar de boa parte das disciplinas de Literatura, estão disciplinas voltadas a uma maior competência linguística (tais como “Teoria da Leitura” e “Revisão de Textos em Língua Portuguesa”). Essas disciplinas podem ser positivas, mas, no momento atual, vale repetir, ninguém ainda se formou neste currículo. Falta, por exemplo, a meu ver, algum treinamento que prepare melhor os alunos para que enfrentem situações de distresse (uma disciplina de gestão de projetos, por exemplo, ou uma disciplina que simule dificuldades do trabalho). No 3º semestre, nesta nova fase, antes de iniciarem disciplinas de prática tradutória, os alunos iniciam seus estudos de Terminologia. O currículo novo está, indubitavelmente, mais adequado às exigências do mercado desse tipo de tradução, apesar de a proposta inicial (Anexo IV, ao final desta tese), que serviu de base para esse currículo, ser mais completa e abrangente.

Como se vê em meus questionários (capítulo 5 e Anexo I), os tradutores que entrevistei relatam que sentem falta de treinamento mais direcionado referente a Informática. Porém, se observarmos o currículo da UFRGS, veremos que é oferecida a disciplina “Introdução à Informática” (de caráter eletivo). De qualquer modo, alguns professores costumam, atualmente, ainda que isso não conste formalmente na grade curricular, introduzir

o uso de ferramentas informatizadas específicas de apoio a tradução para seus alunos, pois essa é a tendência atual no mercado. Isso é feito em diferentes disciplinas, em um esforço coletivo de superar a lacuna de atividades de ensino específicas.

Ainda assim, uma possível nova melhoria curricular seria, a meu ver, a inclusão de uma disciplina específica que oferecesse rudimentos de Informática *para* tradutores e de ferramentas computacionais de auxílio à tradução. Essa disciplina deveria ser de caráter obrigatório, incluindo uma parte sobre o estudo de métodos e princípios subjacentes ao recurso de tradução automática.

3.3.3. Práticas atuais

Muito embora grande parte dos alunos do Curso de Tradução da UFRGS com quem realizei testes para esta tese refira-se à falta de conhecimentos de Informática como entrave, verifiquei que há um uso muito disseminado (pouco crítico) do tradutor do Google por parte dos estudantes de língua inglesa em suas tarefas de aula. Além disso, há também, cada vez mais, o uso (pouco crítico) do Linguee, uma ferramenta de *corpora* paralelos de traduções de vários idiomas. Enfim, hoje se usam ferramentas, mas parece ser um uso bastante inconsciente sobre suas naturezas e limites como apoio a um trabalho. Usa-se o recurso de apoio, mas não se consegue encará-lo criticamente, visto haver uma falta de conhecimento bastante disseminada sobre sua origem, limites ou modo de funcionamento.

Apesar disso, podemos considerar que, se bem usadas essas ferramentas, seria obtido: 1) tempo menor para a realização de suas tarefas; 2) esforço cognitivo menor para a resolução de problemas. Com o mau uso, entretanto, gera-se usualmente uma tradução de qualidade menor, principalmente quando o julgamento do aprendiz entre correto e incorreto ou adequado e inadequado ainda esteja pouco maduro. Como a proposta de um curso de formação de tradutores como esse é a de formar profissionais com boas competências, temos aí um problema no que tange a uma competência instrumental.

O uso de *Machine Translation* (MT) (especialmente o uso do tradutor do Google) pelo aluno do inglês muitas vezes não vem acompanhado do devido senso crítico. No currículo novo da UFRGS, embora presente, o tema da MT ainda aparece como algo colateral, pouco tratado em aula, assim como o uso de tecnologias de ajuda ao trabalho, como as ferramentas de memórias de tradução (TM). Apesar disso, nas duas disciplinas de Terminologia, por exemplo, utiliza-se alguma ferramenta computacional para análise de *corpus*, pois um *corpus*

deve obrigatoriamente ser composto nessas disciplinas. Em paralelo, tenta-se fazer alguma aproximação com TM e tradução automática.

Há aqui dois exemplos de ferramentas que são quase sempre utilizadas por iniciantes, mas com aceites pouco críticos de suas soluções. Os alunos de cursos de tradução devem ter bem claro que: 1) um mecanismo como o tradutor do Google serve para auxílio, não oferecendo soluções contextualizadas e sempre adequadas; 2) as soluções do *site* Linguee estão contextualizadas, mas em outros contextos. Logo, o que é oferecido por esses mecanismos deve passar por um crivo mais justo e rigoroso, tal como aquele que usamos ao consultar dicionários: precisaremos analisar cada solução oferecida segundo o contexto de uso que se apresenta, levando em conta também o tipo de dicionário que estamos utilizando. O auxílio de dicionários e enciclopédias tende a ser mais produtivo, se for feita uma consulta criteriosa, mas o resultado é mais demorado.

3.4. Algumas considerações

É importante que se saiba que, para julgar o que é oferecido por uma “máquina que traduz”, é preciso proficiência linguística e letramento – que têm a ver com uma competência textual relacionada com os parâmetros dos gêneros textuais e discursivos envolvidos. Isso se aplica mesmo que a máquina tenha sido alimentada por traduções humanas.

Assim, quando se pós-edita⁴⁶ uma tradução gerada automaticamente (por alguma ferramenta de MT), é preciso ter em conta a natureza do que se está fazendo e saber o que é e como funciona uma ferramenta desse tipo.⁴⁷ E, bem se sabe, cada vez mais se trabalha fazendo pós-edição de tradução automática, principalmente em empresas que recebem grandes lotes de textos técnicos relacionados a manuais de operação de equipamentos, de *software* e de jogos.

Em minha experiência no mercado de trabalho, havia casos de clientes que produziam um volume grande de textos a serem traduzidos. Para cortar custos, eles dispunham de um mecanismo de MT próprio e muito bem “treinado”. Após processar os textos originais nesses mecanismos, o texto pré-traduzido por MT passava pela revisão de um tradutor humano competente e bem treinado no assunto e que conhecia a ferramenta utilizada pelo cliente. Ou seja: nunca os textos eram revisados “a toque de caixa” por pessoas pouco competentes e/ou

⁴⁶ Trata-se da revisão realizada por um ser humano de uma tradução efetuada automaticamente por um *software*.

⁴⁷ Isso poderia ser introduzido em uma disciplina de Informática aplicada à tradução, por exemplo.

pouco treinadas. Era um processo cuidadoso, mesmo porque se sabia que havia tradução automática envolvida.

Logo, que fique claro que, para usar mecanismos automáticos e para se poder atuar com a pós-edição de MT – uma tendência de forte demanda no mercado –, é necessário muito senso crítico para se avaliar o que é oferecido automaticamente – sem contar que é preciso saber muito bem como um sistema desses funciona. É necessário se lembrar de que aquilo que a ferramenta nos oferece pronto é como um dicionário: temos de analisar cada entrada antes de aceitar qualquer opção de sentido ou de forma. Nesse sentido, tratar da boa pós-edição de MT com os estudantes seria um ganho nos currículos atuais. Infelizmente, este é ainda um tema tabu para muitos professores de tradução, embora a pós-edição humana da tradução automática tenha já cativado um espaço em eventos importantes sobre tradução no Brasil. Um exemplo disso vemos em um simpósio da ABRAPT – Associação Brasileira de Pesquisas em Tradução de 2013, no qual se tratou do assunto (ver em <https://abrapr.wordpress.com/2013/04/29/simposio-a-traducao-como-atividade-cognitiva/>).

Mencionei anteriormente que é necessário explorar a possibilidade de formar tradutores com bons pressupostos teórico-práticos em termos de psicologia e estratégia, pois creio que esses elementos apresentem relação íntima, razão essa de eu propor uma adaptação do modelo do grupo PACTE para meus fins. O dar-se conta das lacunas de seu conhecimento ou formação tende a aumentar o quadro de estresse laboral/distresse do jovem tradutor. Isso “colabora” para um efeito cíclico de distresse: a cada falha, e a cada percepção de falha, o distresse aumenta. Talvez se a formação atual também devesse dar mais ênfase à tradução como processo, e se compreendesse que determinadas etapas tendem a ser mais vulneráveis ao distresse, esse assunto pudesse ser mais bem tratado no âmbito de uma pedagogia de tradução, considerando, claro, a validade de minha proposta da centralidade dos componentes psicofisiológicos em meio ao quadro de distresse e cognição envolvido. A disciplina “Teorias de Leitura”, uma nova disciplina no currículo da UFRGS, que este ano será oferecida pela terceira vez, também poderia tratar desses processos se fosse privilegiado o tópico da leitura tradutória. A disciplina tem tido um encaminhamento progressivo para o tema, e alguns de seus investimentos podem ser conferidos em um *site* de apoio para ela, denominado **Teorias de Leitura em Tradução**, disponível em <http://www.ufrgs.br/textecc/traducao/teorias/>. Oferece-se um tratamento do tema da leitura tradutória, mas ele não tem um foco exclusivo.

Pode-se muito bem questionar até que ponto se pode afirmar que um dado desenho de currículo de um curso de graduação em Tradução poderia contribuir com um quadro de distresse. Uma possível resposta a esse questionamento é que lacunas temáticas contribuem

para que o egresso perceba que não sabe várias coisas que deveria saber previamente. A percepção de lacunas de formação ou lacunas de um conhecimento que se deveria ter buscado ao longo do curso, de modo autônomo, tende a agravar um quadro de distresse, especialmente do profissional novato.

Falemos agora do lugar do estresse laboral no modelo holístico do grupo PACTE.

3.5. O lugar do estresse laboral no modelo holístico do grupo PACTE

O estresse laboral é aquele que se instala sob condições estressantes de trabalho (CHIMINAZZO e MONTAGNER, 2004, s. p.). Em meu recorte, considero que algumas condições estressantes são: ter que prestar muita atenção a muitas coisas, tais como a tecnicidade⁴⁸ da tarefa; prazos reduzidos; e interação com clientes, gerentes de projetos e colegas.

Como se verá no capítulo 5, na análise de dados, há efeitos concretos – ou sintomas – desse distresse em ação: desconforto, insegurança, problemas de interação com colegas ou outros profissionais, desânimo, falta de atenção, falhas de memória. Conforme declara o Tradutor_6, respondente do questionário desta pesquisa:

(...) a formação de tradutores deve passar por um processo de natureza cognitiva e construtivista, com foco na aprendizagem designadas por tarefas, levando em consideração o seguinte: a competência que se pretende conseguir do estudante e que ele possa construir; o desenvolvimento de estratégias de aprendizagem; fundamentação empírica e a aquisição de atitudes e valores.

Em meu questionário, em se tratando de uma tradução de um texto técnico-científico, indaguei se bastaria seguir um glossário ou se haveria necessidade de se informar sobre a área tratada no texto. O Tradutor_3 comentou:

Concordo com a segunda opção⁴⁹ com ressalvas. As duas opções acima, mesmo se ambas forem satisfeitas simultaneamente, ainda assim podem ser insuficientes para traduzir corretamente um texto técnico, pois às vezes é necessário saber quando não seguir o glossário e

⁴⁸ O complexo assunto do texto técnico e as ferramentas computacionais usadas na tradução, além da grande organização pessoal necessária para traduzir e gerenciar as pastas do projeto de tradução, por exemplo.

⁴⁹ Vejam-se as opções no Anexo I.

quando as informações que temos sobre a área são insuficientes para entender o texto e traduzir seu conteúdo adequadamente.

Se o modelo holístico do grupo PACTE serve para embasar um treinamento profissional, esse treinamento deve abarcar os diferentes componentes que o modelo apresenta. Com isso em mente, é importante que se treine o futuro tradutor também para enfrentar situações estressantes, que são quase onipresentes no dia a dia do trabalho de tradução e que podem ser inseridas no campo dos componentes psicofisiológicos.

Nos questionários que criei e aos quais os tradutores contatados responderam, é mencionado que, conforme apontam, não há preparo suficiente dos corpos docentes de cursos de tradutores⁵⁰. Nessas reclamações, vemos que seria excelente se os professores tivessem experiência prática de mercado, tendo conhecimento de como funciona o dia a dia do trabalho (na esteira do que MARTINS [2006] aponta). Defendo que essa experiência prática já daria a eles, professores, condições de informar os alunos sobre as exigências que enfrentariam, e um preparo prévio que os ajudaria a amainar o distresse.

O que percebi no dia a dia, ao treinar tradutores recém-egressos da universidade, era um enorme desconforto em relação a todo um fluxo e organização de tarefas. Se não fosse pela questão linguística, seria algo quase completamente novo, desconhecido – o que alguma experiência, mesmo que a de um estágio curto ou a de uma visita de alunos a uma empresa, poderia ajudar a enfrentar em melhores condições. Nessas oportunidades em que realizei treinamentos com recém-formados, a grande atenção a muitos aspectos desconhecidos fazia com que houvesse muitos problemas com aspectos conhecidos: aspectos de idioma. Problemas com o idioma, fruto de um nervosismo com o novo, acabavam desequilibrando mais ainda o profissional, que se sentia mal por estar pecando justo em algo para o qual ele foi bem-formado. Isso, infelizmente, parecia gerar um ciclo.

Se o modelo holístico do grupo PACTE fosse adaptado, um problema como esse estaria contemplado nos *componentes psicofisiológicos*. Ademais, se poderia entender que esse problema estaria minando também a *subcompetência estratégica* (não conseguir gerenciar o projeto tradutório como um todo; não ter a capacidade de compensar uma falta em algum aspecto) e a *instrumental*, por exemplo (incapacidade de buscar as fontes adequadas).

Meu destaque, então, reitero, é para a validade de uma centralidade dos *componentes psicofisiológicos*, se o modelo do grupo PACTE for tomado de empréstimo para aplicá-lo à

⁵⁰ Ao menos no que se refere ao curso de inglês da UFRGS no momento desta pesquisa.

prática tradutória, não à formação. Diga-se que essa prática tradutória não é a geral, mas a prática sob influência do estresse laboral (que é um distresse), principalmente em iniciantes.

Cabe agora uma discussão sobre tradução técnico-científica.

4. SOBRE TRADUÇÃO E TRADUÇÃO TÉCNICO-CIENTÍFICA: DO FUNCIONAL AO TEXTUAL

As convenções de gênero não são universais; essas são ligadas a determinada cultura em determinado momento.

Christiane Nord

Neste capítulo, farei uma contextualização teórico-prática sobre tradução, culminando na chamada tradução técnico-científica.⁵¹ Serão trazidas à tona algumas problematizações sobre a tarefa, e finalizarei com a proposta teórica à qual me filio, de modo a destacar minha visão sobre tradução em meu contexto.

Tome-se como exemplo o tradutor novato. Como ocorre frequentemente nas empresas de tradução, esse é um factótum. Ele assume diversos tipos de tarefa (frequentemente concomitantes), utilizando várias ferramentas de computador e trabalhando com uma ampla seleção de assuntos. O tradutor experto, por sua vez, em geral é especializado em determinado assunto, mas também não foge do uso de diversas ferramentas e de diversos tipos de tarefas. Logo, pode-se resumir a atividade do tradutor, nesse contexto específico de tradução técnico-científica e de trabalho, como: *fazer o que se pede, quando se pede, como se pede e para quando se pede*. Para cumprir essas tarefas, a solução não é tão simples quanto possa parecer à primeira vista. Isso não distingue novato de experto no mercado de tradução técnico-científica. Apesar de essas quatro “leis” se aplicarem a quase todas as tarefas profissionais que se conhecem, em relação a organização pessoal, parece haver uma necessidade de autoafirmação na atividade de tradução que impede que as pessoas em geral sigam essas

⁵¹ Veja-se a nota 1, acima.

regras. Isso afeta mais novatos: existe a crença na liberdade de criação e em interpretações mais amplas do que a tarefa, ou o contexto, permite.

Centrando-me mais na questão de várias tarefas concomitantes e da organização pessoal, uma questão fundamental pode ser vista em Azenha Junior (AZENHA JUNIOR, 1996, p. 137): de um lado, temos um tradutor desorganizado e pouco produtivo; de outro, um tradutor muito organizado. Esse tradutor organizado evita, segundo Azenha Junior, o estresse do primeiro e reduz sua margem de erro. É possível inferir que uma das melhores coisas para se evitar distresse é organização e autocontrole. Vale reconhecer que o texto de Azenha Junior destaca-se, entre outros aspectos, por explicitar o quanto o trabalho do tradutor técnico é importante e complexo, e também o quanto a organização pessoal e do trabalho são importantes.

Boa parte dessa organização deve ser concentrada nas características técnicas do trabalho que está sendo realizado. Na página 140 do mesmo texto, Azenha Junior destaca a problemática de se lidar com terminologias já consagradas, mas que não integram “a praxe da empresa”. Isso é cada vez mais comum, de modo que muitas empresas produzem uma terminologia própria, à margem das padronizações. Diferentes empresas de um mesmo nicho de mercado parecem querer assumir uma identidade X por meio de terminologias e modos de dizer distintos e peculiares. Em se tratando de terminologia, mesmo em linguagem técnica, de caráter mais rígido, tudo é dinâmico; há maleabilidade (*Ibidem*, p. 141). Azenha Junior também destaca a noção que sigo (vide adiante) de que o texto técnico-científico é “um todo estrutural e funcional”, citando Hoffmann, que indica a importância de todos os níveis da hierarquia linguística dos textos técnicos (*Idem*) – de modo que as terminologias são apenas uma parte nesse todo.

Já Márcia A. P. Martins, ao longo do artigo “Novos desafios na formação de tradutores”, questiona como formar tradutores para o mercado atual. Em nível universitário, conforme aponta, faz-se necessário atualizar as abordagens em geral. Essa autora destaca que a formação universitária do tradutor é cada vez mais valorizada e necessária. Isso provoca nosso pensar sobre os desafios do ensino da tradução, sendo que os professores de tradução deveriam ter um perfil híbrido, que conjugasse “(...) formação pedagógica e experiência tradutória” (MARTINS, 2006, pp. 26-27).

Em períodos de expansão econômica, com grandes demandas de consumo, produção e fomento de tecnologias, como é o momento atual no Brasil e como já foi, por exemplo, o de

Juscelino Kubitscheck de Oliveira,⁵² veem-se épocas ricas para a tradução. Isso se deve em parte ao fato de as empresas multinacionais precisarem de grande volume de tradução de manuais e do material de *marketing* de seus produtos.

Mas, em meio ao trabalho abundante, para se preparar bem um profissional para esse contexto, é de suma importância boa formação dirigida. Só assim esses tradutores poderão dispor de bons conhecimentos técnicos de tradução, entre os outros vários conhecimentos. A esse respeito, Martins destaca que o principal objetivo de um curso para formação de tradutores é levar o aprendiz a adquirir a competência tradutória e a integrar-se com a comunidade (*Ibidem*, p. 27).

Citando Don Kiraly (2000), a autora sublinha a importância de uma *competência tradutória* que transcenda o textual. Entre as “competências do tradutor” que são atualmente exigidas, Martins destaca que é necessário 1) conhecer as ferramentas tecnológicas (ou de computador) disponíveis e utilizá-las para aumentar sua produtividade e a qualidade de suas produções; 2) ter a capacidade de se familiarizar com novos assuntos e dominar novas modalidades de tradução rápida e eficientemente; 3) ser capaz de identificar e observar as normas e convenções vigentes nas novas comunidades discursivas que deseja integrar; 4) estar preparado para justificar suas opções e escolhas tradutórias, caso venha a ser questionado; 5) saber trabalhar em conjunto com outros tradutores e com especialistas (MARTINS, 2006, pp. 29-30). Acrescentamos a isso bom autogerenciamento no que tange ao distresse, pois esse “saber trabalhar com outros profissionais” tende a ser um gerador de distresse.

Em meio a um trabalho de equipe, é necessário saber criticar e receber críticas. Quem critica precisa saber não ser cáustico; quem recebe críticas deve reconhecer que estas têm (quase) sempre algo de construtivo, devendo saber gerenciá-las para delas tirar o melhor proveito possível. Martins declara que as preocupações do professor atual de tradução devem ser tentar apresentar, analisar, desenvolver e vivenciar os requisitos e componentes das competências tradutórias mais valorizados, fazendo com que os alunos de tradução trabalhem em equipe, negociem com os colegas, com o professor e até com clientes (preferencialmente em situações reais, não simplesmente simuladas), desenvolvam a capacidade da autoavaliação (em termos da qualidade de seu trabalho, de sua produtividade e possibilidade de cumprir prazos e dar conta de tarefas) e busquem uma atualização constante de tecnologias e de conhecimentos (*Ibidem*, p. 29).

⁵² Vide a esse respeito o capítulo “A década de setenta”, de WYLER, 2003.

Essa descrição acima destaca a importância de uma docência voltada para as exigências do mercado e para a necessidade de expor o estudante a críticas – mais e menos duras – de modo que ele saiba se posicionar perante elas. Receber críticas será uma constante ao longo do trabalho, e críticas atentas e construtivas sempre tendem a ser muito úteis para o profissional. Acrescento que, nesse caso, é importante também incluir indicações para o estudante diminuir o distresse da posição de criticado, ou com ele aprender a lidar.⁵³

Vale citar o destaque que Martins dá a algumas das características do professor de tradução *necessário* de hoje: 1) ter experiência tradutória; 2) ter didática; 3) saber avaliar; 4) usar ao menos algumas ferramentas eletrônicas disponíveis; 5) conhecer bem diversos assuntos e 6) estar familiarizado com diferentes modalidades de tradução (*Ibidem*, p. 40). Destaca ainda que um ambiente de ensino propício contribui para reduzir as angústias de futuros profissionais (*Ibidem*, p. 42).

Destaque-se que sempre existe o risco de falhas, que vão da falta de autocontrole à falta de conhecimentos necessários para uma tarefa, risco que culmina em uma angústia que se pode refletir na produção textual. No tocante a essa angústia, a esse distresse de não se saber bem o que se vai fazer e ao que se ater, discorri no capítulo 2, no qual tratei em mais detalhe de distresse/estresse.

Feito esse breve levantamento de alguns dos problemas relacionados à tradução, vale agora seguir para uma exploração de ideias que compõem a teoria de tradução que julgo representar meu contexto. No terreno da tradução técnico-científica, em que há enorme responsabilidade pelo conteúdo com o qual se trabalha, é necessário prestar a devida atenção a como um texto a ser traduzido funciona, para que sua tradução também assuma uma funcionalidade em seu alvo. Na seção a seguir, tratarei da teoria funcionalista da tradução à qual me filio.

4.1. Uma teoria funcionalista da tradução: do escopo à lealdade

Nesta subseção, tratarei de uma teoria funcionalista. Irei do escopo (a Teoria do Escopo), de Reiss e Vermeer, até o funcionalismo de Nord, que traz sua grande contribuição com seu conceito de “lealdade”.

Para contextualizar, vê-se que em Nord (2005, p. 5) fica situado que o enfoque funcional sobre a tradução foi sugerido por Reiss em 1971. Aí, essa categoria de função

⁵³ Um professor deve indicar a importância do lazer, da prática de atividade física, etc.

substituiria o critério comum de crítica baseada em equivalência em casos em que o texto-alvo teria um propósito diferente do texto-fonte. De 1978 em diante, tanto Reiss quanto Vermeer (em especial) postularam a regra geral de que *o propósito do texto-alvo determina os métodos e as estratégias da tradução*, não a função do texto-fonte. Ainda em 1978, Vermeer formulou esse postulado como sendo a regra do escopo.

Abaixo, tomando como base o manual de Katharina Reiss e Hans J. Vermeer (REISS e VERMEER, 1996), exporei em linhas gerais o modelo funcionalista do escopo, de modo a deixar mais claro meu ponto de vista, para depois chegar a Nord, com o conceito de **lealdade**. O referido manual é dividido em duas partes: a primeira trata da teoria geral; a segunda, de teorias específicas. Para este trabalho, trarei contribuições da primeira parte.

Já no prólogo do manual, entende-se que toda ação está direcionada, de maneira mais ou menos consciente, a determinado objetivo; essa ação se realiza de tal forma que esse objetivo possa ter o maior sucesso possível na situação correspondente. Ele deve “funcionar” da melhor forma possível na situação e nas condições previstas. Entra em jogo, então, a capacidade de funcionamento do chamado *translatum*, ou o resultado da “translação” em certa situação. Há ação; há comportamento intencional. Leva-se em conta que toda ação depende de uma situação (por exemplo, uma situação histórica, uma comunidade, uma condição social). Esses elementos se relacionam aos interlocutores de uma interação e sua relação mútua.

A translação é uma oferta informativa que imita outra oferta informativa. Partindo da conceituação de “língua”, qual seja, “(...) conceito geral que abarca todos os meios dos quais se utilizam os membros de uma comunidade para comunicação mútua”⁵⁴ (REISS e VERMEER, 1996, p. 15), composta de signos, sendo uma “estrutura semiótica” formada por esses, há nisso três características a serem destacadas: 1) o **caráter sógnico**, ou seja, um elemento sinaliza outro; 2) o **caráter estrutural**, que remete às relações que os signos de uma língua mantêm entre si, e 3) a **capacidade comunicativa**, segundo a qual se parte do pressuposto de que um receptor é capaz de interpretar um signo segundo o objetivo desejado por seu emissor (*Ibidem*, pp. 15-16).

Essa teoria é conhecida como *Skopostheorie*: em outras palavras, “teoria do escopo”, sendo que “escopo” é tido como “finalidade” ou “objetivo”, “para que serve”; isso tem papel fundamental no “como” funciona uma tradução. Pode-se asseverar que uma ação – ou uma tradução, chamada de translação/ação translativa na teoria – deve servir para determinado propósito. Logo, ela tem uma função. Daí chamar-se a teoria de “funcionalista”. Entende-se

⁵⁴ (...) *concepto general que incluye todos los medios de los que se valen los miembros de una comunidad para comunicarse entre sí* (as traduções são minhas).

que tradução, ou translação, não é simples reprodução linguística de um texto em outro idioma. Uma translação é uma forma especial de interação que parte de um texto produzido anteriormente e depende desse texto de partida e das condições de sua produção (*Ibidem*, p. 14).

Há, portanto, um viés pragmático, mais voltado para a prática tradutória. Isso se entende melhor pensando-se que uma ação (ou tradução) tem um objetivo X, conscientemente ou não. Por exemplo, vê-se em Gentzler (2009, p. 101) que determinados textos, tais como descrições de produtos, podem exigir descrição palavra por palavra, ao passo que anúncios publicitários têm mais liberdade. Gentzler afirma que a abordagem funcionalista empresta ao tradutor flexibilidade para decidir qual abordagem funciona melhor em determinada situação. O tradutor tem licença para participar da produção do texto final.

Deve-se ter claro que um texto é concebido e redigido em determinada condição, em geral diferente da condição-alvo quando de sua tradução; os “usuários” do texto, em suma, são outros. Existe uma ação prévia (texto-fonte) que deve ser continuada (texto-alvo).

O resultado de uma translação é chamado de *translatum*, o que traz à tona o todo funcional que foi traduzido, não se limitando a questões linguísticas, de texto, de fidelidade a texto. É interessante notar que, se fôssemos estritamente fiéis ao texto de partida, deveríamos inclusive repetir possíveis erros – gramaticais, por exemplo – deste, o que não deve ocorrer. Logo: “O princípio dominante de toda translação é sua finalidade.”⁵⁵ (REISS e VERMEER, 1996, p. 80); essa finalidade – ou função – guiará as decisões do tradutor. Por meio do que chamam de “co-orientação reflexiva” (*Ibidem*, pp. 82-83), há uma dupla reflexão, uma emissão e uma interpretação, entre emissor e receptor. Há, então, função pretendida (emissor) e função interpretada (receptor).

Determinadas modificações em um texto de partida pelo de chegada são, dessa forma, justificáveis: em lugar de essencialmente modificar uma função, essas modificações a reproduzem, dentro da medida do possível. Dito isso, entende-se que não há maneira única de se realizar uma tradução; toda tradução irá variar segundo seu escopo/meta (*Idem*, p. 84). Então, segundo a chamada “regra do escopo”: “Uma ação é determinada por sua finalidade (está em função de sua finalidade).”⁵⁶ (*Ibidem*, pp. 84-85).

Quando Reiss e Vermeer citam comunicação oral de Hella Kirchhoff, que propõe uma metodologia de fases de decisão funcional relativas à translação, tem-se: 1) determinação do escopo: que tipo de receptores têm-se como alvo? 2) atribuição prévia de valores, conforme o

⁵⁵ “*El principio dominante de toda traslación es su finalidad.*”

⁵⁶ “*Una acción viene determinada por su finalidad (está en función de su finalidad).*”

escopo fixado: quais as modificações exigidas segundo o escopo? 3) concretização do escopo: o escopo que foi determinado é o que guiará o texto final com base na análise do tradutor (*Ibidem*, pp. 85-86).

Deve haver – pelo menos – conhecimento de língua, de cultura e da função que a tradução terá. Sabe-se que o escopo de determinado texto-alvo pode ser diferente do escopo do texto-fonte. Há inclusive hierarquias de escopo (*Ibidem*, p. 86). Têm-se três modos de se justificarem as discrepâncias de escopo entre original e tradução: 1) uma translação é, inicialmente, uma ação de produção textual que se difere da elaboração do texto de partida. Logo, pode ter objetivos distintos; 2) define-se a translação como um tipo especial de oferta informativa; parte-se do princípio de que o emissor oferece uma informação quando espera que essa seja interessante para o receptor, contendo algo novo; esse “novo” consiste no diferente escopo da oferta; 3) há necessariamente uma transferência cultural e linguística na translação, pois cada língua, cada cultura, tem sua estrutura que serve de base para a estruturação dos elementos, os valores que estes ocupam em relação aos demais; há como que uma personificação de línguas e culturas, tidos como “indivíduos” (*Ibidem*, pp. 86-87).

Assim, a tradução/translação sempre se constitui em uma ação transvalorativa, no sentido de que diferentes valores terão seu lugar no texto traduzido.

Uma das maiores críticas a esse modelo é a liberdade excessiva que ele pode permitir. A pesquisadora Christiane Nord traz uma contribuição que refreia essa liberdade excessiva, e traz à tona também as pessoas envolvidas na negociação da tradução. Discorrerei sobre essas contribuições na seção a seguir.

4.1.2. Lealdade

A posição de Christiane Nord se aproxima muito da teoria funcionalista proposta por Reiss e Vermeer que foi exposta acima. O funcionalismo de Nord é uma continuação da noção de escopo, pois ela não abraça totalmente a causa de Reiss e de Vermeer.

A pesquisadora considera sua teoria aplicável a qualquer natureza de tradução: seja literária, seja técnica, seja científica. Essa pesquisadora segue o pressuposto funcionalista de que as traduções são feitas segundo um objetivo – um *skopos*/escopo –; a recepção, a situação comunicativa da tradução em si (o texto-meta) são fatores-chave desse processo. No intuito de se afastar da liberdade extrema do *skopos* e manter uma característica funcionalista, Nord defende que se deve ser **leal** ao cliente que solicitou/encomendou o trabalho de tradução. Nord costura a função do texto traduzido com a lealdade. Vejamos, então, questões

relacionadas a essa noção de **lealdade**, que vai além do escopo. Comece-se por um artigo representativo, em que a estudiosa discorre sobre aquilo que vejo como um bom tradutor, bem formado (NORD, 2000, pp. 29-30). Muitas coisas interessantes podem ser verificadas diretamente no referido artigo, mas algo dele deve ser especialmente trazido para este trabalho: o conceito de **tradutor funcional**. Para Nord, esse tradutor:

- 1) é consciente de que as traduções servem para várias funções comunicativas na prática tradutória atual; essas funções nem sempre são as mesmas que o texto-fonte teve como objetivo; esse é o *conhecimento profissional*;
- 2) sabe que o rol de signos (não) linguísticos que perfazem um texto é orientado por fatores situacionais e culturais, e que esse princípio se aplica tanto à produção textual da cultura-fonte quanto à da cultura-alvo; essa é a *competência metacomunicativa*;
- 3) consegue identificar os pontos relevantes em que o comportamento dos representantes de um dado par de culturas ou diaculturas em uma dada situação é tão divergente que pode levar a conflitos ou mesmo interrupções de comunicação; esse tradutor encontra maneiras e meios de resolver conflitos culturais sem pender para um lado ou para outro; essa é a *competência intercultural*;
- 4) sabe que, graças a convenções culturais, estruturas aparentemente semelhantes ou análogas de duas línguas nem sempre são utilizadas com a mesma frequência ou na mesma situação pelas respectivas comunidades culturais, e que o uso do conjunto inadequado de signos pode interferir muito na funcionalidade do texto;
- 5) é capaz de produzir um texto-alvo que sirva à função desejada mesmo que o texto-fonte esteja mal escrito ou tenha sido mal reproduzido; essas são *capacidades de escrita*;
- 6) sabe como utilizar as ferramentas de auxílio à tradução tradicionais e modernas (ou eletrônicas) e fontes de conhecimento; essa é a *competência de mídia*;
- 7) tem bom nível de educação geral e um melhor conhecimento específico do tópico do texto-fonte (ou sabe como compensar de maneira eficaz qualquer falta de conhecimento); eis a *competência de pesquisa*;
- 8) trabalha rápido, apresenta boa relação custo/benefício e busca a perfeição, mesmo sob grande pressão; eis a *resistência ao estresse*;
- 9) sabe o valor de suas traduções (= autoafirmação a partir do ponto de vista do profissional, segurança ou confiança aos olhos dos treinadores).

O tradutor funcional é, no final das contas, muito versátil e completo. Nord é a favor do que chama de *pig-tail method* para o treinamento de tradutores, ou método de imbricação: inicia-se com um pouco de teoria, que se aplica à prática, onde a necessidade de mais teoria é óbvia, e é satisfeita por mais uma porção de teoria, e assim sucessivamente (*Ibidem*, pp. 34).

Atualmente, na prática tradutória diária, o *trabalho em equipe* e as *habilidades de gerenciamento* são pré-requisitos para alguém ser um tradutor. Esses pré-requisitos são de difícil aquisição em uma sala de aula tradicional. Nord indica que seria interessante organizar o treinamento de tradutores fazendo projetos, nos quais cada estudante pudesse assumir diversos papéis: cliente, revisor, terminólogo, etc. (*Ibidem*, pp. 39).

Retornando ao assunto de o que venha a ser um bom tradutor, os princípios básicos de uma **tradução funcional**, tal como foram resumidos por Nord (*Ibidem*, pp. 142-143), são:

- O propósito da tradução determina a escolha do método e da estratégia da tradução (princípio da funcionalidade).
- A aceitabilidade dos propósitos da tradução é limitada pela responsabilidade do tradutor com relação a seus parceiros na atividade cooperativa da tradução (princípio da lealdade).
- O propósito da tradução é determinado pela ordem de serviço da tradução, que, implícita ou explicitamente, descreve a situação para a qual o texto-alvo será necessário.
- O fator mais importante dessa situação-alvo definida pela ordem de serviço da tradução é a função ou hierarquia de funções que se espera(m) ser alcançada(s) pelo texto-alvo.
- Função, ou funcionalidade, não é uma qualidade inerente ao texto, mas uma qualidade que se atribui ao texto pelo receptor no momento da recepção. Dessa forma, é o receptor quem decide se (e como) um texto "funciona" (para ele/ela, na situação dada).
- Um produtor de texto (e o tradutor na qualidade de produtor de texto) objetiva produzir um texto de tal forma que os receptores reconheçam sua função pretendida, aceitando-o como funcional exatamente para essa dada função. Para atingir esse objetivo, esses receptores utilizam “marcadores funcionais” linguísticos e extralinguísticos. Esses marcadores podem ser interpretados corretamente apenas por parte do receptor caso pertençam a um “código de marcador” com o qual estejam familiarizados.

- A função (ou hierarquia de funções) pretendida para o, e/ou obtida pelo, texto-alvo pode ser diferente daquela(s) pretendida(s) pelo, e/ou obtida(s) pelo, texto-fonte, contanto que não seja contraditória, ou incompatível, com a(s) intenção(ões) comunicativa(s) do autor do texto-fonte.

A essa altura, vale explorar o conceito citado no segundo item acima, o de lealdade⁵⁷ (do alemão *Loyalität*), de Nord. Segundo ela, o tradutor deve lealdade ao:

- a. autor do texto-fonte;
- b. destinatário do texto-alvo;
- c. cliente que solicitou a tradução,
- d. objetivo, ou à função, da tradução.

A situação comunicativa do texto-meta faz com que o objetivo da tradução seja definido. Como diz Nord (2006, p. 40), a lealdade se refere sempre à atitude ou ao comportamento *do tradutor*, não do texto ou da tradução: esses últimos não poderiam ser leais. O que é ou não leal é o comportamento do *tradutor*. Tradutores são negociadores, e nessa negociação deve haver lealdade. Lealdade é uma relação de confiança *entre as pessoas envolvidas na tradução; é interpessoal, não intertextual*. Isso se refere mais à *intenção do autor*: logo, um texto deve funcionar, em uma determinada situação comunicativa, tal qual seu produtor deseje que ele funcione para seu público de leitores-alvo. **Lealdade**, portanto, seria: **uma responsabilidade que o tradutor tem para com as pessoas envolvidas no processo tradutório**. Essa conduta de lealdade empresta à *Skopostheorie* certo limite, pois essa é comumente interpretada como muito aberta. O conceito de lealdade bate de frente com a excessiva liberdade que se possa imaginar que haja ao se centrar mais na função do texto-alvo.

Adendo à ideia de ser leal ao objetivo da tradução, vê-se em Umberto Eco (2007) algo como um amparo a essa ideia de Nord, quando se lê que a fidelidade⁵⁸ das traduções não é um

⁵⁷ Em um de seus livros (NORD, 2005, pp. 32-33), por exemplo, entende-se **lealdade** como uma responsabilidade bilateral de parte do tradutor: este está comprometido bilateralmente ao texto-fonte e à situação do texto-alvo, e deve responsabilidade ao emissor do texto-fonte (ou o iniciador, se este for também o emissor) e ao receptor do texto-alvo. Essa responsabilidade é o que Nord chama de **lealdade**: um princípio moral indispensável no relacionamento entre seres humanos, que sejam parceiros em um processo comunicativo, ao passo que fidelidade é um relacionamento um tanto técnico entre dois **textos**.

⁵⁸ É interessante consultar a ideia de *conteúdo nuclear* (ECO, 2007, p. 101-102), entre outras, para se entender melhor o que Eco diz em se tratando de fidelidade.

critério que leve à única tradução aceitável, mas o empenho em identificar aquilo que nos mostra ser o sentido profundo do texto (ECO, 2007, pp. 425-426). Eco também afirma que: “Se consultarem qualquer dicionário, verão que entre os sinônimos de *fidelidade* não está a palavra *exatidão*. Lá estão antes *lealdade*,⁵⁹ *honestidade*, *respeito*, *piedade*” (*Ibidem*, p. 426) (negrito meu).

Com o que foi exposto, pretendo destacar o que segue. Todo e qualquer texto técnico-científico, embora tenha uma imagem geral de ser mais duro, inanimado, tem uma identidade, um público-alvo, uma maneira determinada de ser lido e de ter seus significados depreendidos da maneira mais adequada possível. Enfim, tem uma função e deve funcionar da maneira pretendida em seu alvo e de acordo com princípios de lealdade.

De vários componentes do texto técnico-científico, talvez o mais conspícuo, o que empreste mais características de tecnicidade ao texto, seja a presença de terminologias. Resta saber o quanto esses elementos pontuais seriam ou não pontos focais da relação entre estresse, cognição, leitura tradutória e a tradução técnico-científica. Adiante, ainda que não entrando diretamente nessa questão, iniciarei uma incursão no terreno da (T/t)erminologia.

4.2. O lugar da terminologia, em seus vieses teórico e prático, na tradução técnico-científica

Nesta seção, farei uma incursão aos estudos de (T/t)erminologia. São diversas tendências no que se refere a teorias de terminologia, ou Terminologia. O texto técnico-científico tem a característica singular da presença de termos, ou mesmo de uma linguagem dita técnica: isso compõe o que se chama de terminologia, que é explorado sistematicamente pela Terminologia. Havendo essa diferença de grafia, com “t” minúsculo/maiúsculo, vale lembrar que a Terminologia, grafada com “t” maiúsculo, corresponde a uma área de estudos ou disciplina que se ocupa, em geral, dos fenômenos das linguagens técnicas, especializadas ou científicas. Sua história é relativamente recente, no âmbito dos estudos da linguagem, e é marcada por enfoques que vão do prescritivo ao descritivo no que se refere ao tratamento das terminologias. Há enfoques mais centrados nos termos; outros se centram mais nos textos ou discursos em que esses termos se inserem e “funcionam”. Há diversas vertentes de teorias da

⁵⁹ Se o Dicionário Houaiss for consultado, por exemplo, pode-se ler, já na primeira acepção desse substantivo: “característica, atributo do que é fiel, do que demonstra zelo, respeito quase venerável por alguém ou algo; lealdade”.

Terminologia, tais como a Teoria Comunicativa da Terminologia (CABRÉ, 1999), a Teoria Sociocognitiva da Terminologia (TEMMERMAN, 2000)⁶⁰ e a Linguística das Linguagens Especializadas (HOFFMANN, 2004).

Agora, importa destacar que aquilo que se chama de *texto técnico-científico* tem⁶¹ como algumas de suas características (a) maior precisão, (b) natureza especializada, (c) pouca ambiguidade, é (d) usado por e para especialistas em/de um dado domínio, (e) tem convenções linguísticas específicas. O texto técnico-científico tem caráter altamente pragmático, sendo um texto “utilitário”. É desse texto técnico-científico “(...) que emana, diariamente, a panóplia de atividades que enformam a vida das pessoas: quer sejam atividades profissionais, escolares, ou lúdicas” (CAVACO-CRUZ, 2012, p. 11). O contexto em que um texto técnico-científico está inserido constitui-se de uma situação comunicativa ímpar. Cavaco-Cruz bem define texto técnico como algo que tenha emissores, destinatários e situação comunicativa especializados (*Ibidem*, p. 14).

Observei, ao longo do tempo, que o tradutor, principalmente iniciante, sob o distresse de não saber bem o que fazer nem como fazer, dado o que já foi exposto, parece ser guiado por determinados *automatismos linguísticos* que acabam por prejudicar sua atuação profissional: automatismos linguísticos, aqui, seriam redigir um texto comum com a simples presença de termos, sem se ater às outras características identitárias de textos de determinadas áreas, como se vê na sintaxe e na estilística de um texto jurídico, por exemplo. Esses automatismos seriam, a meu ver, embasados no conhecimento da linguagem não técnica, geral, visto que este é um conhecimento que o iniciante traz consigo, necessitando, pois, de menos concentração para processá-lo em meio a uma quantidade grande de novas informações a serem assimiladas. Em relação aos tradutores expertos, embora estes tenham muito mais experiência, não são, naturalmente, imunes a esse quadro. O problema os afeta também, embora em menor grau, dado que estão mais condicionados a lidar com situações estressantes e têm conhecimento técnico de língua mais apurado, o que impede que suas memórias se guiem pelos referidos automatismos.

A esse respeito, pode-se ver que, embora o seguinte exemplo “aceite” a tradução proposta na área de especialidade em que está inserido,⁶² basta um olhar mais atento sobre o contexto (no caso apresentado, a interface de uma unidade de *software* com suas *guias/abas*) para detectarmos a inadequação da tradução fornecida por um profissional:

⁶⁰ Para uma visão geral, vejam-se os manuais de Krieger e Finatto (2004) e Barros (2004).

⁶¹ Ou deveria ter, se considerarmos uma situação ideal.

⁶² Sabe-se que a linguagem é, por vezes, enxuta em contextos de computação devido a limitações de caracteres. Neste caso, poderia muito bem ser *About the Tab* com o *the* omitido.

About Tab

Sobre a guia

Um olhar atento aliado ao conhecimento do campo revela que o texto diz respeito à **guia** (ou **aba**, como alguns utilizam) “Sobre”, na qual são expostas informações acerca do *software* e de quem o desenvolveu, tais como a versão atual e a marca registrada. Logo: *Guia Sobre*.

Outro exemplo:

Country code for the keyboard on the client computer.

Código de país para o teclado do computador do cliente.

Se a devida atenção for dada ao glossário fornecido pelo cliente, vê-se que reza “computador cliente” para *client computer*. Trata-se de um computador ou programa que estabelece conexão com outro computador ou programa, ou mesmo solicita serviços de outro computador ou programa. No final do texto, onde há explicações para os termos utilizados, lê-se:

The computer that you use to run XYZ and connect to the ZYX server is called the {320}client computer{321}.

Ou seja:

O computador que você utiliza para executar o XYZ e se conectar ao servidor do ZYX é chamado de {320}computador cliente{321}.

Há, sem dúvida, uma alteração do texto decorrente de um problema de leitura/interpretação que se refletiu na produção textual. O que tem a intenção de ajudar (glossários, orientações, etc.) acaba se tornando uma espécie de fardo.

Lê-se em Barros (2004) que a linguagem técnica é instrumento de padronização (o que se viu na Revolução Industrial), de comunicação entre pessoas da mesma alçada; é ferramenta de padronização que facilita comunicações. Ainda conforme essa mesma autora: “A pesquisa terminológica em nosso país é dinâmica, avança em compasso com a evolução dessa

disciplina em nível mundial e ocupa um espaço importante na produção científica internacional” (BARROS, 2004, p. 39). Com relação a essa dinamicidade, Aubert cita que há aspectos da terminologia que remetem à pragmática, à antropologia, às culturas em geral, e que até mesmo a terminologia técnico-científica, que tem uma imagem geral de ser mais rígida, não se opõe às questões culturais e de visão de mundo (AUBERT, 2001, pp. 11-12). Vemos, a partir desses textos, que, além das inter-relações e de sua não oposição com outras áreas (pensemos nas áreas que se atêm à mente), temos um viés “dinâmico” em nosso país.

Como se sabe, o contexto situacional é um dos principais elementos que regem a tradução: deve-se fazer o que o cliente solicita, nas situações nas quais solicitou e dentro do prazo solicitado. Em grande parte dos casos, o próprio cliente fornece um glossário que deve ser seguido, ou mesmo dá orientações a respeito de determinados termos, expressões ou fraseologias.⁶³ Não há fórmula predefinida para todas as situações, segundo me consta: cada situação terá regras a serem seguidas.

Vendo a (T/t)erminologia como uma área de estudos/uma prática das linguagens de especialidade ou de linguagens especializadas⁶⁴, fica claro que se deva compreender que as terminologias têm especial importância em meio aos textos especializados que se traduzem. Em textos especializados, têm-se linguagens especializadas⁶⁵. O tradutor é o mediador entre os especialistas.

Sendo as linguagens especializadas os instrumentos básicos das comunicações entre especialistas, uma tradução de textos especializados não pode estar redigida em linguagem comum, como se pode depreender do texto acima e como ocorre muito em situações aqui já descritas. Considerando uma formação adequada sobre gêneros discursivos e textuais, não é aceitável que um tradutor (iniciante ou experiente), por falta de um letramento prévio, possa vir a descaracterizar um texto especializado, seja estilística, seja terminologicamente. Afinal, seu ofício envolve deixar o texto de chegada o mais natural possível em se tratando de todas as características textuais e terminológicas, aplicadas à área e à situação comunicativa

⁶³ Há inúmeros casos em que são fornecidos glossários nos quais estão contidas palavras ou expressões e fraseologias que o tradutor julga não serem termos, como no caso da palavra inglesa *support*, que, dependendo do cliente, pode haver a preferência por “suporte”, “assistência” ou “ajuda”, por exemplo. Há casos de frases que constam em glossários, pois devem ser seguidas exatamente como são apresentadas (muito comum em textos jurídicos). A não observância a essas questões incorre, em geral, em “erro grave” atribuído pelo cliente, uma vez que o glossário fornecido não foi seguido. A questão de uma palavra aparentemente comum ser considerada *termo* dependendo do contexto situacional é algo que chama atenção. A esse respeito, vide comentários de Pearson (1999 *apud* KRIEGER e FINATTO, 2004). Em geral, se uma dessas unidades consta em um glossário fornecido e não for traduzida segundo seus ditames, é comum o erro ser classificado como de “terminologia”.

⁶⁴ As duas formas são possíveis, sem a necessidade de alteração de referência. A esse respeito, veja-se a nota de rodapé de Finatto (2004, p. 342).

⁶⁵ Esse aspecto será mais bem explorado adiante; aqui serão abordados alguns aspectos.

envolvida. Entretanto, não se pode partir do pressuposto de que um texto especializado, como um artigo científico, por exemplo, seja caracterizado apenas pela presença de termos; é necessário dar atenção a todo o contexto e à natureza da comunicação de especialista para especialista.

Se guiado pelas precipitações do distresse que possa advir do excesso de informações no dia a dia ou mesmo da situação do momento, o tradutor produzirá um material inadequado; a recorrência dessas inadequações incorre na não confiança em seu trabalho por parte dos clientes. Há aí, nessa inadequação, muito provavelmente, algo que não se encaixa bem no que atualmente se exige de uma tradução: algo que soe natural, fluente, como se tivesse sido produzido por um especialista falante nativo do idioma ao qual se traduz. Ou seja, não basta apenas se ater às indicações de um cliente: é necessário, como se sabe, estudar a área relativa ao trabalho para obter as peças fundamentais para um trabalho de qualidade.

Para chegar a tal resultado, é necessário se centrar mais no texto, no plano linguístico e convencional do discurso, do que em elementos outros que não os textuais. Para isso, se fazem necessários os pressupostos que já foram expostos e que continuarão sendo detalhados adiante. Um ponto essencial da boa tradução está tanto no saber seguir regras quanto em conseguir perceber um aspecto textual da terminologia, o que conduz à percepção de um modo de dizer convencionalizado.

Em relação a esse último item, Finatto expõe mais detalhadamente sua natureza (FINATTO, 2011, pp. 153-172); defende-se que, em um texto técnico-científico, o *modus dicendi* e toda a condição textual do ambiente em que se inserem termos, fraseologias e/ou quaisquer elementos de natureza técnico-científica, conforme citação abaixo, formam um organismo, dando a esse tipo especial de texto uma natureza sua no que tange a sua característica técnica. Vale citar que, ao situar essa problemática, Finatto destaca a variedade de identidades de estudos (*Ibidem*, p. 155) que se interseccionam, convergindo para um objeto comum, que transcende o meramente *terminológico*: repousa, pois, sobre o *textual*.

Quanto a seu enfoque textual, o texto é visto “(...) como um todo de sentido e de comunicação constituído pelo conteúdo expresso e também pelo quadro geral das escolhas ou convenções do seu ‘modo de dizer’.” (*Ibidem*, p. 156). Logo, consideram-se 1) conjunções, 2) elementos de coesão e coerência textual, 3) enunciados definitórios, construções frasais, combinatórias de palavras mais ou menos fixas, recorrentes ou raras, 4) elementos retóricos e argumentativos, 5) fraseologismos, 6) modalizações, mais uma série de outros recursos, além dos termos. A autora afirma que os tópicos podem não incluir terminologias, e eis aí um extremo ao longo de um *continuum* (*Idem*). Esse *continuum*, que tem também, inerentemente,

uma característica de gradiente, mostra que as delimitações são essencialmente difusas, uma vez que todos os elementos do texto técnico-científico convergem para um todo significativo. O que se tem, em suma, é uma linguagem especializada – composta por léxico e gramática – que deve ser reproduzida quando da tradução.

Se nos detivermos um pouco em Cavaco-Cruz, especialmente quando evoca Gamero Pérez (CAVACO-CRUZ, 2012, pp. 11-13), veremos que um texto (técnico, científico, etc.) está sempre escrito em uma “língua de especialidade”; Gamero Pérez (GAMERO PÉREZ, 2001, p. 26 *apud* CAVACO-CRUZ, 2012, p. 12) diz que, nos textos científicos, é mais utilizada a argumentação e a descrição, ao passo que, nos textos técnicos, prevalecem a descrição e a exortação. Isso vai diretamente ao encontro de minha proposta de descrição e discussão de efeitos de *distresse* na tradução de textos técnico-científicos, pois, como se viu anteriormente (capítulo 2), o *distresse* influi negativamente na cognição, que é muito recrutada no trabalho complexo de produzir um dizer técnico, que transcende a presença de termos.

Enfim, esses textos técnico-científicos têm uma dimensão comunicativa que prevê a existência de um alvo, ou receptor-leitor, e têm funções (argumentativa, expositiva e exortativa). Isso serve de base para o que será trazido a seguir. Dada minha experiência de trabalho, e também como professor de Terminologia no Curso de Tradução da UFRGS, defendo uma afiliação ao que se chama, entre outras denominações, de Terminologia Textual, que é a perspectiva da Terminologia que melhor integra os diferentes fatores envolvidos entre tradução técnico-científica, *estresse* e cognição. Essa perspectiva será descrita a seguir.

4.3. Uma terminologia de perspectiva textual: a Linguística das Linguagens Especializadas

A partir dos comentários gerais sobre Terminologia na seção anterior, cabe agora um encaminhamento para algo que, a meu ver, é mais diretamente relacionado com a tradução técnico-científica no dia a dia e é mais afetado por *distresse*.

Trabalhar com um texto técnico-científico, como já foi reiterado, não se resume a trabalhar com termos. Afinal, todos os elementos do texto estão integrados e o texto técnico-científico é uno, segundo a ideia que sigo; é um todo de sentido e de comunicação, na esteira de um “modo de dizer”. Com base nisso, questiono: **como um tradutor com funções**

cognitivas de leitura e de produção textual prejudicadas devido ao distresse⁶⁶ de uma atividade complexa e multitarefa – na qual sempre há pressão de tempo –, conseguiria desempenhar a contento tarefa de tamanha complexidade cognitiva? Friso que essa complexidade é relativa ao reconhecimento de um todo de significação e de sentido, que é o texto especializado, do qual as terminologias são *uma parte apenas*.

Pensando em alguma resposta para essa pergunta, é inevitável listar dificuldades a vencer. Mesmo sem uma visão global do quadro de desafios a enfrentar, tem-se como pressuposto que, para a concretização de uma linguagem especializada no texto de chegada, faz-se necessário ter uma competência terminológica que vá além do termo e que se expande rumo ao texto e ao discurso especializados.

O objetivo neste trabalho é mostrar o quanto problemas como distresse podem afetar uma tradução técnico-científica e, pelo menos, levantar alternativas sobre como o problema pode ser enfrentado. Uma vez que o foco é a chamada “tradução técnico-científica”, o que mais me chamou atenção ao longo dos anos nos problemas relativos ao “distresse na tradução” era o caráter técnico do texto que não era produzido da maneira exigida quando da tradução. Além de terminologias, porém, há algo mais complexo que requer olhar mais atento: estilística, fraseologia, vocabulário de uso geral e pontuação, por exemplo, são usados distintamente em cada área de especialidade.

Cite-se um exemplo de algo recorrente no mercado de tradução. Em geral, cada cliente, independentemente de sua área de atuação ou nicho de mercado, fornece o que se costuma denominar “guia de estilo”. Nesse tipo de documento, têm-se preferências ou exigências de usos linguísticos; esses usos linguísticos fazem parte da “marca” daquela área ou daquele cliente específicos. Seja preferência, seja exigência, se consta no documento, tem valor de regra e deve ser seguido. Para dar um exemplo bem simples, pode-se usar “balaca” ou “sapata” para designar a peça rígida de metal e borracha que entra em contato com o aro de uma bicicleta ao pressionar-se o manete do freio. Em textos de manuais de colheitadeiras, por exemplo, temos diferentes denominações para a peça que tem a mesma funcionalidade, dependendo do fabricante da máquina.

Além da variação do uso de termos, há questões tais como a estruturação do texto (linguagem simples, direta, quase formulaica no caso de manuais dos mais variados equipamentos, desde um carregador de pilhas a uma empilhadeira), uso parcimonioso de conectivos.

⁶⁶ Destaque seja dado ao fato de que o distresse vem da situação de trabalho, não do tipo de texto.

Depreende-se, pois, que há pouco espaço para o que se chama de “tradução livre”⁶⁷ em se tratando de ciências ou técnicas. É preciso produzir um texto compatível com o modo como as coisas são ditas na área na qual se vai trabalhar, e isso, conforme já reiterei neste trabalho, não se restringe a seguir/compilar um glossário. O tradutor, ao aceitar um texto técnico-científico, deve assumir a responsabilidade de produzir um texto técnico-científico nos moldes da área em questão.

Com essa breve introdução, se esclarecerá melhor minha opção por seguir o que se chama de Terminologia Textual ou Terminologia Linguístico-Textual. Abaixo, farei um levantamento de escritos que julgo representativos dessa questão.

No texto “Linguagens especializadas e terminologia: o passado projetando o futuro”, de Anna Maciel, a autora levanta questionamentos que julgo interessantes para minha posição e também uma ótima síntese da história da Terminologia. Seus questionamentos iniciais:

O que é uma linguagem especializada? Existem linguagens especializadas sem terminologia? Existem terminologias fora das linguagens especializadas? As linguagens especializadas se compõem apenas de termos? É possível integrar o estudo científico das linguagens especializadas, em outras palavras, a linguística das linguagens especializadas e o estudo científico dos termos, isto é, a terminologia? (MACIEL, 2010, p. 6)

Com base nesses questionamentos, que refletem bem os debates atuais sobre Terminologia, vale referir a defesa de Maciel de transcender os limiares: a autora tem o objetivo de contribuir para dirimir dúvidas e mal-entendidos, de remover obstáculos, de vencer os preconceitos e estimular o avanço da pesquisa das linguagens especializadas e da terminologia (*Ibidem*, 7). Isso confirma o que defendo: remover obstáculos e vencer preconceitos é essencial para o progresso da ciência em geral. Seguindo, a autora não sugere uma volta ao passado, mas um esforço mais intenso de aprofundamento de pressupostos fundamentais que remetem à revisão de procedimentos metodológicos do presente com os olhos voltados para o futuro (*Idem*).

Segundo Maciel, o pensamento de Hoffmann é essencial, com destaque para a área de estudos do texto que ele denomina *Fachsprachenlinguistik* (Linguística das Linguagens Especializadas). Segundo esse autor, o texto é um todo funcional. O estudo tanto do texto quanto das palavras nele usadas estão em igual patamar. Isso inclui palavras funcionais, tais como conjunções e preposições. De uma forma ou de outra, o léxico de um texto contribui

⁶⁷ No sentido de produzir um texto “estilisticamente livre” seguindo-se apenas um rol de termos.

para o processo de comunicação; entenda-se “léxico”, aqui, como o uso de palavras que não são propriamente termos tal como estes são entendidos. No que tange às características do texto especializado, além da presença de termos, há questões de coesão e coerência, informatividade, a situacionalidade e a intertextualidade (*Ibidem*, p. 21). Com isso, se vê o quanto um texto técnico-científico é também um organismo que, quando da tradução, necessita ser reproduzido. Mais adiante, a autora frisa que o texto técnico se compõe dos critérios temático e pragmático, ambos conjugados segundo a função comunicativa da área na qual estão inseridos.

Como se chegou a Hoffmann, vale trazer um resumo que Finatto faz de pontos-chave da produção desse teórico:

- a) o texto é o signo linguístico primário no âmbito de uma Terminologia lingüística;
- b) conceito de texto especializado compreende o texto além da dimensão escrita;
- c) o léxico especializado vai além de nomes;
- d) o vocabulário especializado, num sentido mais estrito, compõe um subsistema do sistema léxico global, quer dizer, perfaz um subconjunto do vocabulário total de uma língua;
- e) no plano do vocabulário, podem ser tratados os processos de restrição ou de ampliação semântica, das manifestações de polissemia, homonímia e sinonímia, das estruturas e recursos para a formação de palavras, entre outros. O vocabulário geral científico é uma espécie de média entre os vocabulários especializados. (FINATTO, 2004, p. 354)

As terminologias podem ser consideradas o traço mais distintivo de um texto dessa natureza; porém, sabe-se que esse traço não é a única coisa exigida do tradutor em tal contexto.

Passemos agora à apreciação de um texto representativo de Hoffmann, “Conceitos básicos da lingüística das linguagens especializadas”. Quanto aos conceitos dessa lingüística, Hoffmann destaca: *sublinguagem*, *linguagem especializada*, *vocabulário especializado*, *terminologia* e *texto especializado*. No tocante a “sublinguagem”: “Uma *sublinguagem* é um sistema parcial ou um subsistema da linguagem que se atualiza nos textos dos âmbitos comunicativos especializados” (HOFFMANN, 2004, p. 80). É também um “(...) recorte de elementos lingüísticos e de suas relações estabelecidas em textos de uma temática delimitada” (*Idem*). O uso do termo “lingüística” para denominar sua abordagem fica mais claro quando Hoffmann explicita o que isso abarca: “Uma *sublinguagem* não se caracteriza apenas pelo léxico, mas pela totalidade dos recursos lingüísticos que são utilizados nos seus textos” (*Idem*). Já “linguagem especializada” é definida como segue: “(...) é o conjunto de todos os

recursos lingüísticos que são utilizados em um âmbito comunicativo, delimitado por uma especialidade, para garantir a compreensão entre as pessoas que nele trabalham” (*Ibidem*, p. 81). A linguagem especializada “(...) se expressa mais claramente pelo léxico, quer dizer, pelo vocabulário especializado ou pela terminologia, mas também pelo uso de determinadas categorias gramaticais, de construções sintáticas e de outras estruturas textuais” (*Idem*). Hoffmann propõe uma tripartição de linguagens especializadas: a) há recursos lingüísticos que aparecem em todas as sublinguagens (como o vocabulário da língua comum); b) há recursos lingüísticos que figuram em todas as linguagens especializadas (como o vocabulário científico geral); c) há recursos lingüísticos que estão presentes apenas em uma determinada linguagem especializada (como o vocabulário específico de uma especialidade) (*Ibidem*, p. 82).

Hoffmann apresenta, em seguida, uma “estratificação vertical”: “a) o nível da abstração; b) a conformação da língua; c) o entorno social; d) os participantes da comunicação, etc.” (*Idem*).

Quanto a uma polêmica que já vem de longa data, a de que uma linguagem especializada, tal como a da Matemática ou da Física, por apresentar uma série de símbolos, fórmulas e gráficos alheios à linguagem de uso mais comum, seria uma linguagem à parte – uma língua de especialidade fora da língua natural que a envolve: “Embora em alguns casos as linguagens especializadas apresentem muitos signos especiais (símbolos, fórmulas, etc.), não são linguagens artificiais; são linguagens naturais” (*Ibidem*, p. 83). Em relação a essa “divisão”, “(...) o vocabulário especializado, num sentido mais estrito, compõe um subsistema do sistema léxico global, quer dizer, um subconjunto do vocabulário total de uma língua” (*Idem*). Hoffmann destaca que o vocabulário especializado e a terminologia não *necessariamente* se equivalem; entretanto, é estabelecida a diferença entre terminologia especializada e vocabulário especializado não terminológico. Também se busca estabelecer distinção entre termos, semitermos e jargão especializado. O autor destaca que em tal processo, são reconhecidos como termos somente as palavras cujo conteúdo seja determinado por meio de uma definição normativa. Já os semitermos não estão definidos em normas, embora sejam bastante precisos em descrição e denotação. O jargão especializado já não exige precisão (*Ibidem*, pp. 83-84).

Hoffmann divide as unidades léxicas de textos especializados em três grupos: *gerais*, *científicas* e de *vocabulário especializado*, esse último grupo inclui a terminologia. Segundo ele: “O vocabulário geral científico é uma espécie de média entre os vocabulários especializados” (*Ibidem*, p. 84). Com relação às características do vocabulário especializado,

lê-se: “No vocabulário especializado, predominam substantivos e adjetivos em relação aos verbos e às outras classes de palavras, pois é preciso designar a multiplicidade de objetos e manifestações, objetos da atividade especializada” (*Idem*). Sobre a terminologia *per se*, constitui um dos traços que mais claramente diferenciam as linguagens especializadas, embora não seja o *único* (*Ibidem*, p. 85). No caso do vocabulário especializado normatizado, que é a terminologia, tem-se uma política de normatização por trás disso. Hoffmann declara que a intenção da normatização terminológica é otimizar a comunicação especializada, eliminar mal-entendidos e garantir maior segurança na comunicação entre especialistas. Essa intenção de normatização se desdobra em três ações: a) a alteração da língua, b) a unificação e c) a implantação (*Ibidem*, p. 86).

Quanto às subdivisões inerentes a sua *Linguística das Linguagens Especializadas*, Hoffmann considera o trabalho terminológico *uma* parte dessa: “O trabalho terminológico é geralmente compreendido como uma parte da lingüística da linguagem especializada, mas na verdade ela se ocupa apenas de um núcleo das linguagens especializadas – se ocupa da terminologia” (*Ibidem*, p. 87). Mais especificamente em relação à noção de “texto especializado”, a seu “organismo”, o autor declara que o *texto especializado* é ao mesmo tempo instrumento e resultado da atividade comunicativa exercida em relação a uma atividade especializada sócio-produtiva; esse texto especializado compõe uma atividade estrutural e funcional – um todo – e é formado por um conjunto finito e ordenado de orações sintática, semântica e pragmaticamente coerentes. Também pode ser composto por unidades de valor frasal correspondentes, na condição de signos linguísticos complexos (*Idem*). Hoffmann, citando Beaugrande e Dressler (1981), indica que o texto especializado, como qualquer outro texto, constitui-se de ao menos sete características: 1) coesão; 2) coerência; 3) intencionalidade; 4) aceitabilidade; 5) informatividade; 6) situacionalidade; 7) intertextualidade (*Idem*).

Há particularidades distintivas em um texto especializado. Esse tipo de texto, por ter grande exigência de precisão nas informações, é distinto devido a particularidades de sua macroestrutura (ou articulação), pelas relações de coerência entre seus elementos constitutivos e pela utilização de unidades sintáticas, lexicais, morfológicas e gráfico-fonéticas, por exemplo. Dependendo do tipo de texto, esses elementos serão utilizados de modo variado. Como exemplos de tipos de texto, há: manuais acadêmicos, pareceres, artigos de periódicos, orientações práticas, resenhas, resumos, escrituras de patente, contratos, boletins médicos, indicações de uso, determinações de segurança do trabalho, entre outros (*Ibidem*, p. 88).

Tomando o texto como ponto central de suas propostas, Hoffmann afirma que este é o signo linguístico primário, isto é, sob condições normais, a linguagem se realiza apenas por meio de textos. Isso é regra também para o texto especializado. Essa é a razão de um todo de texto, não a palavra ou a frase ou as terminologias, ser o ponto central do estudo sobre linguagens especializadas. Trabalha-se, assim, com textos, em um primeiro plano, não só com termos ou palavras (*Idem*).

A revisão acima auxilia a fazer alguns apontamentos. Resumidamente, pode-se depreender o que segue:

- 1) terminologias são elementos decisivos de um *texto* especializado;
- 2) afora as terminologias, é necessário atentar para outros constituintes desse texto, tais como conectivos em geral, o caráter do vocabulário não técnico, a pontuação, etc.
- 3) o texto especializado tem uma identidade, que se revela não somente pela presença/ausência de termos, mas também por outras características;
- 4) os elementos constituintes de um texto especializado compõem um todo significativo, algo como um organismo;
- 5) no momento de uma tradução técnica, faz-se necessário a, digamos, reprodução de uma estilística equivalente, de uma caracterização linguística equivalente.

Segundo minha observação, o texto especializado, que corresponde ao que vivenciei no trabalho da “tradução técnica”, em inglês, no cenário das empresas e agências de tradução, compõe-se, pelo menos, de:

- construções frasais específicas;
- elementos retóricos, argumentativos e estilísticos típicos por área de conhecimento ou de temática;
- pontuação característica de cada área temática;
- estruturação textual de um gênero específico;
- intertextualidade;
- além de termos, naturalmente.

Sublinho a construção de uma intertextualidade com o texto a se traduzir na complexidade a ser enfrentada pelo profissional, pois isso é condição prévia para o trabalho de tradução. Considerando o que foi apresentado até agora, repito o seguinte questionamento – que é uma das questões de minha pesquisa: **um tradutor com funções cognitivas de leitura e de produção textual prejudicadas devido ao distresse de uma atividade complexa e multitarefa – na qual sempre há pressão de tempo –, conseguiria desempenhar a contento tarefa de tamanha complexidade cognitiva, no que tange ao reconhecimento de um todo de significação e de sentido que é o texto especializado, do qual as terminologias são *uma parte apenas*?**

Tive a intenção de deixar claro que, ao se trabalhar com um texto técnico-científico, não se tem em mãos uma tarefa que possa ser denominada “simples”, o que se pode depreender pelo fechamento desta seção, com o levantamento geral das questões que estão em jogo, estabelecendo-se um liame com a seção na qual tratei de distresse e de o quanto ele pode influenciar negativamente uma atividade cognitiva. É preciso começar o trabalho de reconhecimento das terminologias pelo reconhecimento de um todo de texto que se apresenta: a leitura deve ser ainda mais atenta, e essa tarefa é extremamente mais complexa que um reconhecimento de termos. Isso terá, necessariamente, que repercutir em minhas indicações para treinamento. Essa apresentação da perspectiva textual serviu para mostrar o quão complexo é o trabalho de um tradutor técnico-científico, que lida não apenas com um texto simples contendo termos, mas lida com um “texto técnico-científico” uno, ou o signo linguístico primário, como bem diz Hoffman. A percepção disso traz uma complexidade bem maior para a relação entre estresse/distresse, cognição e o trabalho da tradução do texto técnico-científico.

4.4. Síntese do cenário de investigação

Retomando o problema sob estudo, o cenário é o da tradução técnico-científica no mercado de empresas de tradução. Esse mercado exige profissionais qualificados e bem treinados. Em muitos casos, os egressos do curso de formação de tradutores têm proficiência linguística satisfatória para a tarefa tradutória, mas isso é apenas uma parte do conjunto sinérgico de competências necessárias para que um tradutor seja um *tradutor*.

Uma vez que o profissional não consegue desempenhar as competências necessárias para o ofício, e erros começam a ser apontados – principalmente erros de natureza linguística

–, tende a aumentar um sentimento de frustração no tradutor, o que gera distresse. O trabalho é estressante por vários motivos: prazos curtos, pouca/muita informação sobre o trabalho, situações desagradáveis entre tradutores e revisores, etc. São problemas para tradutores de todos os níveis de *expertise*.

Um conjunto de problemas prejudica o que se chama de *componentes psicofisiológicos* no modelo holístico do grupo PACTE, que acaba tendo reflexos negativos em todas as competências tradutórias. Logo, para sintetizar o que se viu até aqui, vale dizer que:

- 1) Na exposição do modelo do grupo PACTE, frisei que há uma rede de competências (rede poliédrica e sinérgica) que um tradutor deve ter/adquirir para que tenha o desempenho necessário: logo, há relação direta entre competência e desempenho.

- 2) O desempenho pode muito bem ser ligado ao *como* uma tradução deve ser feita, e esse *como* se conecta a *função*: pressuponho que um profissional com desempenho ótimo deva se ater a como uma tradução deva funcionar.

- 4) O caráter poliédrico de qualquer tradução especializada, com seu referido alto grau de complexidade, assume um papel central em todo o processamento cognitivo envolvido na tradução. Logo, é imprescindível que o tradutor, nesse contexto, mantenha-se centrado: isso tende a se tornar difícil se faculdades tais como memória, atenção e raciocínio estiverem sob o efeito do distresse (laboral) conforme se viu no capítulo em que esse tema é tratado (capítulo 2). Destaque-se que percebo que esses elementos são cíclicos e interdependentes.

A seguir, serão explicitados alguns problemas relativos ao que foi exposto a partir de dados que foram coletados diretamente com tradutores de diferentes graus de *expertise*. Esses dados visam subsidiar o que está envolvido em minha problemática: a descrição da percepção subjetiva dos tradutores e a discussão de efeitos de distresse eventualmente percebidos incidindo sobre a tradução.

5. ESTUDOS EMPÍRICOS

Na qualidade de produto da intenção do autor, o texto é provisório até que realmente seja recebido. É a recepção que completa a situação comunicativa e define a função do texto. Pode-se dizer que o texto na qualidade de ato comunicativo é completado pelo receptor.

Christiane Nord

Neste capítulo, é apresentada a parte descritiva e empírica desta tese. Apresento os dados que obtive por meio de coleta diretamente efetuada por mim e também dados a mim gentilmente cedidos pelo grupo LETRA, da UFMG.

Aqui, trago análises de entrevistas e de testes aplicados a tradutores tanto em formação quanto tradutores profissionais experientes. Os testes simularam, de alguma forma, características das pressões inerentes ao mercado de trabalho. A seguir:

1. iniciarei pelo exame de questionários que elaborei e enviei a tradutores profissionais;
2. passarei a dados coletados no Laboratório Experimental de Tradução (LETRA), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG);
3. passarei a dados coletados com alunos de tradução do curso de formação de tradutores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); depois
4. farei um cruzamento dos dados obtidos, para então seguir para o ensaio de uma proposta de enfrentamento dos problemas destacados.

5.1. Dados de questionários com tradutores experientes e atuantes

O questionário por mim elaborado e enviado a diferentes profissionais pode ser conferido na seção de anexos (Anexo I); ao todo, recebi resposta de sete (7) tradutores. Esse

questionário indagava sobre dificuldades do dia a dia da tradução técnico-científica, se essas dificuldades causavam estresse e se o estresse influenciava negativamente no trabalho da tradução, em resumo.

O respondente Tradutor_6, por exemplo, que já conta com mais de três décadas de experiência no mercado, menciona: “Para o tradutor é sumamente importante saber relaxar, livrando-se, assim, de todos os marcadores de estresse (...)!”. Em se tratando de questionamento sobre a suficiência do uso de glossários em traduções técnicas, Tradutor_5 é peremptório: “Traduzir um texto técnico baseado exclusivamente em um glossário é a certeza de uma péssima tradução.” Julgo válida a exposição de um resumo dos problemas apontados pelos tradutores em meu questionário, todos profissionais em atuação no mercado:

1. Há pouco tempo para realizar as tarefas;
2. Os materiais de referência fornecidos por clientes são em geral insuficientes, o que demanda mais pesquisa e significa mais tempo útil gasto;
3. Estados como cansaço, nervosismo e tensão são constantes;
4. A formação universitária fica muito aquém do que é esperado no e pelo mercado, apresentando falhas tais como falta de informações mais sólidas acerca de estratégia/administração pessoal e de trabalho;
5. Faz-se necessário treinamento de Informática, pois há muitas ferramentas para se operar;
6. Faz-se necessária a atualização dos professores em relação ao mercado de trabalho.

Não se pode supor que um tradutor, durante sua jornada, fique isolado em um espaço, como dentro de uma cabine, como ocorre com intérpretes de conferências, por exemplo. É comum ocorrer o caso de uma sala ampla, por vezes sem subdivisões físicas, tais como divisórias – o que também seria insuficiente –, separada por “nichos” ou “bairros de escritório”. Ali se acomodam: gerência de projetos, DTP, tradução, revisão e TI, como já foi descrito anteriormente. Além de ruído advindo de debates intraequipes, há debates, quase inevitáveis, interequipes. Afora os ruídos de telefones e impressoras, há também a possível falta de ergonomia, o que provoca desconfortos físicos e, conseqüentemente, mentais, além de dores. Isso tudo tende a armar um cenário “adequado” para o distresse.

A respeito do que foi exposto, julgo adequado um exame mais direto de determinados aspectos que pude detectar a partir dos questionários respondidos. Nesses, todos os tradutores frisaram que o distresse influencia negativamente a *produção de traduções*. São relatados

problemas tais como falta de tempo, falta de informações sobre o trabalho a ser realizado e excesso de informações a serem assimiladas pelo tradutor.

Trago a seguir uma síntese dos dados obtidos nos questionários, sendo que cada figura corresponde a cada uma das questões de meu questionário. Julgo adequado tabular alguns destaques dos questionários para fins didáticos. De modo a representar melhor alguns problemas mais pontuais, selecionei alguns dados que represento graficamente abaixo. Logo, examinando respostas de tradutores com idades entre 29 e 69 anos, e com experiência profissional entre 2 e 40 anos, há, no quesito **Formação**, relativo à educação formal direcionada à tradução:

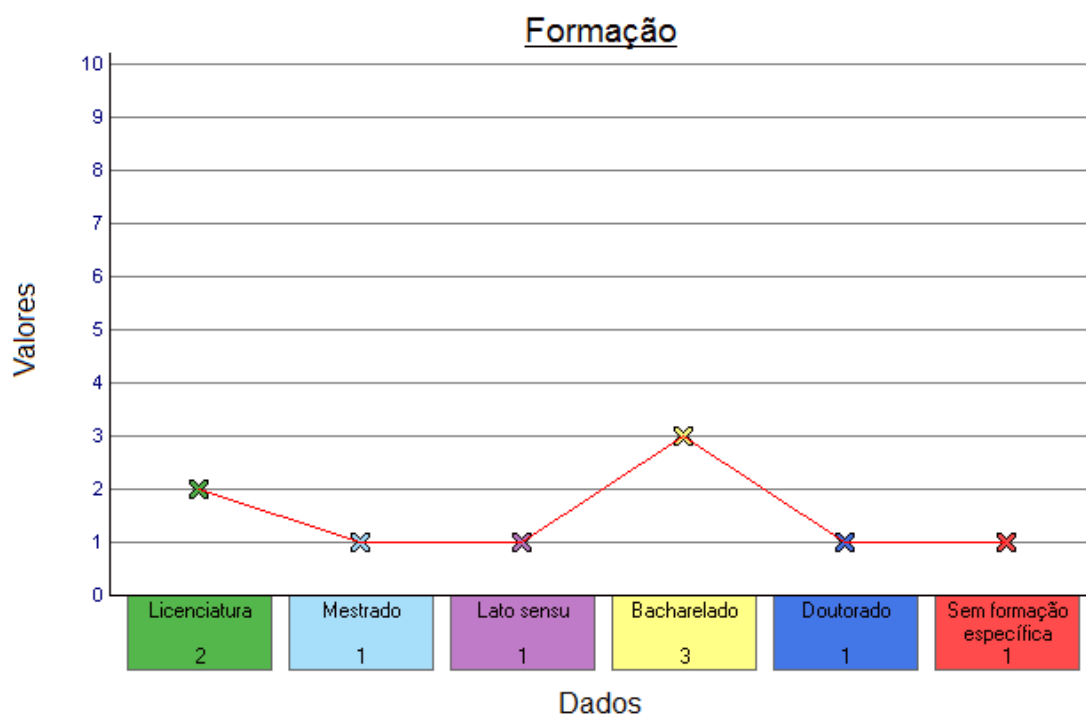


Figura 9: educação formal direcionada à tradução (GONÇALVES, 2015).

O gráfico acima indica que há dois (2) tradutores com licenciatura; um (1) com mestrado; um (1) com *lato sensu*; três (3) com bacharelado; um (1) com doutorado; um (1) sem formação específica.

No quesito **Anos de experiência**, relativo a tempo de atuação no mercado de trabalho de tradução:



Figura 10: anos de experiência atuando no mercado (GONÇALVES, 2015).

No quesito **Treinamento específico necessário para o tradutor**, relativo a faltas que se observam:

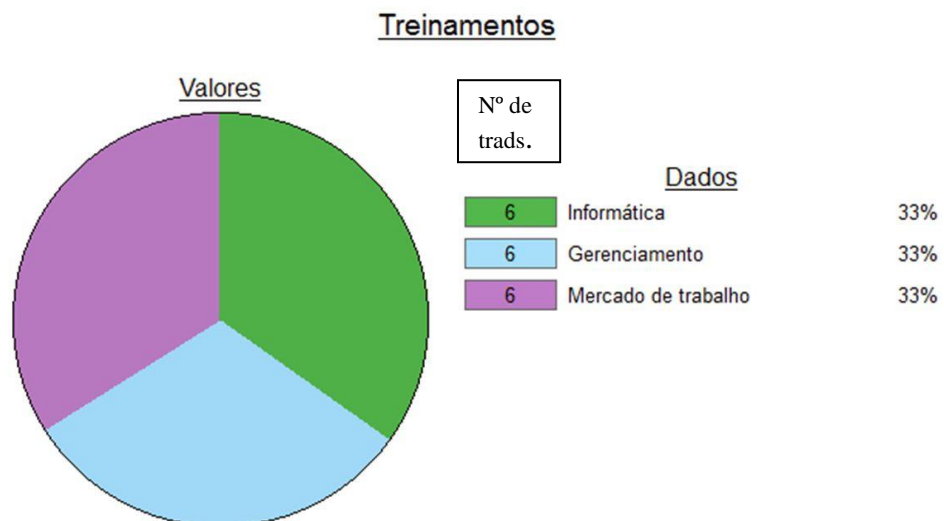


Figura 11: treinamentos específicos que faltam ao tradutor (GONÇALVES, 2015).

Vale mencionar que todos os sete (7) respondentes (100%) classificaram o distresse como tendo grau elevado de influência negativa sobre o tradutor. Em relação à questão 5 do questionário:

- (5 *marcações*) Pouca informação a respeito do trabalho a ser realizado
- (5 *marcações*) Pouco tempo para realizar um trabalho de qualidade
- (4 *marcações*) Muita informação a ser assimilada e aplicada em pouco tempo
- (2 *marcações*) Muita variedade de assuntos/áreas
- (2 *marcações*) Muitas ferramentas CAT (*Computer-aided translation*, tradução auxiliada por computador)⁶⁸ diferentes exigidas

Logo, há identificação, pelos profissionais contatados, dos seguintes elementos estressores:

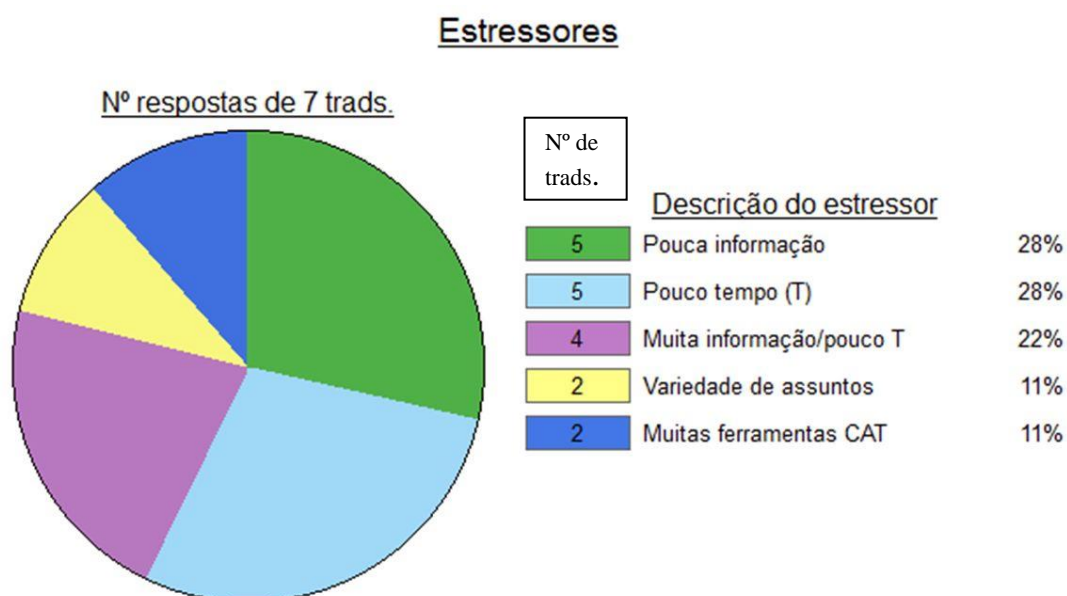


Figura 12: estressores (GONÇALVES, 2015).

Em síntese, os grandes estressores reconhecidos pelos profissionais são:

- pouca informação a respeito do trabalho a ser realizado;
- pouco tempo para realizar um trabalho de qualidade;
- muita informação a ser assimilada e aplicada em pouco tempo.

⁶⁸ Ferramentas que auxiliam o processo de tradução, tais como Trados, memoQ, Alchemy Catalyst, Wordfast e OmegaT, para citar algumas das mais utilizadas.

A descontextualização do texto de chegada, por exemplo, geralmente entregue pelo cliente sem maiores esclarecimentos sobre sua natureza, é um exemplo de detalhamento desses elementos no quesito que denomino genericamente “Pouca informação”.

Este teste serviu para obter dados valiosos que confirmaram minha observação pessoal.

5.2. Dados do Laboratório Experimental de Tradução (LETRA/UFMG)

A seguir, apresento uma coleta de dados de outros projetos, elaborados com outros propósitos, diferentes dos meus, mas que contribuíram com esta pesquisa, pois oferecem dados significativos sobre interferências de alguns estressores, tais como pressão de tempo, no processo e no produto tradutórios. Esses projetos são o Expert@, o ExpliciTrad e o SegTrad, desenvolvidos no LETRA/UFMG, sob coordenação do Prof. Fabio Alves.

Dos projetos Expert@⁶⁹ (*Conhecimento experto em tradução: modelagem do processo tradutório em altos níveis de desempenho*, CNPq 479340/2006-4) e ExpliciTrad⁷⁰

⁶⁹ O projeto tem por objetivo mapear e modelar o perfil de tradutores expertos, cuja excelência é acreditada com base na aferição de seus textos traduzidos, a qual é realizada por instituições que participam da produção, circulação e consumo desses textos. Desenvolvida no Laboratório Experimental de Tradução da FALE-UFMG, a proposta reveste-se de caráter inovador ao ensejar, no Brasil, o uso da tecnologia de monitoramento da fixação ocular para o aprimoramento das pesquisas empírico-experimentais orientadas para o mapeamento de perfis tradutórios. O projeto EXPERT@ enfoca o perfil do tradutor experto, visando indagar aspectos do conhecimento experto em tradução a partir de duas configurações de sujeitos: (i) pesquisadores expertos em uma determinada área do conhecimento, os quais, embora não sejam tradutores profissionais, traduzem regularmente seus textos acadêmicos e publicam os produtos dessas traduções em periódicos internacionais indexados; e (ii) tradutores expertos que traduzem profissionalmente e com regularidade diversos tipos de textos, incluindo textos acadêmicos. Espera-se que os resultados forneçam subsídios para o avanço das discussões sobre representações da aquisição da competência em tradução e sua possível modelagem para efeitos de desenvolvimento de aplicações computacionais visando ao conhecimento experto, além de contribuir para a formação de recursos humanos qualificados no país em nível de graduação, pós-graduação e pós-doutorado na área de Estudos da Tradução.

⁷⁰ Esse Projeto de Pesquisa tem por objetivo investigar, à luz da Teoria da Relevância (Sperber e Wilson, 1986/1995), processos inferenciais, também conhecidos como inferenciação, por meio de uma análise orientada para subsidiar o estudo dos processos de explicitação em tradução a partir de características ligadas a abordagens sobre o conhecimento experto (Ericsson et al., 2006). No campo dos Estudos da Tradução, a investigação de processos de explicitação tem uma tradição que, pelo viés da Linguística, remonta aos trabalhos seminais de Vinay e Darbelnet (1958) e de Nida (1964) e se desdobra em uma vertente preocupada com características textuais analisadas como indicadores de explicitação (Blum-Kulka, 1986; Baker 1993, 1996; Olohan e Baker, 2000; Steiner, 2005; Steiner et al., 2007, entre outros) e em uma outra vertente, mais recente, preocupada com as características psicolinguísticas desses processos (Séguinot, 1988; Englund-Dimitrova, 2005; Alves, 2007; entre outros). Faltam, contudo, estudos que analisem essas características psicolinguísticas tomando por base o processamento inferencial envolvido nos processos de explicitação, sobretudo no caso de tradutores expertos. Este Projeto de Pesquisa pretende preencher essa lacuna e, para tanto, toma como ponto de partida a seguinte pergunta de pesquisa: quais são os fatores que levam o tradutor experto a contornar estrategicamente problemas no nível da codificação linguística através da explicitação, no texto-alvo, de trechos do texto-fonte, cujas características, sob uma perspectiva semântica e/ou pragmática, impossibilitam que a tradução tome por base apenas a codificação linguística da língua-fonte? Com base nos conceitos de explicatura e implicatura postulados por Sperber e Wilson (1986/1995) e expandidos por Carston (2002), o Projeto de Pesquisa apresenta uma

(*Explicitude e explicitação em tradução: uma investigação da interface semântico-pragmática no processo tradutório*, CNPq 307072/2008-8)⁷¹ (FONSECA, 2012, p. 48), percebem-se atitudes interessantes de tradutores expertos. Em geral, há insegurança quanto à temática do texto e confiança demasiada no que dicionários de língua geral informam. Nesses projetos, tanto em C1 quanto em C2,⁷² vale destacar que os participantes das pesquisas passam por um relato guiado, que comprova a proficiência ou não no idioma e na área (com perguntas tais como: “O que significa a palavra X no parágrafo Y?”, “O que significa a expressão X no parágrafo Y, e a que ela se refere?”), e por um relato livre, no qual relatam, sem interferência do pesquisador/entrevistador, como foi o processo de tradução e as resoluções de problemas ao rever o processo por meio do *software* Translog. A título de exemplificação, em SILVA; OLIVEIRA; LIMA (2008, p. 281), vê-se explicitamente que o conhecimento experto e o conhecimento de conteúdo têm impacto singularmente positivo na produção de traduções. Citando Glaser e Chi, os autores destacam características de um *indivíduo experto*, sete no total:

- (i) destaca-se no próprio domínio; (ii) percebe amplos padrões significativos em seu domínio; (iii) é rápido e mais capaz de resolver problemas com menos erro; (iv) tem memória de longo prazo e memória de curto prazo superiores; (v) vê e representa um problema em seu domínio em um nível mais profundo que um novato; (vi) gasta mais tempo analisando um problema qualitativamente; e (vii) tem habilidades de automonitoramento. (*Idem*)

Comportamentos tais como a realização de leitura inicial antes de começar a tradução propriamente dita são destaques nesse grupo. Entretanto, no caso do C1, há algo que toca em pressões e estressores. Vê-se em C1L1 que:

Aí eu começo. Aqui nessa atividade, uma coisa que não fiz foi ler o texto antes porque eu estava preocupada com o tempo. Apesar de não ter tempo limite, eu estava tendo a impressão que eu tinha 30 minutos para fazer isso mas na verdade foi uma estimativa quando eu recebi as instruções. Foi falha minha aqui. Eu deveria ter lido antes tudo para ter uma idéia do que se tratava mas de qualquer forma o texto é tão diferente de tudo o que eu já fiz, não sei se ela leitura seria tão proveitosa.

metodologia de caráter empírico-experimental para mapeamento dos processos de solução de problemas e tomada de decisão de tradutores expertos.

⁷¹ Registro meus agradecimentos ao Prof. Fabio Alves, pelo convite para visita de intercâmbio acadêmico ao LETRA, UFMG, em novembro de 2012, e a sua doutoranda Norma Fonseca, pela acolhida, e por terem gentilmente me cedido dados desses projetos.

⁷² C1= Expert@; C2 = ExpliciTrad. Em C1, a sigla “L1” e “L2” refere-se a textos correlatos sobre anemia falciforme; em C2, “L1” refere-se a texto sobre o amassamento do papel, “L2” refere-se a texto sobre a língua eletrônica.

Percebe-se um sujeito com determinado ritmo acelerado de raciocínio quando da tarefa, o que prejudica sua resolução de problemas a partir de atitudes advindas de pouca reflexão. É interessante destacar que há grande preocupação com termos de áreas técnicas. Mesmo tradutores expertos tendem a se centrar nos termos. Os expertos que traduzem textos de sua área de especialidade tendem a dar maior atenção ao texto como um todo, conforme se pode ver em SILVA; OLIVEIRA; LIMA (2008). No caso de Jim C1L2, vê-se uma percepção de que há uma característica singular no todo do texto técnico-científico traduzido:

E uma outra sensação que eu tive é que esse português não é um português que nós falaríamos normalmente. Parece mais um português, se pudesse dizer, científico,⁷³ mas é um português mais fácil de traduzir para o inglês. Quase que se fosse um português mal escrito vertido do inglês.

O que está relatado é uma característica do texto técnico-científico. Visto isso, vale avançar para contribuições de outro projeto, que são mais elucidativas com respeito a meu recorte. Seguem dados do projeto SegTrad (Segmentação Cognitiva e Sistemas de Memória de Tradução: interfaces entre o desempenho do tradutor e a tradução assistida por computador – PQ/CNPq 301270/2005-8), também coordenado pelo Prof. Fabio Alves. Para contextualizar, o projeto SegTrad tem como objetivo investigar o efeito do uso de um sistema de memória de tradução e da pressão de tempo no processo cognitivo de tradutores profissionais com foco sobre aspectos relativos à segmentação e aos processos de tomada de decisão. Um dos objetivos do projeto é averiguar se e em que medida o uso de memórias de tradução influi no processo do tradutor profissional com experiência no uso desse tipo de ferramenta de auxílio (LIPARINI CAMPOS, 2010, pp. 15-34).

Para situar o que segue, a sigla SA significa “sujeito do alemão”; P é “pesquisador”. Vale destacar que, entre os diversos arquivos contidos no projeto, selecionei alguns que continham as siglas TAMP (texto alemão traduzido no *Trados* com pressão de tempo) e TAP (texto alemão traduzido no *Translog* com pressão de tempo), por julgar importante, para meus propósitos, haver pressão de tempo, algo mais aproximado do mercado. Dos relatos selecionados, selecionei apenas alguns trechos por mim considerados eloquentes. Sublinhe-se o fato de que o que segue são relatos referentes a traduções realizadas em ambiente de pesquisa, não exatamente em contexto profissional; isso apenas espelha coisas que ocorrem na vida real. O campo **Meus comentários** apresenta meus comentários sobre os dados. Seguem

⁷³ Os erros de ortografia originais são mantidos.

alguns destaques.

5.2.2. Dados coletados do projeto SegTrad

Relato Retrospectivo – SA1-TAMP

SA1: Aqui eu fui para o corretor ortográfico. <pausa> Eu ia fazer a revisão com o original, mas aí eu falei, o texto está simples, não tem muito segredo, o tempo está curto, peguei tudo e falei: - não, eu leio o material de novo, vejo se faz sentido <pausa> e no final que eu ia passar o Trados para jogar as correções para a memória.

(...)

P: É? <pausa> <i>Você pesquisou algo específico quando fez a leitura de orientação?</i>

SA1: Não.

(...)

P: <i>E como você fez a revisão do texto?</i>

SA1: Ah, só a leitura. Só deu tempo para fazer a leitura e corretor ortográfico.

P: <i>E comente sobre o limite de tempo para a realização da tarefa</i>

SA1: Para essa tarefa, para esse texto específico, o tempo até que foi decente, não tive assim <int=interromp> teria usado mais uns 10 minutos para poder fazer um trabalho um pouco melhor. Se fosse o da escova dental (está se referindo ao texto TAM) não ia dar.

Meus comentários: devido à pressão de tempo, o sujeito deixa coisas importantes para o final. Não há pesquisa prévia na leitura de orientação, nem verificação do que a memória de tradução oferece. Há falhas psicofisiológicas graças à pressão do tempo. Um acréscimo de tempo teria contribuído para a realização de um trabalho melhor.

Relato Retrospectivo – SA1-TAP

SA1: Tem muitas vezes que eu faço isso mesmo. Eu pego, vou, aí vejo, não ficou bom, aí eu volto, aí eu tenho uma idéia melhor, aí eu volto. Aí <int=interromp> <pausa> Aí foi quando eu fiquei sabendo do tempo. <incompreensível> minúsculo. É, cada um dá uma prioridade, então eu dei prioridade a terminar o texto. <pausa> Por exemplo, esse <int=interromp>

Meus comentários: tempo atrapalhando a recursividade; a prioridade sobre a conclusão da tarefa – fazer algo às pressas – prejudica, indubitavelmente, o produto final. Eis aí um tipo de pressão que afeta a parte psicofisiológica do tradutor, minando a qualidade do trabalho.

Relato Retrospectivo – SA2-TAMP

P: <i>Você pesquisou algo específico?</i>

SA2: Nesse texto, nada, mas é por causa do tempo mesmo. Eu devia ter pesquisado sim.

P: <i>Você adotou algum padrão ou critério em suas escolhas em relação às sugestões oferecidas pela memória?</i>

SA2: Não. Aliás, como eu não fiz pesquisa de palavras, por causa do tempo, eu mantive os termos técnicos.

P: <i>Comente sobre o limite de tempo para a realização da tarefa</i>

SA2: Ai, stress. <para=risos>

P: <i>Em que aspectos esse experimento difere de seu ambiente de trabalho?</i>

SA2: <pausa> Não difere muito. Tem, inclusive, todas as interrupções, o telefone tocando, o cliente chegando e tudo, como é o normal, mas eu não costumo trabalhar com esse stress de tempo, né. E, às vezes, quando eu vejo que um texto não está fluindo legal e eu tenho um prazo maior, eu fecho e acabo fazendo algum outro, algum outro trabalho, e retorno em uma outra hora, né.

Meus comentários: devido ao tempo, falta a pesquisa prévia. Em razão dessa falta de tempo, o caráter técnico do texto pode vir a ser prejudicado, eis que o tradutor aceita incontinenti e indiscriminadamente o que é oferecido pela memória de tradução. Mais um exemplo de pressão que afeta a parte psicofisiológica do tradutor, tendo influência negativa na qualidade do trabalho.

Relato Retrospectivo – SA2-TAP

SA2: Assim, se eu tivesse mais tempo para entregar para um cliente, eu daria uma checada nesse <i>fat burn</i>. No clube, todo mundo fala <i>fat burn</i>. A gente tem aula de <i>fat burn</i>, que justamente usa esse método de treinamento e eles falam no inglês mesmo. Então, eu acabei deixando assim, mas eu não <int=interromp> por exemplo, quando eu faço aula de spinning, com a bicicleta, aí o treinador já vem e já pergunta: as mulheres que estão participando do programa de <i>fat burn</i>, por favor, mede a frequência agora, né. Então, agora, como eu não participo desse <int=interromp> dessa coisa, eu faço as minhas aulas, mas eu não faço o programa de <i>fat burn</i>, então, não sei, não sei se eu deixaria assim para o cliente. Acho que talvez é uma palavra que eu procuraria. <pausa> Aqui teve o intervalo, né? Que eu atendi o cliente. <pausa> É, aqui depois eu vi <int=interromp> é que isso realmente, se você não pode escrever por cima, aí perde às vezes <int=interromp> a gente tem que prestar

atenção com os números, né. <pausa> Aqui tem erro de ortografia. <pausa> É, esse aqui eu coloco uma palavra bastante estranha para essa <i>frequência de treinamento</i>. <i>Leistungs</i> <int=interromp> <i>Zielzonen</i> isso ai é <incompreensível> frequência de treinamento. <pausa> Ah, isso é a revisão. Você falou que cinco minutos, né? <pausa> <i>físico</i> Revisão muito rápida, está errado. <pausa>

P: <i>Como você fez a revisão do seu texto?</i>

SA2: Eu dei uma lida, revisão lingüística e ortografia, na medida do possível.

P: <i>Comente sobre o limite de tempo para a realização da tarefa</i>

SA2: Ah, eu acho que é estressante <pausa> é, eu acho estressante, porque muda o ritmo da gente. Assim, normalmente, eu faço a tradução e algumas palavras específicas que eu não acho na hora, para não perder o fluxo, eu deixo para o fim. Mas quando é uma palavra que eu vejo que está aparecendo toda hora, aí, às vezes, eu gostaria de procurar a palavra antes. Assim, eu acho mais difícil fazer com limite de tempo.

P: <i>Em que aspectos esse experimento difere de seu ambiente de trabalho?</i>

SA2: Bom, no meu ambiente de trabalho eu não tenho limite de tempo. É, você vê, essa que ligou agora, que quer 84 palavras em 1 hora, existe isso também, mas eu tento evitar ao máximo e mesmo se você não estivesse aqui, eu não sei se eu teria aceitado esse trabalho, porque eu acho que isso é uma coisa que compromete a qualidade e depois ninguém quer saber se você teve 1 hora ou 5 horas para entregar a tradução. O que está no papel e o que está com o seu nome embaixo é aquele trabalho. É um risco muito grande você aceitar trabalhos <int=interromp> quando eu conheço bem a pessoa, quando eu conheço muito bem o cliente e ele pede para quebrar um galho, às vezes eu faço, mas é um risco grande. <pausa> Quanto a esse programa, eu achei a letra muito pequena. Se fosse no meu dia a dia eu já daria um jeito de aumentar essa letra e <int=interromp> é, no mais é normal.

Meus comentários: logo de início, em todo o parágrafo, percebe-se o alto processamento cognitivo necessário para uma tradução, culminando com a pressão de tempo, que, mais para o final, é revelada como “estressante”, pois “muda o ritmo”: vê-se aí um problema psicofisiológico se instalando. O trecho “eu dei uma lida...” revela experiência. No trecho final, vê-se que questões como a “mudança de ambiente”, de computador, de tamanho de letra têm importância, além do fato de o sujeito ter destacado seu “filtro” de trabalhos apressados ou que ele domine pouco no dia a dia.

Relato Retrospectivo – SA3-TAMP

P: <i>Como você fez a revisão do seu texto?</i>

SA3: Não deu tempo.

Outro caso de falta de tempo para revisar o texto, algo indiscutivelmente vital em trabalhos de tradução, independentemente da experiência do tradutor.

Relato Retrospectivo – SA4-TAP

SA4: Cansa, você fazer rápido assim. Parece que tem uma pedra, assim. <para=risos> Teve uma época que eu trabalhava com um cliente que era sempre assim. Era sempre muita coisa e sempre muito rápido. E sempre muito mal-pago. Imagina, no final do dia. Eu queria matar o mundo inteiro. Eu saía daqui assim, igual uma bala. É muito ruim, é horrível.

P: Eu também não gosto de fazer as coisas pressionada não.

SA4: É, ninguém gosta, né? <pausa> Mas essas agências de tradução normalmente são assim.

Tudo para ante-ontem, tudo muito bom. E tudo muito barato.

SA4: Essa é a desvantagem de você não ler a frase toda. Aí você fica mudando, quando chega lá na frente você vê que não era bem aquilo. <pausa> Eu achei essa frase mal-redigida.

SA4: (...) Eu fiquei meio assim, sabe? Mas isso é mais uma vez o resultado de você não ler a coisa antes, né. (...)

P: Que isso! <para=risos> Então vou te fazer mais umas perguntas. A mesma de antes: <i>Você pesquisou algo específico antes de começar a tradução?</i>

SA4: Não! 44 minutos! <para=risos>

P: Sem chance, né! <i>Como você fez a revisão do seu texto traduzido?</i>

SA4: Não fiz, não tive tempo.

Meus comentários: trabalhar rápido e em excesso é mentalmente cansativo, como costuma ocorrer em empresas de tradução: solicita-se que algo seja feito rápido, bem feito e barato. Fica clara a importância de se ler bem o que se vai traduzir. Não há pesquisa prévia nem revisão da tradução, dado o limite de tempo: esse limite, mais uma vez, prejudica elementos psicofisiológicos, que abalam a estratégia do tradutor.

Relato Retrospectivo – SA5-TAMP

SA5: (...) No mais, em função do tempo contado, não foi possível passar o corretor ortográfico nem imprimir e ler, que são passos imprescindíveis para um controle de qualidade para ter um texto final com uma qualidade razoável.

P: Só isso?

SA5: É, basicamente, o essencial é isso. Agora, o tempo estipulado só é a conta de fazer o texto, porém sem o controle de qualidade, sem imprimir, etc., etc.

P: <i>E como você fez a revisão do texto traduzido?</i>

SA5: Não foi feita, né. Não foi, porque <int=interromp> a única coisa que eu fiz foi ler cada frase antes de dar o comando de continuar. Então, isso aí, mesmo isso não é suficiente. Uma revisão eficiente, ela só é possível com o texto no papel. Na tela sempre passa coisa. No texto no papel, principalmente se você lê a tradução contra o original, ou seja, comparando lado a lado, você enxerga muitas coisas que, na tela, passam batido.

Meus comentários: novamente, foi relatado que não houve tempo para etapas essenciais, tais como verificação ortográfica e leitura final.

Relato Retrospectivo – SA5-TAP

P: Vou fazer só mais umas perguntas. <i>Você pesquisou algo específico antes de iniciar a tradução?</i>

SA5: Não, nesse caso, sem chance, porque em meia hora, para fazer isso, não tem jeito, então, como é um texto de <int=interromp> para quem tem um pouquinho de cultura geral dá conta de fazer, uma ou outra palavrinha eu teria que realmente olhar depois. Aquele <i>estriado</i>, aquela <i>faixa de meta</i>, que ficou meio ao pé da letra. Um ficou meio chutado o outro ficou ao pé da letra, porque não <int=interromp> uma <i>faixa desejada</i>, eu quis manter o <i>meta</i>, porque, geralmente, a pessoa que faz atividade física tem uma meta que ele quer atingir, então <int=interromp> mas não ficou legal ali, teria que mudar. Mas não é o correto, o correto é você procurar realmente, pesquisar alguma coisa sobre o assunto para você não ir totalmente cru, né, ou até reinventar a roda, porque outros já fizeram isso, melhor até, né.

P: <i>E como você fez a revisão do texto traduzido?</i>

SA5: Nenhuma, nenhuma.

P: Não deu tempo, né. <i>Comente sobre o limite de tempo para a realização da tarefa.</i>

SA5: É impossível. Só se fosse um digitador daqueles que digitam sem olhar, porque eu,

como erro muito, tenho que consertar muito, então é impossível.

Meus comentários: falta de tempo para um trabalho de qualidade. Logo no início do relato do tradutor, veem-se elucubrações representativas do trabalho cognitivo (elemento psicofisiológico) que está envolvido na tarefa. Não foi feita nenhuma revisão do texto.

Entre os problemas apontados pelos tradutores, percebem-se, em síntese, os seguintes:

- a) falta de tempo;
- b) falta de leitura prévia do texto;⁷⁴
- c) falta de revisão (final e/ou ortográfica);
- d) falta de pesquisa prévia sobre o assunto;
- e) aceites irrefletidos de coisas oferecidas pela memória de tradução (participante SA2, por exemplo).

Há pressa para *concluir* a tarefa, mais do que para realizar um trabalho satisfatório. Fica claro (em SA2, por exemplo) o complexo processo cognitivo envolvido. Destaca-se, por exemplo, o sujeito denominado “Adam C2L1”, do ExpliciTrad, em texto sobre amassamento de papel, em relato livre, faz leitura inicial do texto antes de traduzi-lo. Que seja lembrado que se trata, aqui, de tradutores expertos que demonstraram problemas psicofisiológicos durante o processo tradutório.

5.3. Dados coletados com alunos da UFRGS aprendizes de tradução

Parto agora para a análise de dados por mim coletados com alunos do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Esses dados foram obtidos graças à participação dos estudantes das disciplinas Linguística e Tradução (turmas A [31 traduções e 19 relatos] e B [12 traduções e 9 relatos]) e Terminologia I (turma U [35 traduções e 25 relatos]), do curso Bacharelado em Letras (cuja habilitação é a de “tradutor”), da UFRGS, regidas pela Prof^a Maria José Bocorny Finatto, ambas no segundo semestre de 2012. É importante registrar que a tarefa de aula que envolveu esta coleta de dados foi proposta como atividade extra, não obrigatória. Aqueles que a quisessem realizar, entretanto, obteriam 1

⁷⁴ A questão da leitura prévia é pelo menos polêmica e merece mais investigação; o contexto geral da tradução técnico-científica não permite que essa etapa seja realizada.

ponto extra no fechamento dos conceitos finais. Todos os estudantes foram esclarecidos sobre a finalidade da tarefa, e os que a ela aderiram apresentaram seu consentimento por escrito para a reprodução de seus dados, devidamente desidentificados, nesta tese.

Os respondentes de Terminologia I tinham em geral o perfil de aluno formando naquele semestre, e os respondentes de Linguística e Tradução tinham, na época, o perfil de alunos de terceiro semestre (em geral) do curso, que, naquele momento, antes de sua atual reforma curricular, se constituía de 9 semestres. Todos os respondentes, ao realizarem as atividades propostas, assinaram um termo de livre consentimento de uso de seus dados e estavam cientes de que seus nomes não seriam divulgados em seus exercícios. A maioria dos respondentes estava na faixa etária de 18 a 21 anos e não possuíam outra graduação anterior à de Letras.

Julgo válido informar que o fato de alunos de Terminologia I, na vigência de uma dada proposta curricular, estarem rumando para o final do curso (8º semestre de um total de 9 do curso) revelou muito maior organização de trabalho na atividade, uma vez que já tinham passado por disciplinas de tradução e versão, e alguns já atuavam no mercado. Para contextualizar, reproduzimos a seguir as instruções por mim oferecidas antes da realização da tarefa de aula, primeiro da tarefa de tradução propriamente dita, depois da redação do relato referente a essa.

INSTRUÇÕES:

Tarefa: traduzir o resumo solicitado.

Prazo: 26 de novembro de 2012, 12h00.

Ferramenta CAT: não é necessária.

Instruções: traduza todo o texto referente a sua língua de trabalho. Leve em conta que sua tradução deve ser um texto que soe natural, tal como se tivesse sido escrito por um especialista brasileiro. Dê atenção especial à linguagem técnica e à terminologia. Utilizar padrão do novo acordo ortográfico.

Referência: nenhuma específica. Pesquisar o assunto em fontes fidedignas. Utilizar guia de estilo fornecido.

Instruções para redigir o relato:

Escreva um texto de 10 a 15 linhas relatando sua experiência de tradução. Esse texto deve responder às seguintes questões:

Todos os documentos disponibilizados foram lidos atentamente?

Foi utilizada alguma ferramenta CAT (*computer-aided translation*, tal como Trados, Wordfast etc.) ou MT (*machine translation*, tal como “Google Tradutor”)?

Quais os principais fatores estressantes (pouco tempo, pouca informação, informação incompleta etc.) da tarefa em si?

Você se sente confiante em relação a sua tradução?

Esse instrumento, saliente, continha propositadamente informações algo vagas, tentando simular o mercado das empresas de tradução, em que informações vagas ocorrem frequentemente.⁷⁵ O “guia de estilo”, por exemplo, é mais voltado à Informática, mas dele se extraem informações gerais e úteis; isso foi **proposital**, pois ocorre com frequência no referido mercado.⁷⁶ Essa “vagueza” nas informações e o tempo reduzido, dado o contexto de final de semestre, em que os alunos estão assoberbados, também imitam o mercado, e são considerados, para o fim desta experiência, fatores estressores. Foram dados os prazos de 27 de novembro a 6 de dezembro de 2012 para Linguística e Tradução; de 23 a 26 de novembro de 2012 para Terminologia I.

Para este trabalho, selecionei textos em inglês para a análise, embora a tarefa original tenha contemplado mais línguas (além da referida, francês, italiano, alemão e espanhol). Os textos-fonte e suas respectivas traduções-modelo⁷⁷ serão apresentados logo antes da análise de maneira a facilitar a comparação.

Vejam-se os dados propriamente ditos. Seguem traduções seguidas de relatos e, depois, meus breves comentários sobre cada tarefa no campo **Meus comentários**, concluindo com comentários gerais no final. Os negritos da tradução e dos comentários dos participantes são meus e servem para destacar trechos/comentários importantes. Iniciarei por “Linguística e Tradução” (3375 A e B) e finalizarei com “Terminologia I” (3376). Essas duas disciplinas, hoje, correspondem ao currículo velho do curso. “Linguística e Tradução” deu lugar a uma disciplina sobre leitura e tradução, e a disciplina de Terminologia I teve seu número de horas reduzido. Em 2015/2 ainda ocorrerá a disciplina de Terminologia II para atender aos alunos fora da seriação de curso aconselhada, embora as novas disciplinas também ocorram. As

⁷⁵ Não afirmo, de maneira alguma, que as empresas de tradução possam ser culpadas disso: refiro-me a informações e instruções falhas provenientes de clientes dessas agências, que acabam sendo oferecidas aos tradutores.

⁷⁶ Caso a “Empresa de Tradução X” receba um pedido de tradução relativo a material de um jogo eletrônico de um cliente que não tenha guia de estilo, essa empresa encaminhará seu guia de estilo geral, por exemplo.

⁷⁷ De minha autoria (tradução-modelo 1) e de Bianca Pasqualini (tradução-modelo 2), a quem agradeço pela colaboração neste trabalho.

siglas que emprego para identificar os dados dos quadros que se verão devem ser interpretadas como segue:

TALTAT: tradutor-aluno, Linguística e Tradução, turma A, tradução;

TALTAR: tradutor-aluno, Linguística e Tradução, turma A, relato;

TALBTB: tradutor-aluno, Linguística e Tradução, turma B, tradução;

TALTBR: tradutor-aluno, Linguística e Tradução, turma B, relato;

TATT: tradutor-aluno, Terminologia I, tradução;

TATR: tradutor-aluno, Terminologia I, relato.

No que segue, o número apostro a uma sigla significa o número do tradutor-aluno em minha organização de dados, cuja identificação real é mantida em sigilo. Não reproduzo a totalidade dos dados aqui: segue uma parcela de dados por mim considerados importantes.

Texto-fonte em inglês:

The specificities of 28 commercially available compounds reported to be relatively selective inhibitors of particular serine/threonine-specific protein kinases have been examined against a large panel of protein kinases. The compounds KT 5720, Rottlerin and quercetin were found to inhibit many protein kinases, sometimes much more potently than their presumed targets, and conclusions drawn from their use in cell-based experiments are likely to be erroneous. Ro 318220 and related bisindolymaleimides, as well as H89, HA1077 and Y 27632, were more selective inhibitors, but still inhibited two or more protein kinases with similar potency. LY 294002 was found to inhibit casein kinase-2 with similar potency to phosphoinositide (phosphatidylinositol) 3-kinase. The compounds with the most impressive selectivity profiles were KN62, PD 98059, U0126, PD 184352, rapamycin, wortmannin, SB 203580 and SB 202190. U0126 and PD 184352, like PD 98059, were found to block the mitogen-activated protein kinase (MAPK) cascade in cell-based assays by preventing the activation of MAPK kinase (MKK1), and not by inhibiting MKK1 activity directly. Apart from rapamycin and PD 184352, even the most selective inhibitors affected at least one additional protein kinase. Our results demonstrate that the specificities of protein kinase inhibitors cannot be assessed simply by studying their effect on kinases that are closely related in primary structure. We propose guidelines for the use of protein kinase inhibitors in cell-based assays.

Fonte: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1221339/>>

Tradução-modelo 1:

As especificidades de 28 compostos disponíveis no mercado, considerados inibidores relativamente seletivos de determinadas proteínas quinase específicas para serina/treonina, foram examinadas em comparação a um grande número de proteínas quinase. Detectou-se que os compostos KT 5720, rottlerina e quercetina inibem muitas proteínas quinase, por vezes com muito mais potência do que a visada, e conclusões obtidas a partir de seus usos nos experimentos com células têm probabilidade de erro. A Ro 318220 e as bis-indolmaleimidadas da mesma natureza, além de H89, HA1077 e Y 27632, foram inibidores mais seletivos, mas inibiram duas ou mais proteínas quinase com potência semelhante. Detectou-se que a LY 294002 inibiu a caseína quinase-2 com potência semelhante à do fosfoinositídeo (fosfatidilinositol) 3-quinase. Os compostos que apresentaram os perfis de seletividade de maior destaque foram KN62, PD 98059, U0126, PD 184352, rapamicina, wortmannina, SB 203580 e SB 202190. Foi detectado que o U0126 e o PD 184352, bem como o PD 98059, bloquearam a cascata de proteína quinase ativada por mitógeno (MAPK) em análises com células, bloqueando a ativação da quinase MAPK (MKK1), e não inibindo diretamente a atividade da MKK1. À exceção da rapamicina e do PD 184352, mesmo os inibidores mais seletivos tiveram efeito em pelo menos mais uma proteína quinase. Nossos resultados demonstram que as especificidades dos inibidores de proteínas quinase não podem ser avaliadas apenas pelo estudo de seus efeitos em quinases que estão intimamente relacionadas na estrutura primária. Propomos diretrizes para o uso de inibidores de proteína quinase em ensaio com células.

Tradução-modelo 2:

As especificidades de 28 compostos disponíveis comercialmente e considerados inibidores relativamente seletivos de determinadas proteínas quinases específicas para serina/treonina foram analisadas em comparação a um painel de proteínas quinases. Verificou-se que os compostos KT 5720, rotlerina e quercetina inibem diversas proteínas quinases, às vezes com potência superior à de seus alvos, e é provável que conclusões suscitadas a partir do uso desses compostos em ensaios celulares estejam equivocadas. O composto Ro 318220 e bis-indolmaleimidadas da mesma natureza, bem como H89, HA1077 e Y 27632, mostraram-se inibidores mais seletivos, mas ainda assim inibiram duas ou mais proteínas quinases com potência similar. Verificou-se que o composto LY 294002 inibe a caseína quinase-2, com potência semelhante à do fosfoinositídeo (fosfatidilinositol) 3-quinase. Os compostos com os perfis de seletividade mais marcantes foram KN62, PD 98059, U0126, PD 184352,

rapamicina, wortmanina, SB 203580 e SB 202190. Observou-se que o U0126 e o PD 184352, tal como o PD 98059, bloqueiam a cascata de proteína quinase ativada por mitógeno (mitogen-activated protein kinase, MAPK) em ensaios celulares através da prevenção da ativação de MAPK quinase (mitogen-activated protein kinase kinase 1, MKK1), e não através da inibição direta da atividade de MKK1. Com exceção da rapamicina e do PD 184352, mesmo os inibidores mais seletivos afetaram no mínimo uma proteína quinase adicional. Nossos resultados demonstram que as especificidades dos inibidores de proteína quinase não podem ser avaliadas através do simples estudo dos seus efeitos sobre quinases com estruturas primárias intimamente relacionadas. Propomos diretrizes para o uso de inibidores de proteína quinase em ensaios celulares.

5.3.1. Dados coletados com alunos da disciplina 3375 (Linguística e Tradução) A – inglês

TALTAT23:

As especificidades de 28 **componentes** disponíveis no mercado **acusados** de serem inibidores relativamente seletivos de **proteínas específicas serina/treonina quinases particulares** foram examinadas **em contato** com diversas proteínas quinases. Descobriu-se que os **componentes** KT 5720, **Rottlerin** e quercetina inibem muitas proteínas quinases, às vezes de forma muito mais potente que seus alvos **usuais**, e conclusões tiradas do seu uso em experimentos **baseados em** células estão provavelmente erradas. Ro 318220 e bisindolilmaleimidias **relacionadas**, assim como H89, HA1077 e Y27632, foram inibidores mais seletivos, mas ainda inibiram duas ou mais proteínas quinases com potência semelhante. Descobriu-se que LY 294002 inibe a **quinase-2 caseína** com potência semelhante à **fosfatidilinositide** (fosfatidilinositol) 3-quinase. Os **componentes** com os perfis de seletividade mais impressionantes foram KN62, PD 98059, U0126, PD 184352, rapamicina, **wortmannin**, SB 203580 e SB 202190. Descobriu-se que U0126 e PD 184352, assim como PD 98059, bloqueiam a **cascata quinase (MAPK) ativada por mitógeno em testes baseados em células**, ao **prevenirem** a ativação da quinase MAPK (MKK1), e não ao inibirem diretamente a atividade da MKK1. **A não ser por** rapamicina e PD 184352, até mesmo os inibidores mais seletivos afetaram no mínimo mais uma proteína quinase. Nossos resultados demonstram que as especificidades dos inibidores da proteína quinase não podem ser **compreendidas** simplesmente estudando seus efeitos em quinases com a **estrutura primária**

já particularmente relacionada. Propomos diretrizes para o uso de inibidores de proteínas quinase para **testes** baseados em células.

TALTAR23:

A tradução de um texto técnico a partir do inglês, originalmente o resumo de um artigo intitulado “Specificity and mechanism of action of some commonly used protein kinase inhibitors.”, **exige muita atenção a termos** de uma área que não pertence aos conhecimentos do aluno de Bacharel em Letras; para isso, **foi indispensável a releitura atenta do original.** No caso do inglês, a tradução da maioria dos **termos** (dos componentes químicos principalmente) **não é difícil de se encontrar** usando a internet. Foi utilizada ferramenta de MT (*machine translation*) como apoio, o “**Google Tradutor**”, além de dicionário tradicional. **O mais complexo da tarefa foi a incerteza quanto às escolhas nos termos**, mesmo encontradas em textos científicos, inclusive quanto à concordância de termos que não eram muito mais que números. Por esse mesmo fator, não terminei a tarefa com a confiança de um trabalho bem feito, mas com a ideia de algo em aberto, que ainda poderia melhorar muito, especialmente sob os olhos de um revisor técnico, ou mesmo de um tradutor mais experiente.

Meus comentários: a palavra “acusado” é inadequada ao contexto, pois tem tom que remete a textos de Direito e não tem a precisão adequada para textos desta área de concentração; “componente” é inadequado; uso de “baseados em” revela aderência à estrutura do inglês, bem como o “relacionadas”; “quinase-2 caseína” é irregular, pois segue uma ordem sintática que não permite a correta interpretação de o que realmente está sendo referido; conforme relatado por TALTAR23, há grande exigência de atenção a *termos*, mas, embora tenha havido uma “releitura atenta do texto”, o que se pode ver é algo como um rol de termos com “sintaxe livre”, sem a organicidade necessária de um texto da área em questão. A “incerteza quanto às escolhas nos termos” pode revelar uma preocupação exacerbada com “palavras técnicas”, não com o “texto técnico” em si. Isso revela falhas de competência bilíngue. O trecho “Por esse... mais experiente” revela falta de competência estratégica e falha nos componentes psicofisiológicos, pois o respondente não teve estratégia suficiente para organizar a tarefa e não teve confiança no que fez (isso afeta tradutores de qualquer nível, mas mais os iniciantes). Ao comentar que o mais difícil foi a escolha dos termos, ao mesmo tempo em que comenta que esses são facilmente encontrados na Internet, revela também uma confusão psicofisiológicas, pois há um desencontro do raciocínio empregado.

TALTAT26:

As especificidades dos 28 compostos comercialmente disponíveis tidos como inibidores de **proteína-quinase serine/theonine específico** foram examinados **de frente a** um grande **painel** de **proteínas-quinase**. Os compostos **KT 5720, Rottlerin e quercetin encontrados** inibem muitas **proteínas-quinases**, **às** vezes muito mais potencialmente que se seus alvos **presumidos**, e as conclusões tiradas de seus usos em experimentos com células são provavelmente errôneos. **RO 318220 e bisindole maleimides**, tanto quanto **H89, HÁ 1077 e Y27632**, foram mais inibidores mais seletivos, entretanto ainda inibiram **dois** ou mais proteínas-quinase com potências similares. **LY 29002** foi descoberta como inibidora de **2-caseína-cinase** com potência similar a fosfoinositídeo(fosfatidilinositol)-3-quinase. Os compostos com os perfis seletivos **mais impressionantes** foram **KN62, PD 98059, U 0126, PD 184352, rapamycin, wortmanin, SB 203580 e SB 202190. UB 0126 e OD 184352, como PD 98059**, foram descobertos como bloqueadores de **proteína-quinase mitogênio- ativado (MAPK) cascata** em ensaios **com base de célula** por **prevenção** da ativação de quinase MAPK (MKK1), e não por inibir a atividade MKK1 diretamente. Além de **rapamycin e PD184352**, até os inibidores mais seletivos afetaram ao menos uma proteína-quinase adicional. **Nosso resultados** demonstram que as especificidades dos **inibidores proteína-quinase** não podem ser **avaliados** simplesmente por estudar seus efeitos em quinases que estão relacionados rigorosamente a estruturas primárias. Prepusemos diretrizes para o uso de inibidores de proteína-quinase em ensaios **com base em células**.

TALTAR26:

Minha experiência com essa tradução foi interessante. No momento faço estágio como revisora de texto na Artmed e lido com termos técnicos da bioquímica todos os dias, então reconheci alguns termos. Durante a tradução, não foi utilizada nenhuma ferramenta CAT, apenas usei o site **Linguee** para consultar a tradução dos termos mais específicos que eu não reconheci. **Acredito que o fator estresse surgiu quando percebi que comecei o trabalho “de salto alto”, achando que não seria tão complicado, pois estou trabalhando na área técnico-científica. Foi um choque quando comecei a travar e achei que não conseguiria terminar dentro do tempo determinado. Minha maior dificuldade foi fazer o texto soar natural e não como uma tradução feita por um tradutor automático** (algo que creio não ter conseguido). Mesmo lendo e relendo o parágrafo e consultando o guia de estilo, não fiquei satisfeita com meu trabalho. Creio que se eu não tivesse subestimado a tarefa e começado ela

antes, o resultado teria sido muito melhor.

Meus comentários: “de frente” (com certo teor de oralidade) e “painel” não são usados em textos da área em geral; não houve tradução de “rotlerina”, “rapaminica”, “wortmanina” nem “quercetina”, o que pode revelar o desconhecimento da regra geral de que sempre que um composto termina em “-in(e)”, é traduzido por “-ina”. A ordem de “caseína quinase-2” não é respeitada. A construção “proteína-quinase mitogênio- ativado (MAPK) cascata” não faz sentido; “com base em” revela adesão à sintaxe do inglês. Há, em geral, grande falta de consistência. No trecho “Creio que... muito melhor” se vê um problema psicofisiológico, pois o participante interpreta mal a tarefa, ainda mais se considerarmos o “salto alto” da tradutora, um fator estressante por ela relatado.

TALTAT30:

As particularidades dos 28 compostos disponíveis no mercado e apontados como inibidores relativamente **seletos** de **proteína quinase serina/treonina específica** estão sendo averiguadas em um grande painel de **quinases**. Os compostos KT 5720, **Rottlerin** e **quacertina foram usados** para inibir um grande número de **proteínas quinases**, sendo **muitas vezes** mais potentes do que o esperado, e conclusões vindas do seu uso em experimento **baseado em** células está provavelmente errado. RO 318220 e **bisindoylmaleimides**, assim como H89, HA1077 e Y27632, [OMISSÃO] foram usados para inibir duas ou mais **proteínas quinases** com potência similar. LY 294002 foi usado para inibir caseína quinase-2 com potência semelhante **ao fosfoinosítido (fosfotidilinositol) 3-quinase**. Os compostos com perfis **seletivamente mais impressionantes** foram KN62, PD 98059, U0126, P 184352, rapamicina, **wortmannin**, SB 203580 e SB 202190. Em um **teste baseado células**, U0126 and PD 184352, assim como PD 98059, foram usados para bloquear a **queda** de **mitogon-activated protein kinase** (MAPK), através do impedimento da ação de **MAPK quinase** (MKK1), e não diretamente pela **inibição ativa** de MKK1. Com a exceção de rapamicina e PD 184352, até os inibidores mais **seletos** afetaram ao menos **uma proteína quinase adicional**. Nossos resultados demonstram que as particularidades de inibidores de **proteínas quinases** não podem ser avaliadas simplesmente pelo estudo de seus efeitos em quinases **rigorosamente** associadas em estruturas primárias. Nós propomos diretrizes para o uso de inibidores de **proteínas quinases** nos **testes baseados em** células.

TALTAR30:

Visto que trabalharia com a tradução do texto em Inglês, acessei a página do moodle para

encontrar maiores informações sobre o objetivo tradutório. **Li as instruções por completo, mas o mesmo não aconteceu quanto ao guia de estilo: a respeito do último, li as primeiras páginas e concluí que, caso tivesse alguma dúvida, seria ali o meu local de procura.** Não utilizei nenhuma ferramenta CAT durante o processo tradutório, mas depois da aula de Linguística e Tradução sobre as tais ferramentas, comecei a usar o programa Wordfast para fazer traduções de outra disciplina e penso agora que teria sido uma ótima opção ter utilizado nesse caso. O **Google Tradutor** foi usado, assim como o linguee.com e dicionários online. **O que mais me estressou durante a tradução foi a falta de conhecimento a respeito do assunto e o fato de não ter certeza de onde poderia retirar informações sobre o mesmo.** Não me senti segura quanto às informações que encontrei na Internet. Não me senti segura quanto à minha tradução.

Meus comentários: “seleto” tem semântica diferente de “seletivo”; “**proteína quinase serina/treonina específica**” está com sintaxe irregular; “adicional” revela adesão ao inglês. Cabe destacar, no relato de TALTAR30, o fato de ter interpretado o guia de estilo fornecido como um “manual” para sanar dúvidas. O trecho “Li... procura” revelou boa subcompetência estratégica. A falta de conhecimento sobre o assunto é destacada como estressor, que mina o que se chama de componentes psicofisiológicos.

5.3.2. Dados coletados com alunos da disciplina de LET 3375 (Linguística e Tradução) B – inglês

TALTB3:

As **especificidades** dos 28 compostos disponíveis comercialmente **informados como sendo relativamente inibidores seletivos do particular serina/treonina – específicos da proteína quinase – foram testados contra** um grande painel de proteínas quinases. Os compostos KT 5720, **Rottlerin** e quercetina demonstraram inibir muitas proteínas quinases, às vezes, mais potentes que seus **presumidos alvos** e conclusões retiradas do seu uso em **células experimentais** estão provavelmente incorretos. **Ro 318220 e o relacionado bisindolilmaleimida;** assim como H89, HA 1077 e Y 27632; foram os inibidores mais seletivos, mas ainda assim, inibiram 2 ou mais proteínas quinases com **potências** similares. LY 294002 **foi encontrado** inibindo a caseína quinase-2 com **potência** semelhante ao **phosphoinositide** (fosfatidilinositol) 3-quinase. Os compostos com o maior expressivo perfil seletivo foram KN62, PD 98059, UO126, PD 184352, rapamicina, wortmanina, SB 203580 e

SB 202190, UO126, PD 184352 e PD 98059 foram encontrados bloqueando a [OMISSÃO] proteína quinase ativada por **mitogênio** (MAPK) **graduadas nas células testadas por impedimento** da ativação da proteína MAPK (MKK1) e não por inibição diretamente ativa [OMISSÃO]. **Além da** rapamicina e PD 184352, até os mais seletivos inibidores afetaram pelo menos uma **quinase da proteína adicional**. Nossos resultados demonstraram que as **especificidades** do inibidor da proteína quinase não pode ser testado apenas estudando seus efeitos nas quinases que estão **relativamente próximas das** estruturas primárias. Nós propomos diretrizes para o uso dos inibidores das proteínas quinases testadas nas células.

TALTBR3:

Não me sinto confiante pela minha tradução por causa de vários fatores como: falta de conhecimentos da língua inglesa, falta de conhecimento sobre o assunto em si e também por ser minha primeira experiência traduzindo algo para uma aula. Utilizei vários dicionários online português-inglês, o site Linguee e pesquisei sobre o assunto em sites como Wikipédia e relacionados com bioquímica. **Tudo foi lido e relido várias vezes até poder entender um pouco sobre o que se tratava o parágrafo. O principal fator estressante foi não saber nada sobre o assunto, dispus muito tempo para pesquisar palavras que eu desconhecia sobre bioquímica,** pois não havia nada de informação para auxiliar a tradução, o segundo fator foi não ter conhecimento de algumas expressões e palavras técnicas da língua inglesa e tive que realizar várias pesquisas em dicionários diferentes e no linguee.

Meus comentários: nos primeiros grifos, vê-se erro de ortografia e uma total inadequação de expressão, culminando no “testados contra”; o uso de “relacionado” revela o não entendimento da frase; a não tradução de certos elementos do texto e a omissão de uma parte revelam falta de atenção. Muito disso pode se dever ao fato de essa ser a primeira experiência de tradução de TALTBR3; mais uma vez, conforme o relato, há uma centralidade na “palavra”. Já no início do relato, se reparam falhas nos componentes psicofisiológicos, pois o participante não se sente confiante com sua tradução. Fatores estressantes tais como desconhecimento do assunto e falta de tempo também minaram os componentes psicofisiológicos, não deixando o participante realizar uma tarefa com qualidade.

TALBT11:

As especificidades de 28 compostos disponíveis comercialmente, **ditos serem** inibidores relativamente seletivos de certas proteínas cinase específicas de serina/treonina, **tem** sido examinados **contra** um amplo painel de proteínas cinase. Descobriu-se que os compostos KT

5720, **Rottlerin** e queracatina inibiram muitas proteínas cinase, às vezes com muito mais potência do que a visada, e conclusões provenientes de seu uso em experimentos **baseados em** células são possivelmente errôneas. Ro 318220 e bisindolilmaleimidias relacionadas, **como** H89, HA1077 e Y 27632, foram inibidores mais seletivos, mas ainda assim inibiram duas ou mais proteínas cinase com potência similar. Descobriu-se que LY 294002 inibe caseína cinase-2 com potência semelhante a **fosfatidilinositol-3-cinase**. Os compostos com os perfis seletivos mais impressionantes foram KN62, PD 98059, U0126, PD 184352, rapamicina, **wortmannin**, SB 203580 e SB 202190. Descobriu-se que U0126 e PD 184352, assim como PD 98059, bloqueiam a **progressão** de proteínas cinase ativadas por mitógeno (MAPK) em análises **baseadas em** células através da prevenção da ativação da cinase MAPK (MKK1), e não por inibição da atividade da MKK1 diretamente. Exceto pela rapamicina e o PD 184352, mesmo os inibidores mais seletivos afetaram pelo menos uma proteína cinase **adicional**. Nossos resultados demonstram que as especificidades dos inibidores de proteínas cinase não podem ser **acessadas** apenas pelo estudo do seu efeito em cinases intimamente relacionadas em sua estrutura primária. Nós propomos **padrões** para o uso de inibidores de proteína cinase em análises **baseadas em** células.

TALTBR11:

Visto que a professora disponibilizou a versão impressa dos textos a serem traduzidos, não acessei o Moodle até a hora de enviar a tradução, por isso não li os outros documentos disponíveis antes de iniciar o trabalho.

Para fazer a tradução, o primeiro passo foi sentar e ler o texto atentamente do início ao fim. Tendo entendido do que se tratava, pude começar a trabalhá-lo.

O principal problema foram os **termos** técnicos, pois **as estruturas frasais eram relativamente simples**. Para traduzir esse termos (isto é, aqueles que podiam ser traduzidos) utilizei uma ferramenta MT (no caso o **Google Tradutor**), **sempre efetuando uma pesquisa do termo na língua fonte e na língua meta, a fim de certificar-me que se referiam ao mesmo objeto**. A falta de informação foi rapidamente compensada efetuando buscas acerca do assunto no Google. Houve também dificuldade em traduzir certos termos sem equivalente apropriado na língua meta.

Sinto-me confiante em relação a minha tradução, apesar de não ter gostado muito da versão que fiz da última frase, mas não consegui expressar melhor o sentido que fiz dela.

Meus comentários: o uso de “ditos serem” é inadequado e causa estranheza para os padrões do português brasileiro/da área de concentração; “contra... amplo painel” revela adesão ao

inglês, assim como diversos outros elementos por mim grifados. Quanto ao relato de TALTBR11, cabe registrar que foi informado que haveria instruções na plataforma Moodle, e sua justificativa revela falta de planejamento e responsabilidade (competência estratégica/instrumental). Porém, destaca-se o fato de TALTBR11 mencionar que leu, previamente, o texto a ser traduzido do início ao fim. Novamente, vê-se um “respeito” pelos termos, e, ainda que haja erros visíveis na tradução, o participante revela que o texto era “estruturalmente simples”. TALTBR11 revela uso inteligente e ponderado de mecanismo de MT, esforçando-se para conferir se as traduções fornecidas eram corretas. Há desencontro entre o que foi relatado e o que foi feito: relatou-se certa simplicidade, o que não foi visto na tarefa em si (falha psicofisiológica).

5.3.3. Dados coletados com alunos da disciplina 3376 (Terminologia I) – inglês

TATT9:

As especificidades de 28 compostos disponíveis no comércio, descritos como inibidores relativamente **seletivos de serina/treonina** – proteínas quinases **específicas têm sido** comparadas a um grande número de proteínas quinases. [OMISSÃO] Os compostos KT 5720, **Rottlerin** e quercetina foram capazes de inibir diversas **proteínas quinases**, algumas vezes **muito mais potentes** do que seus objetivos previsíveis, e as conclusões encontradas no seu uso em experimentos baseados em células provavelmente estejam erradas. Os compostos Ro 318220 e o **besindole maleimides relacionado**, bem como H89, HA1077 e Y 27632, foram inibidores mais seletivos, mas ainda inibiram duas ou mais quinases com **potencial** similar. [OMISSÃO] LY 294002 inibiu a caseína quinase-2 com potência similar ao **fosfatidilinositol -3- quinase (phosphatidylinositol)**. Os compostos com perfil de seletividade mais impressionante foram KN62, PD98059, U0126, PD184352, rapamicina, wortmanina, SB203580 e SB202190. [OMISSÃO] O U0126 e o PD184352, como o PD98059, bloquearam as **Proteínas Quinases Ativadas por Mitógenos (MAPK) cascata** em ensaios **baseados em** células, pela **prevenção** da ativação da quinase **MAKP (MKK1)** e não **pela inibição da atividade direta** de MKK1. Além da rapamicina e do PD184352, até mesmo os inibidores mais seletivos afetaram no mínimo uma proteína quinase **adicional**. Nossos resultados mostram que as especificidades dos inibidores de proteína quinase não podem ser avaliadas simplesmente pelo estudo do seu efeito em quinases que estão muito relacionadas em estrutura primária. Nós propomos diretrizes para o uso de inibidores de proteína quinase em ensaios

baseados em células.

TATR9:

O que tínhamos de disponível para fazer a tradução era **apenas o texto (em inglês original) e nenhuma informação a mais**. Como o tema era “compostos químicos”, tive que fazer várias pesquisas usando a Internet (Google). As ferramentas utilizadas foram: **Google Tradutor**, Dicionário Oxford (monolíngue - inglês), diversos dicionários da Língua Portuguesa, além de várias fontes confiáveis de obras que tratavam do assunto do texto encontradas na Internet.

O fator mais estressante foi, certamente, a falta de domínio na área a ser traduzida (Química) e o curto espaço de tempo para realizar a tradução. Outro fator estressante é ter que selecionar as informações obtidas pelo Google. Por exemplo, as fontes a serem utilizadas devem ser confiáveis o suficiente para não haver erro no texto traduzido, uma vez que a tradutora não têm domínio sobre a área.

Em relação à tradução me sinto confiante. As fontes que utilizei são bastante razoáveis para haver algum tipo de erro grave. O texto em português ficou natural e fluiu naturalmente, em grande parte do texto.

Meus comentários: além de sintaxe confusa logo de início, há omissões de informações e falta de tradução de termos. O uso de “relacionados” revela adesão ao inglês e problemas de sintaxe/semântica. No relato de TATR9, vê-se a desatenção a outras informações oferecidas (falha dos componentes psicofisiológicos). Como estressores, há a falta de domínio da área e pouco tempo para realizar a tarefa, além de filtrar informações (outra falha dos componentes psicofisiológicos): isso já revela alguma experiência, visto que este participante está em nível mais avançado.

TATT15:

As especificidades **dos** 28 compostos disponíveis no mercado, que alegadamente são inibidores relativamente seletivos de certas proteínas quinases **específicas** para serina/treonina, foram examinadas com **um grande leque** de proteínas quinases. Foi descoberto que os compostos KT 5720, **Rottlerin** e **Quercetina** inibem muitas proteínas quinases, **as** vezes de forma muito mais potente do que **seus supostos alvos**, e as conclusões **tiradas** de seu uso em experimentos com células são provavelmente errôneas. Os compostos Ro 318220 e bisindolmaleimidás correlatas, assim como H89, HA1077 e Y 27632, foram **[OMISSÃO]** mais seletivos, mas ainda inibiram duas ou mais proteínas quinases com uma potência similar. **[OMISSÃO]** O composto LY 2904002 inibiu a **caseína quinase 2 e a**

fosfoinosítídeo (fostatidilinositol) 3 quinase com uma potência similar. Os compostos com perfis mais seletivos foram KN62, PD 98059, U0126, PD 184352, rapamicina, **wortmannin**, SB 203580 e SB 202190. Descobriu-se, em análises celulares, que U0126 e PD 184352 bloqueiam a cascata de proteína quinase ativada por mitógeno (em inglês, MAPK) ao impedir a ativação da MAPK quinase (em inglês, MKK1), e não ao inibir a atividade da MKK1 diretamente. Além da rapamicina e PD 184352, até mesmo os inibidores mais seletivos afetavam pelo menos uma proteína quinase **adicional**. Os resultados demonstram que as especificidades dos inibidores de proteínas quinases não podem ser avaliadas simplesmente pelo estudo de seus efeitos em quinases cujas estruturas primárias são bastante similares. Propõem-se então diretrizes para o uso de inibidores de proteínas quinases em análises celulares.

TATR15:

Para a tradução solicitada, foi indicada a leitura de um **“Guia de Estilo/Manual de Redação”**, o qual eu não li por inteiro, mas ao qual recorri quando tive dúvidas na tradução e que me ajudou em vários pontos. Não usei nenhuma ferramenta CAT, mas por vezes usei o **Google Translator** ou o WordReference e o Linguee.pt para encontrar possíveis traduções de palavras específicas, **tendo sempre o cuidado de procurar em dois dos três sites mencionados, se não nos três, e muitas vezes até em dicionários online em inglês mesmo (TheFreeDictionary.com) para ter certeza do uso da palavra traduzida.** Tive alguns problemas com a **linguagem técnica em geral e os modos verbais em si foram algo meio complexo, assim como o grau exato de formalidade que tinha de dar ao texto.** E, claro, considerando a linguagem técnica, o **maior problema** foram os **termos** técnicos da área, principalmente os nomes das substâncias. Houve **pouco tempo para fazer a tradução, mas o maior empecilho mesmo foi que, acredito, não sabemos exatamente onde encontrar a informação para traduzir os termos da Química. Recorri ao Google e busquei em várias páginas, e quando encontrava uma possível tradução, a submetia a uma busca, para verificar se era usada.** Algumas substâncias não apresentaram tradução. Tudo considerado, acredito que fiz uma boa tradução, dentro do possível, mas gostaria de ter achado algo que desse mais certeza da tradução dos termos.

Meus comentários: o uso de “dos” parece revelar que há exatamente 28 compostos no mercado. A palavra “específicas” não está acentuada. O uso de “um grande leque” é pouco adequado para a área em questão: é estilisticamente inadequado, ou tem ares mais rebuscados, no que se refere a um texto científico. O uso de maiúsculas para compostos é inadequado: está

fugindo das regras gramaticais. TATR15 revelou fazer bom uso do guia de estilo, e a pesquisa em mais de uma fonte de referência revela experiência (boa subcompetência estratégica). Há uma preocupação excessiva com “palavras”, deixando para segundo plano questões sintáticas atinentes ao texto, conforme grifos (má subcompetência bilíngue). Novamente, vê-se que houve pouco tempo para realizar a tarefa e que um grande estressor foi o uso de termos: esse estressor remete aos componentes psicofisiológicos.

TATT20:

As especificidades de 28 compostos comercialmente disponíveis referidos como inibidores relativamente seletivos de **serina/treonina quinases específicas de proteína** foram examinadas em relação a um grande painel acerca das proteínas quinases. Os compostos KT 5720, **Rottlerin** e quercetina foram descobertos como inibidores de muitas proteínas quinases, por vezes muito mais potente do que seus alvos **presumíveis**, e conclusões retiradas de seu uso em experimentos **baseados em** células são suscetíveis ao erro. Ro 318220 e **bisindoylmaleimides relacionadas**, assim como H89, HA1077 e Y 27632, foram inibidores mais seletivos, mas ainda inibiam duas ou mais proteínas quinases com potência similar. [OMISSÃO] LY 294002 inibe a caseína quinase-2 com potência similar à fosfoinosítido (fosfatidilinositol) 3-quinase. Os compostos com os perfis de seletividade mais impressionantes foram KN62, PD 98059, U0126, PD 184352, rapamicina, **wortmannin**, SB 203580 e SB 202190. [OMISSÃO] U0126 e PD 184352, como PD 98059, bloqueiam a cascata da proteína quinase ativada por **mitogenio** (MAPK) em testes **baseados em** células, impedindo [OMISSÃO] a ativação da quinase MAPK (MKK1), e não inibindo diretamente a atividade da MKK1. Além da rapamicina e **da** PD 184352, mesmo os inibidores mais seletivos afetaram pelo menos uma proteína quinase **adicional**. Nossos resultados demonstram que as especificidades dos inibidores da proteína quinase não podem ser avaliadas simplesmente pelos estudos de seus efeitos em quinases que são estreitamente relacionadas numa estrutura primária. Propomos orientações para o uso de inibidores da proteína quinase em testes **baseados em** células.

TATR20:

Devido à urgência na entrega do exercício, não foi possível fazer uma leitura acurada e minuciosa dos documentos disponibilizados. Sendo assim, acredito que a leitura acabou sendo feita de forma superficial, o que pode ter acarretado em problemas na tradução.

A ferramenta mais utilizada foi uma MT, o **Google Tradutor**. Além disso, também foi

utilizado para a pesquisa o site de busca Google, na pesquisa por definições que auxiliassem no **entendimento do texto**.

Os fatores mais **estressantes** foram vários. Creio que o mais importante foi a **falta de informação e o pouco conhecimento sobre a área do texto, o que, aliado com a falta de tempo, resultou numa tradução superficial**. Quando se trabalha com um texto de uma área pouco familiar para o tradutor, é necessária uma pesquisa longa e completa, que abranja todas as informações pertinentes ao assunto e não apenas o que está restrito ao texto. **Nesse caso, com o pouco tempo e a complexidade da área, não foi possível fazer uma pesquisa adequada e, conseqüentemente, produzir uma tradução satisfatória**.

Meus comentários: algo digno de nota são as diversas omissões, bem como uma falta de concordância com “PD 184352” (subcompetências bilíngue, estratégica e instrumental, ao menos). Há também muita adesão ao inglês, o que deve ter maior destaque aqui por se tratar de um participante mais experiente (subcompetência bilíngue). Quanto ao relato de TATR20, depreende-se, a partir de sua tradução, que não foi dada devida atenção nem mesmo ao texto a ser traduzido. A mencionada falta de conhecimento sobre o texto, aliada à declarada falta de tempo, foram estressores que contribuíram para uma tradução pouco satisfatória (componentes psicofisiológicos). Vê-se que TATR20 apresenta comentários qualificados.

5.4. Síntese: análise geral e discussão de dados obtidos com estudantes de tradução

Dos dados obtidos, é possível fazer algumas observações e expor vários pontos em comum com meus destaques de problemas. Fica claro, com os dados de tradutores profissionais, que é muito abrangente a opinião de que o distresse afeta negativamente todo o processo cognitivo – de recepção, interpretação e escrita – envolvido na tradução.

Analisando os dados aqui reproduzidos, juntamente com os do Anexo I, vê-se, no geral, que as traduções não seguem “textualidade”, mas “terminologias”. Ainda assim, de maneira falha. Falando de terminologia, no caso de “bisindoylmaleimides”, por exemplo, na experiência com alunos do curso da UFRGS, não houve sequer um participante da pesquisa que tenha usado “bis-indol maleimidás”, conforme rezam as normas da IUPAC.⁷⁸ Destaque-se também que há problema geral de concordância de “proteínas quinase”.

⁷⁸ União Internacional de Química Pura e Aplicada (*International Union of Pure and Applied Chemistry*), sendo o órgão de autoridade mundial no que tange à denominação dos compostos químicos.

É geral o uso do tradutor do Google⁷⁹, ferramenta cada vez mais precisa, mas há algo como um excesso de confiança em sua precisão⁸⁰. Pelo que se observa, há muita adesão ao inglês, à gramática do inglês, principalmente em expressões como “baseado em”, “painel”, “alvo”, etc.

Além disso, há omissões de informações nos textos de chegada, o que pode ser considerado algo muito grave. Os tradutores-aprendizes, em geral, preocupam-se excessivamente em reproduzir termos – ainda que falhem nesse quesito –, o que seria mais fácil para um cliente (ou para o professor que solicitou a tarefa) corrigir: há uma centralidade nos termos que faz com que os tradutores se esqueçam de partes de enorme importância, ou seja, as outras partes constituintes do texto técnico-científico, visto que esse também apresenta uma das características últimas de todo e qualquer texto: organicidade. Isso se explica, em termos de componentes psicofisiológicos prejudicados, pela pressão de tempo e também pela pressão de um todo significativo que transcende os termos.

Em suma, nenhuma das traduções feitas por esses estudantes seria aprovada no mercado de trabalho real. Naturalmente, o trabalho com erros faz parte da aprendizagem, mas fica a impressão de que falta certo empenho por se fazer o melhor possível, deixando-se para que o professor solucione inadequações quando do retorno da tarefa.

Problemas básicos no texto de chegada, tais como erros de concordância, grafia e acentuação são inadmissíveis, visto que não se pode entregar algo com erros tão primários para um cliente (ou mesmo para um professor), principalmente se se leva em conta que os tradutores-aprendizes utilizam um processador de textos informatizado com ferramentas incorporadas a ele que ajudem a perceber e a corrigir tais erros.

Nessa direção, é interessante reparar que desconfiança é padrão em alunos do 4º semestre. Já TALTAR23, do 8º semestre do curso, tocou em um assunto que reforço: termos não são, em geral, tão difíceis de encontrar. O mais difícil é reproduzir o “texto”. Note-se que o sentimento do “algo em aberto” quando da entrega do trabalho parece um universal, assim como é universal esses tradutores-aprendizes centrarem-se em termos. Sublinhe-se que TALTAT26 tem plena noção de como funciona um texto técnico-científico, revelando uma preocupação não com termos, mas com a textualização.

No tocante a termos da área, uma vez que o texto em inglês tratava de Bioquímica, há, nessa área, um consenso quanto ao uso de termos; um tradutor mencionou que seria bom “entrar em contato com o cliente para se certificar do uso dos termos referentes a compostos

⁷⁹ É importante frisar que esse é um comportamento comum entre os tradutores-alunos da língua inglesa.

⁸⁰ Essa “precisão” diz respeito ao inglês, língua que alimenta muito mais a ferramenta.

químicos”. Faça-se a ressalva de que, na Química e em suas subáreas, os componentes têm comumente (se não sempre) a mesma denominação.

Pouca informação é um grande estressor, que prejudica psicofisiologicamente todo o processo tradutório: seja relacionada à área, seja sobre o trabalho em si, e iniciantes tendem a centrar-se no uso de dicionários de língua geral. Como era de se esperar, os alunos do 8º semestre revelaram muito mais maturidade, confiança e método: sabiam como abordar um texto a ser traduzido e como pesquisar, como buscar o que é uma informação fidedigna, e tinham mais agilidade (como se lê no relato de TATR4, em meus arquivos: “a tarefa foi realizada em pouco mais de uma hora”). Excesso de informações e a seleção dessas dentro desse excesso também é fator estressante. O fato de alguns alunos mencionarem o uso de ferramentas CAT nos relatos revela ao menos que foi dada atenção às instruções. O uso do tradutor do Google por esses alunos-tradutores mais experientes revelou mais parcimônia, pois esses participantes, em geral, deixaram registrado que a ferramenta mencionada foi utilizada como base para uma pesquisa ulterior mais detalhada e precisa. A ferramenta também é utilizada como dicionário, mas há mais uso dela do que de dicionários propriamente ditos.

Guias de estilo, embora não sejam devidamente valorizados, como se viu em muitos relatos, são essenciais para se produzir um bom texto, sem se ater somente à terminologia no sentido de “conjunto de termos” do texto. No geral, vê-se que a grande *preocupação* de como a pesquisa para a tradução será feita, de que o prazo é curto, de que o trabalho é muito técnico, contribuem para que o tradutor se estresse, o que exerce má influência nos componentes psicofisiológicos, gerando um ciclo de problemas relativos às outras subcompetências, conforme se viu em meus comentários sobre as traduções.

Visto isso, passemos a uma breve análise de todos os dados coletados, com profissionais e com esses estudantes.

5.5. Resultados gerais dos dados de tradutores profissionais

Nos dados do projeto SegTrad, por exemplo, visualiza-se o reconhecimento por parte dos tradutores monitorados quanto a pressão de tempo influenciando negativamente o ato tradutório. Isso é visto com clareza em meus outros experimentos realizados com alunos universitários do curso de tradução da UFRGS. Há também a possibilidade de se perceber uma forte adesão da atenção apenas a “termos técnicos”, sendo que os tradutores se esquecem

das demais características singulares de cada texto técnico-científico, ou nada mencionam sobre essas.

Tradutores com os níveis de experiência de Tradutor_5 e de Tradutor_6, cujas importâncias foram situadas acima, levantam questões como a preparação ampla e complexa que se faz necessária para que um tradutor tenha as estratégias necessárias para seu trabalho. O primeiro destaca a vevidade de se crer que se está traduzindo bem consultando-se apenas um glossário. O segundo afirma que a formação de tradutores deve passar por um processo de natureza cognitiva e construtivista, com foco na aprendizagem designada por tarefas, levando em consideração o seguinte: a competência que se pretende conseguir do estudante e que ele possa construir; o desenvolvimento de estratégias de aprendizagem; fundamentação empírica e a aquisição de atitudes e valores.

Percebe-se que tradutores iniciantes se prendem muito à sintaxe do idioma de partida no caso do inglês – o que pode conferir certo “sotaque estranho ao texto” –, prendendo-se até mesmo à estrutura de determinadas expressões estrangeiras já calcadas e utilizadas com frequência em textos técnico-científicos. Assim, no geral, os tradutores novatos tendem a dar atenção insuficiente a questões linguísticas do plano do todo dos textos técnico-científicos, dando mais atenção aos termos propriamente ditos.

Como se viu, o texto técnico-científico é em si uma organicidade conceitual e linguística altamente complexa que requer atenção de complexidade equivalente. O contexto geral da problemática aqui exposta pode-se resumir em três (3) fatos:

- 1º) dado que o mercado e a profissão da tradução são cognitivamente complexos e estressantes, há falhas psicocognitivas em decorrência do trabalho;
- 2º) ao se traduzirem textos técnico-científicos, tem-se em mãos tarefa complexa que transcende o componente terminológico do texto, chegando ao plano textual e ao plano funcional do texto como um todo; há uma linguagem especializada, que vai além do simples texto com termos, que tem determinada funcionalidade, e isso deve ser reproduzido na tradução;
- 3º) faz-se necessário um melhor preparo, ou treinamento, para minimizar os eventuais problemas decorrentes das complexidades descritas acima.

A partir dos dados apresentados, pode-se ver que tradutores estressados, que estejam com ritmo cognitivo algo acelerado devido ao contexto do trabalho – pressão de tempo, distresse geral em relação ao trabalho propriamente dito, confusão mental geral, etc. – não

emprestam a devida atenção às tarefas de interpretação e redação inerentes à tradução. Deixe-se registrado, como se pode ver pelos dados, que essas interferências não afetam apenas tradutores iniciantes/estudantes de tradução: fica claro que esse é um problema que afeta todos os níveis de experiência, proficiência e de competências de tradução. Assim, é preciso alertar para a existência desse problema, de maneira que esse possa ser ao menos minimizado.

Os dados deste estudo demonstram, de maneira palpável, que o problema do distresse afetando a cognição de tradutores tem grande importância em suas produções. Isso remete a FROTA (2006), que, ao tratar da distinção que Anthony Pym faz entre o *mistake* (erro binário) e o *error* (erro não binário) na tradução, ampara-se em Freud e traz para o debate o chamado “lapso da língua”, conceito do fundador da psicanálise. A autora aproxima o *mistake* de Pym ao que Freud chama de “ignorância”, no sentido de ignorar/não saber algo, e o *error* de Pym ao conceito de *lapsos* de Freud: uma falha inconsciente. Quanto ao erro por ignorância, erra-se por não se saber o que fazer. No que se refere ao lapso, há uma espécie de interferência.

Dois desses lapsos (de leitura e de escrita) têm essencial importância para o tradutor. Sucintamente, o tradutor pode apresentar falhas de leitura e/ou de escrita devido a acontecimentos psíquicos que de certa maneira desviam seu foco: preocupações, distrações ou atenção exacerbada a outros aspectos do problema que está sendo solucionado, por exemplo. Nos destaques de Frota, há também o caso do que Freud denomina “ponte verbal”: lapso no qual se lê uma palavra como se fosse outra (ler-se “monte” por “morte”, por exemplo), que também depende do que está ativo em nossa psique. Nesses casos, o leitor introduz no texto, ou dele extrai, elementos outros, alheios ao texto propriamente dito. Esse tipo de problema é corrigido mediante revisão muito atenta do trabalho, e o cotejo atento do texto traduzido com o original é essencial. Alunos e iniciantes devem ser alertados quanto a esse cuidado.

5.6. Conclusão dos resultados

Fechando a seção de resultados, retomarei a seguir minhas questões de pesquisa, trazendo uma síntese das respostas obtidas.

a) Questões de investigação

a) *Que fatores de distresse laboral profissionais e aprendizes de tradução tendem a reconhecer incidindo sobre suas tarefas e desempenhos?*

Os fatores mais reconhecidos são: 1) a pressão de tempo, que, mesmo no caso de tradutores experientes, é algo que acompanha *pari passu* o tradutor técnico-científico; 2) o cenário multitarefa, pois o ofício de tradutor exige atenção a várias coisas.

b) *Como é a repercussão de fatores de distresse sobre a tradução de textos técnico-científicos?*

O que mais sofre na tarefa tradutória, conforme foi observado nos materiais do LETRA/UFGM e nos dados que coletei, é a leitura, sendo que essa leitura interferida aparentemente, conforme as produções dos tradutores revelam, serve de base para uma produção textual igualmente interferida.

c) *A formação⁸¹ acadêmica que se oferece aos tradutores é direcionada de modo que esses consigam reconhecer e ultrapassar problemas de distresse?*

Não é direcionada, haja vista o que foi observado no currículo do curso da UFRGS e nos depoimentos dos estudantes e de alguns profissionais. Segundo percebem os participantes envolvidos nesta pesquisa, falta a formação ser mais direcionada para as exigências do mercado. Conforme vejo, uma formação que oferecesse ao menos rudimentos de gerenciamento de estresse e noções de Informática já seria um passo importante nesse caminho.

d) *Em se tratando de texto técnico-científico, nosso foco: quais suas características predisponentes à ação de distresse? Quais as complicações mais comuns quando da tradução? Na tradução de um texto dessa natureza, o estresse influiria especificamente em que elementos da produção textual?*

As terminologias presentes nos textos tendem a ser pontos predisponentes de falhas especialmente com aprendizes. Porém, como se vê nos textos dos

⁸¹ Por formação acadêmica de tradução, tomo, como referência, apenas a oferecida pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul ao longo no curso de graduação em Letras – Bacharelado, habilitação de tradutor. Há diferentes outros cursos e oportunidades de formação no Brasil, sobre os quais se pode ter algumas informações, por exemplo, na tese de Heloísa O. K. Delgado (DELGADO, 2012) e no Anexo V desta tese.

aprendizes, as complicações e equívocos mais comuns foram geradas pelo fato de o tradutor se ater muito à sintaxe do original, confiar muito no tradutor do Google e compreender pouco o texto em si, inclusive omitindo partes essenciais do texto. Mesmo nos dados do LETRA, compostos por contribuições de profissionais, há insegurança quanto à temática do texto, e é interessante destacar que há grande preocupação com termos de áreas técnicas. Mesmo tradutores expertos tendem a se centrar nos termos.

e) Em se tratando apenas da tradução das terminologias presentes no texto técnico-científico: como um tradutor sob efeito de distresse as enfrenta?

No caso das terminologias, essas são muitas vezes pesquisadas em locais não fidedignos, ou mesmo são traduzidas muito literalmente, sendo que o resultado é problemático; isso mais no caso dos estudantes da UFRGS. Já no caso dos profissionais, como se vê em meus dados do questionário e nos dados do LETRA/UFMG, o principal fator que atrapalha a pesquisa e a reprodução terminológica adequada é a pressão de tempo.

A seguir, busco sintetizar os indicativos dos resultados obtidos, tendo em mente uma proposta de formação ou de treinamento, para esses tradutores (sejam iniciantes, sejam veteranos) que leve em conta a ação do distresse.

5.7. Indicativos dos resultados obtidos

Já se viu que há uma série de elementos de estresse que são subjetivamente reconhecidos como tal pelos tradutores – por profissionais e por aprendizes do ofício. Além disso, ao longo do trabalho realizado, foi possível apresentar respostas para minhas questões de pesquisa e verificar em que medida os elementos subjetivamente percebidos manifestam-se, realmente, nas produções escritas e no processo da leitura tradutória. Agora, a título de síntese, retomo os dados obtidos e os apresento em três categorias: a) percepções dos tradutores; b) recomendações dos tradutores e c) minhas percepções – tendo em vista subsidiar uma proposta de treinamento ou de formação que leve em conta o distresse laboral.

a) **Percepções dos tradutores:**

Mais pontual e especificamente, os resultados obtidos mostram a percepção de um espectro múltiplo de fatores estressores que recaem sobre a produção da tradução. Entre os fatores de distresse percebidos pelo tradutor e pelo aprendiz, a atenção intensa a vários detalhes simultaneamente e a atenção a prazos são os mais reconhecidos. Afora isso, eles também apontam que:

- o uso unicamente de glossários é um convite ao fracasso;
- há sempre, em agências, ruídos e distrações (debates de equipes, telefones, etc.);
- pode ocorrer falta de ergonomia, o que estressa física e mentalmente; questões tais como o ambiente físico, o computador, a altura do monitor, o tamanho das letras no monitor e o tipo de mouse, entre outras, são essenciais para uma produção boa/ruim;
- quando se trabalha rápido e em excesso, muitas coisas importantes – de uma atividade tão importante, como a tradução técnico-científica – passam despercebidas;
- há pouco tempo para realizar as tarefas; graças à pressão do tempo, coisas importantes, como leitura e pesquisa prévia, são ignoradas ou deixadas para o final da tarefa, o que acaba prejudicando o caráter técnico geral dos textos, além de essa falta de tempo influenciar coisas básicas, tais como a revisão ortográfica; essa falta de leitura prévia é curiosa, pois incorre em outro estressor: a falta de conhecimento da área à qual pertence o texto a ser traduzido;
- os materiais de referência fornecidos por clientes são em geral insuficientes, o que demanda mais pesquisa e significa mais tempo útil gasto;
- estados como cansaço, nervosismo e tensão são constantes;
- a formação universitária fica muito aquém⁸² do que é esperado no e pelo mercado, apresentando falhas tais como falta de informações mais sólidas acerca de estratégia/administração pessoal e de trabalho e falta de treinamento de Informática;
- uma leitura inicial de reconhecimento do texto em geral não é feita por falta de tempo;

⁸² Que seja lembrado que o foco, aqui, é a língua inglesa do curso da UFRGS; há outras línguas, com outros corpos docentes, que não apresentam os problemas que o inglês apresenta.

- é de grande importância a atualização dos professores em relação ao mercado de trabalho.

b) Recomendações dos tradutores:

Os próprios tradutores, em seus comentários, reconhecem que, para enfrentar o problema do estresse laboral:

- é necessário saber relaxar, livrando-se dos marcadores de distresse, tais como esgotamento emocional, insônia, etc.
- é essencial treinamento de Informática, pois há muitas ferramentas para se operar.

c) Minhas percepções:

- uso do tradutor do Google e pesquisas um tanto descompromissadas na Internet não garantem a qualidade da tradução; embora isso possa soar óbvio, é perceptivelmente frequente, em especial entre iniciantes;
- como vimos anteriormente, há: a) falta de tempo; b) falta de leitura prévia do texto; c) falta de revisão (final e/ou ortográfica); d) falta de pesquisa prévia sobre o assunto; e) aceites irrefletidos de coisas oferecidas pela memória de tradução;
- boa cognição e estratégia são extremamente necessárias, sendo afetadas direta e intensamente pelo distresse;
- principalmente com iniciantes, a atenção é, em geral, voltada para termos; esses iniciantes comumente usam palavras não adequadas ao texto técnico-científico que têm em mãos;
- com base no que foi destacado, vê-se que o distresse afeta negativamente todo o processo cognitivo – de recepção, interpretação e escrita – envolvido na tradução.

Conforme se pode notar em meus comentários no teste exposto neste capítulo (seção 5.3) e no resumo acima, vários problemas psicofisiológicos foram reconhecidos pelos próprios sujeitos observados durante o processo tradutório dos indivíduos testados. Isso reforça em que medida a seguinte observação se confirma: falhas psicofisiológicas advindas de um contexto adverso levam a uma produção falha, o que corrobora a validade de minha

alteração do modelo holístico do grupo PACTE exposto no capítulo 3, trazendo esses elementos para uma posição central nesse modelo.

5.8. Indicações básicas para treinamento de tradutores: enfrentando o estresse laboral

Em complemento ao que foi trazido no capítulo 3, que tratou de questões do modelo de competências tradutórias do grupo PACTE e de questões de didática da tradução e que vimos pelo exame do currículo de um bom curso de graduação em tradução, os aspectos psicofisiológicos têm ainda uma abordagem minoritária nos cursos de tradução. Esse tipo de aspecto talvez exija mais aprofundamento e sistematização nos estudos como da cognição e da Psicologia, e é ainda bem complexo para os cursos de tradução desenvolverem em seus alunos características tão subjetivas quanto as psicofisiológicas (GONÇALVES e MACHADO, 2006, pp. 65-66). Talvez isso pudesse ser abordado em disciplinas de estágio, com professores-supervisores acompanhando seus alunos em estágios “de verdade” em empresas/escritórios de tradução – tal como já houve no escritório modelo de tradução da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, que oferecia formação em tradução. De todo modo, farei ao menos um ensaio de algumas possibilidades de melhoria do quadro que advém do distresse partindo daqueles elementos que os tradutores objetivamente reconheceram como fatores estressores, e daqueles elementos que se confirmaram em suas produções. Naturalmente, meus posicionamentos teóricos sobre Tradução, Terminologia e outros pontos também repercutem sobre essa proposta.

Analisando os dados obtidos, se um resultado de tudo o que levantei até o momento for levado em conta, de modo a ter algo como indicações para treinamento mais direcionado para tradutores, defendo que seria mais importante investir-se na base, na formação, do que em tradutores experientes, também porque há menos problemas com esses últimos. Em termos de indicações, por exemplo, penso que programas de treinamento ou mesmo programas didáticos em cursos de graduação devem, de algum modo, tratar com os estudantes dos seguintes pontos:

1. o estresse/distresse laboral em meio ao estresse/distresse como um todo – pontos básicos do conhecimento científico sobre o tema;

2. gestão do tempo e atenção a tarefas múltiplas ao mesmo tempo em trabalhos de tradução e de revisão – incluindo experiências com atividades multitarefa com e sem pressão de tempo;
3. reconhecimento das especificidades dos diferentes tipos de textos técnicos passíveis de tradução;
4. reflexões sobre a natureza da leitura tradutória – em meio ao tema das estratégias de leitura e modelos de leitura em geral – com identificações de pontos mais vulneráveis a ação de estresse para a leitura tradutória e a leitura do revisor;
5. importância da ergonomia no espaço de trabalho – e de estudo: investimento em ergonomia; levantar-se e alongar-se de hora em hora, ou quando possível; praticar exercícios físicos regularmente;
6. gestão de carga de trabalho diária: caso a pessoa trabalhe 16 horas, por exemplo, e traduza, digamos, 8.000 palavras, ela não terá o mesmo rendimento cognitivo na 12ª hora de serviço, e a tradução de um manual de equipamentos médico-hospitalares sendo feita nessas condições pode (e provavelmente vai) ter consequências sérias;
7. necessidade de pesquisa prévia ao trabalho: traduzir o que conhece; caso não conheça o assunto do texto a ser traduzido, é importante que se informe do assunto de antemão (uma leitura de um texto de divulgação científica ou de enciclopédia é melhor do que nada). No caso dos estudantes, é necessário sempre se informar sobre o assunto do trabalho de tradução, pois não há um aluno especialista;
8. consciência do todo dos textos: prestar atenção em todo o entorno textual, não somente em termos: tudo o que está em um texto técnico-científico tem importância;
9. hábito de revisão contínua: desconfiar de sua própria interpretação, confirmando-a: ou seja, ler/interpretar uma frase ao menos 2 vezes, ainda que rapidamente;
10. tratar do gênero textual em foco na etapa de formação acadêmica e renovar esse conhecimento, incluindo aspectos sobre uma tradução que se centre na funcionalidade do texto-alvo.

Alguns dos elementos acima citados, conforme minha experiência pessoal atesta, tendem a se tornar automáticos com um (auto)treinamento persistente. Acrescentaria a esse rol de pontos a tratar em treinamentos, ainda que o tópico extrapole o tema do estresse e

adentre mais em formação linguística e tecnológica do profissional, dicas de como se usar bem o tradutor do Google (no caso de estudantes do inglês) e o *corpus* Linguee, pois essas ferramentas são cada vez mais usadas e devem ser utilizadas com conhecimento sobre sua natureza e cautela. Por exemplo, pode-se afirmar que a tradução oferecida por quaisquer dessas ferramentas deve ser vista como sugestão, não como solução.

Ainda sobre páginas da Internet, vale, principalmente para novatos, que o professor os instrua a consultar o *site* TradWiki,⁸³ que inclusive tem informações de como, e quanto, cobrar/receber por uma tradução; indica-se um curso de gerenciamento de projetos/gerenciamento pessoal, além de estabelecer contato com um contador para obter informações úteis sobre emissão ou não de notas, sobre RPAs, previdência social, impostos, montagem de microempresa, etc.⁸⁴ Milton (2000, p. 104) já sugeria que fossem criados cursos direcionados relativos a aplicativos, editoração e gerenciamento de microempresas; que isso seja incorporado em cursos de graduação.

No caso de tradutores experientes, parece que o menos óbvio para esses é que a mente precisa de uma boa base fisiológica. Boa base fisiológica demandará fazer exercícios físicos regularmente, ter boa alimentação e sono de qualidade, por exemplo. Além disso, ainda em relação à parte fisiológica, seria possível pensar em algum exercício de reconhecimentos de palavras, já que o *distresse* influi negativamente nessas complexas vias cognitivas.

É, pois, necessária a desconfiança de sua própria proficiência: nunca se deve crer que se sabe muito em se tratando de tradução técnico-científica; sempre é necessário ter desconfiança e pesquisar bastante.

Ainda a respeito de didática/formação de tradutores, vê-se em Stolze (1997) um ótimo enfoque que explora a pedagogia da tradução, levando em conta as diferentes perspectivas de avaliação: a perspectiva de um aprendiz, do próprio tradutor ou de um cliente, por exemplo. Pode-se dizer que pragmática, estilística e léxico, em Stolze, correspondem, os três juntos, à perspectiva que sigo de Terminologia Textual. Entre as páginas 158 e 159, Stolze classifica determinados questionamentos que se devem fazer na tradução em estilística, temática, pragmática, léxico. Se esses questionamentos forem simplesmente arrolados, como segue, esses já podem servir de excelente guia para se iniciar um trabalho de treinamento para a tradução, especialmente em cursos de graduação ou em treinamento de novatos recém-formados. Essas perguntas funcionariam como *check-list* que o tradutor se faria ao julgar que terminou o trabalho e esse está pronto para entregar ao gerente/cliente/professor.

⁸³ http://www.tradwiki.net.br/P%C3%A1gina_principal

⁸⁴ Isso se aplica mais a quem decidir seguir a carreira de tradutor autônomo, mas a dica serve para a todos.

1. Corresponde o *layout* da tradução aos padrões estabelecidos, relativos à forma, à extensão, à completitude?
2. A tradução é clara e inteligível, livre de afirmações implausíveis e correta quanto à gramática e à ortografia?
3. A terminologia é correta e consistente ao longo de todo o texto?
4. A tradução é utilizável segundo as normas estilísticas da redação técnica, da linguagem jurídica, do estilo científico almejado, das regras de correspondência?
5. A tradução é de fácil leitura, fluente, livre de elementos estranhos?
6. Está em conformidade com a identidade empresarial, com o estilo das partes do texto previamente redigidas?
7. Qual é a situação do texto (autor e contexto)?
8. Entendi o texto completamente?
9. Qual é sua estrutura essencial?
10. O texto contém partes mal redigidas?
11. Qual é seu *status*?
12. Há divergência cultural relativa à cultura de chegada?
13. Qual é a terminologia exata?
14. Existe um campo lexical dominante no texto?
15. Que marcadores formais são perceptíveis?
16. Os números e os dados são precisos?
17. A quem se destina a tradução?
18. Que tipo de mudança é exigida pelas especificações daquele serviço?
19. Quais são as qualidades estilísticas que desejo mostrar?
20. Qual é a tipologia textual desejada para a tradução?
21. Estou fazendo uso adequado dos recursos para a formação de palavras na linguagem técnica?

Esses questionamentos poderiam ser feitos pelo tradutor a si mesmo ao final de um trabalho de tradução. Além do que foi citado, proponho exercícios para os grupos desta pesquisa abaixo. São três casos, um para cada grupo. No **Caso 1**, estão envolvidos tradutores profissionais, alguns com muitos anos de experiência, que responderam a meu questionário (Anexo I); no **Caso 2**, com dados do LETRA/UFMG, também estão envolvidos tradutores profissionais, inseridos no mercado; no **Caso 3**, entraram em jogo os tradutores-alunos da

UFRGS: pré-tradutores, pois estão em formação. O campo **Alternativas propostas** revelam minhas propostas.

<ul style="list-style-type: none"> • Caso 1: respondentes das entrevistas (Grupo A) concedidas para esta tese, que são tradutores profissionais e experientes
<ul style="list-style-type: none"> • Problemas detectados: <ol style="list-style-type: none"> 1) pressão de tempo; 2) cenário multitarefa. • Alternativa proposta: treinamento que mostrasse como estabelecer prioridades/priorizar a leitura cuidadosa/atenta (a <i>leitura tradutória</i>...). <ol style="list-style-type: none"> a) O tradutor deve equacionar o tamanho do texto, sua complexidade, o tempo disponível para a tarefa e as diversas tarefas simultâneas que precisa realizar. Aqui um exercício com um texto bem curto – como um <i>abstract</i> – e um texto bem longo – como um artigo de 5 páginas – deverá simular com o profissional ou aprendiz um reconhecimento prévio de tarefas e estimativa de tempo para cada uma delas. Preencher um quadro com uma lista de tarefas e colocar ao lado o número de minutos a serem gastos para cada uma é uma boa alternativa. Isso o sujeito deve fazer antes de começar a tarefa; o professor ou treinador pode apresentar a atividade como se fosse uma estimativa ou mesmo um orçamento para o trabalho. Feito isso, solicita-se o trabalho e as tarefas, que deverá ser cronometrado. Esse exercício pode ser feito em duplas e a ideia é mostrar a importância da organização pessoal. b) Exercício para se aprender a não desperdiçar tempo: atividade com leitura prévia do texto a traduzir. Fazer uma leitura dinâmica – com tempo curto e controlado pelo professor/treinador – na qual se deve grifar itens importantes, que se suponham que mereçam mais atenção/pesquisa. O aprendiz deve listar os elementos localizados que suponha que devem exigir mais de seu tempo e já apontar prováveis fontes de consulta – previamente conhecidas – que possam ajudar com menor desperdício de tempo. Ao final do exercício, pode-se propor a organização de um arquivo ou agenda de fontes mais úteis para determinados assuntos ou tipos de texto. Essas fontes ficam num catálogo de “favoritos” do tradutor.
<ul style="list-style-type: none"> • Caso 2: dados dos LETRA/UFMG (Grupo B), cedidos para esta pesquisa, provindos de tradutores profissionais

<ul style="list-style-type: none"> • Problemas detectados: 1) a pesquisa do domínio consome tempo; 2) erros centrados em pequenos detalhes de revisão. • Alternativa proposta: abordagem menos aprofundada na pesquisa; deve-se seccionar a pesquisa; esboçar árvore de domínio⁸⁵ a partir de cinco fontes; pesquisar poucas fontes (relevantes); identificar “sintomas” de importância do texto. Nas aulas de tradução, trabalhar sempre com pressão de tempo e fazer com que o aluno equacione o tempo de que dispõe com o volume do trabalho, reservando, digamos, 10% desse tempo para a pesquisa de domínio. Para o caso dos erros de revisão, é importante ler apenas o texto em português após o final da tarefa de tradução, de modo que haja a menor interferência possível do idioma-fonte. Destacar que o uso do corretor ortográfico é obrigatório.
<ul style="list-style-type: none"> • Caso 3: dados da UFRGS (Grupo C), provenientes de tradutores-alunos, ainda não formados
<ul style="list-style-type: none"> • Problemas detectados: 1) atenção demasiada à palavra isolada/termo isolado: não encontram a dimensão textual; 2) muito uso do tradutor do Google. • Alternativa proposta: ter senso crítico: não confiar no tradutor do Google (não basta “limar” um texto pré-traduzido); contrastar tradução humana com MT; duvidar de sua própria competência bilíngue. Seria importante ler, atenta e rapidamente, o <i>texto</i> duas vezes, com atenção redobrada. Nas aulas, por exemplo, é importante destacar a textualidade envolvida. Por exemplo: dar uma lista de termos descontextualizados e depois mostrar eles em contexto, para ver como ficam. Outra opção é aplicar um exercício do seguinte tipo: ler cinco artigos/textos de uma única área destacando as características textuais (de sintaxe, de vocabulário, etc.) não técnicas da área. As fraseologias, os modos de dizer e os parâmetros de estilo são coisas importantes aqui. Um exercício útil seria, por exemplo, apresentar colocações mais e menos recorrentes e trabalhar isso com os alunos ou pessoas em treinamento.

⁸⁵ Uma árvore de domínio é um diagrama composto por subáreas e termos-chave de uma área de especialidade, por exemplo, e tem como objetivo auxiliar a compreensão da organização de uma área de conhecimento. Ela serve, entre outras funções, para fundamentar a elaboração de repertórios tais como glossários e para compreender como funciona dada área de conhecimento. O endereço <http://www.ufrgs.br/textecc/textquim/Dicionarios/DicPed/arvore.php> oferece um exemplo.

Exercício geral: um bom exercício, para todos os níveis, seria ler um texto em busca de “nãos”; também, conforme mencionado acima, verificar se há o que Freud denomina “ponte verbal” (lapso no qual se lê uma palavra como se fosse outra, como “carteira” por “cadeira”, “monte” por “morte”, por exemplo). Isso se resolve em uma leitura com atenção redobrada.

Mas, quando se está esgotado, a melhor coisa é parar, por minutos que seja. **Nessa atividade de treinamento, seria importante fazer isso: perceber erros em um texto com e sem descanso intermediário.** Assim, se mostra, na prática, para o aluno, o feito concreto da estratégia. A insistência leva a problemas interpretativos, que leva a problemas textuais sérios.

Figura 13: problemas de cada grupo e proposta de exercício (GONÇALVES, 2015)

No capítulo a seguir, passarei às conclusões e considerações finais deste trabalho.

6. CONCLUSÕES, LIMITES E PERSPECTIVAS

Traduzir sem instruções claras é como nadar sem água.
Christiane Nord

Esta tese, por meio de estudos de caso, pretendeu descrever problemas relacionados com a atividade da tradução profissional de textos técnico-científicos, com destaque para os modos de percepção de profissionais e de aprendizes sobre causas e efeitos do estresse sobre sua produção. Como se viu nesta pesquisa, o estresse é um conjunto de reações do organismo para que esse se defenda de determinada ameaça. Ele pode ser um eustresse, que é um estado de alerta para algo positivo, ou distresse, que (pre)vê algo negativo. Há também o que se chama de “estresse laboral”, que pode ser visto como distresse, e que acomete o tradutor. Todo estresse é composto de diversos elementos estressores.

Para conseguir reconhecer e descrever como profissionais e aprendizes reconhecem a natureza e a ação desses elementos estressores sobre suas atividades e como elas se manifestam, primeiro, são revisados trabalhos sobre competências tradutórias, funcionalismo em tradução, linguagens e textos especializados. Após essa revisão, trouxe dados coletados com tradutores profissionais e estudantes universitários de tradução da UFRGS que correspondem a traduções realizadas sob a ação de diferentes fatores de estresse de modo a verificar efeitos concretos no texto produzido. Os resultados obtidos evidenciaram a percepção de um espectro múltiplo de fatores estressores que recaem sobre a produção da tradução. Entre os fatores de estresse percebidos pelo tradutor e pelo aprendiz, a atenção intensa a vários detalhes simultaneamente e a atenção a prazos são os mais reconhecidos.

A maioria dos fatores estressores subjetivamente reconhecidos por tradutores confirmam-se em efeitos nas suas produções examinadas, tanto de profissionais como de aprendizes. O elemento da produção que mais sofreu sob o efeito do fator de distresse,

conforme observei nos desempenhos de tradutores, é a leitura, o que culmina em uma produção escrita igualmente afetada.

Na trajetória para chegar a esses resultados, para melhor compreender como isso ocorre, propus uma reestruturação do modelo holístico de competências tradutórias do grupo PACTE. Em meu recorte, os **componentes psicofisiológicos** assumem posição central no caso de aplicação do modelo à prática profissional estressante – principalmente de novatos – da tradução técnico-científica.

Na introdução, relatei o problema de má influência do estresse na interpretação e na produção de tradutores. Tracei os objetivos de: a) obter, de tradutores profissionais e em formação, dados relacionados à percepção subjetiva dos problemas mais frequentes dessa profissão que fazem com que o profissional fique estressado e com baixo desempenho cognitivo; b) descrever desempenhos de tradutores e o problema da baixa eficiência cognitiva que se reflete na leitura e na produção de tradutores estressados, uma vez que esse problema é pouco explorado, segundo minha observação; c) trazer uma proposta de solução, ainda que parcial, para esse problema, a partir da análise de dados coletados, o que culminou em indicações para um treinamento mais direcionado.

Eu havia colocado os seguintes questionamentos: A formação acadêmica que se oferece aos tradutores é direcionada de modo que esses consigam reconhecer e ultrapassar problemas de distresse? Em se tratando de texto técnico-científico, meu foco: quais suas características predisponentes à ação de distresse? Quais as complicações mais comuns quando da tradução? Na tradução de um texto dessa natureza, o estresse influiria especificamente em que elementos da produção textual? Em se tratando apenas da tradução das terminologias presentes no texto técnico-científico: como um tradutor sob efeito de distresse as enfrenta? Friso que essa complexidade é relativa ao reconhecimento de um todo de significação e de sentido, que é o texto especializado, do qual as terminologias são uma parte apenas.

No segundo capítulo, tratei das dificuldades e complicações inerentes ao mercado de tradução técnico-científica e descrevi o funcionamento básico de empresas de tradução. Tratei também de questões gerais de estresse/distresse e de como esse pode influir na cognição.

No capítulo três, foi exposto o modelo holístico do grupo PACTE seguido de minha proposta de alteração para aplicação à prática tradutória; também destaquei aspectos da leitura especializada realizada pelo tradutor. Foram trazidas algumas questões relativas à didática de tradução, mencionando o currículo da UFRGS, e o uso cada vez maior de mecanismos como o tradutor do Google, em especial por parte dos alunos do inglês. No final do capítulo, tive a

intenção de deixar mais claro o quanto o estresse laboral tem influência negativa nas competências tradutórias do modelo holístico do grupo PACTE, pois, se os componentes psicofisiológicos estão minados pelo distresse, os demais sofrem essa má influência.

No quarto capítulo, expus o modelo funcionalista de tradução ao qual me filio, trazendo questões da Teoria do Escopo e do conceito “lealdade”, de Nord. Tratei também de questões de terminologia na tradução de textos técnico-científicos, culminando na perspectiva textualista de Hoffmann, à qual me filio, que diz que não só de termos é constituído um texto técnico-científico. Foi também feita uma retomada do problema, em termos de síntese: 1) na exposição do modelo do grupo PACTE, foi frisado que há uma rede de competências (a rede poliédrica e sinérgica) que um tradutor deve ter/adquirir para que tenha o desempenho necessário: logo, há relação direta entre competência e desempenho; 2) o desempenho pode muito bem ser ligado ao como uma tradução deve ser feita, e esse como se conecta a função: pressuponho que um profissional com desempenho ótimo deva se ater a como uma tradução deva funcionar; 3) a função, insere-se, neste contexto de tradução especializada, uma linguagem especializada que é por natureza inseparável de uma tradução especializada. Isso empresta alto grau de complexidade à tarefa; 4) o caráter poliédrico de qualquer tradução especializada, com seu referido alto grau de complexidade, assume um papel central em todo o processamento cognitivo envolvido na tradução. Logo, é imprescindível que o tradutor, nesse contexto, mantenha-se centrado: isso se torna difícil se faculdades tais como memória, atenção e raciocínio estiverem sob o efeito do distresse.

No capítulo cinco, expus e analisei dados coletados e obtidos ao longo da pesquisa: iniciei pelo exame de questionários que elaborei e enviei a tradutores profissionais; passei a dados coletados no Laboratório Experimental de Tradução (LETRA) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); analisei dados coletados com alunos de tradução do curso de formação de tradutores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); depois, fiz um cruzamento dos dados obtidos, para então seguir para o ensaio de uma proposta de enfrentamento dos problemas destacados. Esses dados demonstraram que o distresse influi negativamente no raciocínio e na tomada de decisões de quem realiza uma tarefa de tamanho esforço cognitivo, como a tradução de textos técnico-científicos. Enumerei resumidamente o que meus dados indicaram. No final do capítulo, foram trazidas breves indicações para treinamentos mais direcionados de tradutores.

Quanto à descrição e discussão de efeitos de distresse na tradução de textos técnico-científicos, que seja lembrado que há um sério problema de distresse. Esse problema pode ter sua raiz em uma realidade cada vez mais exigente, na qual podemos afirmar que a

ansiedade e o excesso de informações compõem um dos grandes males de nosso século. Esse estresse afeta muito uma profissão de grande importância como a do tradutor, profissão essa que não tem reconhecimento, nem ao menos legal, que dirá regulamentação.

A partir do que vi na bibliografia sobre estresse/distresse, creio que seja urgente os cursos preparatórios de tradutores oferecerem preparo no que diz respeito a gerenciamento pessoal, Informática e ao menos noções básicas de como a atividade física melhora os quadros de distresse. Seria possível dizer que a prática da Educação Física deveria ser obrigatória, aliando a prática esportiva a fundamentação teórica sobre o porquê de o exercício físico, ainda que seja uma caminhada, é importante para o equilíbrio emocional, reduzindo consideravelmente os sintomas de estresse.

Ainda a respeito de saúde, já se sabe que o cérebro funciona melhor após tempo de ociosidade; inclusive, já se indicou que quando crianças têm tempo e habilidades necessários para a reflexão (algo que faz o ser voltar-se para dentro de si), muitas vezes se tornam mais motivadas, com menor grau de ansiedade, seu desempenho em testes é superior e planejam o futuro de maneira mais eficaz (PRADO, 2012, s. p.); logo, o devido descanso é fundamental. Além disso, dormir menos para “render” mais é um convite ao fracasso (RODRIGUES, 2014, s. p.). Esse destaque sobre saúde indica mais ainda que os componentes psicofisiológicos têm grande importância: esses devem estar em bom funcionamento para que haja boa estratégia, boa leitura, boa produção textual.

Podem-se resumir minhas indicações da seguinte maneira: não se deve ser ocioso (deixando de lado atividades físicas), nem dormir pouco, pois isso estressa muito mais o organismo; não se deve trabalhar demais todos os dias; se o tradutor estiver estressado, há mau funcionamento dos componentes psicofisiológicos, e se prestarmos atenção ao modelo do grupo PACTE, deve haver sinergia, holismo, e esse holismo parte, em meu recorte, de boas condições psicofisiológicas, conforme minha proposta de modelo vista no capítulo 3. Como não há maneira ao alcance da mão para frear a pressa de nossa realidade, não há como fugir de prazos e da atenção a múltiplas tarefas, por exemplo. Cumpre, então, ter condições de enfrentar melhor essas adversidades para que se tenham condições de prestar atenção na funcionalidade e na atenção simultânea a diversas coisas e prazos, além do fato de isso estar “oculto” na formação. Isso revela, de certo modo, que os componentes psicofisiológicos prejudicados pelo distresse ocasionam uma má competência estratégica. Na formação, portanto, seria importante destacar o que se disse estar oculto, de modo que os aprendizes saiam mais bem preparados de seus cursos.

Por fim, a tese mostrou – ou descreveu e discutiu –, com o cotejo entre a literatura disponível, dados empíricos disponíveis e dados por mim coletados, aliados à experiência pessoal, que há a percepção de um conjunto de fatores, que perfaz um espectro multifatorial de fatores estressores que recaem sobre a produção da tradução. Entre os fatores de estresse percebidos pelo tradutor e pelo aprendiz, **a atenção intensa a vários detalhes simultaneamente e a atenção a prazos são mais reconhecidos por tradutores experientes e por aprendizes de tradutor.**

A maioria dos fatores estressores subjetivamente reconhecidos por profissionais confirmam-se em efeitos nas produções examinadas, tanto de profissionais como de aprendizes. O elemento da produção que mais sofre sob o efeito do fator de distresse, conforme se observa nos desempenhos de tradutores por meio de meus dados, é a leitura, que está sendo interferida/distorcida, o que culmina em uma produção igualmente problemática. Assim, o trabalho multitarefa e a pressão de tempo são os elementos que mais parecem ser reconhecidos como problemas estressores. Temos aqui dois pontos importantes, pelo menos, a explorar com os profissionais e com os aprendizes, de maneira que saibam gerenciar isso de um modo que não afete sua produção e preserve sua integridade física e mental.

6.1. Limites do trabalho

A partir de meus estudos e dados, pretendo ter demonstrado que os tradutores reconhecem que estressores específicos, tais como falta de tempo prejudicam seu trabalho. E isso se confirma nas próprias traduções de tradutores que experienciam cenários estressantes. Ou seja: o estresse se reflete diretamente no texto. Esse, como se viu, é um assunto complexíssimo que requer demonstrações e estudos de igual complexidade.

Os resultados que obtive, advindos de uma amostra limitada de sujeitos – ainda que criteriosamente selecionados – me fazem crer que há necessidade de mais pesquisa no âmbito das questões psicológicas da tradução, e que há mais necessidade de essas questões serem um ponto familiar para professores e aprendizes-tradutores.

A partir do que foi visto na bibliografia pesquisada, passei a entender a leitura, na esteira de Leffa (1996), como um *processo* extremamente complexo que se compõe de vários subprocessos encadeados. Dentro dessa concepção de leitura – ainda que possa ser bastante criticável frente aos avanços atuais da Psicolinguística –, vejo a leitura tradutória como um tipo de leitura altamente complexa. O tema da leitura tradutória também precisaria ser mais

bem explorado entre formadores e aprendizes do nosso ofício. Considerando uma dada unidade ou segmento de tradução, vejo, nessa leitura tradutória, pelo menos as etapas expostas em “3.2. A leitura e as competências tradutórias”. Sob efeitos de *distresse* – tais como pressão de tempo e realização de várias tarefas ao mesmo tempo –, os itens a) e b) das etapas da leitura tradutória tendem a ser muito prejudicados, o que necessariamente tem reflexos nos demais itens. Logo, o elemento da produção que mais sofre sob o efeito do fator de *distresse*, conforme se observa nos desempenhos de tradutores, é a leitura, que está sendo interferida/distorcida, o que culmina em uma produção igualmente interferida/distorcida. Lembremos que o foco aqui é a leitura tradutória, complexa, multifase, em que há um *vaivém*. Esses achados, naturalmente, podem ser confirmados com uma pesquisa quantitativa de maior fôlego, conduzida no ambiente “ao vivo” de uma empresa de tradução, mas acredito que os dados a que tive acesso no LETRA/UFMG são bastante úteis para um ponto de partida confiável. É necessário preparar os aprendizes para a leitura tradutória *mais* a atenção concomitante a múltiplas coisas e ao prazo/tempo curto. Sendo a leitura tradutória de alta complexidade, como se consegue dar conta disso em meio à atenção a múltiplos fatores e a prazos? Esse problema deve ser trazido intensamente para a sala de aula, sob a forma de exercícios realizados em condições de estresse, e pode-se dizer que o domínio dessas condições integra as competências necessárias para a leitura tradutória.

Com a descrição da percepção subjetiva e a discussão de efeitos de estresse na tradução de textos técnico-científicos que fiz aqui, detectei que os tradutores percebem determinadas coisas bem focais e eles conseguem distinguir o que é mais e o que é menos problemático. Assim, afasta-se a ideia de que tudo é ou pode ser estresse/*distresse* ou que há uma massa amorfa de elementos difusos que se reconhece.

Conforme aprendi na bibliografia específica sobre estresse/*distresse*, o estresse/*distresse* laboral pode ser cientificamente definido como aquele que se instala sob condições estressantes de trabalho e tem base fisiológica (estruturas como córtex, amígdala, hipotálamo, suprarrenais; hormônios como ACTH, adrenalina, cortisol). No caso do tradutor, ter que prestar muita atenção a muitas coisas, tais como a tecnicidade da tarefa, prazos reduzidos e interação com clientes, gerentes de projetos e colegas podem ser vistos como marcadores de *distresse* laboral.

Destaque-se que seria interessante realizar pesquisas que acompanhassem mais de perto o processo tradutório em situações estressantes (ou *distressantes*), seja com protocolos verbais, seja com o *software* Translog, ou outro tipo de pesquisa que tivesse recursos de registrar todo o processo tradutório, estabelecendo um comparativo entre o início da jornada

de trabalho e o fim dessa, em situação estressante, para estabelecer um comparativo de desempenho entre o início e o fim da jornada, por exemplo. Suponho que a soma de jornadas estressantes leve a uma produção cada vez mais falha, mas isso se comprovaria com dados de pesquisa.

Os sujeitos percebem que há sistemas maiores e componentes menores (por exemplo, a competência composta por subcompetências; o texto formado por frases ou segmentos de tradução). A atenção intensa a vários detalhes simultâneos, juntamente com a atenção a prazos, são os problemas mais reconhecidos pelos tradutores; essas coisas, em meio a uma massa amorfa, têm um peso maior, e isso se confirma pelos dados, pois a percepção dos sujeitos foi descrita. Os elementos de tempo (prazo curto) e atenção múltipla a várias coisas **deve integrar qualquer programa de formação de tradutores**. Um dos grandes problemas é o desconhecimento que temos dessas questões, que não estão adequadamente descritas.

Há também a questão das tecnologias, que é problemática para muitos tradutores que ingressam no mercado e que, por seu desconhecimento, podem gerar estresse para seu trabalho. Em relação a isso, se se pensar em formação, orientar o aluno de tradução a lidar simultaneamente com pelo menos três janelas abertas no monitor do computador já seria um início. Outra coisa importante como orientação seria livrar-se de distrações como redes sociais, etc., no momento do trabalho, centrando-se o foco da atenção nas diferentes frentes do trabalho propriamente dito. A interação em redes sociais ficaria para um momento de descontração, o que também é importante.

O desenvolvimento de minha investigação serviu para eu poder equacionar os elementos que constituem um problema com o qual convivi. Isso é ao menos pouco explorado e não é tão óbvio no meio em que ocorre. Tive a intenção de mostrar que as competências tradutórias acabam sendo guiadas por componentes psicofisiológicos e, ao menos momentaneamente, são desorientadas por esses, contanto que esses estejam em mau funcionamento devido ao distresse.

Quanto ao que se poderia fazer a respeito para o ensino de tradução, relembremos que Martins dá algumas das características do professor de tradução ideal para o mercado de hoje: 1) ter experiência tradutória; 2) ter didática; 3) saber avaliar; 4) usar ao menos algumas ferramentas eletrônicas disponíveis; 5) conhecer bem diversos assuntos e 6) estar familiarizado com diferentes modalidades de tradução (MARTINS, 2006, p. 40); e Nord indica que seria interessante organizar o treinamento de tradutores fazendo projetos, nos quais cada estudante pudesse assumir diversos papéis: cliente, revisor, terminólogo, etc. (NORD,

2000, pp. 39). Ainda em Nord, a oitava competência que a pesquisadora indica que um tradutor deve ter, como se viu no capítulo 4 desta tese, é a “resistência ao estresse”.

Para resistir a algo, é precisar (re)conhecer esse algo, conhecer sua natureza e modos de ação. E é preciso programar-se com alguma antecedência para a tarefa do embate. Este trabalho tentou contribuir para isso no que se refere ao enfrentamento do estresse laboral por parte de “tradutores técnico-científicos”.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, G. M. de B. Fazer Terminologia é fazer Linguística. In.: PERNA, C. B. L., DELGADO, H. O. K., FINATTO, M. J. B. **Linguagens especializadas em corpora: modos de dizer e interfaces**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.
- ALMEIDA, O. M. M. S. A resposta neurofisiológica ao *stress*. In: LIPP, M. E. N. (Org.). **Mecanismos neuropsicofisiológicos do stress: teoria e aplicações clínicas**. São Paulo: Casa do Psicólogo[®], 2010.
- ALVES, F. O processo de tradução. **Cadernos de tradução**, nº 10 (2002/2). Florianópolis: Núcleo de Tradução, 1996.
- _____. A formação dos tradutores a partir de uma abordagem cognitiva: reflexões de um projeto de ensino. **TRADTERM**, 4(2), 2º semestre de 1997, pp. 19-40.
- _____. Ritmo cognitivo, meta-reflexão e experiência: parâmetros de análise processual no desempenho de tradutores novatos e experientes. In: PAGANO, A.; MAGALHÃES, C.; ALVES, F. (orgs). **Competência em tradução: cognição e discurso**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005, pp. 109-153.
- AUBERT, F. H. **Introdução à metodologia da pesquisa terminológica bilíngue**. São Paulo: FFLCH/CITRAT, 2001.
- AZENHA JUNIOR, J. Tradução técnica, condicionantes culturais e os limites da responsabilidade do tradutor. In: **Cadernos de tradução**. V.1, n.1. Florianópolis, 1996.
- BARROS, L. A. **Curso básico de Terminologia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.
- BEVILACQUA, C. R. e REUILLARD, P. C. R. A formação em tradução na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. In: GUERINI, A.; TORRES, M-H. C.; COSTA, W.

- C. (org.). **Os estudos da tradução no Brasil nos séculos XX e XXI**. Tubarão: Ed. Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2013.
- BYRNE, J. **Technical Translation: Usability Strategies for Translating Technical Documentation**. Dordrecht, Netherlands: Springer, 2006.
- CABRÉ, M. T. **La terminología: representación y comunicación: elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos**. Barcelona: IULA, 1999.
- CAVACO-CRUZ, L. **Manual prático e fundamental de tradução técnica**. Independence: Arkonte, 2012.
- CHIMINAZZO, J. G. C.; MONTAGNER, P. C. Treinamento esportivo e Burnout: reflexões teóricas. **Lecturas: revista digital de educación física y deportes**, Buenos Aires, ano 10, n. 78, 2004. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd78/burnout.htm>>. Acesso em: 9 de fevereiro de 2015.
- CIAPUSCIO, G. (org.). **De la palabra al texto: estudios lingüísticos del español**. Buenos Aires: Eudeba, 2009.
- DELGADO, H. O. K. **Proposta de uma didática de tradução de linguagens especializadas para licenciados em língua inglesa**. Porto alegre, RS. Originalmente apresentado como tese de doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.
- ECO, U. **Quase a mesma coisa: experiências de tradução**. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- FINATTO, M. J. B. Termos, textos e textos *com* termos: novos enfoques dos estudos terminológicos de perspectiva linguística. In.: ISQUERDO, Aparecida Negri e Krieger, Maria da Graça (orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Vol. II Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2004.
- _____. Estudos sobre linguagens e textos científicos e técnicos: o que é uma terminologia textual?. In.: BATTISTI, E.; COLLISCHONN, G. (orgs.). **Língua e linguagens: perspectivas de investigação**. Pelotas, EDUCAT, 2011.
- FONSECA, N. B. de L. **Padrões prototípicos de segmentação na descompactação e recompactação de unidades de tradução em tarefas de tradução direta e inversa**. Belo Horizonte, MG. Originalmente apresentado como dissertação de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.
- FROTA, M. P. Erros e lapsos de tradução: um tema para o ensino. In: PAGANO, A. & VASCONCELLOS, M. L. (Orgs.). Formação de tradutores e pesquisadores em estudos de tradução. **Cadernos de tradução**. Florianópolis, UFSC. Nº 17, 2006.
- GENTZLER, E. **Teorias contemporâneas da tradução**. São Paulo: Madras, 2009.

- GONÇALVES, J. L. V. R. & MACHADO, I. T. N. Um panorama do ensino de tradução e a busca da competência do tradutor. **Cadernos de Tradução**, Santa Catarina: UFSC, n. 17, 2006.
- GOUADEC, D. **Profession traducteur**. Paris: La Maison du Dictionnaire, 2009.
- HOFFMANN, L. Conceitos básicos de lingüística das linguagens especializadas. In.: KRIEGER, M. G., ARAÚJO, L. **Cadernos de tradução**. Porto Alegre: UFRGS, nº 17, outubro-dezembro, 2004, pp. 79-90.
- HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva. Versão 1.0 [CD-ROM]. 2001.
- HURTADO ALBIR, A. **Traducción y traductología: introducción a la traductología**. Madri: Cátedra, 2001.
- _____. A aquisição da competência tradutória: aspectos teóricos e didáticos. (Trad. Fábio Alves) In: PAGANO, A.; MAGALHÃES, C.; ALVES, F. (orgs). **Competência em tradução: cognição e discurso**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005, pp. 19-57.
- HUTCHINS, J. On the structure of scientific texts. **UEA Papers in Linguistics** 5, September 1977, p.18-39
- IZQUIERDO, I. **Tempo de viver**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002.
- KAPLAN, H. I. **Compêndio de psiquiatria: ciências do comportamento e psiquiatria clínica**. Autores: Harold I. Kaplan, Benjamin J. Sadock, Jack A. Greb Trad: Dayse Batista sétima edição Porto Alegre – Artmed – 1997.
- KATO, M. **O aprendizado da leitura**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- KELLY, D. Un modelo de competencia traductora: bases para el diseño curricular. **Puentes**, 2002.
- KRIEGER, M. da G., FINATTO, M. J. B. **Introdução à Terminologia: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2004.
- LEFFA, J. Vilson. **Aspectos da leitura: uma perspectiva psicolingüística**. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 1996.
- LIMONGI FRANÇA, Ana Cristina e RODRIGUES, Avelino Luiz. **Stress e trabalho: uma abordagem psicossomática**. São Paulo: Atlas, 2005.
- LIPARINI CAMPOS, T. **O efeito do uso de um sistema de memória de tradução e da pressão de tempo no processo cognitivo de tradutores profissionais**. Belo Horizonte, MG: 2010. Originalmente apresentado como tese de doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

- MACIEL, A. M. B. Linguagens especializadas e terminologia: o passado projetando o futuro. In.: PERNA, C. L., DELGADO, H. K., FINATTO, M. J. B. **Linguagens especializadas em corpora: modos de dizer e interfaces**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.
- MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MARTINS, M. A. P. Novos desafios na formação de tradutores. **Cadernos de Tradução**. v. 1, nº 17. Florianópolis, 2006.
- MELLO, A. R. C. **Produção de Leitura: O trabalho com leitura de diversos tipos de textos e seus fundamentos lingüísticos**. Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/artigos/396627>> Acesso em: 13 de abril de 2015.
- MILTON, J. Para ser tradutor ou para melhorar a língua? Por que estudantes brasileiros escolhem cursos de tradução?. **TRADTERM**, 6, 2000, p. 83-105.
- NORD, C. Training functional translators. **Cadernos de Tradução**. v. 1, nº 5. Florianópolis, 2000.
- _____. **Text Analysis in Translation: theory, methodology, and didactic application of a model of translation-oriented text analysis**. Trad. por Christiane Nord e Penelope Sparrow. Amsterdam, Atlanta, Rodopi, 2005.
- _____. Translating as a purposeful activity: a prospective approach. **TEFLIN Journal**, Volume 17, Number 2, August 2006 pp. 131-143
- O'BRIEN, S. (Ed.). **Cognitive explorations of translation**. London: Continuum, 2011.
- ORLANDI, E. P. **O que é Lingüística?**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.
- OTTONI, P. R. "A formação do tradutor científico e técnico: necessária e impossível". In: **Seminário de Tradução Científica e Técnica em língua Portuguesa**, 1998, Lisboa. Actas do Seminário. Lisboa: União Latina, 1998. p. 92-95. Disponível em: <<http://www.studio.pro.br/formacaotradutor.htm>>. Acesso em: <16 de agosto de 2011>.
- PICKBRENNER, M. B. **Termos compostos em língua alemã: uma contribuição para o ensino de leitura instrumental em Direito**. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.
- PRADO, A. C. Entenda a importância do tempo "ocioso" para o seu cérebro. **Revista Superinteressante**, julho de 2012. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/blogs/como-pessoas-funcionam/como-ajudar-o-cerebro-a->

tomar-melhores-

deciso es/?s=como+ajudar+o+c%C3%A9rebro+a+tomar+melhores+decis%C3%B5es
>. Acesso em: 29/10/2013.

REISS, K.; VERMEER, H. J. **Fundamentos para una teoría funcional de la traducción.**

Trad. Sandra Reina e Celia de León. Madrid: Akal, 1996.

RESENDE, N. R. e SOUZA, A. C. de. A atividade tradutória e a relevância da leitura: legibilidade e leiturabilidade de textos humorísticos traduzidos. **Revista Gatilho.**

Ano VII, Volume 13, setembro de 2011. Juiz de Fora, MG: UFJF. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistagatilho/files/2011/10/resende.pdf>>. Acesso em 5 de junho de 2012.

RODRIGUES, A. C. Dormir bem pode ser a melhor decisão de carreira. **Revista Você S/A,**

abril de 2014. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/revista-voce-sa/noticias/sono-productivo>>. Acesso em: 25 de outubro de 2014.

RÓNAI, Paulo. *A tradução vivida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

SAID, F. M. **Guia do tradutor: melhores práticas**. São Paulo: edição do autor, 2013.

SAMPAIO, J. dos R. e GALASSO, L. M R. Stress no Mundo do Trabalho: trajetória conceitual. In: LIMONGI FRANÇA, A. C. e RODRIGUES, A. L. **Stress e trabalho: uma abordagem psicossomática**. São Paulo: Atlas, 2005.

SILVA, I. A. L. da. **Conhecimento experto em tradução: aferição da durabilidade de tarefas tradutórias realizadas por sujeitos não tradutores em condições empírico-experimentais**. Belo Horizonte, MG: 2007. Originalmente apresentado como dissertação de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.

SILVA, I. A. L. da; OLIVEIRA, M. L. de; LIMA, K. C. S. de. Conhecimento experto em tradução: uma abordagem processual e discursiva de tarefas tradutórias realizadas por pesquisadores expertos. **Revista da ABRALIN**, v. 7, n. 1, p. 279-306, jan./jun. 2008.

STOLZE, R. Indicadores de qualidade para a avaliação de traduções no âmbito da didática.

TRADTERM, 4(1), 1º semestre de 1997, p. 157-173.

TEMMERMANN, R. **Towards new ways of terminology description. The sociocognitive approach**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2000.

TRAVAGLIA, N. G. **Tradução e retextualização**. Uberlândia: EDUFU, 2003.

WILLIAMS, J. e CHESTERMAN, A. **The map – A beginner's guide to doing research in Translation Studies**. Manchester, UK: St. Jerome, 2002.

WYLER, L. **Línguas, poetas e bacharéis: uma crônica da tradução no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

YAVICH, L.G. Paciente com disfunção temporomandibular apresentando assimetria condilar e micronódulos no terço anterior das pregas vocais. **JBA**, Curitiba, v.2, n.5, p.12-19, jan./mar. 2002.

8. ANEXO I: dados de meu questionário

Questionário 1:

1. Nome: Tradutor_1⁸⁶
2. Idade: 37
3. Anos de experiência: 2
4. Formação: marque as opções que se aplicarem e indique em que área.

Bacharelado

Incompleto

Área: _____

Licenciatura

Incompleta

Área: _____

Mestrado

Incompleto

Área: Letras/Linguística

Doutorado

Incompleto

Área: _____

Pós-graduação *lato sensu*

Incompleta

Área: _____

⁸⁶ Não serão divulgados os nomes dos tradutores, mesmo que **esses** tenham concordado com a divulgação.

() Outro curso: _____

5. Dificuldades enfrentadas no dia a dia:

Marque quantas opções quiser. Acrescente dados que desejar na opção “Outras”.

() Pouca informação a respeito do trabalho a ser realizado

(X) Pouco tempo para realizar um trabalho de qualidade

() Muita informação a ser assimilada e aplicada em pouco tempo

() Muita variedade de assuntos/áreas

() Muitas ferramentas CAT (*Computer-aided translation*, tradução auxiliada por computador) diferentes exigidas

Outras: _____

6. Essas dificuldades da questão 5 acima causam – **em você** – o que se denomina estresse/tensão/ansiedade?

a) () Sim

b) (X) Não

Em caso afirmativo, o que você percebe que o estresse causa em você?

Marque quantas opções quiser. Acrescente dados que desejar na opção “Outros”.

a) () Insônia

b) () Falta de atenção

c) () Cansaço

d) () Falhas de memória

e) () Nervosismo/tensão

Outros: _____

7. Com base nos itens “a” e “b” abaixo, classifique sua produção de traduções em situações de estresse:

- a. Em uma escala de 1 a 10, classifique (assinale **um** número) o quanto o estresse prejudica suas funções cognitivas (atenção, raciocínio, memória etc.):

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

Comentários:_____

- b. Em se tratando de uma tradução de um *texto* técnico:

Basta seguir um glossário.

Concordo

Discordo

É necessário pelo menos se informar sobre a área na qual se vai trabalhar, além de seguir um glossário.

Concordo

Discordo

Comentários:_____

8. Quais os problemas em se tratando de “estratégia” (em resumo, saber o que e como fazer) e “psicofisiologia” (atenção, memória, interesse pelo trabalho, raciocínio etc.)?

Marque quantas opções quiser. Acrescente dados que desejar na opção “Outros”.

- Pouca informação fornecida pelo cliente
- Prazos curtos a cumprir
- Muitas informações às quais se ater/seguir
- Ter de aprender a operar novos *softwares* (ferramentas CAT, uso de navegadores diferentes etc.)

Outros: _____

9. Em sua opinião, houve lacunas em sua formação universitária em tradução, caso a tenha?

- Sim
- Não

Em caso afirmativo, fale sobre alguma lacuna que você tenha percebido como sendo importante:

O curso foi apenas acadêmico, e a tradução é, principalmente, uma área prática. Durante minha formação nunca foi sequer mencionada a existência de PATs nem qualquer outra informação sobre o mundo real da tradução.

10. Caso a resposta da questão 9 tenha sido “Sim”, marque e/ou enumere – em “Outros” – algumas possíveis soluções, quanto à formação, para os problemas percebidos.

Marque quantas opções quiser. Acrescente dados que desejar na opção “Outros”.

- Treinamento de informática
- Treinamento mais direcionado quanto a estratégias gerais de gerenciamento
- Treinamento direcionado ao mercado
- Não se faz necessária nenhuma solução

Outros: _____

11. Enumere 3 competências que você considere importantes para um tradutor de textos técnicos.

As elencadas de 1 a 3 abaixo.

12. Em uma escala de **1 (mais importante) a 4 (menos importante)**, dê sua opinião sobre as importâncias de cada competência que segue para se efetuar o que você chama de uma boa tradução técnica.

(1) Ter boa estratégia para tomada de decisões

(4) Ter bons conhecimentos de informática

(3) Saber seguir regras

(2) Ter boas faculdades cognitivas (atenção, memória, curiosidade etc.)

Outras: _____

13. Forneça outras informações que você considere relevantes.

IMPORTANTE:

Você permite que seu nome seja utilizado em nossas pesquisas e produções (tese, artigos, conferências etc.)? Se não o permitir, será utilizado um código, tal como “Tradutor_1”, Tradutor_2”. Caso permita em apenas alguma produção (por exemplo, permite na tese, não em artigos), especifique em “Outras informações”.

Sim

Não

Outras informações: _____

Questionário 2:

1. Nome: Tradutor_2
2. Idade: 34 anos
3. Anos de experiência: 12
4. Formação: marque as opções que se aplicarem e indique em que área.

Bacharelado

Incompleto

Área: _____

Licenciatura

Incompleta

Área: _____

Mestrado

Incompleto

Área: _____

Doutorado

Incompleto

Área: _____

Pós-graduação *lato sensu*

Incompleta

Área: Letras – Assessoria linguística

Outro curso: _____

5. Dificuldades enfrentadas no dia a dia:

Marque quantas opções quiser. Acrescente dados que desejar na opção “Outras”.

Pouca informação a respeito do trabalho a ser realizado

Pouco tempo para realizar um trabalho de qualidade

Muita informação a ser assimilada e aplicada em pouco tempo

Muita variedade de assuntos/áreas

Muitas ferramentas CAT (*Computer-aided translation*, tradução auxiliada por computador) diferentes exigidas

Outras: _____

6. Essas dificuldades da questão 5 acima causam – **em você** – o que se denomina estresse/tensão/ansiedade?

- c) () Sim
- d) (X) Não

Na verdade, o que sinto é uma insegurança momentânea. Às vezes irritação. Aprendi a driblar as coisas que me incomodam encontrando alternativas de solução para dúvidas.

Em caso afirmativo, o que você percebe que o estresse causa em você?

Marque quantas opções quiser. Acrescente dados que desejar na opção “Outros”.

- f) () Insônia
- g) () Falta de atenção
- h) () Cansaço
- i) () Falhas de memória
- j) () Nervosismo/tensão

Outros: _____

7. Com base nos itens “a” e “b” abaixo, classifique sua produção de traduções em situações de estresse:

c. Em uma escala de 1 a 10, classifique (assinale **um** número) o quanto o estresse prejudica suas funções cognitivas (atenção, raciocínio, memória etc.):

- () 1
- () 2
- () 3
- () 4
- () 5
- () 6

7

8

9

10

Comentários:_____

d. Em se tratando de uma tradução de um *texto* técnico:

Basta seguir um glossário.

Concordo

Discordo

É necessário pelo menos se informar sobre a área na qual se vai trabalhar, além de seguir um glossário.

Concordo

Discordo

Comentários:_____

8. Quais os problemas em se tratando de “estratégia” (em resumo, saber o que e como fazer) e “psicofisiologia” (atenção, memória, interesse pelo trabalho, raciocínio etc.)?

Marque quantas opções quiser. Acrescente dados que desejar na opção “Outros”.

Pouca informação fornecida pelo cliente

Prazos curtos a cumprir

Muitas informações às quais se ater/seguir

Ter de aprender a operar novos *softwares* (ferramentas CAT, uso de navegadores diferentes etc.)

Outros:_____

9. Em sua opinião, houve lacunas em sua formação universitária em tradução, caso a tenha?

Sim

Não

Em caso afirmativo, fale sobre alguma lacuna que você tenha percebido como sendo importante:

Apesar de ser formada em Licenciatura, e não Bacharelado, troquei ideias com muitos colegas que se formaram em tradução. O que considero a pior lacuna tanto de um curso quanto de outro é a falta de disciplinas sobre gramática. E da língua portuguesa, por incrível que pareça. Há muita contestação, polêmica e até disputa de egos. Acontece que o mercado de trabalho exige, e com razão, que um tradutor seja um especialista em línguas, mas especialmente na materna, uma vez que o fruto de seu trabalho será em português. Aí já não cabem mais polêmicas e discussões sobre adequações de uma ou outra gramática: aqui cabem soluções, respostas, aplicação. Para um cliente pouco importa se tal tese alerta para problemas de conceituação da classe gramatical X. Ele deseja um texto correto, e deve recebê-lo.

Isso levanta duas questões primordiais, uma a ser resolvida pelo próprio aluno candidato a tradutor, e a outra ao professor de letras:

a) O interessado em seguir a carreira de tradutor deve perceber que é inútil conhecer a língua estrangeira se não dominar exemplarmente a própria. A tradução deve ser fluida, natural e gramaticalmente correta. Isso exige muita leitura prévia e interesse em buscar constantemente conhecimento. O que vejo por aí é muitos tradutores achando que serão bem-sucedidos porque “sabem muito de inglês”. Contudo, a tradução consiste efetivamente em verter esse conhecimento em termos linguísticos e culturais para um idioma que sobre o qual muitos não sabem tanto assim.

b) O professor de letras, muitas vezes por não atuar como tradutor ou fazê-lo em um segmento muito restrito, não tem conhecimento sobre o mercado de trabalho real. Assim, não prepara os alunos para as necessidades do mercado. O professor acaba fornecendo ferramentas que ele imagina que bastem para o ofício. O resultado é visível nos mais variados segmentos da tradução: muitos clientes, especialmente editoras, passam a procurar profissionais formados em outras áreas, por concluírem (muitas vezes com razão) que aquele profissional terá pelo menos a vantagem de conhecer a área em questão.

10. Caso a resposta da questão 9 tenha sido “Sim”, marque e/ou enumere – em “Outros” – algumas possíveis soluções, quanto à formação, para os problemas percebidos.

Marque quantas opções quiser. Acrescente dados que desejar na opção “Outros”.

(X) Treinamento de informática

(X) Treinamento mais direcionado quanto a estratégias gerais de gerenciamento

(X) Treinamento direcionado ao mercado

() Não se faz necessária nenhuma solução

Outros: Atualização dos professores em relação às necessidades reais do mercado.

11. Enumere 3 competências que você considere importantes para um tradutor de textos técnicos.

Espírito investigativo

Habilidades avançadas de pesquisa

Raciocínio lógico

12. Em uma escala de **1 (mais importante) a 4 (menos importante)**, dê sua opinião sobre as importâncias de cada competência que segue para se efetuar o que você chama de uma boa tradução técnica.

(3) Ter boa estratégia para tomada de decisões

(2) Ter bons conhecimentos de informática

(1) Saber seguir regras

(4) Ter boas faculdades cognitivas (atenção, memória, curiosidade etc.)

Outras: _____

13. Forneça outras informações que você considere relevantes.

Costumo dizer que tradutor é 50% pesquisador. Infelizmente, o perfil profissional que mais vejo no mercado não sabe fazer pesquisa, ou não se interessa por ela.

A falta de iniciativas para encontrar respostas está diretamente ligada ao êxito do profissional, que acaba nem sabendo como fazer para ingressar no mercado. Talvez pela própria falta de

proatividade, talvez pelo despreparo acadêmicos, os alunos de letras acabam nunca descobrindo o quanto sua profissão pode ser brilhante e muito bem remunerada.

IMPORTANTE:

Você permite que seu nome seja utilizado em nossas pesquisas e produções (tese, artigos, conferências etc.)? Se não o permitir, será utilizado um código, tal como “Tradutor_1”, Tradutor_2”. Caso permita em apenas alguma produção (por exemplo, permite na tese, não em artigos), especifique em “Outras informações”.

Sim

Não

Outras informações: Se o autor da tese achar interessante/relevante para seu trabalho, poderá citar inclusive a posição que ocupo. Isso poderia situar o leitor em termos de experiência/vivência/contexto do entrevistado.

Aqui está essa informação, para uso a critério do doutorando: sou tradutora da adidas no Brasil.

Questionário 3:

1. Nome: Tradutor_3
2. Idade: 34
3. Anos de experiência: 9
4. Formação: marque as opções que se aplicarem e indique em que área.

Bacharelado

Incompleto

Área: Letras – tradução – inglês/português

Licenciatura

Incompleta

Área: _____

Mestrado

Incompleto

Área: _____

Doutorado

Incompleto

Área: _____

Pós-graduação *lato sensu*

Incompleta

Área: _____

Outro curso: _____

5. Dificuldades enfrentadas no dia a dia:

Marque quantas opções quiser. Acrescente dados que desejar na opção “Outras”.

Pouca informação a respeito do trabalho a ser realizado

Pouco tempo para realizar um trabalho de qualidade

Muita informação a ser assimilada e aplicada em pouco tempo

Muita variedade de assuntos/áreas

Muitas ferramentas CAT (*Computer-aided translation*, tradução auxiliada por computador) diferentes exigidas

Outras: Instruções pouco explicadas, irrelevantes ou inconsistentes.

6. Essas dificuldades da questão 5 acima causam – **em você** – o que se denomina estresse/tensão/ansiedade?

e) Sim

f) Não

Em caso afirmativo, o que você percebe que o estresse causa em você?

Marque quantas opções quiser. Acrescente dados que desejar na opção “Outros”.

k) Insônia

l) Falta de atenção

m) Cansaço

n) Falhas de memória

o) Nervosismo/tensão

Outros: Bruxismo, dores no corpo e mau humor.

7. Com base nos itens “a” e “b” abaixo, classifique sua produção de traduções em situações de estresse:

e. Em uma escala de 1 a 10, classifique (assinale **um** número) o quanto o estresse prejudica suas funções cognitivas (atenção, raciocínio, memória etc.):

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

Comentários: É bem mais difícil trabalhar assim.

f. Em se tratando de uma tradução de um *texto* técnico:

Basta seguir um glossário.

Concordo

Discordo

É necessário pelo menos se informar sobre a área na qual se vai trabalhar, além de seguir um glossário.

Concordo

Discordo

Comentários: Concordo com a segunda opção com ressalvas. As duas opções acima, mesmo se ambas forem satisfeitas simultaneamente, ainda assim podem ser insuficientes para traduzir corretamente um texto técnico, pois às vezes é necessário saber quando não seguir o glossário e quando as informações que temos sobre a área são insuficientes para entender o texto e traduzir seu conteúdo adequadamente.

8. Quais os problemas em se tratando de “estratégia” (em resumo, saber o que e como fazer) e “psicofisiologia” (atenção, memória, interesse pelo trabalho, raciocínio etc.)?

Marque quantas opções quiser. Acrescente dados que desejar na opção “Outros”.

Pouca informação fornecida pelo cliente

Prazos curtos a cumprir

Muitas informações às quais se ater/seguir

Ter de aprender a operar novos *softwares* (ferramentas CAT, uso de navegadores diferentes etc.)

Outros: _____

9. Em sua opinião, houve lacunas em sua formação universitária em tradução, caso a tenha?

Sim

Não

Em caso afirmativo, fale sobre alguma lacuna que você tenha percebido como sendo importante:

Acho que faltou preparação para fazer parte de uma grande fatia do mercado de trabalho, pois as tecnologias usadas atualmente pela maioria dos tradutores no trabalho com agências não foram exploradas quando fiz a graduação, então tive que aprender sobre isso na prática. A parte administrativa do trabalho também é um ponto importante mencionado de maneira muito panorâmica quando fiz minha graduação.

10. Caso a resposta da questão 9 tenha sido “Sim”, marque e/ou enumere – em “Outros” – algumas possíveis soluções, quanto à formação, para os problemas percebidos.

Marque quantas opções quiser. Acrescente dados que desejar na opção “Outros”.

Treinamento de informática

Treinamento mais direcionado quanto a estratégias gerais de gerenciamento

Treinamento direcionado ao mercado

Não se faz necessária nenhuma solução

Outros: _____

11. Enumere 3 competências que você considere importantes para um tradutor de textos técnicos.

Perspicácia

Disciplina

Saber usar CAT *tools*

12. Em uma escala de **1 (mais importante) a 4 (menos importante)**, dê sua opinião sobre as importâncias de cada competência que segue para se efetuar o que você chama de uma boa tradução técnica.

(1) Ter boa estratégia para tomada de decisões

(2) Ter bons conhecimentos de informática

(3) Saber seguir regras

(4) Ter boas faculdades cognitivas (atenção, memória, curiosidade etc.)

(difícil colocar as opções anteriores juntas numa escala)

Outras: _____

13. Forneça outras informações que você considere relevantes.

IMPORTANTE:

Você permite que seu nome seja utilizado em nossas pesquisas e produções (tese, artigos, conferências etc.)? Se não o permitir, será utilizado um código, tal como “Tradutor_1”, Tradutor_2”. Caso permita em apenas alguma produção (por exemplo, permite na tese, não em artigos), especifique em “Outras informações”.

(X) Sim

() Não

Outras informações: _____

Questionário 4:

1. Nome: Tradutor_4
2. Idade: 29 anos
3. Anos de experiência: 6
4. Formação: marque as opções que se aplicarem e indique em que área.

Bacharelado

Incompleto

Área: __Letras_____

Licenciatura

Incompleta

Área:_____

Mestrado

Incompleto

Área:_____

Doutorado

Incompleto

Área:_____

Pós-graduação *lato sensu*

Incompleta

Área:_____

Outro curso:_____

5. Dificuldades enfrentadas no dia a dia:

Marque quantas opções quiser. Acrescente dados que desejar na opção “Outras”.

Pouca informação a respeito do trabalho a ser realizado

Pouco tempo para realizar um trabalho de qualidade

Muita informação a ser assimilada e aplicada em pouco tempo

Muita variedade de assuntos/áreas

Muitas ferramentas CAT (*Computer-aided translation*, tradução auxiliada por computador) diferentes exigidas

Outras: _Nem sempre o material de referência fornecido é suficiente_

6. Essas dificuldades da questão 5 acima causam – **em você** – o que se denomina estresse/tensão/ansiedade?

g) Sim

h) Não

Em caso afirmativo, o que você percebe que o estresse causa em você?

Marque quantas opções quiser. Acrescente dados que desejar na opção “Outros”.

p) Insônia

q) Falta de atenção

r) Cansaço

s) Falhas de memória

t) Nervosismo/tensão

Outros: _____

7. Com base nos itens “a” e “b” abaixo, classifique sua produção de traduções em situações de estresse:

g. Em uma escala de 1 a 10, classifique (assinale **um** número) o quanto o estresse prejudica suas funções cognitivas (atenção, raciocínio, memória etc.):

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

Comentários: _____

h. Em se tratando de uma tradução de um *texto* técnico:

Basta seguir um glossário.

Concordo

Discordo

É necessário pelo menos se informar sobre a área na qual se vai trabalhar, além de seguir um glossário.

Concordo

Discordo

Comentários: Já realizei trabalhos sobre áreas que desconocia ou conhecia muito pouco, aprendi durante o processo de tradução, e não obtive comentários negativos do cliente.

8. Quais os problemas em se tratando de “estratégia” (em resumo, saber o que e como fazer) e “psicofisiologia” (atenção, memória, interesse pelo trabalho, raciocínio etc.)?

Marque quantas opções quiser. Acrescente dados que desejar na opção “Outros”.

Pouca informação fornecida pelo cliente

Prazos curtos a cumprir

Muitas informações às quais se ater/seguir

Ter de aprender a operar novos *softwares* (ferramentas CAT, uso de navegadores diferentes etc.)

Outros: Tanto o excesso quanto a falta de informações causam problemas.

9. Em sua opinião, houve lacunas em sua formação universitária em tradução, caso a tenha?

Sim

Não

Em caso afirmativo, fale sobre alguma lacuna que você tenha percebido como sendo importante:

Acredito que faltaram informações sobre ferramentas CAT. Uma vaga de emprego dentro de uma empresa (que é a minoria dos casos) normalmente pressupõe treinamento nestas ferramentas. Porém, é muito difícil a situação de um tradutor *freelancer* que não tem apoio de uma empresa e não teve noção alguma dessas ferramentas em sua formação acadêmica.

10. Caso a resposta da questão 9 tenha sido “Sim”, marque e/ou enumere – em “Outros” – algumas possíveis soluções, quanto à formação, para os problemas percebidos.

Marque quantas opções quiser. Acrescente dados que desejar na opção “Outros”.

Treinamento de informática

Treinamento mais direcionado quanto a estratégias gerais de gerenciamento

Treinamento direcionado ao mercado

Não se faz necessária nenhuma solução

Outros: Muitos professores parecem nunca ter tido experiência prática no mercado de trabalho, ou tiveram experiências há muitos anos. Seria interessante buscar mais integração entre universidade e mercado.

11. Enumere 3 competências que você considere importantes para um tradutor de textos técnicos.

- Habilidade com os idiomas

- Espírito investigativo

- Gerenciamento de tempo

12. Em uma escala de **1 (mais importante) a 4 (menos importante)**, dê sua opinião sobre as importâncias de cada competência que segue para se efetuar o que você chama de uma boa tradução técnica.

(2) Ter boa estratégia para tomada de decisões

(4) Ter bons conhecimentos de informática

(3) Saber seguir regras

(1) Ter boas faculdades cognitivas (atenção, memória, curiosidade etc.)

Outras: _____

13. Forneça outras informações que você considere relevantes.

IMPORTANTE:

Você permite que seu nome seja utilizado em nossas pesquisas e produções (tese, artigos, conferências etc.)? Se não o permitir, será utilizado um código, tal como “Tradutor_1”, Tradutor_2”. Caso permita em apenas alguma produção (por exemplo, permite na tese, não em artigos), especifique em “Outras informações”.

() Sim

(X) Não

Outras informações: _____

Questionário 5:

1. Nome: Tradutor_5
2. Idade: 69
3. Anos de experiência: 40
4. Formação: marque as opções que se aplicarem e indique em que área.

Bacharelado

Incompleto

Área: _____

Licenciatura

Incompleta

Área: _____

Mestrado

Incompleto

Área: _____

Doutorado

Incompleto

Área: _____

Pós-graduação *lato sensu*

Incompleta

Área: _____

Outro curso: Autodidata

5. Dificuldades enfrentadas no dia a dia:

Marque quantas opções quiser. Acrescente dados que desejar na opção “Outras”.

Pouca informação a respeito do trabalho a ser realizado

Pouco tempo para realizar um trabalho de qualidade

Muita informação a ser assimilada e aplicada em pouco tempo

Muita variedade de assuntos/áreas

Muitas ferramentas CAT (*Computer-aided translation*, tradução auxiliada por computador) diferentes exigidas

Outras: _____

6. Essas dificuldades da questão 5 acima causam – **em você** – o que se denomina estresse/tensão/ansiedade?

- i) Sim
- j) Não

Em caso afirmativo, o que você percebe que o estresse causa em você?

Marque quantas opções quiser. Acrescente dados que desejar na opção “Outros”.

- u) Insônia
- v) Falta de atenção
- w) Cansaço
- x) Falhas de memória
- y) Nervosismo/tensão

Outros: Fome

7. Com base nos itens “a” e “b” abaixo, classifique sua produção de traduções em situações de estresse:

i. Em uma escala de 1 a 10, classifique (assinale **um** número) o quanto o estresse prejudica suas funções cognitivas (atenção, raciocínio, memória etc.):

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8

9

10

Comentários: _____

j. Em se tratando de uma tradução de um *texto* técnico:

Basta seguir um glossário.

Concordo

Discordo

É necessário pelo menos se informar sobre a área na qual se vai trabalhar, além de seguir um glossário.

Concordo

Discordo

Comentários: Traduzir um texto técnico baseado exclusivamente em um glossário é a certeza de uma péssima tradução

8. Quais os problemas em se tratando de “estratégia” (em resumo, saber o que e como fazer) e “psicofisiologia” (atenção, memória, interesse pelo trabalho, raciocínio etc.)?

Marque quantas opções quiser. Acrescente dados que desejar na opção “Outros”.

Pouca informação fornecida pelo cliente

Prazos curtos a cumprir

Muitas informações às quais se ater/seguir

Ter de aprender a operar novos *softwares* (ferramentas CAT, uso de navegadores diferentes etc.)

Outros: _____

9. Em sua opinião, houve lacunas em sua formação universitária em tradução, caso a tenha?

() Sim

() Não

Nunca fiz curso superior, portanto, minha formação superior nem sequer teve lacunas

Em caso afirmativo, fale sobre alguma lacuna que você tenha percebido como sendo importante:

10. Caso a resposta da questão 9 tenha sido “Sim”, marque e/ou enumere – em “Outros” – algumas possíveis soluções, quanto à formação, para os problemas percebidos.

Marque quantas opções quiser. Acrescente dados que desejar na opção “Outros”.

() Treinamento de informática

() Treinamento mais direcionado quanto a estratégias gerais de gerenciamento

() Treinamento direcionado ao mercado

() Não se faz necessária nenhuma solução

Outros: _____

11. Enumere 3 competências que você considere importantes para um tradutor de textos técnicos.

1. Informática aplicada à tradução

2. No caso de tradução DO INGLÊS: acostumar-se a traduzir textos escritos por não-nativos (por exemplo, chineses, ou mesmo indianos)

3. Habilidade para entender o que o redator gostaria de ter dito se acaso soubesse escrever.

12. Em uma escala de **1 (mais importante) a 4 (menos importante)**, dê sua opinião sobre as importâncias de cada competência que segue para se efetuar o que você chama de uma boa tradução técnica.

(1) Ter boa estratégia para tomada de decisões (traduzir é decidir)

(4) Ter bons conhecimentos de informática

(2) Saber seguir regras

(3) Ter boas faculdades cognitivas (atenção, memória, curiosidade etc.)

Outras: _____

13. Forneça outras informações que você considere relevantes.

IMPORTANTE:

Você permite que seu nome seja utilizado em nossas pesquisas e produções (tese, artigos, conferências etc.)? Se não o permitir, será utilizado um código, tal como “Tradutor_1”, “Tradutor_2”. Caso permita em apenas alguma produção (por exemplo, permite na tese, não em artigos), especifique em “Outras informações”.

Sim

Não

Outras informações: _____

Questionário 6:

1. Nome: Tradutor_6
2. Idade: 55 anos
3. Anos de experiência: 30
4. Formação: marque as opções que se aplicarem e indique em que área.

Bacharelado

Incompleto

Área: Letras – PT-ING c/Habilitação em Tradução

Licenciatura

Incompleta

Área: _____

Mestrado

Incompleto

Área: Ciências da saúde

Doutorado

Incompleto

Área: Ciências da Saúde

Pós-graduação *lato sensu*

Incompleta

Área: _____

Outro curso: _____

5. Dificuldades enfrentadas no dia a dia:

Marque quantas opções quiser. Acrescente dados que desejar na opção “Outras”.

Pouca informação a respeito do trabalho a ser realizado

Pouco tempo para realizar um trabalho de qualidade

Muita informação a ser assimilada e aplicada em pouco tempo

Muita variedade de assuntos/áreas

Muitas ferramentas CAT (*Computer-aided translation*, tradução auxiliada por computador) diferentes exigidas

Outras: Pouco contato com especialistas da área; problemas com revisores

6. Essas dificuldades da questão 5 acima causam – **em você** – o que se denomina estresse/tensão/ansiedade?

k) Sim

l) Não

Em caso afirmativo, o que você percebe que o estresse causa em você?

Marque quantas opções quiser. Acrescente dados que desejar na opção “Outros”.

z) Insônia

aa) Falta de atenção

bb) Cansaço

cc) Falhas de memória

dd) Nervosismo/tensão

Outros: Desânimo para praticar uma atividade física!!!! Para o tradutor é sumamente importante saber relaxar, livrando-se, assim, de todos os marcadores de estresse acima mencionados!

7. Com base nos itens “a” e “b” abaixo, classifique sua produção de traduções em situações de estresse:

k. Em uma escala de 1 a 10, classifique (assinale **um** número) o quanto o estresse prejudica suas funções cognitivas (atenção, raciocínio, memória etc.):

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

Comentários:_____

1. Em se tratando de uma tradução de um *texto* técnico:

Basta seguir um glossário.

Concordo

Discordo

É necessário pelo menos se informar sobre a área na qual se vai trabalhar, além de seguir um glossário.

Concordo

Discordo

Comentários:_____

8. Quais os problemas em se tratando de “estratégia” (em resumo, saber o que e como fazer) e “psicofisiologia” (atenção, memória, interesse pelo trabalho, raciocínio etc.)?

Marque quantas opções quiser. Acrescente dados que desejar na opção “Outros”.

Pouca informação fornecida pelo cliente

Prazos curtos a cumprir

Muitas informações às quais se ater/seguir

Ter de aprender a operar novos *softwares* (ferramentas CAT, uso de navegadores diferentes etc.)

Outros:_____

9. Em sua opinião, houve lacunas em sua formação universitária em tradução, caso a tenha?

Sim

Não

Em caso afirmativo, fale sobre alguma lacuna que você tenha percebido como sendo importante:

A principal lacuna de um curso de tradução, na minha opinião, refere-se à falta de prática dos professores. A maioria tem muita teoria, mas lhes falta a prática, o que é muitíssimo importante como referencial de profissão. Pois somos produto de nosso meio e passar isso para o aluno é muito importante.

O tempo de curso é pouco para cumprir todas as exigências do mercado e o aluno conseguir realmente abarcar todas as áreas para tomar uma decisão sobre qual área da tradução gostaria de seguir.

Não nos formamos para dar aulas de inglês!!!

Não preparar o aluno para o mercado de trabalho também é uma lacuna importante, pois só quem trabalha na área sabe das adversidades encontradas e passar isso para os alunos é de suma importância.

Aprender a lidar com os softwares é uma tarefa árdua. No meu caso específico, não funcionou.

10. Caso a resposta da questão 9 tenha sido “Sim”, marque e/ou enumere – em “Outros” – algumas possíveis soluções, quanto à formação, para os problemas percebidos.

Marque quantas opções quiser. Acrescente dados que desejar na opção “Outros”.

Treinamento de informática

Treinamento mais direcionado quanto a estratégias gerais de gerenciamento

Treinamento direcionado ao mercado

Não se faz necessária nenhuma solução

Outros: Conhecimento de outras áreas de tradução, como a jurídica

11. Enumere 3 competências que você considere importantes para um tradutor de textos técnicos.

Conscientização sobre a natureza da tradução e as estratégias aplicadas

Reconhecimento da rede complexa de inter-relações subjacentes ao ato de traduzir e seu papel no processo tradutório e do tradutor

Subsidiar a tradução com elementos de outras áreas correlatas inerentes ao estudo e sua relevância no processo tradutório

12. Em uma escala de **1 (mais importante) a 4 (menos importante)**, dê sua opinião sobre as importâncias de cada competência que segue para se efetuar o que você chama de uma boa tradução técnica.

(1) Ter boa estratégia para tomada de decisões

(4) Ter bons conhecimentos de informática

(4) Saber seguir regras

(1) Ter boas faculdades cognitivas (atenção, memória, curiosidade etc.)

Outras: _____

13. Forneça outras informações que você considere relevantes.

Análise dos elementos contextuais, macro e microlinguísticos do texto

Explorar sinônimos, palavras relacionadas e conotações análogas

Busca de subsídios externos

Terminologia apropriada a cada área ou subárea

IMPORTANTE:

Você permite que seu nome seja utilizado em nossas pesquisas e produções (tese, artigos, conferências etc.)? Se não o permitir, será utilizado um código, tal como “Tradutor_1”, Tradutor_2”. Caso permita em apenas alguma produção (por exemplo, permite na tese, não em artigos), especifique em “Outras informações”.

(x) Sim

() Não

Outras informações: _____

Obrigado!

Fabiano, a formação de tradutores deve passar por um processo de natureza cognitiva e construtivista, com foco na aprendizagem designadas por tarefas, levando em consideração o seguinte: a competência que se pretende conseguir do estudante e que ele possa construir; o desenvolvimento de estratégias de aprendizagem; fundamentação empírica e a aquisição de atitudes e valores.

Questionário 7:

1. Nome: Tradutor_7
2. Idade: 42 anos
3. Anos de experiência: 12 anos
4. Formação: marque as opções que se aplicarem e indique em que área.

Bacharelado

Incompleto

Área: Letras

Licenciatura

Incompleta

Área: Letras

Mestrado

Incompleto

Área: _____

Doutorado

Incompleto

Área: _____

Pós-graduação *lato sensu*

Incompleta

Área: _____

Outro curso: _____

5. Dificuldades enfrentadas no dia a dia:

Marque quantas opções quiser. Acrescente dados que desejar na opção “Outras”.

Pouca informação a respeito do trabalho a ser realizado

Pouco tempo para realizar um trabalho de qualidade

Muita informação a ser assimilada e aplicada em pouco tempo

Muita variedade de assuntos/áreas

Muitas ferramentas CAT (*Computer-aided translation*, tradução auxiliada por computador) diferentes exigidas

Outras: _____

6. Essas dificuldades da questão 5 acima causam – **em você** – o que se denomina estresse/tensão/ansiedade?

m) Sim

n) Não

Em caso afirmativo, o que você percebe que o estresse causa em você?

Marque quantas opções quiser. Acrescente dados que desejar na opção “Outros”.

ee) Insônia

ff) Falta de atenção

gg) Cansaço

hh) Falhas de memória

ii) Nervosismo/tensão

Outros: _____

7. Com base nos itens “a” e “b” abaixo, classifique sua produção de traduções em situações de estresse:

m. Em uma escala de 1 a 10, classifique (assinale **um** número) o quanto o estresse prejudica suas funções cognitivas (atenção, raciocínio, memória etc.):

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

Comentários: Acho que a escala acima pode variar muito de acordo com o nível de estresse e, principalmente, do período de tempo em que se é submetido a essa situação. Eu costumo trabalhar bem sob pressão, porém, quando submetida a situações de muito estresse por períodos prolongados essa escala pode ser maior.

n. Em se tratando de uma tradução de um *texto* técnico:

Basta seguir um glossário.

Concordo

Discordo

É necessário pelo menos se informar sobre a área na qual se vai trabalhar, além de seguir um glossário.

Concordo

Discordo

Comentários: O ideal seria ter um tempo para pesquisar sobre a área, especialmente quando se vai traduzir textos de uma área na qual não se tem muita experiência. No entanto, dificilmente esse tempo é considerado no prazo fornecido para a entrega do projeto.

8. Quais os problemas em se tratando de “estratégia” (em resumo, saber o que e como fazer) e “psicofisiologia” (atenção, memória, interesse pelo trabalho, raciocínio etc.)?

Marque quantas opções quiser. Acrescente dados que desejar na opção “Outros”.

Pouca informação fornecida pelo cliente

Prazos curtos a cumprir

Muitas informações às quais se ater/seguir

() Ter de aprender a operar novos *softwares* (ferramentas CAT, uso de navegadores diferentes etc.)

Outros: _____

9. Em sua opinião, houve lacunas em sua formação universitária em tradução, caso a tenha?

(x) Sim

() Não

Em caso afirmativo, fale sobre alguma lacuna que você tenha percebido como sendo importante:

Acredito que a formação universitária deveria ser mais voltada para o mercado de tradução técnica, com disciplinas específicas de CAT, estratégias de tradução e gerenciamento.

10. Caso a resposta da questão 9 tenha sido “Sim”, marque e/ou enumere – em “Outros” – algumas possíveis soluções, quanto à formação, para os problemas percebidos.

Marque quantas opções quiser. Acrescente dados que desejar na opção “Outros”.

(x) Treinamento de informática

(x) Treinamento mais direcionado quanto a estratégias gerais de gerenciamento

(x) Treinamento direcionado ao mercado

() Não se faz necessária nenhuma solução

Outros: _____

11. Enumere 3 competências que você considere importantes para um tradutor de textos técnicos.

12. Em uma escala de **1 (mais importante)** a **4 (menos importante)**, dê sua opinião sobre as importâncias de cada competência que segue para se efetuar o que você chama de uma boa tradução técnica.

(2) Ter boa estratégia para tomada de decisões

(3) Ter bons conhecimentos de informática

(4) Saber seguir regras

(1) Ter boas faculdades cognitivas (atenção, memória, curiosidade etc.)

Outras:_____

13. Forneça outras informações que você considere relevantes.

IMPORTANTE:

Você permite que seu nome seja utilizado em nossas pesquisas e produções (tese, artigos, conferências etc.)? Se não o permitir, será utilizado um código, tal como “Tradutor_1”, Tradutor_2”. Caso permita em apenas alguma produção (por exemplo, permite na tese, não em artigos), especifique em “Outras informações”.

() Sim

(x) Não

Outras informações:_____

**9. ANEXO II: currículo do Bacharelado em Letras da
UFRGS anterior ao vigente**

Currículo BACHARELADO EM LETRAS – HAB. TRADUTOR – PORTUGUÊS E FRANCÊS

Créditos Obrigatórios: 193

Créditos Eletivos: 20

Créditos Complementares: 6

Semestre selecionado: 2010/1

Etapa 1				
Código	Disciplina/Pré-Requisito	Carga Horária	Crédito	Caráter
LET03371	CONCEITOS BÁSICOS DE LINGÜÍSTICA	60	4	Obrigatória
LET02941	FRANCÊS I	90	6	Obrigatória
LET01431	LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL	60	4	Obrigatória
LET03357	LEITURAS ORIENTADAS I	45	3	Obrigatória
LET01009	LITERATURA BRASILEIRA A	60	4	Obrigatória
Etapa 2				
Código	Disciplina/Pré-Requisito	Carga Horária	Crédito	Caráter
LET01441	ELEMENTOS DE LATIM I	75	5	Obrigatória
LET03372	ESTUDOS LINGÜÍSTICOS I CONCEITOS BÁSICOS DE LINGÜÍSTICA	60	4	Obrigatória
LET02942	FRANCÊS II FRANCÊS I	90	6	Obrigatória
LET03358	LEITURAS ORIENTADAS II LEITURAS ORIENTADAS I	45	3	Obrigatória
LET01010	LITERATURA BRASILEIRA B LITERATURA BRASILEIRA A	60	4	Obrigatória
LET01471	NORMA CULTA DA LÍNGUA PORTUGUESA	60	4	Obrigatória

LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL				
Etapa 3				
Código	Disciplina/Pré-Requisito	Carga Horária	Crédito	Caráter
LET03373	ESTUDOS LINGÜÍSTICOS II ESTUDOS LINGÜÍSTICOS I	60	4	Obrigatória
LET03004	ESTUDOS LITERÁRIOS LEITURAS ORIENTADAS II	60	4	Obrigatória
LET02943	FRANCÊS III FRANCÊS II	75	5	Obrigatória
LET01015	LITERATURA BRASILEIRA C LITERATURA BRASILEIRA B	60	4	Obrigatória
LET01424	TEORIA DO TEXTO NORMA CULTA DA LÍNGUA PORTUGUESA	60	4	Obrigatória
Etapa 4				
Código	Disciplina/Pré-Requisito	Carga Horária	Crédito	Caráter
LET02944	FRANCÊS IV FRANCÊS III	75	5	Obrigatória
LET03375	LINGÜÍSTICA E TRADUÇÃO ESTUDOS LINGÜÍSTICOS II	60	4	Obrigatória
LET01014	LITERATURA BRASILEIRA D LITERATURA BRASILEIRA C	60	4	Obrigatória
LET02068	PRÁTICA DE TRADUÇÃO DO FRANCÊS I FRANCÊS III	60	4	Obrigatória
LET01425	SINTAXE DO TEXTO TEORIA DO TEXTO	60	4	Obrigatória
LET02901	TRADUÇÃO: TEORIA E TÉCNICA FRANCÊS III	60	4	Obrigatória
Etapa 5				
Código	Disciplina/Pré-Requisito	Carga Horária	Crédito	Caráter
LET02949	CULTURA FRANCESA I FRANCÊS II	60	4	Obrigatória
LET02945	FRANCÊS V FRANCÊS IV	60	4	Obrigatória
LET02069	PRÁTICA DE TRADUÇÃO DO FRANCÊS II e TRADUÇÃO: TEORIA E TÉCNICA PRÁTICA DE TRADUÇÃO DO FRANCÊS I	60	4	Obrigatória

LET01426	SEMÂNTICA DO TEXTO SINTAXE DO TEXTO	60	4	Obrigatória
GRUPO [1] DE ALTERNATIVAS – [4] CRÉDITOS EXIGIDOS				
LET01203	ESTUDOS DE JOSÉ SARAMAGO	60	4	Alternativa
LET01497	ESTUDOS PESSOANOS PANORAMA DA LITERATURA PORTUGUESA	60	4	Alternativa
LET01130	LITERATURA AFRICANA DE LÍNGUA PORTUGUESA	60	4	Alternativa
LET01202	LITERATURA FEMININA PORTUGUESA	60	4	Alternativa
LET01201	LITERATURA ORAL TRADICIONAL	60	4	Alternativa
LET01204	LITERATURA PORTUGUESA E IDENTIDADE NACIONAL	60	4	Alternativa
LET01205	LITERATURA, COLONIALISMO E PÓS- COLONIALISMO	60	4	Alternativa
LET01200	MITOS PORTUGUESES	60	4	Alternativa
Etapa 6				
Código	Disciplina/Pré-Requisito	Carga Horária	Crédito	Caráter
LET02950	CULTURA FRANCESA II FRANCÊS II	60	4	Obrigatória
LET02946	FRANCÊS VI FRANCÊS V	60	4	Obrigatória
LET02070	PRÁTICA DE TRADUÇÃO DO FRANCÊS III PRÁTICA DE TRADUÇÃO DO FRANCÊS II	60	4	Obrigatória
LET02072	PRÁTICA DE VERSÃO PARA O FRANCÊS I PRÁTICA DE TRADUÇÃO DO FRANCÊS II e FRANCÊS V	60	4	Obrigatória
LET01472	PRODUÇÃO TEXTUAL I SEMÂNTICA DO TEXTO	60	4	Obrigatória
Etapa 7				
Código	Disciplina/Pré-Requisito	Carga Horária	Crédito	Caráter

LET02047	CONTEXTOS DISCURSIVOS EM LÍNGUA FRANCESA FRANCÊS VI	60	4	Obrigatória
LET02947	FRANCÊS VII FRANCÊS VI	60	4	Obrigatória
LET02071	PRÁTICA DE TRADUÇÃO DO FRANCÊS IV PRÁTICA DE TRADUÇÃO DO FRANCÊS III	60	4	Obrigatória
LET02073	PRÁTICA DE VERSÃO PARA O FRANCÊS II PRÁTICA DE VERSÃO PARA O FRANCÊS I	60	4	Obrigatória
LET01473	PRODUÇÃO TEXTUAL II PRODUÇÃO TEXTUAL I	60	4	Obrigatória
Etapa 8				
Código	Disciplina/Pré-Requisito	Carga Horária	Crédito	Caráter
LET02507	ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE TRADUÇÃO DO FRANCÊS I PRÁTICA DE VERSÃO PARA O FRANCÊS II	90	6	Obrigatória
LET02948	FRANCÊS VIII FRANCÊS VII	60	4	Obrigatória
LET03376	TERMINOLOGIA I TRADUÇÃO: TEORIA E TÉCNICA e LINGÜÍSTICA E TRADUÇÃO	60	4	Obrigatória
GRUPO [1] DE ALTERNATIVAS – [4] CRÉDITOS EXIGIDOS				
LET02076	ORIENTAÇÃO DE TRADUÇÃO DO FRANCÊS I PRÁTICA DE VERSÃO PARA O FRANCÊS II	60	4	Alternativa
LET02074	PRÁTICA DE VERSÃO PARA O FRANCÊS III PRÁTICA DE VERSÃO PARA O FRANCÊS II	60	4	Alternativa
GRUPO [2] DE ALTERNATIVAS – [8] CRÉDITOS EXIGIDOS				
LET02056	ESTUDOS DE LITERATURA FRANCESA I FRANCÊS III	60	4	Alternativa
LET02057	ESTUDOS DE LITERATURA FRANCESA II FRANCÊS III	60	4	Alternativa
LET02058	ESTUDOS DE LITERATURA FRANCESA III FRANCÊS III	60	4	Alternativa
LET02059	ESTUDOS DE LITERATURA FRANCESA IV FRANCÊS III	60	4	Alternativa
LET02060	ESTUDOS DE LITERATURA FRANCESA V	60	4	Alternativa

FRANCÊS III				
Etapa 9				
Código	Disciplina/Pré-Requisito	Carga Horária	Crédito	Caráter
LET02594	ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE TRADUÇÃO DO FRANCÊS II ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE TRADUÇÃO DO FRANCÊS I	90	6	Obrigatória
LET03377	TERMINOLOGIA II TERMINOLOGIA I	60	4	Obrigatória
GRUPO [1] DE ALTERNATIVAS - [4] CRÉDITOS EXIGIDOS				
LET02077	ORIENTAÇÃO DE TRADUÇÃO DO FRANCÊS II PRÁTICA DE TRADUÇÃO DO FRANCÊS IV	60	4	Alternativa
LET02075	PRÁTICA DE VERSÃO PARA O FRANCÊS IV PRÁTICA DE VERSÃO PARA O FRANCÊS II	60	4	Alternativa
Eletiva/Facultativa				
Código	Disciplina/Pré-Requisito	Carga Horária	Crédito	Caráter
LET02208	ALEMÃO INSTRUMENTAL I	60	4	Eletiva
LET02209	ALEMÃO INSTRUMENTAL II ALEMÃO INSTRUMENTAL I	60	4	Eletiva
CBS05511	ANATOMIA HUMANA	45	3	Eletiva
LET01150	AS IDÉIAS CRÍTICAS NA LITERATURA BRASILEIRA	60	4	Eletiva
BIO11402	BIOGEOGRAFIA Créditos Obrigatórios: 75	60	4	Eletiva
LET01021	CANÇÃO POPULAR BRASILEIRA	60	4	Eletiva
LET01474	COMPOSIÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA I	30	2	Eletiva
LET01475	COMPOSIÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA II	30	2	Eletiva
LET02726	CULTURA JAPONESA I	60	4	Eletiva
LET02727	CULTURA JAPONESA II	60	4	Eletiva

LET02080	CULTURA RUSSA	60	4	Eletiva
GEO03320	ELEMENTOS DE GEOLOGIA E MINERALOGIA	60	4	Eletiva
LET01160	ELEMENTOS DE GREGO	30	2	Eletiva
LET01442	ELEMENTOS DE LATIM II ELEMENTOS DE LATIM I	75	5	Eletiva
LET02228	ESPAÑHOL INSTRUMENTAL I	60	4	Eletiva
LET02229	ESPAÑHOL INSTRUMENTAL II ESPAÑHOL INSTRUMENTAL I	60	4	Eletiva
MAT02205	ESTADÍSTICA	60	4	Eletiva
MAT02270	ESTADÍSTICA DOCUMENTÁRIA I	60	4	Eletiva
LET01158	ESTUDOS DE AUTOR BRASILEIRO	60	4	Eletiva
LET02537	ESTUDOS DE LITERATURA E CULTURA HISPANO-AMERICANA	60	4	Eletiva
FIS02009	EXPLORANDO O UNIVERSO: DOS QUARKS AOS QUASARES	30	2	Eletiva
LET01492	FICÇÃO BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA	60	4	Eletiva
LET02012	FIGURAÇÕES DE GÊNERO NO CINEMA E NA LITERATURA	60	4	Eletiva
HUM01146	FILOSOFIA DA CIÊNCIA I	60	4	Eletiva
FIS01101	FÍSICA	90	6	Eletiva
LET02248	FRANCÊS INSTRUMENTAL I	60	4	Eletiva
LET02249	FRANCÊS INSTRUMENTAL II FRANCÊS INSTRUMENTAL I	60	4	Eletiva
LET02040	FUNDAMENTOS DA LÍNGUA JAPONESA	60	4	Eletiva
LET02031	FUNDAMENTOS DE INGLÊS I	60	4	Eletiva
LET02032	FUNDAMENTOS DE INGLÊS II FUNDAMENTOS DE INGLÊS I	60	4	Eletiva
LET02033	FUNDAMENTOS HISTÓRICOS DA LITERATURA	60	4	Eletiva

ANGLO-AMERICANA				
GEO01194	GEOGRAFIA HUMANA E ECONÔMICA – A	60	4	Eletiva
LET03003	GEOLINGÜÍSTICA E ECOLOGIA DAS LÍNGUAS ESTUDOS LINGÜÍSTICOS I	60	4	Eletiva
LET01002	GRAMÁTICA E ESTILO NORMA CULTA DA LÍNGUA PORTUGUESA	60	4	Eletiva
LET03325	HISTÓRIA DAS LITERATURAS	60	4	Eletiva
HUM03384	HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO SUL A LITERATURA BRASILEIRA A	60	4	Eletiva
LET02268	INGLÊS INSTRUMENTAL I	60	4	Eletiva
LET02269	INGLÊS INSTRUMENTAL II INGLÊS INSTRUMENTAL I	60	4	Eletiva
DIR02204	INSTITUIÇÕES DE DIREITO	60	4	Eletiva
ADM01101	INTRODUÇÃO À ADMINISTRAÇÃO	60	4	Eletiva
LET01001	INTRODUÇÃO À ANÁLISE DO DISCURSO Créditos Obrigatórios: 70	60	4	Eletiva
ART02205	INTRODUÇÃO À ARTE	60	4	Eletiva
INF01210	INTRODUÇÃO À INFORMÁTICA	60	4	Eletiva
LET03378	INTRODUÇÃO À LINGÜÍSTICA HISTÓRICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS I	60	4	Eletiva
LET03308	INTRODUÇÃO À SOCIOLINGÜÍSTICA	60	4	Eletiva
BIO11417	INTRODUÇÃO ECOLOGIA	30	2	Eletiva
LET02288	ITALIANO INSTRUMENTAL I	60	4	Eletiva
LET02289	ITALIANO INSTRUMENTAL II ITALIANO INSTRUMENTAL I	60	4	Eletiva
LET01208	LÉXICO E DICIONÁRIOS	30	2	Eletiva
LET02013	LÍNGUA RUSSA I	90	6	Eletiva
LET02014	LÍNGUA RUSSA II LÍNGUA RUSSA I	90	6	Eletiva
LET02017	LÍNGUA RUSSA III	90	6	Eletiva

LÍNGUA RUSSA II				
LET02018	LÍNGUA RUSSA IV LÍNGUA RUSSA III	90	6	Eletiva
LET02078	LÍNGUA RUSSA V LÍNGUA RUSSA IV	60	4	Eletiva
LET02079	LÍNGUA RUSSA VI LÍNGUA RUSSA V	60	4	Eletiva
LET03002	LINGÜÍSTICA APLICADA PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA ESTRANGEIRO ESTUDOS LINGÜÍSTICOS II	60	4	Eletiva
LET03374	LINGÜÍSTICA E ENSINO ESTUDOS LINGÜÍSTICOS II	60	4	Eletiva
LET03339	LITERATURA COMPARADA	60	4	Eletiva
LET01193	LITERATURA DRAMÁTICA BRASILEIRA	60	4	Eletiva
LET01177	LITERATURA GREGA EM TRADUÇÃO	60	4	Eletiva
LET01182	LITERATURA INFANTO-JUVENIL BRASILEIRA	60	4	Eletiva
LET02019	LITERATURA JAPONESA EM TRADUÇÃO I	60	4	Eletiva
LET02020	LITERATURA JAPONESA EM TRADUÇÃO II	60	4	Eletiva
LET01207	LITERATURA MEDIEVAL: LIRISMO E FICÇÃO	60	4	Eletiva
LET01181	LITERATURA SUL-RIOGRANDENSE	60	4	Eletiva
LET02034	LITERATURAS DE LÍNGUA INGLESA: ESTUDO DE AUTOR	60	4	Eletiva
LET02035	LITERATURAS DE LÍNGUA INGLESA: ESTUDO DE TÓPICO	60	4	Eletiva
LET02036	LITERATURAS DE LÍNGUA INGLESA: TEORIAS CRÍTICAS APLICADAS ÀS LITERATURAS	60	4	Eletiva
HUM01168	LÓGICA	60	4	Eletiva
HUM04472	METODOLOGIA CIENTÍFICA	60	4	Eletiva
LET01410	POESIA BRASILEIRA	60	4	Eletiva
LET01206	POESIA PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA	60	4	Eletiva

HUM06415	POLÍTICA I LITERATURA BRASILEIRA A	60	4	Eletiva
HUM06419	POLÍTICA II POLÍTICA I	60	4	Eletiva
PSI01222	PSICOLOGIA GERAL	60	4	Eletiva
QUI02201	QUÍMICA ORGÂNICA FUNDAMENTAL	60	4	Eletiva
LET02010	RUSSO INSTRUMENTAL I	60	4	Eletiva
LET02011	RUSSO INSTRUMENTAL II RUSSO INSTRUMENTAL I	60	4	Eletiva
LET03350	SEMINÁRIO DE CRIAÇÃO LITERÁRIA II	60	4	Eletiva
LET01209	SINTAXE DA GRAMÁTICA TRADICIONAL	60	4	Eletiva
LET03365	TEORIA DO CONTO	60	4	Eletiva
LET03001	TÓPICOS DE FONOLOGIA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS I	60	4	Eletiva
LET03005	TÓPICOS DE MORFOLOGIA	60	4	Eletiva
LET03380	TÓPICOS DE SEMÂNTICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS II	60	4	Eletiva
LET03381	TÓPICOS DE SOCIOLINGÜÍSTICA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS I	60	4	Eletiva

Liberações

Liberada		Liberadora(s)
LET01474	COMPOSIÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA I	COMPOSIÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA I ou COMPOSICAO EM LING PORT II
LET01475	COMPOSIÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA II	COMPOSICAO EM LING PORT III ou COMPOSICAO EM LING PORT IV
LET03371	CONCEITOS BÁSICOS DE LINGÜÍSTICA	LINGÜÍSTICA I
LET02047	CONTEXTOS DISCURSIVOS EM LÍNGUA FRANCESA	ESTILÍSTICA DO FRANCÊS

LET02949	CULTURA FRANCESA I	CULTURA FRANCESA I
LET02950	CULTURA FRANCESA II	CULTURA FRANCESA II
LET01441	ELEMENTOS DE LATIM I	ELEMENTOS DE LINGUA LATINA
LET03372	ESTUDOS LINGÜÍSTICOS I	LINGÜÍSTICA II
LET03004	ESTUDOS LITERÁRIOS	ESTUDOS LITERÁRIOS: DRAMA E NARRATIVA
LET02941	FRANCÊS I	LINGUA FRANCESA I
LET02942	FRANCÊS II	LINGUA FRANCESA II
LET02943	FRANCÊS III	LINGUA FRANCESA III
LET02944	FRANCÊS IV	LINGUA FRANCESA IV
LET02945	FRANCÊS V	LINGUA FRANCESA V
LET02946	FRANCÊS VI	LINGUA FRANCESA VI
LET02031	FUNDAMENTOS DE INGLÊS I	FUNDAMENTOS DE INGLÊS
LET02033	FUNDAMENTOS HISTÓRICOS DA LITERATURA ANGLO-AMERICANA	LITERATURA INGLESA EM TRADUÇÃO I
GEO01194	GEOGRAFIA HUMANA E ECONÔMICA – A	GEOGRAFIA HUMANA E ECONOM I e GEOGRAFIA HUMANA E ECONOM II
LET01431	LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL	COMPOSICAO LINGUA PORTUGUESA
LET03375	LINGÜÍSTICA E TRADUÇÃO	LINGUISTICA APL A TRADUCAO

LET01015	LITERATURA BRASILEIRA C	ESTUDOS DE AUTOR BRASILEIRO ou LITERATURA SUL-RIOGRANDENSE ou LITERATURA INFANTO-JUVENIL BRASILEIRA ou LITERATURA DRAMÁTICA BRASILEIRA ou POESIA BRASILEIRA ou FICÇÃO BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA
LET01009	LITERATURA BRASILEIRA A	PANORAMA CULTURAL DA LITERATURA BRASILEIRA I
LET01010	LITERATURA BRASILEIRA B	PANORAMA CULTURAL DA LITERATURA BRASILEIRA II
LET01014	LITERATURA BRASILEIRA D	ESTUDOS DE AUTOR BRASILEIRO ou LITERATURA SUL-RIOGRANDENSE ou LITERATURA INFANTO-JUVENIL BRASILEIRA ou LITERATURA DRAMÁTICA BRASILEIRA ou POESIA BRASILEIRA ou FICÇÃO BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA
LET01204	LITERATURA PORTUGUESA E IDENTIDADE NACIONAL	PANORAMA DA LITERATURA PORTUGUESA
LET02035	LITERATURAS DE LÍNGUA INGLESA: ESTUDO	LITERATURA

	DE TÓPICO	INGLESA EM TRADUÇÃO II
LET01471	NORMA CULTA DA LÍNGUA PORTUGUESA	NORMA CULTA LINGUA PORTUG
LET02076	ORIENTAÇÃO DE TRADUÇÃO DO FRANCÊS I	PRÁTICA ORIENTADA DA TRADUÇÃO DO FRANCÊS I
LET02077	ORIENTAÇÃO DE TRADUÇÃO DO FRANCÊS II	PRÁTICA ORIENTADA DA TRADUÇÃO DO FRANCÊS II
LET02068	PRÁTICA DE TRADUÇÃO DO FRANCÊS I	TRADUÇÃO DO FRANCÊS I
LET02069	PRÁTICA DE TRADUÇÃO DO FRANCÊS II	TRADUÇÃO DO FRANCÊS II
LET02070	PRÁTICA DE TRADUÇÃO DO FRANCÊS III	TRADUÇÃO DO FRANCÊS III
LET02071	PRÁTICA DE TRADUÇÃO DO FRANCÊS IV	TRADUÇÃO DO FRANCÊS IV
LET02072	PRÁTICA DE VERSÃO PARA O FRANCÊS I	VERSÃO DO FRANCÊS I
LET02073	PRÁTICA DE VERSÃO PARA O FRANCÊS II	VERSÃO DO FRANCÊS II
LET02074	PRÁTICA DE VERSÃO PARA O FRANCÊS III	VERSÃO DO FRANCÊS III
LET02075	PRÁTICA DE VERSÃO PARA O FRANCÊS IV	VERSÃO DO FRANCÊS IV
LET01472	PRODUÇÃO TEXTUAL I	PRODUCAO DE TEXTOS
LET01473	PRODUÇÃO TEXTUAL II	PROD TEXTOS II:ESTIL LEXICO
LET03380	TÓPICOS DE SEMÂNTICA	INTRODUCAO A SEMANTICA
LET02901	TRADUÇÃO: TEORIA E TÉCNICA	TEORIA E TECNICA DE TRADUCAO

**10. ANEXO III: currículo vigente do Bacharelado em
Letras da UFRGS**

Período letivo: 2014/1

Curso: LETRAS

Habilitação: BACHARELADO EM LETRAS

Currículo: BACHARELADO EM LETRAS – TRADUTOR PORTUGUÊS E FRANCÊS

Créditos Obrigatórios: 172

Créditos Eletivos: 20

Créditos Complementares: 8

Total: 200

Carga Horária Obrigatória: 2730

Carga Horária Eletiva: 300

Nº de Tipos de Créditos Complementares: 2

Total: 3150

Etapa 1

Código	Disciplina/Pré-Requisito	Caráter	Créditos	Carga Horária
LET01217	CLÁSSICOS DA LITERATURA BRASILEIRA A	Obrigatória	4	60
LET03371	CONCEITOS BÁSICOS DE LINGÜÍSTICA	Obrigatória	4	60
LET01216	ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA	Obrigatória	4	60
LET02941	FRANCÊS I	Obrigatória	6	90

Etapa 2

Código	Disciplina/Pré-Requisito	Caráter	Créditos	Carga Horária
LET01215	CLÁSSICOS DA LITERATURA BRASILEIRA B - LET01217 – CLÁSSICOS DA LITERATURA BRASILEIRA A	Obrigatória	4	60
LET03372	ESTUDOS LINGÜÍSTICOS I - LET03371 – CONCEITOS BÁSICOS DE LINGÜÍSTICA	Obrigatória	4	60
LET02942	FRANCÊS II - LET02941 – FRANCÊS I	Obrigatória	6	90
LET01218	LATIM: NOÇÕES BÁSICAS	Obrigatória	4	60
LET01222	LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS EM LÍNGUA PORTUGUESA I - LET01216 – ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA	Obrigatória	4	60

Etapa 3

Código	Disciplina/Pré-Requisito	Caráter	Créditos	Carga Horária
LET03373	ESTUDOS LINGÜÍSTICOS II - LET03372 – ESTUDOS LINGÜÍSTICOS I	Obrigatória	4	60
LET02943	FRANCÊS III - LET02942 – FRANCÊS II	Obrigatória	5	75
LET03013	INTRODUÇÃO À TERMINOLOGIA - LET03372 – ESTUDOS LINGÜÍSTICOS I	Obrigatória	2	30
LET01221	LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS EM LÍNGUA PORTUGUESA II - LET01222 – LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS EM LÍNGUA PORTUGUESA I	Obrigatória	4	60
LET01424	TEORIA DO TEXTO - LET01222 – LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS EM LÍNGUA PORTUGUESA I	Obrigatória	4	60
LET03011	TEORIAS DA LEITURA - LET03372 – ESTUDOS LINGÜÍSTICOS I	Obrigatória	2	30
	Grupo de Alternativas: – [1] Atividades Exigidas – [4] Créditos Exigidos			

Código	Disciplina/Pré-Requisito	Caráter	Créditos	Carga Horária
LET01150	AS IDÉIAS CRÍTICAS NA LITERATURA BRASILEIRA	Alternativa	4	60
LET01021	CANÇÃO POPULAR BRASILEIRA	Alternativa	4	60
LET01492	FICÇÃO BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA	Alternativa	4	60
LET01015	LITERATURA BRASILEIRA C	Alternativa	4	60
LET01009	LITERATURA BRASILEIRA A	Alternativa	4	60
LET01010	LITERATURA BRASILEIRA B	Alternativa	4	60
LET01014	LITERATURA BRASILEIRA D	Alternativa	4	60
LET01193	LITERATURA DRAMÁTICA BRASILEIRA	Alternativa	4	60
LET01182	LITERATURA INFANTO-JUVENIL BRASILEIRA	Alternativa	4	60
LET01201	LITERATURA ORAL TRADICIONAL	Alternativa	4	60
LET01181	LITERATURA SUL-RIOGRANDENSE	Alternativa	4	60
LET01410	POESIA BRASILEIRA	Alternativa	4	60

Etapa 4

Código	Disciplina/Pré-Requisito	Caráter	Créditos	Carga Horária
LET01223	ESTUDOS PORTUGUESES I	Obrigatória	4	60
LET02944	FRANCÊS IV - LET02943 - FRANCÊS III	Obrigatória	5	75
LET03014	LÉXICO E DICIONÁRIOS	Obrigatória	2	30
LET03339	LITERATURA COMPARADA	Obrigatória	4	60
LET01425	SINTAXE DO TEXTO - LET01424 - TEORIA DO TEXTO	Obrigatória	4	60
LET03012	TERMINOLOGIA APLICADA - LET03013 - INTRODUÇÃO À TERMINOLOGIA	Obrigatória	2	30
LET02254	TRADUÇÃO DO FRANCÊS I - LET02943 - FRANCÊS III	Obrigatória	4	60

Etapa 5

Código	Disciplina/Pré-Requisito	Caráter	Créditos	Carga Horária
LET02949	CULTURA FRANCESA I - LET02944 - FRANCÊS IV	Obrigatória	4	60
LET02114	ESTUDOS DE TRADUÇÃO - LET02254 - TRADUÇÃO DO FRANCÊS I	Obrigatória	4	60
LET02945	FRANCÊS V - LET02944 - FRANCÊS IV	Obrigatória	4	60

Código	Disciplina/Pré-Requisito	Caráter	Créditos	Carga Horária
LET01426	SEMÂNTICA DO TEXTO - LET01425 – SINTAXE DO TEXTO	Obrigatória	4	60
LET02255	TRADUÇÃO DO FRANCÊS II - LET02254 – TRADUÇÃO DO FRANCÊS I	Obrigatória	4	60

Etapa 6

Código	Disciplina/Pré-Requisito	Caráter	Créditos	Carga Horária
LET02950	CULTURA FRANCESA II - LET02944 – FRANCÊS IV	Obrigatória	4	60
LET02946	FRANCÊS VI - LET02945 – FRANCÊS V	Obrigatória	4	60
LET02072	PRÁTICA DE VERSÃO PARA O FRANCÊS I - LET02255 – TRADUÇÃO DO FRANCÊS II - e LET02945 – FRANCÊS V	Obrigatória	4	60
LET01220	REVISÃO DE TEXTOS EM LÍNGUA PORTUGUESA - LET01426 – SEMÂNTICA DO TEXTO	Obrigatória	4	60
LET02564	TRADUÇÃO DO FRANCÊS III - LET02255 – TRADUÇÃO DO FRANCÊS II	Obrigatória	4	60

Etapa 7

Código	Disciplina/Pré-Requisito	Caráter	Créditos	Carga Horária
LET02507	ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE TRADUÇÃO DO FRANCÊS I - LET02072 – PRÁTICA DE VERSÃO PARA O FRANCÊS I - e LET02564 – TRADUÇÃO DO FRANCÊS III	Obrigatória	6	90
LET02947	FRANCÊS VII - LET02946 – FRANCÊS VI	Obrigatória	4	60
LET02097	LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS EM FRANCÊS I - LET02946 – FRANCÊS VI	Obrigatória	4	60
LET02073	PRÁTICA DE VERSÃO PARA O FRANCÊS II - LET02072 – PRÁTICA DE VERSÃO PARA O FRANCÊS I	Obrigatória	4	60

Etapa 8

Código	Disciplina/Pré-Requisito	Caráter	Créditos	Carga Horária
LET02594	ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE TRADUÇÃO DO FRANCÊS II	Obrigatória	6	90

Código	Disciplina/Pré-Requisito	Caráter	Créditos	Carga Horária
	- LET02072 – PRÁTICA DE VERSÃO PARA O FRANCÊS I - e LET02564 – TRADUÇÃO DO FRANCÊS III			
LET02948	FRANCÊS VIII - LET02947 – FRANCÊS VII	Obrigatória	4	60
LET02074	PRÁTICA DE VERSÃO PARA O FRANCÊS III - LET02073 – PRÁTICA DE VERSÃO PARA O FRANCÊS II	Obrigatória	4	60
LET02111	REVISÃO DE TEXTOS TRADUZIDOS FRANCÊS/PORTUGUÊS - LET02564 – TRADUÇÃO DO FRANCÊS III	Obrigatória	2	30
	TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – LET - Créditos Obrigatórios – 134	Obrigatória	0	90
	Grupo de Alternativas: – [3] Atividades Exigidas – [8] Créditos Exigidos			
LET02056	ESTUDOS DE LITERATURA FRANCESA I - LET02945 – FRANCÊS V	Alternativa	4	60
LET02057	ESTUDOS DE LITERATURA FRANCESA II - LET02945 – FRANCÊS V	Alternativa	4	60
LET02058	ESTUDOS DE LITERATURA FRANCESA III - LET02945 – FRANCÊS V	Alternativa	4	60
LET02059	ESTUDOS DE LITERATURA FRANCESA IV - LET02945 – FRANCÊS V	Alternativa	4	60
LET02060	ESTUDOS DE LITERATURA FRANCESA V - LET02945 – FRANCÊS V	Alternativa	4	60

Sem Etapa

Código	Disciplina/Pré-Requisito	Caráter	Créditos	Carga Horária
LET02208	ALEMÃO INSTRUMENTAL I	Eletiva	4	60
LET02209	ALEMÃO INSTRUMENTAL II	Eletiva	4	60
CBS05511	ANATOMIA HUMANA	Eletiva	3	45
BIO11402	BIOGEOGRAFIA	Eletiva	4	60
LET01474	COMPOSIÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA I	Eletiva	2	30
LET01475	COMPOSIÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA II	Eletiva	2	30
LET02726	CULTURA JAPONESA I	Eletiva	4	60
LET02727	CULTURA JAPONESA II	Eletiva	4	60
LET02080	CULTURA RUSSA	Eletiva	4	60
GEO03320	ELEMENTOS DE GEOLOGIA E MINERALOGIA	Eletiva	4	60
LET01442	ELEMENTOS DE LATIM II	Eletiva	5	75
LET02228	ESPAÑHOL INSTRUMENTAL I	Eletiva	4	60
LET02229	ESPAÑHOL INSTRUMENTAL II	Eletiva	4	60

Código	Disciplina/Pré-Requisito	Caráter	Créditos	Carga Horária
MAT02205	ESTATÍSTICA	Eletiva	4	60
MAT02270	ESTATÍSTICA DOCUMENTÁRIA I	Eletiva	4	60
LET01158	ESTUDOS DE AUTOR BRASILEIRO	Eletiva	4	60
LET01203	ESTUDOS DE JOSÉ SARAMAGO	Eletiva	4	60
LET01497	ESTUDOS PESSOANOS	Eletiva	4	60
FIS02009	EXPLORANDO O UNIVERSO: DOS QUARKS AOS QUASARES	Eletiva	2	30
LET02012	FIGURAÇÕES DE GÊNERO NO CINEMA E NA LITERATURA	Eletiva	4	60
HUM01146	FILOSOFIA DA CIÊNCIA I	Eletiva	4	60
FIS01101	FÍSICA	Eletiva	6	90
LET02248	FRANCÊS INSTRUMENTAL I	Eletiva	4	60
LET02249	FRANCÊS INSTRUMENTAL II	Eletiva	4	60
LET02040	FUNDAMENTOS DA LÍNGUA JAPONESA	Eletiva	4	60
LET02031	FUNDAMENTOS DE INGLÊS I	Eletiva	4	60
LET02032	FUNDAMENTOS DE INGLÊS II	Eletiva	4	60
LET02033	FUNDAMENTOS HISTÓRICOS DA LITERATURA ANGLO-AMERICANA	Eletiva	4	60
GEO01194	GEOGRAFIA HUMANA E ECONÔMICA – A	Eletiva	4	60
LET01002	GRAMÁTICA E ESTILO	Eletiva	4	60
LET01461	GREGO I	Eletiva	4	60
LET01462	GREGO II – LET01461 – GREGO I	Eletiva	4	60
LET01463	GREGO III – LET01462 – GREGO II	Eletiva	4	60
LET01464	GREGO IV – LET01463 – GREGO III	Eletiva	5	75
LET01465	GREGO V – LET01464 – GREGO IV	Eletiva	5	75
LET01466	GREGO VI – LET01465 – GREGO V	Eletiva	5	75
LET01467	GREGO VII – LET01466 – GREGO VI	Eletiva	5	75
LET03325	HISTÓRIA DAS LITERATURAS	Eletiva	4	60
HUM03384	HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO SUL A	Eletiva	4	60
DIR02204	INSTITUIÇÕES DE DIREITO	Eletiva	4	60
ADM01101	INTRODUÇÃO À ADMINISTRAÇÃO	Eletiva	4	60
ART02205	INTRODUÇÃO À ARTE	Eletiva	4	60
INF01210	INTRODUÇÃO À INFORMÁTICA	Eletiva	4	60
BIO11417	INTRODUÇÃO ECOLOGIA	Eletiva	2	30
LET02288	ITALIANO INSTRUMENTAL I	Eletiva	4	60

Código	Disciplina/Pré-Requisito	Caráter	Créditos	Carga Horária
LET02289	ITALIANO INSTRUMENTAL II	Eletiva	4	60
LET01443	LATIM I - LET01218 – LATIM: NOÇÕES BÁSICAS	Eletiva	5	75
LET01444	LATIM II - LET01443 – LATIM I	Eletiva	5	75
LET01445	LATIM III - LET01444 – LATIM II	Eletiva	5	75
LET01446	LATIM IV - LET01445 – LATIM III	Eletiva	5	75
LET01219	LATIM: PANORAMA LITERÁRIO E CULTURAL	Eletiva	4	60
LET02096	LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS EM FRANCÊS II - LET02097 – LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS EM FRANCÊS I	Eletiva	4	60
EDU03071	LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS)	Eletiva	2	30
LET02013	LÍNGUA RUSSA I	Eletiva	6	90
LET02014	LÍNGUA RUSSA II - LET02013 – LÍNGUA RUSSA I	Eletiva	6	90
LET02017	LÍNGUA RUSSA III - LET02014 – LÍNGUA RUSSA II	Eletiva	6	90
LET02018	LÍNGUA RUSSA IV - LET02017 – LÍNGUA RUSSA III	Eletiva	6	90
LET02078	LÍNGUA RUSSA V - LET02018 – LÍNGUA RUSSA IV	Eletiva	4	60
LET02079	LÍNGUA RUSSA VI - LET02078 – LÍNGUA RUSSA V	Eletiva	4	60
LET03374	LINGÜÍSTICA E ENSINO	Eletiva	4	60
LET03010	LINGÜÍSTICA E ENSINO DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ADICIONAL	Eletiva	4	60
LET01130	LITERATURA AFRICANA DE LÍNGUA PORTUGUESA	Eletiva	4	60
LET01202	LITERATURA FEMININA PORTUGUESA	Eletiva	4	60
LET02270	LITERATURA FRANCESA EM TRADUÇÃO	Eletiva	4	60
LET01177	LITERATURA GREGA EM TRADUÇÃO	Eletiva	4	60
LET02019	LITERATURA JAPONESA EM TRADUÇÃO I	Eletiva	4	60
LET02020	LITERATURA JAPONESA EM TRADUÇÃO II	Eletiva	4	60
LET01204	LITERATURA PORTUGUESA E IDENTIDADE NACIONAL	Eletiva	4	60
LET02094	LITERATURA RUSSA EM TRADUÇÃO	Eletiva	4	60
LET01205	LITERATURA, COLONIALISMO E PÓS-COLONIALISMO	Eletiva	4	60
LET02034	LITERATURAS DE LÍNGUA INGLESA: ESTUDO DE AUTOR	Eletiva	4	60
LET02035	LITERATURAS DE LÍNGUA INGLESA:	Eletiva	4	60

Código	Disciplina/Pré-Requisito	Caráter	Créditos	Carga Horária
	ESTUDO DE TÓPICO			
LET02036	LITERATURAS DE LÍNGUA INGLESA: TEORIAS CRÍTICAS APLICADAS ÀS LITERATURAS	Eletiva	4	60
HUM01168	LÓGICA	Eletiva	4	60
HUM04472	METODOLOGIA CIENTÍFICA	Eletiva	4	60
LET01200	MITOS PORTUGUESES	Eletiva	4	60
LET01206	POESIA PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA	Eletiva	4	60
HUM06415	POLÍTICA I	Eletiva	4	60
HUM06419	POLÍTICA II	Eletiva	4	60
PSI01222	PSICOLOGIA GERAL	Eletiva	4	60
QUI02201	QUÍMICA ORGÂNICA FUNDAMENTAL	Eletiva	4	60
LET02010	RUSSO INSTRUMENTAL I	Eletiva	4	60
LET02011	RUSSO INSTRUMENTAL II	Eletiva	4	60
LET03338	SEMINÁRIO DE CRIAÇÃO LITERÁRIA I	Eletiva	4	60
LET03350	SEMINÁRIO DE CRIAÇÃO LITERÁRIA II	Eletiva	4	60
LET01209	SINTAXE DA GRAMÁTICA TRADICIONAL	Eletiva	4	60
LET03385	TEORIA DA VARIAÇÃO	Eletiva	4	60
LET03365	TEORIA DO CONTO	Eletiva	4	60
LET03001	TÓPICOS DE FONOLOGIA - LET03372 – ESTUDOS LINGÜÍSTICOS I	Eletiva	4	60
LET03009	TÓPICOS DE LINGÜÍSTICA E ENSINO - LET03374 – LINGÜÍSTICA E ENSINO	Eletiva	4	60
LET03007	TÓPICOS DE LINGÜÍSTICA HISTÓRICA - LET03371 – CONCEITOS BÁSICOS DE LINGÜÍSTICA - e LET03372 – ESTUDOS LINGÜÍSTICOS I	Eletiva	4	60
LET03005	TÓPICOS DE MORFOLOGIA - LET03372 – ESTUDOS LINGÜÍSTICOS I	Eletiva	4	60
LET03008	TÓPICOS DE POLÍTICAS LINGÜÍSTICAS	Eletiva	4	60
LET03384	TÓPICOS DE PRAGMÁTICA - LET03373 – ESTUDOS LINGÜÍSTICOS II	Eletiva	4	60
LET03383	TÓPICOS DE PSICOLINGÜÍSTICA - LET03373 – ESTUDOS LINGÜÍSTICOS II	Eletiva	4	60
LET03380	TÓPICOS DE SEMÂNTICA - LET03373 – ESTUDOS LINGÜÍSTICOS II	Eletiva	4	60
LET03381	TÓPICOS DE SOCIOLINGÜÍSTICA - LET03372 – ESTUDOS LINGÜÍSTICOS I	Eletiva	4	60
LET02569	TRADUÇÃO DO FRANCÊS IV	Eletiva	4	60
LET02579	VERSÃO DO FRANCÊS IV	Eletiva	4	60

Liberações

	Liberada	Liberadora(s)

	Liberada	Liberadora(s)
LET01216	ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA	LET01471 – NORMA CULTA DA LÍNGUA PORTUGUESA
LET01218	LATIM: NOÇÕES BÁSICAS	LET01441 – ELEMENTOS DE LATIM I
LET01222	LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS EM LÍNGUA PORTUGUESA I	LET01431 – LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL

**11. ANEXO IV: proposta de reformulação do curso de
Bacharelado em Letras (habilitação tradutor) da
UFRGS**

**PROPOSTA DO GT DE TRADUÇÃO DE REFORMULAÇÃO CURRICULAR PARA
O CURSO DE LETRAS – BACHARELADO, HABILITAÇÃO TRADUTOR.**

Encaminhada à COMGRAD-LETRAS em 15 de maio de 2009.

Membros do GT (Grupo de Trabalho) de Tradução

Ana Zandwais; Cláudia Mendonça Scheeren; Cleci Regina Bevilacqua; Éda Heloísa Pilla; Erica Sofia Foerthmann Schultz; Maria José Bocorny Finatto; Maria Lúcia Machado de Lorenci; Patrícia Chittoni Ramos Reuillard; Rosalia Neumann Garcia; Solange Mittmann; Sônia Gehring; Susana Termignoni; Tomoko Gaudioso.

1- Quadro geral da proposta

Há mais de uma dezena de cursos de Graduação em Tradução no Brasil, e a UFRGS, como uma universidade pública, por visar ao desenvolvimento social, ocupa um lugar de destaque em âmbito nacional no que se refere à formação de tradutores. A profissão é plenamente reconhecida e vem sendo cada vez mais valorizada por parte de editoras, empresas e agências de tradução e de assessoria de linguagem, empresas de exportação, empresas de mídia, entre outras. Seus trabalhadores estão acolhidos por um sindicato, o SINTRA e, perante a Previdência, a profissão existe.

A atividade do tradutor também está abrigada em associações nacionais: a ABRAPT (Associação Brasileira de Pesquisas em Tradução) e a ABRATES (Associação Brasileira de

Tradutores). Além dessas associações, é importante registrar a existência do GT (Grupo de Trabalho) de Tradução na ANPOLL (Associação Nacional de Pesquisa em Pós-Graduação em Letras e Lingüística). Essa configuração de acolhimentos institucionais dá lugar a uma reflexão sobre a profissão de tradutor e sobre e a atividade tradutória.

Fazemos parte de uma IES (Instituição de Ensino Superior) pública, onde é possível investir, a longo prazo, na formação intelectual dos discentes, ao contrário do que vem ocorrendo nas IES privadas. Por essa razão, queremos dar ênfase à nossa posição em prol da manutenção de uma graduação específica para a formação de profissionais de tradução na UFRGS, o Bacharelado em Letras – habilitação: Tradutor, tendo em vista, sobretudo, os argumentos que seguem:

- o Instituto de Letras da UFRGS já dispõe de um corpo docente capacitado para a formação de tradutores de diferentes línguas;
- existe um investimento concreto, nos campos teórico e prático, que possibilita a formação de bacharéis na área de tradução;
- nossa proposta de reformulação curricular, esboçada durante os últimos quatro anos, prevê o aperfeiçoamento do Curso de Bacharelado em Letras ao longo de todos os semestres de sua duração.

2 – Da origem do GT de Tradução

A partir dessas constatações e acreditando na importância da preservação do Bacharelado em Tradução na UFRGS, instituiu-se no início de 2005 um Grupo de Trabalho (GT) para avaliar o desenho do currículo vigente do Bacharelado em Letras – habilitação: Tradutor – e propor sua revisão.

Nosso grupo, inicialmente formado por professores dos três departamentos do IL, já envolvidos nas atividades docentes relativas ao ensino de Tradução e com experiência profissional na área e vivência no mercado de trabalho, foi instituído e reconhecido no âmbito do Conselho da Unidade, dado que a valorização do curso foi um compromisso da gestão do Prof. Arcanjo Pedro Briggmann.

A Coordenação do GT esteve a cargo da profa. Rosalia Garcia. Saliente-se que houve uma chamada a todos os professores do Instituto de modo que os interessados em participar dessa discussão tivessem assento no grupo. Assim, o grupo se constituiu de professores do LET1, do LET2 e do LET3. Alguns acompanham o processo até hoje; outros se afastaram ou participaram com menos regularidade.

3 – Da origem da proposta e da metodologia que a gerou

A proposta de alteração curricular elaborada por este GT tem o intuito de valorizar e qualificar o nosso curso e de favorecer a inserção qualificada do graduado no mercado de trabalho.

Para dar início a essa proposta e por entender que este processo de elaboração não poderia ser apenas endógeno, o GT estabeleceu uma metodologia de trabalho a fim de reunir todas as informações necessárias sobre o curso – seus pontos positivos, negativos, adequação ou inadequação ao mercado, etc. – e de poder levar um projeto inicial à avaliação de todas as instâncias. Assim, em um primeiro momento, foram entrevistados egressos do curso inseridos no mercado de trabalho, quer em agências de tradução, quer como prestadores de serviços em editoras e empresas de comunicação e linguagem. Dos questionários com os egressos, foram obtidos dados importantes para a avaliação e o planejamento de ações subseqüentes do GT.

Concomitantemente a essas discussões sobre a formação e a inserção deste profissional formado na UFRGS, o GT promoveu uma campanha de esclarecimentos junto aos professores e alunos sobre o curso, a profissão e o mercado de trabalho. Um dos recursos de esclarecimento foi realizado por meio de uma série de palestras mensais proferidas por tradutores profissionais. Também foram realizadas atividades que buscavam maior integração entre atividades de ensino e atividades de pesquisas acadêmicas e foram promovidos encontros com os alunos para discussão do perfil da profissão que haviam escolhido.

Tal campanha, desenvolvida desde 2005, revela hoje, em 2009, um efeito altamente positivo. Conforme dados da COMGRAD, houve uma diminuição drástica da evasão no Bacharelado. Esse fato é comprovado pelo alto número de matrículas em disciplinas específicas do Curso, tais como Semântica do Texto (LET1), Tradução: Teoria e Técnica (LET2) e Lingüística e Tradução (LET3).

Para atender também às necessidades do mercado de trabalho, que hoje abre novas perspectivas profissionais e, conseqüentemente, exige uma nova formação que prepare não só tradutores, mas também profissionais do texto, nossa proposta busca adequar-se a essa realidade. A adequação, entretanto, não compromete a formação humanística dos alunos do curso de Bacharelado em Letras – Habilitação: Tradutor. Procuramos, assim imbuídos, contemplar os diferentes tipos de atividade desse profissional, da tradução técnica e científica à tradução literária, incluindo a prestação de serviços – produção e revisão de textos e revisão de tradução, entre outros – em linguagem e comunicação. A formação teórica do discente também é garantida, visto que o exercício qualificado da profissão não se dá sem uma capacidade reflexiva.

A partir dessas considerações, elaboramos um perfil de profissional do texto em consonância com as necessidades de uma formação humanística e cultural ampla e bem articulada com as exigências atuais do mercado profissional.

Tendo como norte esse perfil, que estabelece as competências e as habilidades do profissional do texto, o GT debruçou-se sobre o currículo vigente para avaliar o que deveria ser redesenhado, ser mantido, o que poderia ser eliminado e o que deveria ser incluído em um novo desenho de currículo. Assim, a partir das entrevistas com nossos egressos, da constante discussão com colegas professores e da avaliação de currículos de outros cursos de Tradução existentes no país, propusemos a inclusão de novas disciplinas tais como: **Tecnologias, Revisão de Textos em Língua Portuguesa, Revisão de Textos Traduzidos**, etc.

Terminada essa etapa, redigiu-se uma primeira proposta, cuja avaliação previu três novas etapas (as duas primeiras já tendo ocorrido): 1) avaliação da proposta com os alunos; 2) avaliação de colegas e Setores; e, a partir desses aportes, 3) aperfeiçoamento e encaminhamento às devidas instâncias do Instituto de Letras (COMGRAD, Setores, Colegiados, Conselho da Unidade e Plenárias). A terceira etapa dá-se agora com a entrega da proposta reformulada à COMGRAD, para seus devidos encaminhamentos, o que ocorre em 15 de maio de 2009.

4 – Do perfil do profissional a ser formado

A partir do perfil de egresso discutido e estabelecido pelo GT, foram elencadas as competências que o aluno deve desenvolver ao longo de sua formação acadêmica. O profissional Bacharel Tradutor deverá desenvolver as seguintes habilidades:

- traduzir textos de diferentes tipos (literários e não-literários);
- verter textos de diferentes tipos (literários e não-literários);
- revisar textos em língua materna;
- revisar textos em língua estrangeira;
- revisar traduções em língua materna a partir do cotejamento com a língua estrangeira;
- produzir textos de diferentes tipos;
- acompanhar e orientar a produção de textos em prestação de serviço de redação especializada, reconhecendo diferentes instâncias e especificidades de autoria e de comunicação;

- ser capaz de reconhecer e produzir materiais terminográficos e/ou lexicográficos mais adequados a cada trabalho;
- ser capaz de gerenciar projetos de tradução e de terminologia;
- reconhecer, gerir e mediar informações básicas de áreas diversas de conhecimento;
- prestar serviços profissionais com qualidade e pontualidade, com valor econômico agregado e reconhecido, sendo os serviços adequados às especificidades de diferentes tomadores de serviço, estabelecendo com eles um canal de comunicação eficiente e de respeito mútuo.

Considerando essas habilidades, este profissional deverá:

- adquirir conhecimentos sobre estudos da linguagem, teorias de texto, teorias de tradução, teorias de leitura, estudos literários, estudos de cultura e de línguas, sendo capaz de reconhecer aqueles mais adequados para subsidiar diferentes práticas com diferentes gêneros textuais;
- ser competente em leitura e em produção textual, sendo capaz de posicionar-se de modo reflexivo, ético e crítico frente a essas competências;
- familiarizar-se com recursos de informática, dicionários on-line, bases de dados e ferramentas básicas de processamento de linguagem e diferentes mídias textuais;
- ser capaz de organizar e prover seu posto de trabalho com equipamentos, materiais de consulta e suporte necessários à prestação de serviços qualificada e ágil, tanto em nível corporativo como em nível individual;
- ter autonomia e agilidade de pesquisa, sendo capaz de reconhecer fontes de informação confiáveis e adequadas aos diferentes trabalhos que executa;
- ser capaz de refletir sobre sua atividade profissional como prestador de serviços;
- reconhecer-se como o profissional mais indicado para fazer este tipo de trabalho;
- saber trabalhar em equipe com outros profissionais de texto e com profissionais que atuam em diferentes áreas de conhecimento;
- conhecer seu campo de trabalho e as demandas de mercado;
- conhecer, identificar e participar de associações de classe, grupos de pesquisa e grupos de trocas de informação.

5- Da nova organização do Curso, de 9 para 8 semestres, e das etapas previstas

Além de estabelecer o perfil do profissional e suas competências, para a elaboração da presente proposta, buscou-se uma revisão e uma racionalização das disciplinas já oferecidas atualmente. A idéia foi reduzir possíveis conteúdos sobrepostos e oferecer novas disciplinas que atendessem às necessidades atuais de formação. Tal sistemática possibilitou a redução do curso para um único turno e também torna possível a redução de sua duração de 9 para 8 semestres, sem comprometimento da qualidade de formação do profissional.

Assim, a proposta ora apresentada, que, frisamos, não alija a formação em Lingüística teórica e aplicada, tampouco a formação em Literaturas, visto que disciplinas dessa natureza permanecem no currículo, inclui:

a) disciplinas que devem ser obrigatoriamente cursadas, o que corresponde a 198 créditos distribuídos da seguinte forma:

- **disciplinas obrigatórias (178 créditos);**

- **disciplinas alternativas (20 créditos).** Nesse grupo de disciplinas/créditos, os alunos poderão escolher uma ou duas disciplinas dentre um conjunto de disciplinas afins: Literaturas em Língua Portuguesa, (etapas 1 e 2), Culturas de Língua Estrangeira (etapas 5 e 6) e Literaturas em Línguas Estrangeiras (etapas 7 e 8).

Há ainda:

b) disciplinas eletivas (20 créditos);

c) créditos complementares (06 no total).

O total do curso, na nova configuração, é de 224 créditos (178+20+20+06 conforme acima). Esse total de créditos é distribuído em 8 semestres/etapas, conforme indicador a seguir.

As cores diferenciadas, azul, vermelho e verde correspondem a cada um dos três Departamentos envolvidos, respectivamente, LET 1, 2 e 3. Os números ao lado de cada disciplina indicam o seu número de créditos. Há grupos de disciplinas **alternativas**, GRUPO I, II e III, entre os quais o aluno escolhe as que deseja realizar em função do número de créditos necessários a cursar nessa modalidade na Etapa.

O ementário de cada disciplina, bem como uma síntese didática das alterações em relação ao desenho atual de Curso, encontram-se nos Anexos 1 A, B e B e no Anexo 2.

Nos **Anexos 1**, estão arroladas as disciplinas alternativas dos GRUPOS I, II e III. Esses grupos estão explicitados ao final do conjunto de Etapas na seção **Grupos de Disciplinas Alternativas**.

Cabe também explicitar que foi introduzida uma atividade de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), com 90h, a partir de Etapa 7 nos mesmos moldes da atividade que hoje existe no curso de Licenciatura. Os créditos dessa atividade não aparecem no cômputo geral do Curso e sua matrícula é via COMGRAD.

ETAPA 1

Conceitos Básicos de Lingüística – 4 – LET 3

Estudos Literários – 4 – LET 3

Língua Estrangeira I – 6 – LET 2

Estudos de Língua Portuguesa – 4 – LET 1

Literaturas em Língua Portuguesa – 4 créditos, a escolher entre as disciplinas alternativas do Grupo I – LET 1

Total de créditos: 22 (18 obrigatórios + 4 alternativos)

ETAPA 2

Estudos Lingüísticos II – 4 – LET 3 (sugerimos que a disciplina de Estudos Lingüísticos II preveja noções de Fonética e Fonologia e Morfologia, estando Sintaxe, Semântica e Pragmática já previstas.)

Leituras Orientadas – 4 alternativa, a escolher entre opções do Grupo II – LET 3

Língua Estrangeira II – 6 – LET I2

Elementos de Latim – 4- LET 1

Leitura e Produção de Textos em Língua Portuguesa I – 3 – LET 1

Literaturas em Língua. Portuguesa. – 4 créditos – a escolher entre diversas disciplinas alternativas – Grupo I – LET 1

Total de créditos: 25 (17 obrigatórios + 8 alternativos)

ETAPA 3

Introdução à Terminologia – 2 – LET 3

Língua Estrangeira III -5 – LET 2

Teorias de Leitura – 3 – LET 1

Leitura e Produção de Textos em Língua Portuguesa II – 3 – LET 1

Teoria do Texto – 4 – LET 1

Léxico e Dicionários – 2 – LET 1

Total de créditos: 19 (obrigatórios)

ETAPA 4

Terminologia Aplicada – 2 – LET 3

Língua Estrangeira IV – 5 – LET 2

Tradução I – 4 – LET 2

Sintaxe do Texto – 4 – LET 1

Revisão de Textos em Língua Portuguesa – 4 – LET 1

Total de créditos: 19 (obrigatórios)

ETAPA 5

Culturas em Língua Estrangeira I- 4 – LET 2

Língua Estrangeira V – 4 – LET 2

Tradução II – 4 – LET 2

Estudos de Tradução – 4 – LET 2

Semântica do Texto – 4 – LET 1

Leitura e Produção de Textos Técnico-Científicos – 3 – LET 1

Total de créditos: 23 (obrigatórios)

ETAPA 6

Culturas em Língua Estrangeira II – 4 – LET 2

Língua Estrangeira VI – 4 – LET 2

Tradução III – 4 – LET 2

Versão I – 4 – LET 2

Revisão de Textos Traduzidos – 4 – LET 2

Tecnologias – 2 – LET 2

Total de créditos: 22 (obrigatórios)

ETAPA 7 (vide observação sobre TCC)

Língua Estrangeira VII – 4 – LET 2

Tradução IV – 4 – LET 2

Versão II – 4 – LET 2

Estágio Supervisionado de Tradução I – 6 – LET 2

Leitura e Produção de Textos em Língua Estrangeira I – 4 – LET 2

Literaturas em Língua Estrangeira – 4 – escolher entre opções do Grupo III – LET 2

Total de créditos: 26 (22 obrigatórios + 4 alternativos)

OBS.: Nesta Etapa, o aluno já pode matricular-se, via COMGRAD, na atividade Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). O TCC deverá ser iniciado na Etapa 7 ou a partir de 129 créditos. Sugerimos a criação de uma disciplina específica, lotada em um dos Dept's, nos moldes do que ocorre hoje com a disciplina Monografia da Licenciatura em Letras, lotada no LET1.

ETAPA 8

Estágio Supervisionado de Tradução II – 6 – LET 2

Língua Estrangeira VIII – 4 – LET 2

Versão III – 4 – LET 2

Leitura e Produção de Textos em Língua Estrangeira II – 4 – LET 2

Literaturas em Língua Estrangeira – 4 – Grupo III – LET 2

Total de créditos: 22 (18 obrigatórios – 4 alternativos)

Total de Créditos obrigatórios: 178

Créditos em disciplinas alternativas: 20

Créditos em disciplinas eletivas: 20

Complementares: 06 (sugerimos a avaliar a opção de se aumentar, futuramente, para 12créditos)

TOTAL: 224

Grupos de Disciplinas alternativas:

GRUPO I – Literaturas em língua portuguesa

Literatura Brasileira A

Literatura Brasileira B

Literatura Brasileira C

Literatura Brasileira D

Estudos de José Saramago

Estudos Pessoanos

Literatura Africana de Língua Portuguesa

Literatura Oral Tradicional

Literatura Portuguesa e Identidade Nacional

Literatura, Colonialismo e Pós-colonialismo

Mitos Portugueses

As Idéias Críticas na Literatura Brasileira

Canção Popular Brasileira

Ficção Brasileira Contemporânea

Literatura Dramática Brasileira

Literatura Infanto-Juvenil Brasileira

Literatura Medieval: Lirismo e Ficção

Literatura Sulriograndense

Poesia Brasileira

Poesia Portuguesa Contemporânea

GRUPO II – Leituras Orientadas

Leituras orientadas I

Leituras orientadas II

GRUPO III – Disciplinas Alternativas de Literaturas Estrangeiras

História da Literatura Alemã I

História da Literatura Alemã II

História da Literatura Alemã III

Literatura Espanhola I

Literatura Espanhola II

Literatura Espanhola III

Literatura Hispanoamericana I

Literatura Hispanoamericana II

Literatura Hispanoamericana III

Literatura Hispanoamericana IV

Estudos de Literatura e Cultura Hispanoamericana

Estudos de Literatura Francesa I

Estudos de Literatura Francesa II

Estudos de Literatura Francesa III

Estudos de Literatura Francesa IV

Estudos de Literatura Francesa V

Literatura Inglesa I

Literatura Inglesa II

Literatura Inglesa III

Literatura Inglesa IV

Literatura Norteamericana I

Literatura Norteamericana II

Literatura Norteamericana III

Literatura Norteamericana IV

Literatura Italiana I

Literatura Italiana II

Literatura Italiana III

Literatura Italiana IV

Literatura Japonesa I

Literatura Japonesa II

Disciplinas Eletivas – já oferecidas atualmente no curso de Letras – azul – LET1, vermelho, LET-2, verde LET3.

Composição em Língua Portuguesa I e II

Gramática e Estilo

Sintaxe da Gramática Tradicional

Introdução a Análise do Discurso

Elementos de Grego

Literatura Grega em Tradução

Elementos de Latim II

Versão IV

Alemão Instrumental I e II

Espanhol Instrumental I e II

Inglês Instrumental I e II

Francês Instrumental I e II

Italiano Instrumental I e II

Língua Russa I

Língua Russa II

Língua Russa III

Língua Russa IV

Língua Russa V

Língua Russa VI

Fundamentos de Língua Japonesa

Fundamentos de Inglês I e II

Conversação do Inglês I e II

Estudos Complementares I e II

Fundamentos Históricos da Literatura Anglo-americana

Figurações de Gênero no Cinema e na Literatura

Literaturas de Língua Inglesa: Estudo de Autor

Literaturas de Língua Inglesa: Estudo de Tópico

Literaturas de Língua Inglesa: Teorias Críticas Aplicadas as Literaturas

Estudos Lingüísticos I

História das Literaturas

Lingüística Aplicada para o Ensino de Língua Portuguesa para Estrangeiros

Estudos Lingüísticos II *vide observação na ETAPA 2

Lingüística e Ensino

Literatura Comparada

Tópicos de Fonologia

Tópicos de Morfologia

Tópicos de Semântica

Tópicos de Sociolingüística

Geolingüística e Ecologia das Línguas

Seminário de Criação Literária

Teoria do Conto

Teoria da Literatura I

Teoria da Literatura II

Disciplinas eletivas oferecidas por outros cursos:

Anatomia Humana

Biogeografia

Elementos de Geologia e Mineralogia

Estatística

Estatística Documentária I

Explorando o Universo: dos Quarks aos Quasares

Filosofia da Ciência I

Física

Geografia Humana e Econômica A

Instituições de Direito

Introdução à Administração

Introdução à Arte

Introdução à Informática

Introdução à Ecologia

Lógica

Política I e II

Psicologia Geral

Química Orgânica Fundamental

Metodologia Científica

Sugestão de novas disciplinas eletivas de outros cursos:

Arquitetura

História da Arquitetura e da Arte I

Práticas Sociais na Arquitetura e no Urbanismo

Arquivologia

Fundamentos de Arquivologia

História dos Registros Humanos

Conhecimento e Sociedade

Paleografia -A

Produção de Documentos Eletrônicos

Fundamentos da Organização e Tratamento da Informação

Artes Visuais

Fundamentos da Arte

Ciências Biológicas

Biologia Celular I

Morfologia Vegetal

Biologia Molecular Básica

Ecologia do Organismo

Ciências Contábeis

Contabilidade Introdutória

Teoria Econômica

Ciências Econômicas

História Econômica Geral

Ciências Jurídicas e sociais

Economia Política

História do Direito

Ciências Sociais

Antropologia – Introdução

Introdução à História Do Ocidente

Introdução à Política

Introdução ao Pensamento Filosófico

Introdução ao Pensamento Sociológico

Introdução à História Do Brasil

Grandes Problemas Internacionais Atuais

História da Cultura Latino-Americana I

História da Cultura Ocidental I

História Moderna I

Pré-História Brasileira

Pré-História Geral

Comunicação social – Jornalismo

Cibercultura: Cultura e Novas Tecnologias de Comunicação

Cibernética

Cinema Brasileiro

Educação Física

anatomia

Enfermagem

HISTOLOGIA HUMANA

Engenharia ambiental

Geologia de Engenharia I

Introdução à Engenharia Ambiental I

Ecotoxicologia e Bioindicação

Geologia e Mudanças Globais

Engenharia cartográfica

Cartografia Geral I

Engenharia de Alimentos

Armazenamento de Grãos

Engenharia de Minas

Mineralogia

Engenharia de Produção

Sistemas Produtivos I

Ergonomia I

Psicologia Do Trabalho

Filosofia

História da Filosofia Greco-Romana A

Introdução à Filosofia A

Teoria do Conhecimento I-A

Física

FÍSICA GERAL E EXPERIMENTAL I A

Geografia

Cartografia -A

Geografia Física

Geografia Humana A

Geologia Física I

Geologia E Mudanças Globais

Introdução À Astronomia

Organização Do Espaço Rural Brasileiro

Geologia

Fundamentos de Geologia I

Mineralogia I

História

História Antiga I

Introdução à História A

Pré-História Geral

Antropologia I – Teoria Antropológica

Introdução à Sociologia – A

Introdução ao Pensamento Filosófico

Arqueologia A

História da Idade Média Ocidental A

História da Idade Média Oriental A

Cultura Brasileira

História da Cultura Latino Americana II

História da Cultura Ocidental I

História da Cultura Ocidental II

12. ANEXO V: cursos de especialização e de graduação em tradução do site e-MEC

Cursos de especialização em tradução – consulta em 21 de abril de 2015. Este é uma possibilidade de pesquisa: um levantamento mais aprofundado certamente trará mais dados.

21/04/2015 - 11:07:53		Ministério da Educação - Sistema e-MEC					1/5	
Relatório da Consulta Textual								
Resultado da Consulta Por : CURSO ->								
Total de Registro(s) : 61								
Instituição(IES)	Denominação	Área	Situação	Modalidade	Carga Horária	UF de Oferta		
(5045) - FACULDADE DE TECNOLOGIA PAULISTA	(24597) Deficiência Auditiva com Ênfase em Tradução e Libras	Educação	Ativo	Educação Presencial	600	MS,SP		
(2332) FACESPI - FACULDADE CORPORATIVA CESPI	(29095) Deficiência Auditiva Tradução e Interpretação em Libras	Educação	Ativo	Educação Presencial	600	SP		
(3518) FJ - FACULDADE JANGADA	(28057) Ed. Esp. com Ênfase em Tradução e Interpretação de Libras	Saúde e bem estar social	Ativo	Educação Presencial	420	PR		
(2660) PHENIX - FACULDADE PHÊNIX DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS DO BRASIL	(35675) Educação de Surdos, Libras, Interpretação e Tradução	Educação	Ativo	Educação Presencial	420	GO		
(1257) FACEL - FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO, CIÊNCIAS, EDUCAÇÃO E LETRAS	(2299) EDUCAÇÃO ESP. COM ÊNF EM TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE LIBRAS	Educação	Ativo	Educação Presencial	360	PR		
(1403) FAP - FACULDADE DE PIMENTA BUENO	(4600) Educação Especial com Ênfase em Tradução e Int. de Libras	Educação	Ativo	Educação Presencial	384	RO		
(13631) FSF - FACULDADE SÃO FIDELIS	(19751) Educação Especial com Ênfase em Tradução e Interpretação de	Educação	Ativo	Educação Presencial	420	PR		
(1472) UNIASSELVI - CENTRO UNIVERSITÁRIO LEONARDO DA VINCI	(37963) Educação Especial com Ênfase em Tradução e Interpretação de	Educação	Ativo	Educação Presencial	480	SC		
(1225) UNIFIA - CENTRO UNIVERSITÁRIO AMPARENSE	(17774) EDUC.ESP.ÊNF. TRADUÇÃO INTERPRETAÇÃO DE LIBRAS	Educação	Ativo	Educação Presencial	420	SP		
(4915) FCAT - FACULDADE DE CASTANHAL	(12806) em Tradução e Interpretação da Língua de Sinais - LIBRAS	Educação	Ativo	Educação Presencial	440	PA		
(3669) FARRP - FACULDADE DOM LUIS DE ORLEANS E BRAGANÇA	(5844) Especialização em Tradução e Interpretação em Libras	Educação	Ativo	Educação Presencial	500	BA		
(3588) FDDPII - FACULDADE DOM PEDRO II	(9908) Especialização em Tradução e Interpretação em Libras	Educação	Ativo	Educação Presencial	500	BA		

21/04/2015 - 11:07:54

Ministério da Educação - Sistema e-MEC

2/5

Instituição(IES)	Denominação	Área	Situação	Modalidade	Carga Horária	UF de Oferta
(2565) UNIABEU - ABEU - CENTRO UNIVERSITÁRIO	(24052) Estudos da Tradução	Humanidades e artes	Ativo	Educação Presencial	380	RJ
(583) UFC - UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ	(23182) ESTUDOS DA TRADUÇÃO	Educação	Ativo	Educação Presencial	400	CE
(21) PUCRS - PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL	(17594) Estudos em Tradução - Teorias, Práticas e Tecnologias	Humanidades e artes	Ativo	Educação Presencial	363	RS
(4566) ESTÁCIO FATERN - ESTÁCIO FATERN - FACULDADE ESTÁCIO DO RIO GRANDE DO NORTE	(12249) LIBRAS □ DOCÊNCIA, TRADUÇÃO/INTERPRETAÇÃO E PROFICIÊNCIA	Ciências sociais, negócios e direito	Ativo	Educação Presencial	366	RN
(4566) ESTÁCIO FATERN - ESTÁCIO FATERN - FACULDADE ESTÁCIO DO RIO GRANDE DO NORTE	(12251) LIBRAS □ DOCÊNCIA, TRADUÇÃO/INTERPRETAÇÃO E PROFICIÊNCIA	Ciências sociais, negócios e direito	Desativado	Educação Presencial	366	RN
(4566) ESTÁCIO FATERN - ESTÁCIO FATERN - FACULDADE ESTÁCIO DO RIO GRANDE DO NORTE	(12253) LIBRAS □ DOCÊNCIA, TRADUÇÃO/INTERPRETAÇÃO E PROFICIÊNCIA	Ciências sociais, negócios e direito	Desativado	Educação Presencial	366	RN
(4566) ESTÁCIO FATERN - ESTÁCIO FATERN - FACULDADE ESTÁCIO DO RIO GRANDE DO NORTE	(12669) LIBRAS □ DOCÊNCIA, TRADUÇÃO/INTERPRETAÇÃO E PROFICIÊNCIA	Ciências sociais, negócios e direito	Desativado	Educação Presencial	366	RN
(4566) ESTÁCIO FATERN - ESTÁCIO FATERN - FACULDADE ESTÁCIO DO RIO GRANDE DO NORTE	(12671) LIBRAS □ DOCÊNCIA, TRADUÇÃO/INTERPRETAÇÃO E PROFICIÊNCIA	Ciências sociais, negócios e direito	Desativado	Educação Presencial	366	RN
(586) UFRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO	(8248) LIBRAS_Ensino, Tradução e Interpretação	Humanidades e artes	Ativo	Educação Presencial	465	RJ
(3393) FACDOMBOSCO - FACULDADE DE ENSINO SUPERIOR DOM BOSCO	(27298) LIBRAS/PORTUGUÊS: TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO	Educação	Desativado	Educação Presencial	390	PR
(1224) UNIJALES - CENTRO UNIVERSITÁRIO DE JALES	(42138) Libras: tradução e Interpretação	Educação	Ativo	Educação Presencial	610	SP
(3482) ISED - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE DIVINÓPOLIS	(31317) LIBRAS: tradução e interpretação	Educação	Ativo	Educação Presencial	360	MG
(1125) FIES - FACULDADES INTEGRADAS ESPIRITA	(19023) LIBRAS TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO	Educação	Ativo	Educação Presencial	550	SP

Ministério da Educação - Sistema e-MEC

2

21/04/2015 - 11:07:55

Ministério da Educação - Sistema e-MEC

3/5

Instituição(IES)	Denominação	Área	Situação	Modalidade	Carga Horária	UF de Oferta
(1597) CESSF - FACULDADE SANTA FE	(26972) LIBRAS, TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO	Educação	Ativo	Educação Presencial	490	MA
(266) UNIMEP - UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA	(19392) Língua Inglesa e Tradução	Educação	Desativado	Educação Presencial	385	SP
(160) FAFIRE - FACULDADE FRASSINETTI DO RECIFE	(11604) LÍNGUA INGLESA: metodologia da tradução	Educação	Ativo	Educação Presencial	370	PE
(10) PUCPR - PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ	(13295) Língua Inglesa: Metodologia do Ensino e Tradução	Humanidades e artes	Ativo	Educação Presencial	435	PR
(355) UTP - UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ	(39560) LÍNGUA, LITERATURA E TRADUÇÃO EM ESPANHOL	Educação	Ativo	Educação Presencial	395	PR
(1153) UCAM - UNIVERSIDADE CÂNDIDO MENDES	(19455) Teorias e práticas em tradução	Educação	Ativo	Educação Presencial	360	RJ
(1388) ISES - FACULDADE SUMARÉ	(35111) Tradução	Educação	Ativo	Educação Presencial	400	SP
(29) UECE - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ	(37043) Tradução audiovisual acessível/audiodescrição	Educação	Ativo	Educação a Distância	485	CE
(29) UECE - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ	(37042) Tradução audiovisual acessível/Legendagem para surdos e ensu	Educação	Ativo	Educação a Distância	480	CE
(163) UNESA - UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ	(10727) TRADUÇÃO DE ESPANHOL	Humanidades e artes	Ativo	Educação Presencial	380	RJ,SP
(163) UNESA - UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ	(11820) TRADUÇÃO DE ESPANHOL	Humanidades e artes	Ativo	Educação a Distância	380	RJ
(163) UNESA - UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ	(10756) TRADUÇÃO DE INGLÊS	Humanidades e artes	Ativo	Educação Presencial	380	RJ,SP
(163) UNESA - UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ	(11861) TRADUÇÃO DE INGLÊS	Humanidades e artes	Ativo	Educação a Distância	380	RJ
(10929) FASA - FACULDADE SANTO ANDRE	(11591) Tradução e Interpretação da Libras	Educação	Ativo	Educação Presencial	420	AC,RO
(1043) UNIARARAS - CENTRO UNIVERSITÁRIO HERMINIO OMETTO	(9830) Tradução e Interpretação de Libras	Educação	Ativo	Educação Presencial	586	SP

Ministério da Educação - Sistema e-MEC

3

21/04/2015 - 11:07:55

Ministério da Educação - Sistema e-MEC

4/5

Instituição(IES)	Denominação	Área	Situação	Modalidade	Carga Horária	UF de Oferta
(1472) UNIASSELVI - CENTRO UNIVERSITÁRIO LEONARDO DA VINCI	(38382) Tradução e Interpretação de Libras	Educação	Ativo	Educação Presencial	420	SC
(4007) FATECE - FATECE - FACULDADE DE TECNOLOGIA, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO	(11203) Tradução e Interpretação de LIBRAS	Educação	Ativo	Educação Presencial	360	SP
(14879) FD - FACULDADE DOURADO	(34031) Tradução e Interpretação de LIBRAS	Educação	Ativo	Educação Presencial	360	SP
(1930) SINGULARIDADES/ISESP - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO	(8365) TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE LIBRAS / PORTUGUÊS	Educação	Ativo	Educação Presencial	360	SP
(1930) SINGULARIDADES/ISESP - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO	(9496) TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE LIBRAS/PORTUGUÊS	Educação	Ativo	Educação Presencial	360	SP
(13631) FSF - FACULDADE SÃO FIDELIS	(23701) Tradução e Interpretação em Libras	Educação	Ativo	Educação Presencial	600	PR,RS,SC,SP
(4355) FTP - FACULDADE DE TECNOLOGIA DE PALMAS	(37782) Tradução e Interpretação em Libras	Educação	Ativo	Educação Presencial	420	CE,DF,GO,MG,PI,SP,TO
(3518) FJ - FACULDADE JANGADA	(41252) Tradução e Interpretação em Libras	Educação	Ativo	Educação Presencial	420	PR
(1257) FACEL - FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO, CIÊNCIAS, EDUCAÇÃO E LETRAS	(3183) TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO EM LIBRAS	Educação	Ativo	Educação Presencial	360	PR
(1225) UNIFIA - CENTRO UNIVERSITÁRIO AMPARENSE	(10552) TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO EM LIBRAS	Educação	Ativo	Educação Presencial	600	SP
(2804) FAC CCAA - FACULDADE CCAA	(58) Tradução e Interpretação em LIBRAS: Ensino e Prática	Humanidades e artes	Ativo	Educação Presencial	400	RJ
(1678) FACIBRA - FACULDADE DE CIÊNCIAS DE WENCESLAU BRAZ	(41299) TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO EM LIBRAS / LÍNGUA PORTUGUESA	Educação	Ativo	Educação Presencial	420	PA
(319) UNICASTELO - UNIVERSIDADE CAMILO CASTELO BRANCO	(9416) TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO EM LIBRAS/PORTUGUÊS	Educação	Ativo	Educação Presencial	450	SP
(14367) FACULDADE EFICAZ - FACULDADE EFICAZ	(38687) Tradução e Interpretação em Língua Brasileira de Sinais	Educação	Ativo	Educação Presencial	420	PR

Ministério da Educação - Sistema e-MEC

4

21/04/2015 - 11:07:55

Ministério da Educação - Sistema e-MEC

5/5

Instituição(IES)	Denominação	Área	Situação	Modalidade	Carga Horária	UF de Oferta
(2140) FNSL - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO NOSSA SENHORA DE LOURDES	(20180) TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO - LIBRAS/PORTUGUÊS E PORTUGUÊS/LIBR	Educação	Ativo	Educação Presencial	530	PB
(3151) UNOCHAPECÓ - UNIVERSIDADE COMUNITÁRIA DA REGIÃO DE CHAPECÓ	(32426) TRADUÇÃO EM LÍNGUA ESTRANGEIRA: TEORIA E PRÁTICA	Educação	Ativo	Educação Presencial	390	SC
(1090) FSLF - FACULDADE SÃO LUÍS DE FRANÇA	(11575) TRADUÇÃO, ENSINO E CULTURA DE LÍNGUA ESPANHOLA	Educação	Ativo	Educação Presencial	360	SE
(376) - CENTRO UNIVERSITÁRIO ANHANGUERA DE SÃO PAULO	(30595) Tradução Inglês - Português	Educação	Ativo	Educação Presencial	360	SP
(1736) UNILASALLE/RJ - CENTRO UNIVERSITÁRIO LA SALLE DO RIO DE JANEIRO	(20331) TRADUÇÃO - INGLÊS, PORTUGUÊS	Educação	Ativo	Educação Presencial	400	RJ
(316) UNINOVE - UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO	(37045) TRADUÇÃO: INGLÊS-PORTUGUÊS	Educação	Ativo	Educação Presencial	400	SP
(7) UFSCAR - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS	(20567) Tradução/Interpretação de Libras e Português	Educação	Ativo	Educação Presencial	475	SP

Ministério da Educação - Sistema e-MEC

5

Cursos de graduação em tradução– consulta em 21 de abril de 2015.

Resultado da Consulta Por : CURSO -> NOME DO CURSO								Exportar Pdf	Exportar Excel
Instituição(IES)↕	Nome do Curso	↕	Grau	↕ Modalidade↕	CC	↕ CPC	↕ ENADE↕		
(2) UNB	(1314245) LETRAS TRADUÇÃO ESPANHOL		Bacharelado	Presencial	-	-	-		
(2) UNB	(1140051) LETRAS TRADUÇÃO ESPANHOL		Licenciatura	Presencial	-	-	-		
(634) UFPEL	(1103145) LETRAS - TRADUÇÃO ESPANHOL - PORTUGUÊS		Bacharelado	Presencial	3	-	-		
(634) UFPEL	(1103145) LETRAS - TRADUÇÃO ESPANHOL - PORTUGUÊS		Bacharelado	Presencial	3	-	-		
(2) UNB	(33206) LETRAS - TRADUÇÃO FRANCÊS		Bacharelado	Presencial	-	-	4		
(2) UNB	(31384) LETRAS - TRADUÇÃO INGLÊS		Bacharelado	Presencial	-	3	3		
(546) PUCSP	(35418) LETRAS - TRADUÇÃO INGLÊS E PORTUGUÊS		Bacharelado	Presencial	4	-	3		
(546) PUCSP	(35418) LETRAS - TRADUÇÃO INGLÊS E PORTUGUÊS		Bacharelado	Presencial	4	-	3		
(634) UFPEL	(1105346) LETRAS - TRADUÇÃO INGLÊS - PORTUGUÊS		Bacharelado	Presencial	4	-	-		
(634) UFPEL	(1105346) LETRAS - TRADUÇÃO INGLÊS - PORTUGUÊS		Bacharelado	Presencial	4	-	-		
(2154) ISAT	(80861) LETRAS - TRADUÇÃO PORTUGUÊS E INGLÊS		Bacharelado	Presencial	3	SC	2		
(17) UFU	(1114402) TRADUÇÃO		Bacharelado	Presencial	5	-	-		
(579) UFPB	(122930) TRADUÇÃO		Bacharelado	Presencial	4	-	-		
(227) UNISANTOS	(64774) TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO		Bacharelado	Presencial	4	-	4		
(227) UNISANTOS	(64774) TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO		Bacharelado	Presencial	4	-	4		
(584) UFG	(1314314) TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO EM LIBRAS/PORTUGUÊS		Bacharelado	Presencial	-	-	-		
(7) UFSCAR	(1305952) TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS - LIBRAS/LÍNGUA PORTUGUESA		Bacharelado	Presencial	-	-	-		